NA PÁGINA 3: TAILÂNDIA, REINO SEM CONTESTAÇÃO

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SÁBADO, 4 DE ABRIL DE 1970 N.º 16 985 ANO 49.º PREÇO 1$50

COMPRE JOGO
no
CAMPIÃO
LOTARIA — TOTOBOLA

ABOLIÇÃO DO ESTÁGIO

Aspecto da assistência á reunião dos futuros agrónomos

—propuseram os futuros agrónomos

«Num momento em que no panorama agrário português se contiruam a adensar os tons negros, e em que, com cepticismo quanto ao futuro, se toma conhecimento do baixo numero dos licenciados anualmente nas Escolas Superiores de Agronomia e Veterinária é evidente o desperdício e contra-senso que representa o facto de depois de cinco anos de curso (que é já de si longo e criticável) se forçarem os alunos de Agronomia a um estágio com a duração média de cerca de dois anos e meio.»

Esta é uma das afirmações que se podem ler num memorando entregue por uma comissão eleita dos alunos estagiários do Instituto Superior de Agronomia ao Conselho Escolar daquele estabelecimento de ensino no passado dia 16 de Fevereiro. Esse memorando acompanhava uma proposta de alteração do regime de estágio. Como não tivessem obtido resposta do Conselho Escolar, os estagiários dos cursos que completaram o quinto ano em 1968 e em 1969 promoveram anteontem no anfiteatro do I. S. A. uma segunda reunião para discutirem os passos a dar no sentido de verem resolvido o problema

(Continua na 13.ª página)

O chanceler Brandt a caminho dos EUA

BONN, 4 — (F. P. e R.) — O chanceler Willy Brandt partiu esta manhã, ás 9 horas T.M.G., do aeroporto militar de Bonn-Colónia, com destino aos Estados Unidos.

«As minhas conversações com o presidente Nixon destinam-se a melhorar, não já as relações germano-americanas, mas a cooperação entre a comunidade europeia e os Estados Unidos», declarou o chanceler antes de partir.

«Evidentemente que falaremos das relações Leste-Oeste, apreciando globalmente os vários esforços pelos países da N.A.T.O. e outros no sentido de promover o entendimento entre o Ocidente e o bloco socialista. A tal respeito, há profundo acordo entre os pontos de vista americano e alemão», acrescentou Brandt.

O chanceler viaja acompanhado por Egon Bahr, secretário de Estado da Informação. Durante a semana que passa nos Estados Unidos, terá reuniões de trabalho com o presidente Nixon e com o secretário de Estado, William Rogers. Além disso, assiste em Cape Kennedy, com o vice-presidente, Spiro Agnew, ao lançamento da Apolo-13.

O chanceler que efectua a sua primeira visita aos Estados Unidos desde que assumiu o seu mandato em Outubro ultimo, não é estranho quer para o presidente Nixon, quer para a cena americana.

Conhece o presidente há 16 anos e visitou frequentemente a capital norte-americana tanto como burgomestre de Berlim-Oeste como ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país.

Entre as muitas questões vitais a serem discutidas nas conversações oficiais de dois dias entre o chanceler e o presidente, que se iniciam na próxima terça-fei-

(Continua na ultima página)

A população do País contaminada por DDT

«O D. D. T. contaminou todo o País», segundo afirmação proferida numa reunião que decorreu no Laboratório de Fitofarmacologia da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas. Análises feitas ao leite de vaca e a outros alimentos, principalmente vegetais, bem como a leite humano (recolhas feitas na Maternidade Alfredo da Costa) acusaram resíduos de D. D. T. No entanto, segundo a O. M. S., o fumo de cigarro é mais grave que aquele pesticida.

(LER NOTÍCIA NA PÁGINA 2)

PROFESSORES QUE, EMBORA NÃO EXERCENDO O MAGISTÉRIO, ESTEJAM EMPREGADOS EM ESTABELECIMENTOS PARTICULARES DE ENSINO PODERÃO VIR A SER ABRANGIDOS PELO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO (AINDA EM PROJECTO) QUE O SINDICATO NACIONAL DOS PROFESSORES DISCUTE EM ASSEMBLEIA GERAL, COM VISTAS À ELABORAÇÃO DE PROPOSTA A APRESENTAR AO GRÉMIO

(LER REPORTAGEM NA PÁGINA CENTRAL)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

(Ler na pág. seguinte)

HOJE 48 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Especulações na URSS acerca de uma mudança na direcção colegial

MOSCOVO, 4 — *(Por Jean Raffaelli, da F. P.)* — A Imprensa moscovita apresentou-se extremamente prudente e incolor, esta manhã, após um dia em que ganharam cada vez mais corpo os boatos de «acontecimentos» no Kremlin. Atentamente examinada, a «Pravda» nada revelou que confirmasse ou desmentisse as especulações acerca de uma próxima remodelação na direcção colegial soviética.

Se, por um lado, se noticia com relevo a visita solitária de Brejnev a Budapeste, por outro lado são publicadas mensagens oficiais com as três assinaturas da «troika». Se não é disfarçada a sensacional ausência dos dirigentes soviéticos no funeral do marechal Timochenko, também nada confirma que tenha sido anulada a visita ao Japão do presidente Podgorny, como se indica em fontes seguras.

Finalmente, nada transparece acerca da possível ascensão de Piotr Demitchev, secretário do «Comité» Central, ou do drástico apeamento de Katerina Furtseva, ministro da Cultura. O que não significa que não haja, de facto, movimentações nas esferas dirigentes. Ainda hoje foi anunciada a destituição de Diodor Golovtchenko, primeiro-secretário do Partido em Kiev, capital da Ucrânia, que é, pràticamente, um feudo de um dos mais duros dirigentes soviéticos, Piotr Chelest.

O Secretário da Indústria seguiu para Espanha

O sr. eng.º Rogério Martins, secretário de Estado da Indústria, seguiu, esta tarde, para Espanha, em visita oficial, a convite do respectivo Governo.

Acompanha-o uma delegação composta por 11 individualidades do seu departamento.

Câmaras Municipais de Coimbra Ribeira da Pena e Sesimbra

Por portarias do ministro do Interior, enviadas para o «Diário do Governo», o eng.º Francisco de Almeida Lucas foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Sesimbra, e o sr. Manuel Jorge Álvares Pereira reconduzido na presidência do Município de Ribeira de Pena.

Outro diploma, igualmente enviado para o «Diário do Governo» designou o sr. eng.º Augusto Domingos Correia, vice-presidente do Município de Coimbra, cargo em que sucede ao sr. dr. Manuel Neto Murta, exonerado a seu pedido.

EXPLOSÃO NUMA MINA

• 23 mortos

PRAGA, 4 — (F. P.) — Eleva-se a 23 o número de mineiros mortos em consequência da explosão numa mina de Ostrava, anunciou a agência C. T. K. Falta encontrar ainda três mineiros soterrados.

A explosão deu-se na mina Paskov, na bacia de Ostrava, na Morávia do Norte. Segundo as primeiras indicações, a explosão foi provocada por um acidente, antes da equipa da noite ser rendida pela da manhã. As equipas de socorros imediatamente enviadas para o local conseguiram libertar dois sobreviventes, que tinham ficado presos nos escombros.

BARCO NORTE-COREANO AFUNDADO POR UNIDADES DA COREIA DO SUL

SEUL, 4 — (R.) — Unidades navais sul-coreanas afundaram ás primeiras horas de hoje um veloz barco norte-coreano, de 50 toneladas, transportando 15 pessoas a bordo, ao largo da costa ocidental.

O tenente-general Kun Chang Yu, chefe das operações de contra-espionagem, declarou nesta capital que as 15 pessoas, que descreveu como espiões, tinham morrido afogadas, segundo se julgava.

O contratorpedeiro sul-coreano «Koje-Ham» perseguiu o barco-espião durante três horas e meia, ao largo do porto de Kunsan, a cerca de 160 quilómetros ao sul de Seul, e com o auxílio de outra unidade naval afundou-o, após uma batalha que durou uma hora.

TODOS OS PORTUGUESES ESTÃO CONTAMINADOS POR DDT

— dizem os fitofarmacologistas

«Toda a população do País está contaminada por DDT» — foi afirmado durante a reunião promovida pelo Laboratório de Fitofarmacologia da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e que decorre na Estação Agronómica de Oeiras.

Esta frase foi a conclusão a que técnicos chegaram depois de terem encontrado resíduos daquele produto em análises feitas a mais de 300 recolhas de leite de vaca em todo o País e a outros alimentos, principalmente vegetais. A confirmar esta frase, foi ainda tornado público que 20 recolhas de leite humano, provenientes da Maternidade Alfredo da Costa acusaram — todas elas — resíduos de DDT.

Saliente-se, no entanto, que ainda recentemente a Organização Mundial de Saúde, considerou mais grave o fumo de cigarro do que os resíduos de DDT que o organismo humano absorve.

Foi posto ainda em relevo que os cuidados efectivos que por todo o Mundo os países estão a tomar poderão pôr em perigo a exportação de concentrado de tomate português, logo que este ultrapasse no mínimo a percentagem de resíduos de pesticidas.

A sessão de ontem foi a última e foi dedicada à comercialização ilegal de produtos e à homologação e toxicologia dos pesticidas. À assistência pôs em causa que se tivesse *gasto algumas centenas de contos* em campanhas educativas que poucos resultados alcançaram, de acordo com as informações recolhidas por todo o País, discutiu-se ainda se deveria (ou não) entregar campanhas deste tipo a especialistas publicitários, mas também aqui não se chegou a nenhuma conclusão.

A LÃ É NOTÍCIA

NA VANGUARDA DA MODA

DESDE A ANTIGA GRÉCIA ATÉ AOS NOSSOS DIAS

A lã, matéria-prima de utilidade e prestígio milenários, tem-se conservado na vanguarda da moda desde sempre. Trata-se, por assim dizer, de um produto de classe milenária: eram de lã as túnicas dos filósofos gregos e dos senadores romanos; de lã os vastos mantos dos senhores medievais e das elegantes da Renascença; de lã, ainda, os xailes românticos das beldades oitocentistas e, decerto, a sobrecasaca de Byron ou a capa de George Sand.

De Petrónio ao Beau Brummel, de Brummel ao «play-boy» a lã especializou-se: cada vez mais cuidada no fabrico, mais aperfeiçoada nas técnicas de acabamento.

São de lã, hoje, os «tailleurs» de Sophia Loren, alguns dos saris estampados de Begum, os pijamas de Farah Diba. De Pura Lã Virgem — leve, natural, inimitável, tal como o eterno «charme» feminino, o que é como quem diz, tal como o eterno gosto da verdadeira elegância.

«Cherchez le femme» diziam os franceses de ontem; «cherchez la laine» dizem os grandes costureiros de hoje.

Cardin, Balmain, Givenchy, Saint-Laurent, vestem de Pura Lã Virgem as elegantes de todo o mundo. Espessa, discreta e quente no Inverno. Leve, confortável e alegre na Primavera.

PARA UMA VIDA FELIZ

NA CONTINUAÇÃO DA CAMPANHA DE DIFUSÃO DA MENSAGEM CRISTÃ, PROMOVIDA PELO MOVIMENTO DOS HOMENS CRISTÃOS DE NEGÓCIOS, A PRÓXIMA REUNIÃO TERÁ LUGAR NO TEATRO MONUMENTAL, NO DIA 6 DE ABRIL — SEGUNDA-FEIRA — PELAS 21 HORAS.

— ENTRADA LIVRE —

Os bilhetes poderão obter-se, gratuitamente, nas bilheteiras do teatro, a partir das 17 horas do próprio dia

SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS

O subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Nogueira de Brito, recebeu a direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas, com quem tratou de problemas de interesse para a classe.

«Diário da Manhã»

Entrou no 40.º ano de publicação o «Diário da Manhã», a cujos director e subdirector, respectivamente, srs. drs. Barradas de Oliveira e João Patrício e aos seus colaboradores apresentamos cumprimentos.

AS PESTES DA INFORMAÇÃO

Quando o redactor do «Diário de Lisboa» entrou em contacto com um dos responsáveis pela reunião dos fitofarmacêuticos, sobre pesticidas, em Oeiras, pedindo-lhe informações muito simples que eram apenas: «Quem está na mesa, quem faz a exposição e quais os assuntos a serem debatidos?, *foi-lhe dito, aliás simpàticamente, que essas informações seriam fornecidas por escrito* «para evitar enganos lamentáveis e gralhas que deturpem os sentidos das coisas e firam a susceptibilidade das pessoas.»

Embora cogitando a um canto que é triste ser-se jornalista onde se desconfia dos profissionais da Imprensa, o nosso redactor aguardou pacientemente, depois de ter explicado a urgência com que necessitava de tais informações. Entretanto passou-se uma hora. Na primeira fila do anfiteatro duas pessoas debruçavam-se afanosamente sobre o papel, no fim de contas para apenas informar um repórter sobre quem estava na mesa, o nome de quem falava e os pontos da agenda. Transcorrido esse tempo, os papéis foram entregues aos responsáveis, na mesa da presidência. Foram lidos, relidos, voltados a ler, emendados, rectificados e corrigidos.

E quando ao longe o redactor sentiu a alegria de ver, certamente a reportagem da sua vida, a caminho da poltrona, que modestamente ocupou no anfiteatro, alguém responsável recomendou ao portador que «tirasse uma cópia».

Aí, o redactor levantou-se, chamou o igualmente paciente repórter fotográfico e saíram os dois para escrever a notícia, depressa, porque há leitores e horários a respeitar.

Como esse redactor é estúpido!

Todo esse tempo para pensar que ninguém — nem os fitofarmacologistas, agrónomos, etc. — têm o direito de tratar um repórter como nem se deve tratar um continuo que vai pedir um comunicado. Todo esse tempo para descobrir que cada vez mais se impõe a necessidade de eliminar das páginas dos jornais portugueses esse jornalismo social, esse jornalismo onomástico de que os congressistas, coloquistas, assistentes de casamentos, etc., tanto gostam. Um jornal é um serviço de utilidade publica, feito com uma urgência que só os seus profissionais entendem. Não é uma coluna mundana nem um boletim de quaisquer comissões, repartições ou secções.

Assim, para evitar incómodos ao leitor nem ferir susceptibilidades, não damos nome algum da nossa notícia.

De facto, com tantas susceptibilidades, não será tão depressa quanto o desejam que os portugueses comerão uma menor percentagem de pesticidas nos alimentos.

JOAQUIM LETRIA

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

A TAILÂNDIA, UM REINO SEM CONTESTAÇÃO

I—LONGE DO VIETNAM?

Os recentes acontecimentos na Indochina são fonte de inquietação para todos os governos da península. As autoridades de Phuom-Penh decidiram pôr fim, por todos os meios, à presença das tropas norte-vietnamianas ou á das da Frente de Libertação Nacional em território cambodjano. Contudo, pedem a reactivação da comissão internacional de «contrôle» para obter uma regulamentação política deste caso. O Governo de Saigão preocupa-se com as migrações dos naturais de seu país, provenientes do país vizinho, e receia, como declarou o general Ky, vice-presidente da República, que uma guerra civil venha a rebentar no Cambodja.

A penetração das forças do Pathet Lao e das tropas norte-vietnamianas na Planície dos Jarros não exerce apenas a sua influência no interior das fronteiras laocianas. A Tailandia sente-se ameaçada; como afirmou o general Prapass, vice-presidente do conselho, os êxitos conseguidos pelos comunistas no Laos encorajam os rebeldes antigovernamentais da Tailandia. Segundo o general, a guerrilha comunista das regiões setentrionais está a transformar-se numa verdadeira guerra convencional.

BANGUECOQUE — As dificuldades parecem acumular-se. Sobretudo de há dois anos para cá, as actividades de núcleos de insurrectos no Norte, Nordeste e Sul do reino começaram a chamar mais a atenção. O auxílio americano, substancial nestes últimos cinco anos, vai atingindo pouco a pouco, um nível mais modesto. A expansão económica, assaz notável durante o mesmo período, poderá vir a ressentir-se por esse facto, numa altura em que os desequilíbrios de crescimento surgidos entretanto terão cada vez mais necessidade de ser corrigidos. A Tailandia tem que ocupar finalmente o seu lugar na Ásia do pós-guerra.

O espírito de um patriarca, falecido há vários anos, anunciou em Janeiro que sérias perturbações poderiam ocorrer no reino. Encarregado de transmitir a mensagem, o chefe de departamento de biologia da Universidade de Chulalongekorn revelou que o «veneronet» recomendava, como meio de prevenir a crise, que se reunissem e misturassem nos lugares de culto budista pedaços de terra tirados de vários países (Tailandia, Birmania, Cambodja, Laos, Malásia, Vietnam e Indonésia). Porque, como é evidente, o destino de todos estes países está intimamente ligado.

Na verdade, se Saigão está a hora e meia de voo de Banguecoque, os bombardeiros americanos vindos da Tailandia levam três vezes menos tempo para atingirem os seus objectivos vietnamianos ou laocianos. E, se bem que a Tailandia festejasse este ano o Ano Novo, o 1.º de Janeiro, no dia 6 de Fevereiro, os estores da maioria das lojas estiveram fechados todo o dia: de três a quatro milhões de chineses e sino-thais (em trinta e seis milhões de habitantes) celebravam o primeiro dia do Ano do Cão.

Por J.-C. POMONTI

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

Orquestras filipinas e massagens

A Norte e a Ocidente, uma vez ultrapassado o território do antigo reino de Chieng-Mai, começa a montanha e os seus segredos. Nela se abriga algures uma fronteira, mas ninguém sabe o seu traçado exacto. Aqui se encontram e se misturam os universos chineses, birmaneses e siameses, aqui coabitam uma duzia de etnias agrupadas á força no decorrer dos dois ultimos séculos e que só têm em comum as relações de permuta e algumas palavras-chave que eles denominam muito simplesmente de «*a língua da montanha*». A Sul, com perto de oitocentos mil muçulmanos, o mundo malaio desagua largamente na Tailandia peninsular. A menos que não tenha sido o contrário...

Como poderia o povo siamês, fixado assim no centro de um Sudeste Asiático tão atormentado, desinteressar-se de um tumulto racial em Kuala-Lampur, das transformações da União Birmana, das dilacerações laocianas, da revolução chinesa? Sobretudo, como poderia ele ignorar uma guerra que devasta o outro extremo da península indochinesa e na qual está envolvida a maior potência mundial? A Tailandia teria, pois, vivido durante cinco anos pela hora do Vietnam. Talvez também pela hora da América, mas um pouco á sua maneira.

Uma agência de colocação propunha ultimamente trabalho para professoras primárias (950 a 1000 *bahts* (ou seja cerca de 1097$50 a 1445$00) assim como para massagistes e *entrainenses* (800-1500 *bahts*, ou seja cerca de 1156$00 a 2167$50). A presença americana evoca fatalmente os «cabarets» de New Petchburi Road em Banguecoque, os hoteis de grande luxo para turistas ricos, e de semiluxo para soldados expatriados, os terrenos, imóveis, casas para arrendar, tantos serviços a prodigalizar, os dos cabeleireiros, do artesanato, dos *massage-parlours*, dos motoristas, dos transportes climatizados das orquestras filipinas... tudo isso ao mesmo tempo, para cento e vinte cinco mil «turistas», setenta mil soldados vindos do Vietnam em R. & R. (*Rest and Recreation*, descanso e recreio) e cinquenta mil «residentes», os que vivem nas bases em U-Don, Nakhon-Phanom, Sakhon-Nakhon, Lopburi, Roi-Et, Korat, Sattahip, que querem praias aos domingos, que empregam ao seu serviço quarenta e quatro mil tailandeses e que distribuiram rendimentos por umas cinquenta mil famílias, em 1967-1968, ao auge do «*boom* vietnamiano».

Esta presença americana representa igualmente um sério contributo á expansão económica — divisas, estradas, projectos de desenvolvimento, em suma: recursos suplementares que se elevam a cem milhões de dólares (cerca de 289 000 contos) anuais — e á luta contra a insurreição: conselheiros, equipamento moderno, investigações sobre as minorias étnicas e os movimentos insurrectos...

O rei Phumiphol (aqui com o traje) de sacerdote budista) tem a sua capital a noventa minutos de Saigão

«Certos ajustamentos»

Este auxílio e os gastos militares já diminuiram. O movimento iniciou-se em fins de 1968, com o acabamento da construção das bases e do porto de Sattahip e acelerou-se, no ano passado, com as primeiras retiradas de tropas americanas (4200 homens repatriados no dia 31 de Janeiro do corrente ano). Os tailandeses aderiram em 1954 á OTASE (Organização do Tratado do Sudeste Asiático), aprovaram a política vietnamiana de Johnson, enviaram, não sem hesitações, doze mil homens para a frente de combate, acolheram os bombardeiros americanos no seu solo, assinaram vários acordos bilaterais com os E. U. A. Terão ficado surpreendidos ou desamparados, quando o «slogan» lançado pelo presidente Nixon, em Julho passado, em Guam — «*A Ásia para os asiáticos*» — veio fechar o parêntesis aberto por John Foster Dulles, que, dezassete anos antes, saudar no pacto de Manila «*a doutrina de Monroe da Ásia*»? A Embaixada da U. R. S. S. em Banguecoque nunca se pôs de parte; por detrás dos seus altos muros, mergulha os olhos no *Klong* Sathorn. Os tailandeses não esperaram pela visita do chefe da Casa Branca para (como o primeiro-ministro marechal Thanom Kittikachoru tinha dito em Abril) «*proceder a certos ajustamentos a fim de nos avistarmos com os representantes dos países comunistas*». Os dirigentes tinham proposto trocas comerciais com a China, bem como com países como a Hungria, Bulgária e Polónia. Nas situações difíceis, é conveniente arranjar garantias de diversos lados...

Numa aldeia do Norte do reino — conta uma testemunha que gosta de alegorias — dois jovens implicados numa agressão foram condenados pelo tribunal a seis meses de prisão. No dia em que foram libertados, as duas famílias foram buscá-los á prisão e levaram-nos imediatamente ao pagode da aldeia para a purificação do costume. Mas o grupo dirigiu-se em seguida a um outro pagode, não muito distante do primeiro, para recomeçar a cerimónia. Os parentes não estavam muito convencidos de que a primeira visita fosse suficiente; ou talvez duvidassem, muito simplesmente, dos poderes do bonzo. Por isso tomaram o partido da prudência. Não quiseram «*meter todos os ovos no mesmo cesto*».

O bambú verga sob o vento

Falando dos siameses que visitou no século passado, já o abade Launy dizia que «*a natureza e a religião fizeram dos siameses um dos povos mais cépticos do Extremo-Oriente, que em nada crê nem nada nega, com a convicção de uma firme consciência.*» Não devem ter ficado com ilusões nenhumas, quando Nixon, num momento de inspiração que o acometeu em território tailandês, lhes afirmou que os E. U. A. «*se manteriam orgulhosamente ao lado da Tailândia contra todos os que a ameaçassem tanto do exterior «como do interior»*». Cláusula de estilo?

Sem compensação, ficaram indignados com o processo de ubiquidade que os E. U. A. intentaram contra eles no ano passado. Afinal de contas, diziam eles, foi o presidente Johnson que quis, a todo o preço, que o mundo o acompanhasse no Vietnam e foi o seu representante em Banguecoque que, em 1967, qualificou o empenhamento americano na Tailândia de «*total e irrevogável*». Isso significava, segundo a sua

(Continua na 11.ª página)

Nota do dia

O *REI VAI NU!*

ESTES SEIS NÚMEROS sobre «O ensino em Portugal», que neste mesmo lugar foram coligidos sob a designação geral de «Antologia», servem para mostrar que não se está neste momento a fazer qualquer descoberta quanto à essencialidade dos problemas do ensino. No meio do nevoeiro, houve sempre quem conseguisse ver claro, como em cada momento passado houve sempre quem conseguisse ver no futuro. A homens tais é costume chamar «visionários», o que geralmente envolve um duplo e contraditório sentido de apreço e desapreço. Visionários? Uma espécie de sonhadores, gente pouco realista. E não obstante...

Fez-se primeiro uma chamada histórica dos tempos recuados de Pombal. Apelou-se depois para D. António da Costa (de Sousa Macedo), pioneiro que teve ou tem o seu nome numa escola normal. Retomaram-se a seguir depoimentos de contemporâneos (Bernardino Machado, Celestino da Costa, Egas Moniz, Flávio Resende), todos eles professores universitários já desaparecidos do mundo dos vivos, que tiveram o talento, a sagacidade e a coragem de querer remar contra a maré e dizer sem papas na língua o que muita gente via mas não queria que se soubesse. Souberam eles ver com argúcia e não sofreram ficar calados.

Quantas vozes se ergueram pelos tempos fora clamando no deserto? Aqui mesmo neste lugar, nem se sabe por quanto tempo já, quantas vezes se atirou para a frente com os problemas da educação a que sempre classificámos de prioritários? Mas ninguém queria ouvir. Um professor universitário, em tempos empossado na chefia do departamento da Educação Nacional, teve a surpresa de ouvir que lhe dissessem ter ele muita sorte, pois ia tomar conta duma pasta «que não tinha problemas»! Foram as pressões de tempo que fizeram vir à tona as realidades em que se teimava em não acreditar. E com que força então vieram!

Veio primeiro o argumento, provindo, parece, dos técnicos da O. C. D. E., de que o ensino havia de ser tido pelos governos como o investimento mais reprodutivo. É verdade, claro que é. Não é pedir emprestado, é emprestar ao futuro com a certeza de que se cobra com juros. Essa ideia, aliás simples, mas que ninguém via nesses termos, fez acordar muita gente numa espécie de sobressalto. Quem primeiro acordou foi a geração que sobe, acorrendo em massa às escolas para se armar de ferramentas idóneas para a batalha da sua vida. Mas cautela: a ferramenta não é o diploma, é o saber.

O descontentamento dos estudantes é preciso entendê-lo nas suas origens, porque razão para descontentamento existia. Foram eles, naturalmente, os estudantes, portadores do sangue do tempo, quem mais vivamente sentiu a debilidade da estrutura universitária dentro da qual havia de preparar o seu futuro. O não há, não há, não há, repetido como um eco de resposta a todas as solicitações, conduz sempre a uma espécie de desespero. Quer isto dizer: havemos de ter a serenidade e a compostura mental bastante para entender que «os rapazes» (passe o substantivo que não envolve desapreço) tinham a sua razão. Sòmente, «est modus in rebus».

te jovem ministro Veiga Simão, teve a coragem de o reconhecer e de se lançar desde logo em alguns passos que não são a solução de tudo mas aproxi-

É preciso reconhecer que o ministro, o actual e actuan- mações no sentido da necessária solução. Claro que não é a atamancar que se resolve problema tão grande. Mas que valor teria uma «reforma» global lançada de afogadilho? Falta tudo, escolas, professores, experiência, consciência das responsabilidades, faltam-nos até às vezes compreensão, espírito de generosidade e paciência. Não para desistir, mas para construir confiadamente o nosso amanhã.

CURSOS DE INGLÊS EM INGLATERRA

Anglo-Continental School of English
Cursos em: BOURNEMOUTH • LONDRES • OXFORD
Desde 6.650$00
2 semanas — M. 18 anos
ORGANIZAÇÃO multitur

Soc. Com. GARLAND, LAIDLEY S.A.R.L.
Rua do Cais do Sodré, 24 - LISBOA
Telef. 32191/5 - 32944 1/5

Agência de TURISMO MOÇAMBIQUE
Av. António Augusto de Aguiar, 9 - LISBOA
Telef. 47115/6 - 535813

Soc. Com. OREY ANTUNES & C.ª L.da
Praça Duque da Terceira, 4 LISBOA
Telef. 322271 - 33255 - 369346

E. PINTO BASTO & C.ª L.da
Praça Duque da Terceira, 28 - LISBOA
Telef. 361581 - 368659

TAIT & C.ª L.da
Rua Infante D. Henrique, 19 - PORTO
Telef. 21047 - 27296

E.V.A. VIAGENS E TURISMO
Rua Infante D. Henrique, 76 - FARO
Telef. 23025

English Language Centre
Cursos em: BRIGHTON • WARWICK
Desde 5.400$00
2 semanas — M. 17 anos

British Centre
Cursos em: PENZANCE • SEAFORD
Desde 7.100$00
3 semanas — M. 17 anos

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

EMBAIXADA FILIPINA DE CULTURA E BOA VONTADE

FILIPINESCA

DANCE COMPANY 1970

BALLET • FOLCLORE • HISTÓRIA • LENDA • TRADIÇÃO

com
RACHELLE GOQUINGCO
REYNALDO LIMCACO

E
ELOISA DEL ROSARIO
ELIZABETH DEL ROSARIO
DEANNA GAERLAN
NORA HERRERA
TERESITA HERNANDEZ
RAMONA ENCARNACIÓN
SONIA LACHICA
CIELO CONDES
YVONE PINTOY

EMMANUEL BATULAN
JOSE JAVIER
FRANCISCO LUMEN
CONRADO PASCUAL
ARMANDO JAVIER
RAUL ROSALES
PEDRO ABRAHAM
ROLANDO DIONISIO
DOMINGO GARCIA
ROLANDO BALIÑGIT

Produção e Direcção de
LEONOR OROSA DE GOQUINGCO

MARIA DO ROSÁRIO BETTENCOURT

JIRINA'S COMBO
FORMA 5 COM VÍTOR E PAUL
FERRER TRINDADE e sua Orquestra
(M/21 anos)
Às 23 e 30 e à 1 e 30 no Wonder Bar

BIJOU DE VIENNE

No CINEMA, às 17 e 21 e 30 (M. 17 anos)
A FLOR DO CACTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

MARIA VITÓRIA

ADULTOS

UM ESPECTÁCULO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

• HOJE, ÀS 20,45 e 23 HORAS • ENORME ÊXITO DA SENSACIONAL REVISTA

• O PRATO DO DIA!...

«A REVISTA ESCRITA PARA O SEU PALADAR!»

ESCRITA POR ANÍBAL NAZARÉ E JOSÉ VIANA, COM MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS
• O TRIUNFO DE UMA ESPLÊNDIDA COMPANHIA, COM:
• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA • BARROSO • DORA LEAL
• VICTOR MENDES • MARIANO FRANCO • CARLOS MIGUEL
• DINA MARIA • CRIST. CASSOLA

JOSÉ VIANA

ANITA GUERREIRO

OCTÁVIO DE MATOS

E UM GENTIL FRISO DE JOVENS ACTRIZES
DE NOVO NESTE TEATRO
• ANITA GUERREIRO
NUM COLOSSAL «COMPÈRE»
• OCTÁVIO de MATOS
E A GRANDE ATRACÇÃO FRANCESA
• SABRINA

AMANHÃ, 1.º «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

SABRINA

VASCO MORGADO APRESENTA

TEATRO VILLARET

ADULTOS

HOJE, ÀS 21 E ÀS 23 HORAS
DOMINGO, também às 16 horas

VASCO DE LIMA COUTO é o Sr. Baguinha porque é casado com a Madame Baguinha e outras coisas pela mesma razão, na comédia

O VISON VOADOR

com
RAUL SOLNADO
IO APOLONI, FERNANDA BORSATTI, YOLA, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA, ROLANDO ALVES
e a colaboração de
MARIA PAULA

HOJE E DOMINGO

ÀS 16 HORAS E
ÀS 21.45 HORAS

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

8.ª SEMANA DE ÊXITO
DA DIVERTIDÍSSIMA SÁTIRA

A RELÍQUIA

EÇA DE QUEIROZ

POR UM VALIOSO ELENCO DE MAIS DE 30 FIGURAS
(Maiores de 17 anos)

Hoje, à tarde e nos 2 espectáculos de Domingo, os jovens dos 17 aos 24 anos têm 50% de desconto

Amanhã, às 11 h. da manhã
4.º CONCERTO em DIÁLOGO
J. M. P.
(Maiores de 6 anos)

Pensão Monumental

(Restauradores)
Magníficos aposentos
Serviço de bom hotel
Rua da Glória, 21
Telef. P.P.C. 36 98 07.

XIV FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

Lisboa • 8 de Maio a 8 de Junho

- Maestros
  Wilhelm Van Otterloo, Erich Leinsdorf, Eugene Ormandy, Antal Dorati, Gianfranco Rivoli, Stanislav Galonsky, Jerzy Katlewicz, Michael Gielen, Silva Pereira, Bernhard Klebel, Michel Lorboz, Mario Benzecry, David Zinman.
- Solistas
  Wilhelm Kempff, Robert Casadesus, Sequeira Costa, Rudolf Buchbinder (piano), **Zino Francescatti, Josef Suk, Henryk Szeryng** (violino), **Janos Starker** (violoncelo), **Régine Crespin, Sena Jurinac, Nicola Rossi-Lemeni** (canto), entre muitos outros.
- Conjuntos
  Orquestra Filarmónica de Filadélfia, Orquestra Residencial da Haia, Nederlands Dans Theater, Gagaku Imperial Dance Theater, Grupo de Pesquisas Musicais da Radiotelevisão Francesa, Grupo de Música Antiga de Viena, Coro de Cracóvia, Modern Jazz Quartet, Juilliard String Quartet, Quarteto do Porto, Orquestras Sinfónicas da E. N. e do Porto, Coro e Orquestra de Câmara Gulbenkian, Grupo Gulbenkian de Bailado.

Calendário das Bilheteiras
(Abril)

- **VENDA DE ASSINATURAS**

Na Bilheteira da Fundação

Dias 13 e 14 — Antigos assinantes: Série A
Dias 15 e 16 — Antigos assinantes: Série B
Dias 17 e 18 — Novos assinantes: Séries A, C e D
Dias 20 e 21 — Novos assinantes: Séries C e D

Na Bilheteira do Coliseu

Dias 20, 21 e 22 — Novos assinantes: Série B

- VENDA DE BILHETES AVULSO

Dia 23 — Assinantes das Séries A e B: para os concertos do Auditório Dois e Sé Catedral
A partir do dia 27 — Restante público: para todos os espectáculos
(Os bilhetes avulso vendem-se nas bilheteiras das casas onde se realizam os espectáculos, à excepção da Sé, cujos bilhetes estão à venda na Fundação Gulbenkian).

DISCRIMINAÇÃO DAS ASSINATURAS

Série A: 21 manifestações diversas/Série B: 9 espectáculos do Coliseu / Série C: audição integral das sonatas de Beethoven (10 recitais) / Série D: 4 concertos na Sé Catedral e 1 recital de órgão no Grande Auditório.

Programas em distribuição na bilheteira da Fundação Gulbenkian
Espectáculos á tarde, e dos sábados e vésperas de feriado á noite: maiores de 6 anos
Restantes espectáculos: maiores de 12 anos

CARLOS GUEDES AMORIM é notícia

um novo disco que o afirmará como elemento de destaque na nova geração fadista

DISCO Columbia 8 E016 40029 M
À VENDA NOS REVENDEDORES HABITUAIS E EM
VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

Agora-Platina.
Para enriquecer os gumes de um novo tipo de lâmina.

Mais suave... durante mais tempo

Hoje há um novo tipo de lâmina: Gillette Platina. Usámos Platina para lhe endurecer os gumes. Uma técnica especial inventada pela Gillette bombardeia eléctricamente a lâmina com átomos que deixam uma fina cobertura metálica sobre os gumes. O processo é extremamente complicado: o resultado é maravilhosamente simples: barbas mais macias, durante mais tempo. Gillette Platina. A nova lâmina que põe as outras lâminas inoxidáveis normais fora de moda.

Gillette Platina

de gumes endurecidos com Platina

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO SÃO JORGE

TÍTULO — «O Cowboy da Meia-Noite» («Midnight Cowboy»)
REALIZAÇÃO — John Schlesinger, 1969, (E. U. A.)
INTÉRPRETES — Dustin Hoffman, Jon Voight, Sylvia Miles, John McGiver, Brenda Vaccaro, etc.

«O Cowboy da Meia-Noite» oferece múltiplos e curiosos aspectos para uma abordagem crítica. O filme começa por ser um olhar sobre a América de hoje, olhar esse que se reparte por dois personagens centrais que constituem como que as duas faces de uma mesma realidade: Joe Buck, texano que emigra para Nova York onde espera vir a viver desafogadamente, explorando o seu físico e a sua virilidade, da mesma maneira que julga ir ao encontro de todas as novaiorquinas sequiosas de amor e de umas costas espadaudas de «cobridor» profissional; e Ratso Rizzo, portorriquenho há muito na metrópole, homem desgastado pelos rigores de uma cidade feroz, de uma sociedade insaciável de vidas. De um lado, o sonho americano que vem de Tom Mix, passa por John Wayne e vai acabar nos Boinas Verdes; do outro, o reverso da medalha, o desalento de quem sabe nada poder esperar das longas avenidas, dos arranha-céus e dos anúncios multicolores da noite americana. Dois olhares sobre a América, dois olhares que se encontram numa forma de amizade que é também uma tentativa de sobrevivência unindo esforços perante a adversidade.

Mas estes olhares surgem filtrados por um outro olhar. O olhar de um europeu olhando a América com algumas frases feitas e também muita sinceridade. Se é evidente o interesse de John Schlesinger em acertar em dizer do que vê é verdade também que nunca deixa de ser um estranho, um homem que veio de longe. O filme resulta assim como que um retrato feito á distancia, ajustando os traços da realidade ao que dela já John Schlesinger sabia de antemão. Por isso a película resulta superficial, aqui e ali inverosímil, quase sempre demasiado exterior, pouco profunda. Muito haveria a dizer por exemplo, acerca do comportamento de Joe Buck, um homem que na maior miséria, vivendo de expedientes variados que vão até á venda do próprio sangue não procura nunca um emprego que não seja o «trottoir» nocturno pela 42.ª avenida. «O Cowboy da Meia-Noite» é portanto, um filme feito para *provar* determinadas constatações de Schlesinger (que para o efeito, se serve de um argumento relativamente rico de implicações e de sugestões, extraído de uma novela de James Leo Herlihy por Waldo Salt, que o re escreveu para o cinema).

Mas, as limitações que se devem levantar perante a obra de Schlesinger põem-se também ao nível dos processos utilizados pelo seu autor na sua concepção cinematográfica. Lelouch e Resnais (entre outros) continuam a ser os exemplos mais citados pelo novo cinema americano que se pretende «moderno», «actual», «psicológico».

Assim não é de estranhar toda a artilharia de desfocagens, e *zoons*, breves regressos ao passado *(flash back*, em gíria cinematográfica), visões psicológicas, etc. sempre o filme recusa a linearidade expositiva e se deixa embrenhar pelos caminhos do equívoco, toda a obra oscila perigosamente, mostrando até que ponto todo este arsenal pode ser gratuito, quando utilizado unicamente para ofuscar o espectador, enganando-o com uma falsa profundidade que nada tem a ver com o verdadeiro cinema.

Quando, porém, Schlesinger se limita a filmar uma cidade e os seus habitantes, quando pretende apenas retratar uma sociedade com os seus vícios e a sua depravação, quando deixa ele mesmo de fazer o *trottoir* ao espectador procurando seduzi-lo com o balancear de uma câmara «subjectiva», então sim!, então «*O cow-boy da Meia-Noite*» mostra-nos o que poderia ter sido, caso estivesse atrás da câmara um homem como Hawks ou Huston, Brooks ou Fuller.

Evidentemente que, para além de tudo isto, «*O cow-boy da Meia-Noite*» é um filme a não perder. Possui, apesar de tudo, um certo vigor crítico e documenta uma América do desespero que morre lentamente com os olhos no sol da Florida, ultima miragem de um sonho que dia-a-dia desaparece.

Entre os intérpretes, Dustin Hoffman compõe uma figura que se dirige básicamente para a conquista de um *Oscar:* um homem perdido na grande capital, coxo, á beira da morte. Dustin Hoffman usa de todos os seus recursos, mas também a sua figura, se bem que lograda, aparece-nos demasiado cabotina. Jon Voight, por seu turno, é ele mesmo o *herói* americano que convinha liquidar. O mérito não é tanto seu como de Schlesinger, mas também ele se encarregará de fazer, no futuro, carreira. Muito boa a música de John Barry.

LAURO ANTÓNIO

• NO ESTÚDIO 444

TÍTULO — «Com a corda na garganta»
REALIZAÇÃO — Tinto Brass
INTÉRPRETES — Jean-Louis Trintignant e Ewa Aulin

«El casca nueces vacías,
Colón de cien vanidades,
Vive de supercherías
Que vende como verdades»
ANTÓNIO MACHADO

Tinto Brass, o realizador, é um rapaz *à la page*, que, cansado das poeiras que se apanham nas filmagens dos *westerns* italianos, veio jogar a cartada do filme com capa «culturalª», fabricando aquilo a que passo a chamar «cinema do que circula». A receita (lá vou eu fornecer ideias de borla aos produtores nacionais) é mais ou menos esta: dá-se, antes de tudo, uma vista de olhos pelos filmes de Jean-Luc Godard, tiram-se-lhes cuidadosamente os espinhos (agressividade, inteligência, e até o simples talento) e tempera-se o subproduto com bandas desenhadas, actualidades políticas, London by night e by the riverside, gestos de actores americanos do *good old time* (para dar o lado revivalista), um certo gesto do Belmondo de «À Bout de Souffle», Mao-Tsé-Tung (a boa consciência de esquerda do espectador da nossa direita), um recitativo do Tao, a sentida homenagem ao compatrioni Antoniota e alguns acepipes eróticos, como reforço. Leva-se o todo, migadinho, ao lume, com teleobjectivas (que isto de ter os fundos desfocados, sobretudo a cores, dá sempre muito jeito por causa das manchas bonitinhas e da colocação de objectos no espaço fílmico) e uma montagem dinâmica (o produtor Malheiro diria montagem-vassoura) para dar a ilusão de que a acção vai na mecha. Mas não vai. As cenas, mau grado a variedade e rapidez dos planos, arrastam-se penosamente, e nem o suporte musical disfarça um bocadinho a sua chateza. Porque a verdade é que quando uma cena não tem qualquer razão de ser, a sua existência física é inútil e excessiva, e se a sua duração for apenas um segundo, esse segundo, por ser um segundo a mais, é já uma monótona eternidade.

Outras coisas haveria a dizer sobre a montagem deste filme, mas a mais flagrante, no que toca á falta de escrúpulos do realizador, parece-me a da cena em que alterna planos do par, no autocarro, com planos de pessoas, que, surpreendidas, aqui e ali, pela presença da câmara, olham muito naturalmente na sua direcção.

Posto isto, o pechisbeque está servido.

O seu mérito está em ser a demonstração cabal que o público (pelo menos, ao nível europeu) está farto de um certo tipo de filmes. Esperemos que em breve se farte destes, porque mudar para ficar tudo na mesma, não vale francamente a pena. E ficar na mesma equivale, como é óbvio, á mediocridade do costume. Assim sendo, zero para Tinto Brass e cumprimentos do

JOÃO CÉSAR MONTEIRO

• NO S. LUIZ E NO ALVALADE

TÍTULO — «As Noites Quentes de Lady Hamilton» («Lady Hamilton»)
REALIZAÇÃO — Christian Jaque
INTERPRETAÇÃO — Michele Mercier, John Mills, Richard Johnson, Nadja Tiller, etc.

A «ascensão social» (confessada e ilustradamente «de cama para cama») de uma camponesa que chega ao regaço da rainha de Nápoles e o braço único do almirante Nelson, foi o pretexto para uns milhares de metros de película impressionada sob a rubrica Christian Jaque. Sem estrutura, sem medula, sem carácter, a cronoqueta termina paralítica (plano fixo) e envolta em crepes (luto pela morte de Nelson). Sem ironia alguma; assim terminam de facto as malfeitorias praticadas em nome do espectáculo cinematográfico. Porque á ausência da mais elementar dignidade do argumento (que nem argumento existe, para existir apenas a monótona sucessão de episódios grosseiros) soma-se o consequente descalabro da planificação, da montagem, da direcção de actores. Qualquer outra perspectiva crítica torna-se impossível para com um filme que já não deveria ser possível.

V. S. T.

CAPITÓLIO
Telef. 320379
ÀS 16 E ÀS 21.45 H.
(M. 7 ANOS)
A CELESTINA
versão de A CASONIA
trad. de
David Mourão-Ferreira
com AMÉLIA REY COLAÇO
Sábado e Domingo
— Tarde às 16 horas

O GRANDE ESPECTÁCULO DESTA NOITE

QUASE ESGOTADA A LOTAÇÃO DO PAVILHÃO DOS DESPORTOS PARA O FESTIVAL DA IMPRENSA

Encontra-se quase esgotada a lotação do Pavilhão dos Desportos onde, esta noite, ás 21 e 45, decorre o festival para entrega dos «Prémios da Imprensa», referentes aos melhores nomes do campo radiofónico, desportivo, cinematográfico, fadista, musical, tauromáquico, teatral e televisivo.

A acrescentar aos muitos nomes, que gentilmente acederam a colaborar, na festa dos jornalistas, a revelação de que Amália Rodrigues, a maior figura dos palcos portugueses, estaria também presente, não apenas para receber o seu honroso «Prémio de Prestígio» mas, igualmente para oferecer ao público algumas das suas melhores interpretações, fez aumentar o interesse em torno do «show do ano».

Mas, para além de Amália, outras grandes vedetas vão desfilar esta noite no tablado do Pavilhão: os intérpretes Ada de Castro, Adriano Correia de Oliveira, Ana Hortense, Antónia Terrinha, António Frazão, António Mourão, Carlos Areias, Celeste Marina, Esmeralda Amoedo, Eugénia Lima, Fernanda Damaso, Fernanda Guerra, Fernando Maurício, Fernando Ribeiro, Fernando Tordo, Florência Rodrigues, Francisco Martinho, Francisco Nicholson, Gabriel Cardoso, Joaquim Cordeiro, José Afonso, Júlia Baba, Lenita Gentil, Leónia Mendes, Mafalda Sofia, Manuel de Almeida, Manuel Freire, Maria Dilar, Maria da Glória, Maria José Valério, Maria Valejo, Natércia da Conceição, Paulo Jorge, Teresa Silva Carvalho, Tino Costa, Tonia e Valério Silva.

São convidados especiais: Artur Agostinho, Ary dos Santos, Augusto Cabrita, Carlos Paredes, David Mourão Ferreira, Fernando Curado Ribeiro, Florbela Queiroz, Igrejas Caeiro, Io Apoloni, João Maria Tudela, Maria Leonor, Mário Castrim, Ouro Negro Paulo Renato, Pedro Moutinho, Raul Solnado, Simone de Oliveira e Tony de Matos.

Estarão, ainda, presentes atracções estrangeiras: Andreia, Gerard Sotto, Nadine Joel e Sabrina e os agrupamentos musicais «Os Chinchilas», «Emotion» e Conjunto Zé Pedro (com António Rios). Acompanhamentos pelos guitarristas António Chainho, Carlos Gonçalves, José Maria Nóbrega, Jaime Santos, Martinho da Assunção, Raul Nery, Fontes Rocha, Júlio Gomes e Joel Pina.

No palco estarão os apresentadores Ângelo Gramja, Carlos Cruz, Carlos Lacerda, Carvalho Ramos, Fialho Gouveia, Glória de Matos, Gioconda Ferreira, Isabel Wolmar, João Martins, João Paula Guerra, Jorge Dias, Laura Soveral, Luís Filipe Costa, Manuel Aragão, Maria Aurora, Maria José Balão, Marques Vidal, Mendes Martins, Nuno Martins, Paulo Fernando, Raul Durão, Rui Pedro e Rui Romano. A orquestra será dirigida pelo maestro-compositor Tavares Belo.

Dois apontamentos, ainda: ao lado de Fernando Vaz, no momento em que lhe for entregue o «Prémio da Imprensa», como «treinador do ano», estará a equipa de futebol do Sporting Clube de Portugal. E o «Prémio da Imprensa», que cabe ao benfiquista Simões (como «melhor futebolista do ano»), é entregue pelo seu mais famoso companheiro de clube: Eusébio.

Os poucos bilhetes que restam encontram-se á venda na Agência A. B. E. P. e, a partir das 15 horas, nas bilheteiras do Pavilhão dos Desportos.

O espectáculo é para maiores de 6 anos.

IMAGEM DO DIA

Começa esta noite no TIVOLI, a 2.ª SEMANA de «JUSTINE», um filme apaixonante, inspirado no célebre romance de Lawrence Durrell, «O Quarteto de Alexandria», cujo primeiro livro se chama justamente «Justine». Justine, a mulher misteriosa que atravessa todo o filme é assombrosamente interpretada por uma actriz que o publico de Lisboa tanto ama pela sua beleza e talento: ANOUK AIMÉE. O filme é realização notabilíssima de Cukor.

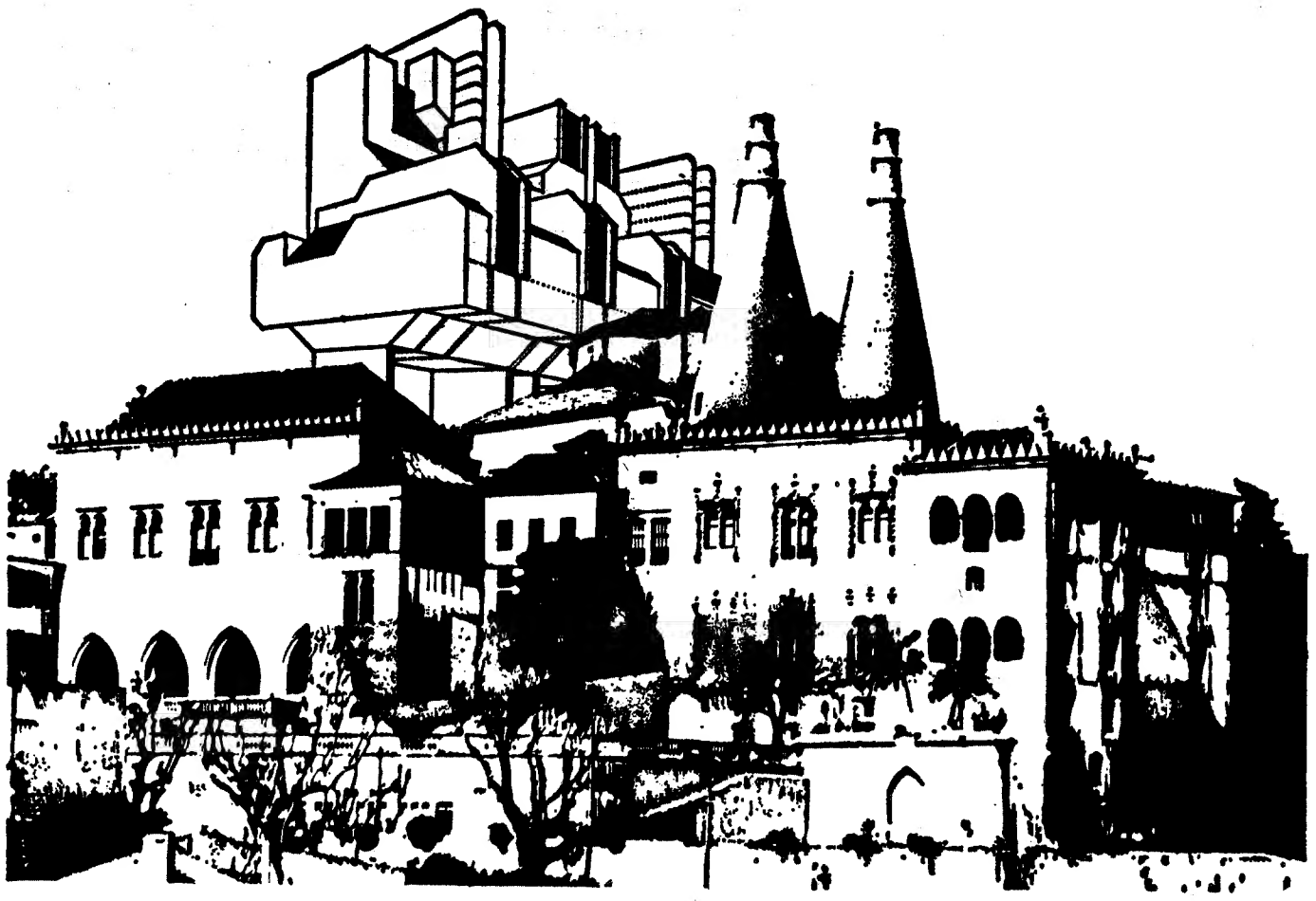
TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
PRETENDE
ENGENHEIROS MECÂNICOS
QUE REUNAM DE PREFERÊNCIA OS SEGUINTES REQUISITOS
— Experiência aeronáutica
— Bons conhecimentos de inglês
— Estágios completados
— Nacionalidade portuguesa
— Serviço Militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos
OFERECE
— Vencimento compatível com as condições exigidas e responsabilidade inerente à função
— Benefícios sociais
— Salários diferidos
— Prestígio, estabilidade e progressão
Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79-1.º — LISBOA

THORENS
O give-discos dos melómanos e profissionais.
Consulte os PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95-97 LISBOA
No norte: VADECA — R. de S.to António, 219 — PORTO

COLISEU
HOJE, às 21.30 h.
(Maiores de 12 anos)
O EMPOLGANTE FILME
CAPITÃO SINGRID
UMA AVENTURA NA SELVA
PREÇOS POPULARES
AMANHÃ
À TARDE E À NOITE

BELA MONTRA
MÓVEIS • ESTOFOS • DECORAÇÕES
EM TODOS OS ESTILOS
RUA RODRIGO DA FONSECA, 12 e 16
TELEFONES: 534457/59

A INDÚSTRIA HOTELEIRA -INDÚSTRIA BASE DO TURISMO



A indústria hoteleira é indispensável em qualquer país que pretenda promover as suas potencialidades turísticas.

Incentivar os investimentos nesse sector é vitalizar a economia e provocar uma intervenção cultural, introduzindo uma nova visualização da paisagem urbana. Por isso, é compreensível a rápida expansão dos investimentos na indústria imobiliária turística e a situação óptima que ocupam no panorama económico nacional.

Tendo perfeita consciência desta problemática, TORRALTA consagrou-se à promoção do turismo em Portugal, não só visando os mercados estrangeiros mas tendo a preocupação fundamental de favorecer o turismo interno.

TORRALTA

4

A primeira central nuclear destinar-se-á essencialmente a abastecer a região de Lisboa

O primeiro relatório da Companhia Portuguesa de Electricidade — que publicamos noutro lugar desta edição — assinala que a nova empresa concentra as actividades antes repartidas pelas cinco sociedades de produção e transporte de energia da rede eléctrica primária, fusão autorizada pelo Decreto-Lei n.º 49 211 de 27 de Agosto de 1909. No citado documento, pode ler-se: «É claro que planear á escala da nova empresa será planear á escala nacional agora que a actividade da Companhia abrange Portugal continental e a concessão da empresa terá o carácter de exclusividade que lhe foi legalmente conferido. Daí que as responsabilidades inerentes sejam de excepcional envergadura nos domínios técnico, económico e financeiro e que neste último, de característica fortemente capitalística, intensiva, a gestão da empresa assuma aspectos relevantes: basta pensar que, ao ritmo de crescimento do mercado da energia, a duplicasse em cerca de sete anos, será necessário duplicar também no mesmo curto período a nossa capacidade produtora, lançando sucessivamente novas centrais em serviço. Na fase actual, está a Companhia em investir 1,4 milhões de contos por ano, o que representa cerca de 10 por cento do imobilizado actual (...) Optou-se por criar como que quatro Direcções industriais (da Produção Hidráulica do Norte, da Produção Hidráulica do Sul, da Produção Térmica e Nuclear e da Rede de Transporte) com larga autonomia administrativa e responsabilidades de gestão orçamental e que concentram em si, essencialmente, as actividades de projecto, construção e exploração das antigas empresas».

A produção total de energia eléctrica, em Portugal Continental em 1969, foi de 6839 GWh, podendo-se considerar como o consumo interno total referido á produção 6862 GWh, incluindo o saldo importador das trocas internacionais (23 GWh). A contribuição da rede primária em 1969, no valor de 78,3 por cento da produção total do País e de 84,1 por cento da rede integrada, totalizou 5374 GWh, sendo a produção totalmente de origem hídrica (ano com regime hidrológico muito favorável).

Na rede das empresas interligadas (que abastece cerca de 93 por cento dos consumos do país) verificou-se, em relação ao ano de 1968, um acréscimo de 9,8 por cento na produção total — «valor que não é, no entanto, significativo da evolução dos consumos, pois em relação aos consumos permanentes houve um aumento de 10,1 por cento».

Em conformidade com o III Plano de Fomento encontram-se em construção diversos empreendimentos, entre os quais as seguintes centrais hidroeléctricas: rio Tejo — barragem de Fratel, com 129 Mw de potência, 430 GWh de energia produtível em ano médio a entrar ao serviço 1973, representando um investimento de 940 milhares de contos; Douro — barragens do Carrapatelo, Régua e Valeira, que importam, respectivamente, em 1950, 1620 e 1800 milhares de contos, a entrarem ao serviço em 1971, 1972 e 1975, com energias produtíveis em ano médio de 1000, 700 e 790 GWh, e potências de 180, 156 e 180 Mw; rio Homem — barragem de Vilarinho das Furnas, com 64 Mw de potência, 220 GWh de energia produtível em ano médio, e a entrar ao serviço em 1971 (investimento de 800 milhares de contos). A ampliação das bacias hidrográficas de Paradela (Cávado) — desvio do rio Toco (já em serviço) — e de Venda Nova (Rabagão) — desvio do rio Cabreira — cuja conclusão está prevista para o corrente ano, representam um investimento de 160 milhares de contos.

No campo das centrais térmicas, surge a 2.ª fase da do Carregado, com os grupos 3 e 4 previstos para 1971 e 1973 (investimentos de 560 e 490 milhares de contos), energia produtível em ano seco de 700 GWh cada, potências individuais de 125 Mw.

As redes de transporte, todas com datas de entrada ao serviço ainda no corrente ano representam um investimento global de 140 000 contos e abrangem as linhas Carregado-Alto de Mira e Carregado-Porto Alto, e as ampliações de potência nas subestações de Vermoim, Alto de Mira, Ferreira do Alentejo e Porto Alto.

Central nuclear

Com respeito á construção de uma central nuclear, o relatório refere que, em 1969, se desenvolveu uma sistemática de prospecção de sítios para centrais térmicas, tendo em vista, especialmente, a localização da primeira dessas centrais. Como a mesma se destinará, essencialmente, a satisfazer consumos da região de Lisboa, foram seleccionadas algumas localizações possíveis, das quais uma se considera mais favorável para a primeira realização.

Durante o exercício de 1969, a C. P. E. fez investimentos, em novas imobilizações, no total de 1 376 948 contos, havendo um aumento, em relação a 1968, de 173 312 contos. A cobertura do investimento feito em novas instalações e equipamentos, no exercício findo, foi obtida por emissões de acções, empréstimos no mercado interno (Banco de Fomento Nacional e Caixa Geral de Depósitos), e externo (Banco Mundial e Lazard Brothers & Co, Ltd.) e recursos próprios.

O investimento em curso em novas instalações de produção e transporte de energia é da ordem de 5 milhões de contos. Até final de 1969, já haviam sido investidos, nesse sector, 2 958 710 contos. O saldo final do exercício traduz-se na verba de 487.6 milhares de contos sendo o dividendo proposto de 8 por cento do capital em circulação. A participação do pessoal nos lucros ascende a 30 000 contos.

Meia centena de professores, com apreciável presença de senhoras, esteve na assembleia do seu sindicato, suspe

O SINDICATO DOS PROFESSORI A CONTRATAÇÃO POR TEMPO IN

Após a aprovação das primeiras cláusulas da proposta de alteração do contrato colectivo de trabalho, deu-se ontem á noite por encerrada a primeira sessão da assembleia geral do Sindicato Nacional dos Professores, convocada a pedido da direcção, para apreciar o referido projecto de proposta de modificação e para se pronunciar sobre uma outra alteração, a dos estatutos do organismo.

A elaboração da ordem dos trabalhos provou ter sido ambiciosa. Na verdade, após uma longa discussão processual, apenas se conseguiu — tendo os trabalhos durado até á 1 e 30, de hoje —, aprovar as primeiras cláusulas do projecto, aquelas em que não chegou a haver discussão.

Com a presença de cerca de cinquenta pessoas (a assembleia geral é constituída por delegados), a sessão foi presidida pelo dr. Américo Fonseca, secretariado pelos drs. Paulo Soromenho e Maria Lucia Nobre. Como não tivesse sido distribuído préviamente o projecto de proposta de alteração do contrato, o presidente da direcção do Sindicato, dr. Luís Avellar Aguiar, leu e defendeu as alterações que, na opinião da direcção, eram as mais importantes. Antes, porém, de se entrar na discussão do projecto, um dos sócios presentes propôs que os trabalhos fossem adiados, reunindo-se a assembleia depois de a direcção ter distribuído, pelo menos ás direcções das sete secções do sidicato, o projecto que tinha elaborado.

A proposta foi feita com o espírito de chamar á participação na vida sindical um numero muito maior de associados e de «dinamizar» essa vida. Depois de longa discussão, acabou por ser aprovada uma outra proposta que pedia a continuação dos trabalhos de modo a que a direcção pudesse ir armada com algumas decisões para a reunião (marcada para a próxima terça-feira) com os representantes do Grémio dos Proprietários dos Estabelecimentos de Ensino.

Uma das cláusulas aprovadas propõe o alargamento do ambito do contrato, estendendo-o aos professores que, embora não exercendo o magistério, estejam empregados em estabelecimentos particulares de ensino sem a cobertura de qualquer outro contrato colectivo. O período de vigência do contrato é também alterado, na proposta do sindicato, de quatro para dois anos. A este respeito salientou-se que o actual contrato é de 1961, vindo a sua revisão a ser tentada desde 1965.

Os trabalhos foram interrompidos e adiados para data a marcar pela direcção quando se discutia uma cláusula que modificava radicalmente a forma de contratação dos professores do ensino particular. O actual contrato colectivo prevê a contratação a prazo. Isto é, antes das férias grandes a entidade patronal pode notificar o professor de que dispensa os seus vo s proje direc saria deter tava prim ram recim foi a ção.

NÃO SE DEIXE

SE ESTÁ COMPRADOR DE TERI

JOSÉ DE SOUS

NÃO LHE FAZ PROMESSAS OFERECE-LHE REALIDADES.

NO SEU PRÓPRIO INTERESSE NÃO COMPRE NENHUMA PARC

TEMOS A CERTEZA DA SUA PREFERENCIA PORQUE:

1.º ESTES SÃO OS MAIS BARATOS DA ZONA CHARNECA DA

2.º TEM MAGNIFICA LOCALIZAÇÃO E BONS ACESSOS.

3.º SÃO COMPLETAMENTE ARBORIZADOS E JUNTO ÁG

4.º GARANTEM A MELHOR VALORIZAÇÃO DO SEU CAPITAL

GRANDES FACILIDADES

CONSULTE JÁ ESTA ORGANIZAÇÃO

RUA LUCIANO CORDEIRO, 83, 2.º ESQ.

LISBOA

Telefones 562097/8

MERGULHÃO

As mais lindas pratas

R. de S. Paulo, 162 Tel. 30013

Barbosa, Esteves & C.ª, Lda.

Ourives-Joalheiro

293-RUA DA PRATA-295 COMPRE E VENDA AS SUAS JÓIAS NESTA ACREDITADA CASA DA ESPECIALIDADE

Conta Infantil

BANCO DO ALENTEJO

, suspensa a hora adiantada depois de longa discussão processual

RES PROPÕE INDETERMINADO

seus serviços no ano lectivo seguinte. Segundo o projecto apresentado pela direcção, os contratos passariam a ser por tempo indeterminado. Como se tratava de uma questão de primordial importancia foram pedidos alguns esclarecimentos e a assembleia foi adiada antes da votação.

A questão dos vencimentos não chegou a ser debatida. Durante a sua exposição inicial, no entanto, o presidente da direcção afirmou ser o órgão a que preside de opinião que se deve propor nova revisão dos vencimentos, apesar do despacho ministerial de Fevereiro de 1969 que procedeu a um ajustamento.

CONCLUÍDAS AS ALEGAÇÕES DO JULGAMENTO DA SERVIÇAL QUE ENVENENOU A PATROA

SINTRA, 4 — Prosseguiu esta manhã, no tribunal da comarca de Sintra, sob a presidência do juiz corregedor dr João Augusto Pacheco de Melo Franco, tendo como acessores os juízes drs. Moura do Vale e Lopes da Cunha, e como delegado do Ministério Publico, dr. Numo Ricardo, o julgamento de Maria do Patrocínio Medeiro, de 49 anos, casada, serviçal, acusada de ser a autora do envenenamento da sua patroa, D. Alda dos Santos Madeira, de 52 anos, casada com o sr. Alfredo Pinheiro Madeira, residentes no Largo Mouzinho de Albuquerque, em Queluz

A Maria do Patrocínio, além desse é igualmente ré do de tentativa de envenenamento na pessoa do marido.

A audiência de hoje principiou ás 9 e 30, com a sala repleta de publinco.

Na bancada dos causídicos os drs. Roque da Silveira, advogado da Maria do Patrocínio, e Sargo Junior, patrono do sr. Alfredo Pinheiro Madeira A audiência principiou com os depoimentos das declarantes sr.as D. Maria do Carmo Leara Vila e D. Ivone da Silva Bento, colegas do sr Alfredo Madeira na Cozinha Velha.

Depois foram ouvidas várias testemunhas de acusação, entre as quais a sr.ª D. Leontina das Dores Ferreira, vizinha da vítima, que referiu ao tribunal um telefonema, que a ré lhe tinha feito, pedindo para deixar o sr. Alfredo Madeira uma vez que ese pretendeu, por várias vezes, segundo a declarante seduzi-la.

Em seguida desfilaram sucessivamente perante o tribunal, as restantes tesemunhas de acusação: Maria do Carmo dos Santos Cleto, Olímpia Ferreira de Andrade, António Joaquim Mateus Joaquina Soares Pinto Alda de Jesus Ferreira Mateus e Julia Ferreira de Sales Goms.

Todas estas testemunhas foram inquiridas pelos dois advogados e de certo modo pouco esclareceram o tribunal acerca dos factos confessos pela ré na Polícia Judiciária. Todavia, ficou esclarecido que as ligações íntimas havidas entre a Maria do Patrocínio e o Alfredo Madeira eram consentidas pelo marido da primeira, que através das mesmas usufruia benefícios monetários

Depuseram ainda três testemunhas de defesa da ré, o sr. António Augusto Oliveira Martins e as sr.as D. Joaquina Soares Pinto e D Virgínia da Graça Soares do Rego.

A audiência foi interrompida cerca das 11 horas, para reabrir 10 minutos depois. Foi, então, dada a palavra ao delegado do Ministério Público, dr. Numo Ricardo, que, no uso da palavra, principiou por acusar a ré do duplo crime de envenenamento.

Foi depois dada a palavra ao sr. dr. Sargo Junior advogado do marido da vítima que referiu todos os acontecimentos que motivaram a instrução do processo, principiando por referir a doença do sr. Alfredo Madeira que deu origem a sua instrução. Aludiu também á intenção da ré de procurar incriminar o sr. Madeira, fazendo crer que fora ele o responsável pela morte da mulher.

Por ultimo falou o dr. Roque da Silveira, advogado da Maria do Patrocínio, que procurou justificar o acto praticado pela sua constituinte, afirmando que fora uma série de circunstâncias que a levaram ao banco dos réus e defendeu o princípio da sua culpabilidade

As alegações do advogado de defesa prolongaram-se por hora e meia.

A audiência terminou com a leitura dos dezoito quesitos, devendo a sentença ser proferida na segunda-feira, ás 14 horas.

Oferta de um barco pneumático Repimpa

A convite das Industrias Pereira & Brito, S. A. R. L., deslocaram-se ontem, á sua fábrica na Amadora, alguns dos clientes que, aproveitando os preços especiais da NAUTICAMP IV, adquiriram pneumáticos REPIMPA durante o período da feira.

Feita uma curta visita ás instalações, foi em seguida oferecido ao sr. Frederico Pinto Bastos Lupi, um barco TOZÉ, um dos pneumáticos da gama de produtos REPIMPA

VIAGEM DE ESTUDO DOS EXTERNATOS São Vicente Marquês de Pombal Álvares Cabral

LISBOA, 4 — Acompanhados pelos seus professores, os alunos dos Externatos São Vicente, Marquês de Pombal e Álvares Cabral, de Lisboa, efectuam amanhã uma visita de estudo a Coimbra e a Conímbriga No percurso, serão feitas paragens em Batalha, Leiria, Tomar e Santarém

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

INSTITUTO DE ALTA CULTURA

BOLSAS DE ESTUDO FORA DO PAÍS

Para efeitos do disposto na alínea c) do n.º 1 do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 46 038, de 16 de Novembro de 1964, está aberto concurso, até 31 de Março de 1970, para a concessão de bolsas de estudo fora do País, destinadas á preparação especializada de pessoal docente e investigador, no âmbito do ensino superior, em conformidade com o declarado nos números seguintes:

I. Poderão concorrer às referidas bolsas indivíduos de nacionalidade portuguesa, com diploma de estudos superiores, de comprovada idoneidade para seguir os estudos especializados que projectam, e que dêem garantias de útil cooperação ulterior com o Estado e com estabelecimentos de ensino superior ou institutos de investigação científica.

II. Os concorrentes deverão escolher uma especialização dentro de matérias já professadas nas escolas superiores portuguesas ou de matérias ainda não professadas mas cuja inclusão seja de reconhecido interesse para o ensino e cultura superiores e para a investigação científica.

III. A admissão ao concurso far-se-á mediante requerimento dirigido ao Presidente do Instituto de Alta Cultura.

IV. O requerimento deverá ser acompanhado de impresso próprio do Instituto de Alta Cultura, devidamente preenchido pelo concorrente.

V. Os concorrentes poderão ser convidados a apresentar outros documentos julgados necessários à instrução do processo e a produzir prova de que conhecem suficientemente a língua do país onde pretendem estudar.

VI. Os concorrentes que pertençam ao corpo docente ou investigador de estabelecimentos dependentes do Ministério da Educação Nacional deverão enviar os requerimentos através da via hierárquica respectiva, devidamente abonados e com indicação explícita do supervisor científico no País.

VII. Serão condições de preferência na atribuição das bolsas:

a) A escolha de especializações nos domínios em que se verifique maior carência de pessoal docente ou investigador e naqueles que forem considerados de maior interesse para a cultura superior do País;
b) Ter-se o candidato já iniciado em trabalhos relacionados com a especialização que se propõe alcançar e ter publicado os respectivos resultados;
c) Propor-se o candidato a prosseguir a carreira docente.

———:::———

Todos os esclarecimentos serão prestados no Instituto de Alta Cultura, Praça do Príncipe Real, 14, Lisboa-2 (Telfs. 34508 e 33885), em cada dia útil (sábado até às 12 horas).

E ILUDIR!...

ERRENOS A ORGANIZAÇÃO

USA CINTRA

ARCELA DE TERRENO SEM COMPARAR COM AS NOSSAS.

DA CAPARICA — SESIMBRA.

-AGUA.

TAL.

ES DE PAGAMENTO

Esta organização tem vários terrenos urbanizados para venda nos melhores locais do Algarve, junto a Lisboa e em zonas de grande Expansão Turística

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Actualidade internacional

Brejnev reafirma a tese da «soberania limitada»

VIENA, 4. — (F. P.) — Apesar das aspirações ou das veleidades de certos países, a União Soviética quer continuar a ser o chefe incontestado do campo socialista europeu — tal é, pensam muitos observadores, a principal mensagem contida no discurso que pronunciou ontem Leonide Brejnev no Parlamento de Budapeste, perante as delegações dos países «irmãos», reunidos para comemorar o 25.º aniversário da libertação da Hungria.

Dois pontos atraem principalmente a atenção:

1 — A insistência de Brejnev na «integração e na repartição do trabalho no campo socialista».

2 — A prioridade atribuída pelo dirigente soviético ao internacionalismo ou ás obrigações internacionais e preferência aos interesses nacionais.

Em ambos os casos, salienta-se, o ponto de vista do secretário-geral do Partido Comunista soviético surge como a antítese da política da Jugoslávia e da Roménia e, em particular, do plano de independência e de soberania exposto há uma semana por Nicolai Ceausescu no Parlamento de Bucareste.

A reafirmação indirecta da tese da «soberania limitada» feita por Brejnev parece constituir, além disso, uma rejeição do ruidoso artigo publicado sábado passado na revista romena «Luta de Classe», em que era criticada, em termos inequívocos, a teoria do «centro dirigente» a que se deveriam submeter política, ideológica e económicamente os países membros da comunidade socialista.

«Aquário» e «Odisseia» separar-se-ão a 12 km da Lua

CAPE KENNEDY, 4 — (F. P.) — James Lovell, Thomas Mattingly e Fred Haise ensaiaram ontem, em simuladores de voo, as manobras que lhes permitirão fazer voar o «comboio espacial» apenas a 12 quilómetros da Lua, antes da sua separação.

Experimentada pela primeira vez, esta manobra será utilizada em 14 de Abril, três dias depois da largada da Terra da terceira missão lunar americana. Será o começo da segunda fase do voo, que deverá permitir o pouso do «Aquário», o módulo lunar, na região da formação de Fra Mauro, perto do Equador selenita.

Além disso, esta manobra deverá permitir a James Lovell e a Fred Haise, aos comandos do «Aquário», passar uma primeira vez a pequena altitude sobre o ponto de descida, antes de se separarem da nave de comando «Odisseia», onde Thomas Mattingly ficará só, para mergulharem em direcção ao solo lunar. Economizar-se-ão, assim, 14 segundos de carburante, o que permitirá a Lovell e Haise bordejarem por mais tempo sobre a região montanhosa de Fra Mauro, á procura do sítio que lhes foi designado para se pousarem ou, se este se revelasse com demasiado declive, terem tempo de procurar outro.

Será a primeira vez que uma nave de comando voará tão perto da Lua, pois que, no momento da separação do «Aquário», o «comboio espacial» estará apenas a 12 quilómetros de altitude. Quando dos voos das Apolo-11 e 12, a separação fez-se a um cento de quilómetros acima da superfície do nosso satélite natural.

LUTA NO SARAWAK

KUALA LUMPUR, 4 — (A. N. I.) — Tropas malaias mataram cinco guerrilheiros durante um recontro travado a 48 quilómetros a oeste de Kuching, capital do Estado de Sarawak, segundo anunciaram ontem á noite as autoridades.

GUERRA DE NARIZES

SALERNO, (Itália) 4 — (R.) — O novo «rei dos pencudos», de Itália de 1970, Alfredo Giovanardi de 59 anos, cujo nariz tem 5,6 centímetros de comprimento, foi desafiado pela sua «coroa» apenas quatro dias após a ganhar.

Angelo Romaniello, de 65 anos, que vive perto desta cidade no Sul de Itália, afirma que o seu nariz tem sete centímetros de comprimento.

O título de «rei dos pencudos» «pertence-me por direito», declarou Angelo aos jornalistas, anunciando o seu desafio. «Provàvelmente possuo o nariz mais comprido da Europa e tenho orgulho nisso».

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Necessita: RADIOMONTADORES

Que reunam os seguintes requisitos:

— Curso da Escola Industrial ou Especialistas
— Nacionalidade Portuguesa
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos de idade
— Conhecimentos de inglês e circuitos lógicos — preferência
— Recém-formados
— Dinamismo

OFERECE

— Bom ambiente de trabalho
— Alta valorização profissional
— Contacto com novas técnicas
— Vencimento inicial compatível com as condições exigidas
— Benefícios sociais
— Salários diferidos

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

Inscrições no Serviço do Pessoal

Rua do Conde de Redondo, 79 — LISBOA

O GENERAL LON NOL, primeiro-ministro do Cambodja, cuja posição saiu reforçada do golpe de Estado que depôs o príncipe Norodom Sihanouk

A Coreia do Norte entregará hoje o avião japonês

TÓQUIO, 4 — (R.) — A Coreia do Norte anunciou que devolveria, esta tarde, o avião japonês assaltado e quatro dos seus ocupantes.

O comunicado foi feito numa emissão em coreano pelo serviço noticioso da Coreia do Norte, captada em Tóquio.

Os nove assaltantes, que desviaram o avião da sua rota há quatro dias, não serão entregues, aguardando investigações feitas pelas autoridades norte-coreanas.

Os assaltantes, que chegaram a Pyongyang ontem á noite, pediram para ficar na Coreia do Norte.

Os quatro ocupantes são o vice-ministro dos Transportes do Japão, Shinjiro Yamamura, que se ofereceu como refém em troca dos 99 passageiros e assistentes, e três membros da tripulação.

Os advogados de Minichiello contra a realização do filme sobre o assalto

ROMA, 4 — (R.) — Os advogados italianos que defendem o assaltante de um avião americano, Raffaele Minichiello, afirmaram a noite passada que lutarão para impedir que fosse realizado um filme acerca das aventuras do seu constituinte.

Dois produtores italianos anunciaram planos para realizar um filme acerca do assalto, dramático do fuzileiro naval, de 20 anos, em 31 de Outubro ultimo, quando obrigou um «Boeing-727» da TWA a percorrer 11 000 quilómetros desde a Califórnia a Roma.

Os produtores são Carlo Lizzani e Carlo Ponti, marido da famosa estrela Sofia Loren. Contudo, anunciou-se que Ponti desistiu já do plano por causa da reacção indignada nos Estados Unidos.

O fuzileiro naval, antigo herói da guerra no Vietnam, encontra-se ainda na prisão «Rainha do Céu» em Roma aguardando julgamento por um tribunal italiano por várias acusações.

MINICARROS — nova tendência dos construtores americanos

NOVA YORK, 4 — (F. P.) — O salão do automóvel de Nova York, que abriu as suas portas ontem, foi colocado este ano sob o signo do automóvel de pequenas dimensões e da ofensiva desencadeada pelos construtores americanos para reconquistar uma parte do mercado conquistado pelos automóveis importados.

A principal novidade do salão é, com efeito, o «Gremlin» da American Motors, o quarto construtor americano, que vem juntar-se ao «Maverick», da Ford, no grupo ainda limitado dos «minicars» americanos. O «Gremlin», é um carro de quatro lugares, duas portas e com um motor de seis cilindros.

ARAFAT REGRESSOU AO CAIRO

CAIRO, 4 — (A. N. I.) — O dirigente da organização Al Fatah, Yasser Arafat, regressou ontem ao Cairo, depois de uma visita de dez dias á China continental e ao Vietnam do Norte

MAIS DE 40 MORTOS NO AMAZONAS

BELÉM (Brasil), 4. — (A. N. I.) — A Força Aérea brasileira anunciou ontem que morreram mais de 40 pessoas e muitas ficaram feridas na explosão que se deu a bordo do petroleiro brasileiro «Sotemar-I», quando anteontem navegava no rio Perus, afluente do Amazonas, a 1120 quilómetros de Manaus.

EXPLOSÕES NA CAPITAL DA IRLANDA DO NORTE

BELFAST, 4 — (R.) — Uma violenta explosão abalou o centro da capital do Ulster, esta manhã, destruindo a fachada de um edifício na Royal Avenue e cobrindo a rua de destroços.

Polícia e tropas cercaram imediatamente a área e técnicos em explosivos seguiram apressadamente para o local.

Julga-se que uma bomba foi a causa da explosão que ocorreu no principal centro comercial da baixa da cidade, ás 5 horas locais.

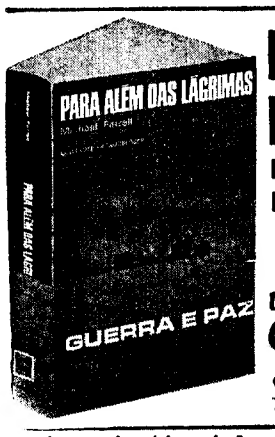
Poucas horas antes, verificara-se outra explosão num estabelecimento pertencente ao «lord mayor» de Belfast, na Shankill Road, predominantemente habitada por protestantes.

Entretanto, o aviso de ontem de que tropas britânicas atirariam para matar se continuassem nas ruas os ataques, com bombas incendiárias, pareceu ter exercido efeito durante a noite.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

20$ POR MÊS

E PODERÁ ADQUIRIR UMA OBRA INSUPERÁVEL SOBRE A LUTA CLANDESTINA DA IRLANDA PELA INDEPENDÊNCIA



PARA ALÉM DAS LÁGRIMAS

Romance de MICHAEL FARRELL

uma nova Guerra e Paz

COLECÇÃO METAMORFOSES
730 PÁGINAS/120$00

Os dramas de várias relações de amor ou amizade condicionados pelas divisões da luta clandestina da Irlanda para conquistar a independência (irlandeses contra britânicos, católicos contra anglicanos, o gaélico contra o inglês, os nacionalistas contra os unionistas) — tudo isso é de hoje, bastando traduzir Sinn Fein por El-Fatah ou Vietcong, por exemplo. Traduzido em todas as línguas cultas, Para além das Lágrimas é emparceirado pela crítica com o Leopardo de Lampedusa e o Doutor Jivago de Pasternak.

Requisição à EDITORIAL INOVA LIMITADA
Praça Guilherme Gomes Fernandes, 38 / PORTO
Desejo receber o livro PARA ALÉM DAS LÁGRIMAS
☐ Contra-reembolso (Esc. 120$00, sem mais encargos)
☐ Crédito Inova, a pagar .....(1) por mês (Esc. 120$00 acrescido de portes e despesas de cobrança).
Assinalar com um X o quadrado correspondente à modalidade escolhida.
Nome .....
Endereço .....
Profissão (2) .....
Local de trabalho (2) .....
(Nome da firma e endereço)

(1) Indicar a prestação mensal que deseja pagar (o mínimo é de 20$00)
(2) Estas indicações são necessárias sòmente para o sistema de CRÉDITO INOVA.
(A modalidade de Crédito Inova não é extensiva ao Ultramar — os envios são efectuados contra-reembolso.)

GUATEMALA: nova recusa do Governo em atender as exigências dos raptores do embaixador

CIDADE DA GUATEMALA, 4 — (R.) — O Governo guatemalteco recusou-se a noite passada redondamente a pagar 700 mil dólares e a libertar 25 presos políticos exigidos pelas Forças Armadas Rebeldes (F.A.R.) como resgate do embaixador alemão ocidental raptado, Karl von Spreti.

Um boletim oficial do Ministério da Defesa dizia que o Governo revelara que a F.A.R. tinha aumentado as suas exigências de forma a incluir mais oito presos políticos e um resgate em dinheiro.

A organização exigira originalmente a libertação de 17 presos em troca do embaixador, raptado na terça-feira passada.

O boletim afirmava que a F.A.R. tinha dado ao Governo o prazo até às 15 horas (21 T.M.G.) de hoje para pagar o dinheiro em notas não marcadas de 100, 50, 10 e 5 quetzals. Um quetzal é equivalente a um dólar norte-americano.

A F.A.R. especificou que os 25 presos teriam de ser conduzidos para a Embaixada mexicana por «um alto funcionário eclesiástico» antes daquele prazo.

O boletim do Ministério da Defesa declarava que o Governo tinha sempre acolhido razoàvelmente as condições impostas pelos raptores, «mas recusamo-nos redondamente a fazer esta transacção ofensiva contra o institucionalismo do país e decretamos um estado de excepção em todo o território nacional, de forma a que possamos tomar medidas ditadas pelas circunstâncias».

Isso era uma referência às medidas de emergência impostas durante a noite, que entrega o Poder durante 30 dias às autoridades militares.

A decisão do Ministério da Defesa de rejeitar as exigências dos raptores é o acontecimento mais sério em todos os casos semelhantes que têm ocorrido na Guatemala durante os últimos anos.

Nas ocasiões anteriores, as exigências de resgate foram sempre aceites.

Observadores políticos desta capital afirmaram que a vida do embaixador, de 62 anos, pendia agora da balança. Notaram que o duro movimento rebelde executou no passado o embaixador americano John Gordon Mein e dois adidos da Embaixada.

Com o boletim, o Ministério da Defesa emitiu um decreto de emergência proibindo a Imprensa nacional de publicar qualquer informação sobre o rapto ou de discutir as consequências da atitude do Governo.

Entretanto, funcionários alemães ocidentais, preocupados acerca da sorte do seu embaixador, reuniram-se no edifício da missão.

Um funcionário da Embaixada disse que fora recebida uma informação dos rebeldes dizendo que tinham um médico a cuidar do conde von Spreti, que é doente e sofre de deficiência cardíaca.

DIA MUNDIAL DA SAÚDE

GENEBRA, 4. — (F. P.) — É a luta contra o cancro que a Organização Mundial de Saúde (O. M. S.) decidiu dedicar em 7 do corrente o «Dia Mundial de Saude», cujo tema será «para salvar vidas, descobrir o cancro a tempo».

Na mensagem alusiva a esta celebração, o director-geral da O. M. S., dr. Marcelio Candau, declara: «Embora o conjunto dos meios de luta contra as diferentes espécies de cancro tenha registado acentuado desenvolvimento desde há alguns anos, os consideráveis meios de que dispomos nem sempre são plenamente aproveitados». E acrescenta: «Em consquência de concepções erróneas, por ignorância e ainda por recusa em ver o problema de frente, muitas pessoas que se julgam com cancro não vão consultar o médico logo que podem».

A mensagem conclui: «Se o Dia Mundial da Saúde contribuisse para melhor informar o público do que realmente é o cancro e dos meios de luta que estão actualmente à nossa disposição, muitos sofrimentos inúteis seriam evitados e numerosas vidas humanas poderiam ser salvas».

TAILÂNDIA—UM REINO SEM CONTESTAÇÃO

(Continuação da 3.ª página)

opinião, que haveria americanos *«que dessem a sua vida, se necessário, para defender o actual Governo de Banguecoque» (1).*

Continuaremos a ser *«aquela parte do bambú que verga sob o vento»*, lembrava recentemente o príncipe Rem Pramoj, chefe do partido democrático. No século XIX, a diplomacia tailandesa teve que recorrer a toda a sua habilidade para jogar os franceses contra os ingleses, e arranjar bastantes amizades de ambos os lados, a fim de preservar a sua independência. Em 1945 com o mesmo êxito, conseguiu passar, sem demasiados solavancos, da aliança militar com o Japão para a entente com as potências aliadas vencedoras.

Houve quem visse, ou fulgasse ver alianças onde havia apenas arranjos. Quando se manifestaram os primeiros desentendimentos com os E. U. A., no ano passado, certos observadores julgaram poder concluir pelo fim de uma *«lua-de-mel»* curiosamente subsequente a um *«casamento por interesse»*. *«Para eles* — disse um dia P. Schweisguth, autor de um estudo sobre a literatura tailandesa — *o paraíso e o inferno situar-se-iam na terra e mais entre os homens que em qualquer outro ponto»*. A «élite» que se situa no topo desta sociedade conservadora, preferia topicamente o espírito do pacto de Manila ao da Conferência de Bandoung.

De qualquer maneira, o espírito de Bandoung falhou, e, neste imediato que tanto conta, o vento mais forte sopra do Ocidente. Mais valia, então, como diz um provérbio local, as costas de um tigre conhecido que as de um crocodilo desconhecido. Porquê falar de lua-de-mel entre uma potência mundial no auge do seu poder e um pequeno reino tradicionalista e cioso da sua independência.

Embora desejem vivamente o êxito americano no Vietnam eles não apostariam mais nesta hipótese que na sua contrária. Estava o Vietnam, afinal de contas, assim tão próximo do seu horizonte? Em compensação, querem evitar que o fim da aventura americana se traduza por uma retirada precipitada, sobretudo neste momento em que a guerra se endurece no Laos, em que a guerrilha local continua a mostrar-se activa e em que a economia precisa ainda de ser apoiada. Que o vento mude, seja! Mas, acrescentava o príncipe Seni Pramoi, é de esperar para o seu país, que no futuro *«nenhuma tempestade seja violenta a ponto de vencer a sua capacidade de vergar»*.

(1) Cit. por Louis Lomax, no seu livro: *Thailand: The war that is, the war that will be*, Random House, 1967.

PRÓXIMO ARTIGO

«A REVOLUÇÃO, MAS PARA QUANDO?»

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

HOMENAGEADO EM ITÁLIA O DR. AZEREDO PERDIGÃO

ROMA, 4 — (E.) — O dr. José de Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, que se encontra em Roma, em viagem para Veneza, a convite do presidente da Fundação Giorgio Cini, onde se realiza importante reunião do «Groupement Interculturel d'Information et de Coordination pour les Spectacles et les Concerts», em que participará a dr.ª Maria Madalena de Azeredo Perdigão, foi homenageado com um jantar oferecido pelo embaixador secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália.

Assistiram altas individualidades do mundo oficial da diplomacia e das artes, a embaixatriz de Itália em Lisboa, o encarregado de Negócios da Embaixada de Portugal em Roma, etc.

Ontem, o conde Vittorio Cini, presidente da Fundação Giorgio Cini, ofereceu um almoço em honra do presidente da Fundação Gulbenkian e da senhora de Azeredo Perdigão, a que assistiram, entre outras individualidades, o director-geral dos Assuntos Culturais, os directores do Instituto de Investigação Científica e do Instituto Latino-Americano, a embaixatriz Ceruli-Ireli, os duques de Caffarelli e outras altas individualidades

O PARECER DA CÂMARA CORPORATIVA SOBRE A PROPOSTA DE LEI DE PROTECÇÃO À NATUREZA

Segundo se afirma no parecer da Câmara Corporativa, a proposta de lei enviada á Assembleia Nacional sob a designação de «Protecção da Natureza e dos seus recursos» corresponde a uma necessidade nacional, e, também, como no seu preâmbulo se acentua, a um apelo do Conselho da Europa, que celebra, em 1970, o ano europeu da conservação da Natureza. Pretende-se adoptar conceitos da União Internacional para a Conservação da Natureza, iniciando-se um conjunto de medidas de que os parques nacionais fazem parte, como acção prioritária.

A Câmara interpreta a proposta de lei do Governo como justificada adesão a um movimento de alarme perante riscos de destruição dos recursos naturais, o que obriga a estabelecer a cooperação internacional indispensável para defesa dos territórios e dos mares. Este alarme representa uma tomada de consciência perante factos muitos antigos de relações entre o homem e a ecologia, factos que assumem agora maior intensidade e evidência, não só em resultado do acréscimo demográfico, como também do efeito de novas técnicas que atribuem a toda a humanidade maior poder de transformação geográfica.

No parecer da Câmara, de que é relator o eng.º Castro Caldas, afirma-se mais adiante:

«No conjunto dos países europeus somos, no continente e ilhas, o único país que ainda não criou um parque nacional ou uma reserva análoga E, no entanto, e como se referiu, quando o projecto de arborização do perímetro florestal do Gerês foi apresentado em 1939, os serviços florestais propuseram a criação de um parque nacional naquela região do Noroeste português. Decorreram trinta e um anos e a Câmara Corporativa entende que essa oportunidade não está perdida, embora nesse intervalo muitos valores se destruíssem nessa maravilhosa região Vai perder-se, por exemplo, Vilarinho das Furnas, a preciosa «aldeia comunitária» monografada em 1948 por Jorge Dias, que breve ficará sepultada pelo regolfo de uma barragem. É pena que não se tenha podido encontrar uma solução para preservar sob a forma de monumento ou museu, um legado de séculos que nunca se reconstituirá

Existem ainda algumas áreas onde será possível a salvaguarda de valores existentes, particularmente nas regiões de montanha submetidas agora a intenso êxodo rural. Contudo, nos casos em que haja necessidade de considerar desde já, noutros locais, a defesa contra a impensada acção humana, podem estabelecer-se reservas naturais prevendo que no futuro possam ser o nucleo de novos parques nacionais

Há possibilidades de constituir, de acordo com princípios civilizados e civilizadores, toda uma gama de reservas específicas capazes de abrangerem diferentes ramos da ciência interessados: reservas geológicas, botânicas e zoológicas, bem como reservas especiais para protecção de espécies raras ou em risco de extinção. Será possível ainda conceber diversos tipos de reservas, denominadas «parques naturais» ou «parques rgionais», visando todos eles uma mesma finalidade: a salvaguarda do meio natural e a melhor utilização dos tempos livres para nacionais e estrangeiros.»

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Aven. da Liberdade, 24—Lisboa 2—Portugal
Apartado N.º 2881

C.A.L.

Telefone 361353 (P. P. C. — 7 linhas)
Endereço telegráfico — Águas — Lisboa

EMISSÃO DE 60000 OBRIGAÇÕES
(2.ª Fase)

COM AVAL DO ESTADO

VALOR NOMINAL DE CADA OBRIGAÇÃO	Esc. 1000$00
PREÇO DE SUBSCRIÇÃO	Esc. 1000$00
VANTAGENS FISCAIS	Redução de 50% do Imposto de Capitais e isenção total do Imposto Complementar.
TAXA DE JURO LÍQUIDO	Cerca de 5 1/2 %
AMORTIZAÇÃO, AO PAR, POR SORTEIO	Verificando-se a primeira amortização em 15 de Novembro de 1975 e a última em 15 de Maio de 1985.
DATA DE PAGAMENTO DOS JUROS	Semestralmente, em 15 de Maio e em 15 de Novembro, sendo o valor do primeiro cupão acrescido dos juros correspondentes ao período que decorre entre a subscrição e o dia 15 de Novembro de 1970.

TAXA DE JURO 6%

A subscrição, sujeita a rateio, está aberta de 30 de Março a 4 de Abril, nos seguintes Estabelecimentos Bancários que tomarão firme a emissão:

— Caixa Geral de Depósitos
— Banco Agrícola e Industrial Visiense
— Banco da Agricultura
— Banco do Alentejo
— Banco de Angola
— Banco Borges & Irmão
— Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
— Banco de Fomento Nacional
— Banco Fonsecas & Burnay
— Banco Nacional Ultramarino
— Banco Pinto & Sotto Mayor
— Banco Português do Atlântico
— Banco Totta & Açores
— Bank of London & South America e C. G. Crédito Predial Português
— Crédit Franco Portugais
— Almeida, Basto & Piombino & C.ie
— Augustine Reis & C.ª
— Pancada, Moraes & C.ie

TERMINOU O CONGRESSO PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS

Terminaram, esta manhã, os trabalhos do XXIX Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, iniciado em 31 do mês passado, contando com a participação de cerca de 250 especialistas portugueses e espanhóis. Hoje, além das comunicações livres de Medicina, efectuaram-se colóquios sobre restauro de obras de arte, computadores, Química Estrutural, Geologia Económica e Ultraestrutura Celular, nomeadamente. Neles foram apresentadas diversas comunicações.

Um dos colóquios que se revestiu de maior interesse, durante este XXIX Congresso, foi o que versou o tema do «Intersexo Humano», dirigido pelo prof. Amandio Tavares. O prof. Jorge Dias orientou trabalhos sobre a «Herança Social Peninsular Perante o Desenvolvimento Técnico e Industrial». As respectivas conclusões referem, nomeadamente, que o que resta do passado deve ser conservado em museus nacionais e regionais e convenientemente estudado, mas nunca tomado como objecto de utilidade prática. Os povos mais evoluídos, por outro lado, são aqueles que mais contactos mantêm entre si — os que se isolam atrasam-se. A província portuguesa manteve-se até ao século XX isolada de grande número dos progressos da técnica. Com a primeira conflagração mundial, porém, deu-se o primeiro passo no sentido da mudança e, depois da segunda, começou a acentuar-se um movimento de transformação da herança social, que se tornou ainda mais nítida a partir de 1960, com a emigração em massa.

O «NOITE E DIA» TEM SEIS ANOS

A administração do «self-service», «snack-bar» «Noite e Dia», em comemoração do sexto aniversário da abertura ao público, oferece, amanhã, aos seus 130 colaboradores, um almoço, durante o qual terá oportunidade de salientar e agradecer o zelo e o espírito de equipa reinantes entre o pessoal e que têm tornado possível manter em constante progresso o «Noite e Dia».

Da parte da manhã, com início ás 10 e 30, o Centro do Pessoal do «Noite e Dia» leva a efeito um encontro amigável de futebol, entre os seus sócios, para disputa da taça «6.º Aniversário», no Campo do Palmense.

PIANOLA
AUTO-RÁDIO DE TÉCNICA AVANÇADA
REPRESENTANTE EXCLUSIVO
STAND ASLA — PORTO

Futuros agrónomos dizem não ao estágio e ao relatório

(Continuação da 1.ª página)

do estágio e relatório final do mesmo. Na primeira reunião havia sido decidido alterar a proposta anteriormente apresentada ao Conselho Escolar, a qual preconizava a delimitação precisa do período de estágio, licenciando-se o aluno após a entrega do relatório. A par disso fora também decidido iniciar contactos directos com o ministro da Educação Nacional. A nova proposta, anteontem ratificada pelos presentes — cerca de uma centena — pede a abolição pura e simples do estágio e, portanto, do seu relatório final.

Ficou decidido por unanimidade apresentar ao Conselho Escolar a nova proposta antes do dia 7 deste mês — data em que, segundo informação da comissão de estagiários, reunirá o Conselho. Paralelamente, será pedida uma audiência ao ministro da Educação. Nessa audiência os estagiários pretendem entregar o memorando e a sua proposta de abolição do estágio.

— *Dantes os alunos apoiavam-se nos professores para fazerem as suas reivindicações junto do Ministério. Agora, verifica-se — comparando o documento do Conselho Escolar quanto á reforma do Instituto enviada á Direcção-Geral do Ensino Superior e de Belas-Artes com o ultimo discurso do proj. Veiga Simão — que as propostas do ministro são mais avançadas* — afirmou um dos presentes em defesa das diligências a efectuar junto do ministro da Educação. Esse aluno subscrinhou, no entanto, que «*a Associação Académica é o organismo representativo dos estudantes e só a ela compete definir a política estudantil quanto á reforma global do ensino.*»

A mesa que presidiu á reunião de anteontem no Instituto Superior de Agronomia

O ultimo ponto da ordem dos trabalhos foi preenchido com a eleição de uma nova comissão de estagiários, integrando já os que terminaram o curso em 1969.

A reunião terminou com a aprovação unanime de uma moção de apoio aos alunos dos primeiro e segundo anos «pela acção pedagógica que vêm desenvolvendo». Foi ainda aprovada outra moção de louvor á Imprensa pelo relato que fez da primeira sessão dos trabalhos, o que teria levado — segundo informação prestada pela comissão de estagiários — o Conselho a finalmente reunir para apreciar a proposta.

O memorando apresentado ao Conselho Escolar e a apresentar ao ministro é um longo documento objectivo que serve de fundamento á proposta de alteração do regime de estágio. As suas 13 conclusões são as seguintes:

1 — Que a legislação em vigor parecendo querer indicar que o estágio final dos cursos de Agronomia e Silvicultura deveria ter a duração de 12 meses contém na letra o suficiente para o estágio não ter, na prática, tempo, limitado;

2 — Que a existência de um acto final, em que o trabalho escrito, elaborado pelo estagiário, é discutido e classificado tendo a nota assim obtida um valor semelhante ao de cada um dos 5 anos normais de frequência do curso, na formação da média final de licenciatura, contribuiu decisivamente para o facto de sucessivamente os estágios se tornarem mais longos e do trabalho neles feito se tornar mais complexo;

3 — Que não compete aos estagiários dos cursos de Agronomia e Silvicultura, porque para tal não lhes dá a escola preparação suficiente, o fazer trabalhos de investigação, e que o facto de actualmente se fazerem, além de lhes trazer inúmeras dificuldades pessoais, ilude doentiamente nalguns espíritos a falta existente em Portugal de uma investigação científica, com bases sólidas, á altura das necessidades futuras do País;

4 — Que o modo deficiente como os estagiários são forçados a fazer investigação os vicia em métodos já hoje reconhecidamente ultrapassados, e lhestira produtividade ao seu esforço, em virtude dos e lhes tira produtividade conclusões que assim conseguem obter;

5 — Que a investigação científica é algo de valor incalculável, que no estado actual de desenvolvimento das ciências e das técnicas não pode ser confundida com trabalhos feitos contra-relógio; que quando feita por homens competentes e integrada nas necessidades do País, tem rentabilidade segura, não se justificando, portanto, que os estagiários sejam olhados como um meio economicamente barato de a fazer;

6 — Que dos estagiários matriculados entre 1960 e 1967, 38 % ainda não apresentaram o respectivo relatório final;

7 — Que da duração dos relatórios finais entregues entre 1960 e 1968 (266) se conclui terem estes a duração média de 41 meses, sendo a respectiva mediana de 29 meses;

8 — Que 44 % dos técnicos que apresentaram o seu relatório final, entre 1960 e 1968, mudaram completamente de sector de actividade na vida profissional, com todo o desperdício de tempo e preparação que isso representa;

9 — Que o actual período de duração dos estágios traz ao estagiário, face á deficiente remuneração que recebe, compreensíveis dificuldades económicas;

10 — Que a Escola não garante ao estagiário um estágio remunerado no assunto em que este tenha interesse em trabalhar (ou mesmo em qualquer outro), sendo de inteira responsabilidade e risco do estagiário o trabalho de o procurar;

11 — Que a actual lei de recrutamento militar e o actual regime de estágios forçam os muitos dos recém-formados a fazerem o serviço militar antes do estágio, com todas as consequências de por vários anos interromperem a sequência dos seus estudos;

12 — Que a Escola não garante através do seu Corpo Docente o indispensável apoio e acompanhamento dos estagiários, durante o estágio, de molde a lhes evitar muitas das dificuldades com que actualmente deparam, não se cumprindo assim o estipulado no Regulamento dos Estágios (art.os 3.º e 4.º);

13 — Que o regime de estágios de licenciatura do Instituto Superior de Agronomia é distinto dos que vigoram em quase todas as escolas da Universidade Técnica, só sendo idêntico ao do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, e sendo, dentre todos o mais altamente criticável.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Da Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio de Lisboa

A assembleia geral da Associação de Socorros Mutuos de Empregados no Comércio de Lisboa, reunida extraordináriamente, aprovou o relatório e contas da gerência no exercício de 1969.

Numeros constantes dos mapas anexos ao relatório dão ideia da actividade desenvolvida no ano findo pela instituição a favor dos associados e familiares: internados, 1344; partos, 611; operações na sala própria, 235; nos dispensários, 514; consultas na Policlínica, 14 827 434$50 e a sdespesas 8365.

Da Casa de Moçambique

Sob a presidência do sr. Simão Joaquim Xavier Valente, secretariado pelos srs dr. Raimundo Brites Moita e professor Ludgero Alves, reuniu-se a assembleia geral ordinária da Casa de Moçambique que aprovou, por unanimidade o relatório e contas da direcção respeitantes ao ano de 1969.

Da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses

Realizou-se sob a presidência do sr Acursio Pereira a assembleia geral extraordinária da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais, convocada para discussão e votação do projecto de reforma dos seus estatutos.

Ao abrir a sessão, usou da palavra, em nome da comissão que elaborou o projecto, o dr. Luís de Oliveira Guimarães, que expôs as razões das alterações introduzidas nos estatutos em vigor, determinadas em grande parte, por transformações profundas que se produziram, nos ultimos tempos, nos domínios afectos áquela colectividade e aos interesses e direitos dos seus sócios. E deu esclarecimentos acerca das principais alterações propostas.

Depois de vários oradores terem usado da palavra, o projecto de reforma dos estatutos foi aprovado na generalidade.

Entrou-se, depois, na discussão na especialidade em que intervieram, entre outros oradores, os srs. dr. Luís Francisco Rebelo, João Nobre, César de Oliveira, Frederico de Brito, Miguel Franco, Cristiano Lima e Joly Braga Santos. Foram aprovados vários artigos, alguns deles com alterações.

Devido ao adiantado da hora, o presidente suspendeu os trabalhos, que prosseguirão no dia 6, ás 21 horas.

MENOR DESAPARECIDA

Quando ontem de manhã, cerca das 9 horas, saiu de casa para se dirigir ao posto da Telescola que frequenta, existente na Travessa da Queimada, desapareceu Fátima Maria Rocha Correia, de 12 anos. A família pede a quem possa dar qualquer informação do seu paradeiro o favor de a comunicar para a Rua Diário de Notícias, 44-1.º, Dt.º. O desaparecimento foi comunicado ás autoridades.

DINERS CLUB PORTUGUÊS
em colaboração com o
BANCO DO ALENTEJO
Um crédito sempre aberto para todas as suas despesas

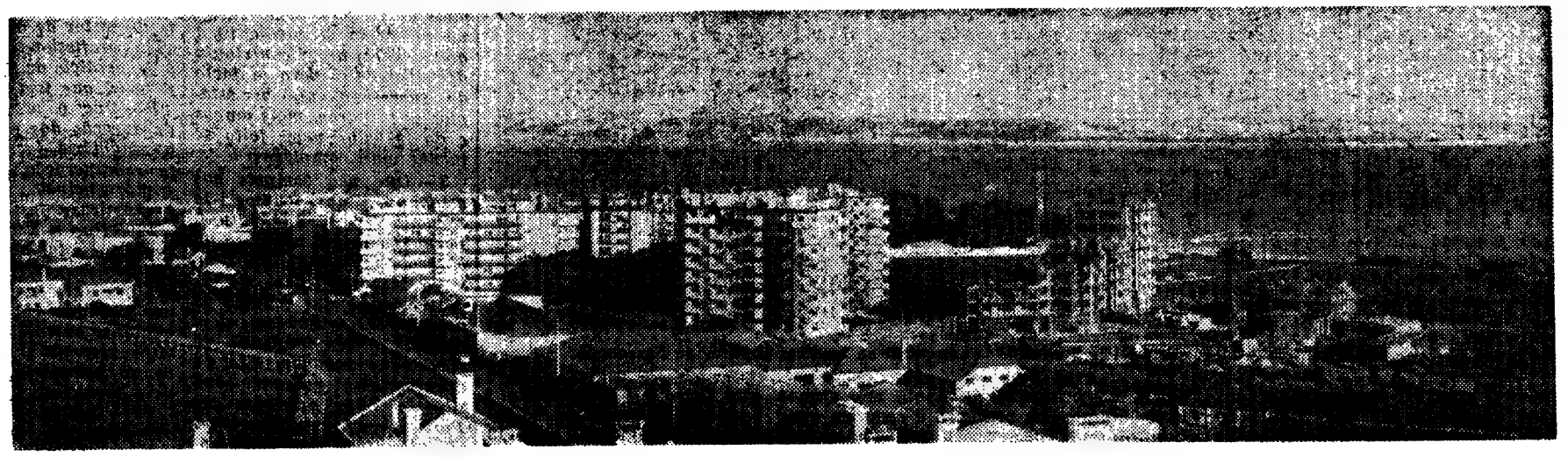
INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS
Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10
INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS
ABERTURA DE NOVOS CURSOS

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
Está interessada em admitir para o seu Centro Computorizado de Comunicações:
ENGENHEIROS ELECTROTÉCNICOS
que reunam os seguintes requisitos:
— especialidade correntes fracas
— bons conhecimentos de inglês
— conhecimentos básicos de programação | preferência
— recém-formado | preferência
— nacionalidade portuguesa | preferência
— serviço militar cumprido ou dele isento | preferência
— menos de 36 anos de idade | preferência
oferece:
— bom ambiente de trabalho
— valorização profissional
— contacto com novas técnicas
— vencimento inicial compatível com as condições exigidas
— benefícios sociais
— salários diferidos
Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.
Inscrições no Serviço do Pessoal, até ao dia 15 do corrente — Rua do Conde de Redondo, 79, LISBOA.

se vai viajar
leve o seu automóvel !!!
Normandy Ferries
Próximas viagens do «LEOPARD»
Para SOUTHAMPTON e HAVRE:
15 e 26 de Abril e 7 de Maio
Para CASABLANCA:
12 e 23 de Abril e 4 de Maio
MINI-VIAGENS A CASABLANCA
Preços desde 1.615$00

Consulte o seu Agente de Viagens ou:
E. PINTO BASTO & Cª L.da
Praça Duque da Terceira, 30 Telefone 36151 01 - LISBOA

Em Paço de Arcos encontra a sua solução



2000 PROPRIEDADES PARA VENDA EM CONSTRUÇÃO

Apenas a 100 metros da praia e próximo da estação de caminho de ferro

J. Pimenta, S.A.R.L., oferece-lhe a possibilidade de multiplicar as suas economias ou a felicidade de viver num ambiente confortável

NOTA: As propriedades que vendemos são inteiramente construídas pela nossa organização com materiais de primeira qualidade por pessoal especializado ao nosso serviço. Os caixilhos das janelas são de alumínio anodizado, de grande duração, e as paredes interiores revestidas de papel lavável.

NA NOSSA DELEGAÇÃO EM LISBOA Pr. Marquês de Pombal, 15

– **Apartamentos Mobilados** em exposição, para habitação própria ou para rendimento

– **Artesanato e Mobiliário** em venda directa, com grande variedade, bem como utensílios para o lar.

– **Materiais de Construção** do mais pequeno parafuso à maior banheira passando por tintas, ferragens, ferramentas, conjuntos de loiças sanitárias, artigos de decoração, etc.

– **Azulejos** nacionais e estrangeiros, destacando-se lindos padrões de azulejos japoneses de invulgar qualidade e os da nossa fábrica Nova Cerâmica da Madalena, Lda.

J. PIMENTA, S. A. R. L.

INFORMAÇÕES E APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO: Praça Marquês de Pombal, n.º 15-1.º — Telefones 45843 e 47843 * QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021-22 * AMADORA-REBOLEIRA — Telefone 933670 * PAÇO DE ARCOS (Espargal) — Telefone 243351-1

ABRANGE 30 000 PROFISSIONAIS DE LISBOA E DO FUNCHAL O NOVO CONTRATO DE TRABALHO PARA AS INDÚSTRIAS DE VESTUÁRIO

Foi homologado, hoje, no Ministério das Corporações e Previdência Social, pelo secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto, o novo Contrato Colectivo de Trabalho para os industriais do vestuário, que abrange cerca de 30 000 profissionais dos distritos de Lisboa e Funchal, integrados na indústria de confecção por medida de alfaiataria, de modistas e costureiras do vestuário de senhora, de chapéus, bordados, confecções em «tricot» e «crochet» manual, peles de abafo e ainda as de fabrico em série de vestuário exterior e interior. Os aspectos mais salientes da nova regulamentação de trabalho são as de uma completa definição de categorias profissionais, a regulamentação de aprendizagem, normas sobre o trabalho domiciliário, o regime de semana inglesa, subsídio de férias, normas para a remuneração de melhor produtividade, a constituição de serviços sociais e, ainda, a criação de uma escola de formação profissional.

No aspecto salarial, a nova convenção representa uma notável melhoria de remunerações mínimas para os trabalhadores por ela abrangidos, sendo de salientar a preocupação de proporcionalidade em relação ao aumento do custo de vida. Para este efeito, o dr. Silva Pinto presidiu a uma reunião de trabalho em que estiveram presentes os membros das direcções do Grémio Regional de Industria de Vestuário do Sul e dos Sindicatos Nacionais das Costureiras do Distrito de Lisboa, dos Profissionais de Alfaiate do Distrito de Lisboa e dos Profissionais de Alfaiataria e Costureiras do Distrito do Funchal. Nesta reunião participaram, também, o dr. José Carlos Ferreira, director-geral do Trabalho; dr. Sá Viana Rebello, presidente da Corporação da Industria; dr. Almeida Lima e Mário Marchante, respectivamente chefe e assistente dos Serviços de Acção Social; e, em representação do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, o dr. José Troni e a dr.ª D. Maria Luísa Carrondo.

Após o acto de homologação os representantes gremiais e sindicais apresentaram cumprimentos ao titular da pasta das Corporações e Previdência Social e da Assistência, dr Rebello de Sousa.

Na ocasião, usaram da palavra o dr. Silva Pinto, o sr Manuel Gomes da Silva, presidente do Grémio Regional da Industria de Vestuário do Sul; sr.ª D. Aurora Pires Peixoto, presidente do Sindicato das Costureiras do Distrito de Lisboa, e, por último, o dr. Baltasar Rebello de Sousa, que, a dada altura, e depois de se congratular com a assinatura do novo contrato colectivo de trabalho, se regozijou por um entendimento fecundo, única via para uma paz, que afirmou não ser podre, mas, sim, dinâmica, conjugação da vivência autêntica dos diversos sectores e do País, fora da agitação demagógica, que — afirmou — outros factores comandam e não os dos interesses individuais e gerais á luz do respeito e da dignificação do Homem e do Trabalho.

O cofre era portátil... de mais

Numa oficina pertencente ao industrial sr. Antero Pereira Dias, na Rua José do Patrocínio, 8-A, fazia a guarda nocturna o sr. Adelino da Silva. É a altura de dizer que quem guarda, guarda de alguém e guarda o que pode. Ora o sr. Adelino da Silva agredido por alguém não pôde guardar. Todavia o destino é irónico e sorriu desta lógica. É que o assaltante roubou um cofre (que é sinal de tesouros) mas quem rouba por sinais arrisca-se a não roubar nada. O esforçado assaltante foi recompensado com 58 escudos—que outro conteúdo de maior valia não havia lá dentro.

Um telhado de alumínio desviava os aviões para a estrada

BEIRA (Moçambique), 4 — (R.) — Pilotos que faziam a aproximação do aeroporto desta cidade, admiravam-se com as indicações para aterragem que lhes eram transmitidas pela torre de «contrôle». Se as seguissem rigorosamente, teriam aterrado na estrada principal e não na pista.

Investigações posteriores realizadas por técnicos do aeroporto revelaram que a cobertura de alumínio de um edifício próximo causava um desvio de 12 graus nos sinais. Em consequência disso, os proprietários do edifício concordaram em substituir o alumínio por outro metal.

SUPREMO TRIBUNAL

O sr. desembargador Manuel José de Carvalho Fernandes Costa, servindo na Relação de Coimbra, foi nomeado conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

COM OUTRO NOME

António Gedeão deu uma aula aos seus alunos de há 25 anos

Cerca de três dezenas de «jovens» que concluiram o curso no Liceu Camões em 1945 comemoraram hoje o 25.º aniversário daquela data.

O programa foi iniciado com missa por alma dos colegas e professores falecidos, ás 9 e 30, na igreja de São João de Deus. Seguiu-se a apresentação de cumprimentos ao actual reitor do Liceu Camões, dr. Sérvulo Correia, que aproveitou a oportunidade para algumas considerações sobre a evolução verificada no ensino, a partir de 1945.

Os trinta «jovens» assistiram, depois, a uma aula-colóquio do dr. Rómulo de Carvalho (em poesia António Gedeão) que, na altura, era professor no Liceu Camões e actualmente é professor metodologo no Liceu Pedro Nunes. O dr Rómulo de Carvalho falou sobre alguns problemas do ensino em Portugal.

Após o almoço, servido na cantina, realizou-se uma visita ás instalações do Liceu.

As comemorações terminaram com um jantar de confraternização na Quinta de São Vicente.

Entre os «jovens» que terminaram o curso liceal em 1945, no Liceu Camões, contam-se o actor Rogério Paulo, o Eng.º Abreu Rocha e os drs. Fernando Magalhães Colaço, Santos Vicente e Cunha Ferreira, além de outros.

O CHEFE DO ESTADO VISITOU O PAQUETE «QUEEN ELIZABETH-2»

O sr. Presidente da República, acompanhado de sua filha, sr.ª D. Maria Natália Tomás, e de outras individualidades, visitou demoradamente, hoje de manhã, o paquete inglês «Queen Elizabeth-2», que atracou na estação marítima da Rocha do Conde de Óbidos, numa passagem rápida por Lisboa rumo ao Havre e Southampton. O vice-presidente do Conselho de Administração da «Cumard Line» e o presidente da Sociedade Comercial Garland, Laidley, respectivamente Lord Manoroft e Peter Dawson, suas esposas e acompanharam na visita ao navio.

Num dos bares do luxuoso paquete foi oferecido um beberete aos visitantes. O «Queen Elizabeth», que transporta cerca de 700 passageiros numa viagem de recreio, deixa hoje mesmo Lisboa, cerca das 20 horas, o comandante da importante e moderna unidade da Marinha Mercante inglesa apresentaram cumprimentos de boas-vindas ao Chefe de Estado e comitiva, a quem

MIL E CEM PARTICIPANTES NO CONGRESSO EUROPEU I.B.M. QUE SE REALIZARÁ NO ESTORIL

Embora em Portugal haja apenas cerca de uma centena de computadores, é no Estoril que se vai realizar, nas segunda e terça-feira próximas, um congresso que reunirá 1100 dos mais importantes funcionários, representantes de 24 países do Ocidente europeu e ainda da Jugoslávia e da Hungria, onde, em conjunto, operam 40 mil computadores.

Durante as sessões do congresso, a efectuar no Casino Estoril, serão analisadas questões relacionadas com o tratamento automático da palavra — um sector do tratamento automático de informação.

Numa conferência de Imprensa realizada esta manhã, no Estoril, os srs. Dunkell administrador-delegado da IEM e Morais Sarmento, director comercial no nosso País, referiram-se suscintamente ao congresso, tendo o segundo comentado diapositivos e um filme sobre o tema a discutir.

O sr Morais Sarmento começou por afirmar que «*algo de novo surgirá dentro de muito pouco tempo*» no campo do tratamento automático da palavra, e forneceu, ilustrados com «slides», esclarecedores elementos sobre a evolução do trabalho de escritório.

Assim, enquanto no princípio da década passada, por cada 200 operários havia, em média, na Europa, apenas um empregado administrativo, em 1970 a média é de cinco por um, prevendo-se que, dentro de cinco anos, haja tantos empregados de escritório como operários.

Para dar uma ideia da importancia do emprego de métodos actualizados de trabalho, o sr. Morais Sarmento disse ainda que, por exemplo, um automóvel que em 1930 podia ser vendido por 1500 libras (100 contos), custaria actualmente, fabricado pelos mesmos processos, dez vezes mais: cerca de 15 mil libras (mil contos)...

Por fim foi passado um filme sobre o jornal italiano «Messaggero Veneto», de Udine, que utiliza os mais evoluídos processos de composição através da utilização de material IBM.

Os trabalhos do congresso serão encerrados ao meio-dia de terça-feira, realizando-se, á noite, um banquete em que actuará Amália Rodrigues.

PRESO POR BURLA O GERENTE DA EMPRESA PREDIAL NORTENHA

PORTO, 4 — Preso, nesta cidade, está agora, na cadeia civil o sr. Álvaro de Almeida Melo, de 53 anos, gerente da Empresa Predial Nortenha, Lda., com sede na Praça de D. João I. É acusado de burla.

Foi preso pelo oficial de diligências do 4.º juízo correccional, pois, caucionado por aquele tribunal, em cem contos, que não depositou e foi motivada pelo facto de, em 12 de Fevereiro último, haver passado, em nome daquela empresa, um cheque, sem cobertura, no montante de 62 652$80, ao sr. Custódio Pereira da Costa, de Vilela, Meixedo (Viana do Castelo).

Entretanto, também o processo de negociações, transacções e escrituração lícita da mesma empresa corre os seus trâmites legais. Esse processo foi noticiado por via de nota de entidades oficiais.

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	25/3/70	3/4/70	Desvio %
GERAL	163,5	158,4	—3,1
METROPOLITANAS	152,8	148,5	—2,8
Bancárias	274,1	264,7	—3,4
Eléctricas	100,7	98,2	—2,5
Industriais	134,6	132,8	—1,3
Diversas	162,5	154,7	—4,8
ULTRAMARINAS	242,0	231,3	—4,4
Angolanas	251,2	240,6	—4,2
Moçambicanas	136,0	124,2	—8,7

«Fernão Magalhães» — novo Boeing 707 da Tap benzido esta manhã

A TAP tem ao seu serviço, a partir de hoje, a sétima unidade de longo curso (Boeing 707), que ficou a chamar-se «Fernão de Magalhães» e que esta manhã foi benzido pelo arcebispo de Mitilene, no decorrer de uma cerimónia em que usaram da palavra o ministro das Obras Publicas e Comunicações e o eng.º Vaz Pinto, e a que estiveram presentes ainda outras individualidades.

Depois de o arcebispo de Mitilene ter procedido á bênção do novo aparelho da TAP, a sr.ª D. Maria do Rosário Amaral Sanches, esposa do ministro das Obras Publicas e Comunicações, e que foi madrinha do «Fernão de Magalhães», removeu o painel que cobria o nome do navegador no «Boeing 707».

Falou, em seguida, o presidente do Conselho de Administração da TAP que se referiu ao significado deste novo aumento da frota, e sobretudo teceu considerações de ordem histórica sobre Fernão de Magalhães e a sua viagem. Por ultimo, usou da palavra o ministro Rui Sanches, que aludiu também á importancia de mais esta unidade da TAP para as comunicações aéreas com Portugal.

Estiveram presentes ao acto, entre outras individualidades, os secretários de Estado da Aeronáutica e das Comunicações e Transportes, o almirante Monteiro de Barros, em representação do ministro da Marinha os embaixadores da Argentina e do Chile e o encarregado de Negócios das Filipinas, os vice-presidentes das Câmaras de Lisboa e do Porto, etc. O «Fernão Magalhães» seguiu depois, em viagem inaugural, com os convidados e jornalistas, para o Porto, onde há um almoço oferecido pela TAP, regressando a meio da tarde.

Aumento de preços nas barbearias do Porto

PORTO, 4. — A partir de depois de amanhã, as barbearias do Porto e das sedes dos concelhos de Gaia e de Matosinhos, passam a cumprir o determinado em novas tabelas de preços.

Assim o corte de cabelo e barba será de 24$00 e 21$00, respectivamente, nas barbearias de 1.ª e 2.ª classe; só cabelo, 17$50 e 15$00; barba, 6$50 e 6$00; Barba á tesoura, 17$50 e 15$00; corte á navalha, 40$00 e 35$00; lavagem de cabeça, 10$00; penteado incluindo lavagem, 17$50 e 15$00.

Como causa principal da crise que se apontava para esta industria, indica-se a moda dos cabelos compridos, mas talvez com o aumento de preços aumente o numero de «guedelhudos».

Mudarão os horários também, pois á tarde as barbearias abrirão ás 16 horas, com excepção dos sábados e feriados em que será ás 15. Todas as barbearias passarão a ter á sua frente um técnico responsável, com exame que o habilite a tal.

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

APARECEU O PEQUENO CADÁVER
(JUNTO DE UM MOINHO ABANDONADO)
DA CRIANÇA DESENTERRADA NO CEMITÉRIO DE SOBRADO

PORTO, 4. — Esta manhã, pouco depois das 10 horas, um pequenito que brincava próximo de um moinho abandonado, junto ao rio Ferreira, a uns 500 metros do cemitério do lugar de Sobrado (Valongo), encontrou o cadáver da pequenina de onze meses, Maria José Moreira Dias, que, como largamente noticiámos, desaparecera da sepultura e, desde então, tem sido procurado pelas autoridades policiais.

O garoto correu a dar conhecimento do facto a uns vizinhos, os quais, prontamente avisaram a G. N. R. local. E avisada a Polícia Judiciária, logo para ali seguiram os investigadores.

A hipótese que surge como mais viável e que poderá ser confirmada pela P. J. relaciona-se com a pista sobre um caso de bruxedo.

Sabe-se, efectivamente, que, na região, muitas mulheres são dadas a tais práticas especialmente duas, uma em S. Pedro da Cova, outra da Maia, as quais, para progresso do seu negócio têm em Sobrado um «agente» que marca as «consultas» e em casa de quem as bruxas, pelo menos aquelas, vão, em dias certos da semana atender, as clientes. Esse «agente», Manuel Pinto Lopes, o «Tum», já foi ouvido pelos investigadores.

Voltando ao caso do desaparecimento do pequeno cadáver, parece ser «fé» das bruxas que, para salvar uma menina em outros casos semelhantes, é preciso levar-lhes á presença uma «Maria virgem». Ora, a malograda criança cujo corpo desapareceu chamava-se Maria, tinha 11 meses, e seria essa, talvez, a razão pela qual alguma mulher, necessitando dos serviços de uma das bruxas, tenha cometido o roubo do pequeno cadáver que, depois, tentara escondê-lo.

Os casos das crianças abandonadas

A Polícia Judiciária prossegue, activamente, nas diligências, através de diversas pistas, na cidade e noutras terras, para identificar a mulher que, no dia 24, abandonou numa pensão da Rua Passos Manuel um menino com cerca de um mês de nascido.

*

Investigadores da mesma corporação esforçam-se, igualmente para localizar o paradeiro da mulher que, conforme também noticiámos abandonou, no domingo uma recém-nascida embrulhada num saco de plástico, á porta de um prédio na Rua 5 de Outubro. Pouco antes, essa mulher pedira numa casa próxima daquele prédio, que a deixassem ir ao quarto de banho, onde deixou vestígios de sangue.

A Polícia Judiciária parece que já entrou em contacto com a família da referida mulher, a qual, entretanto, desconhece para onde ela teria ido.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente limpo, com excepção do Algarve, onde se apresentava muito nublado. O vento era fraco ou moderado de Leste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Monte Estoril, 9°,2; mínima: Penhas da Saúde, —2°,8.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto, Lisboa e Portalegre, 11°; Penhas Douradas, 4°; Coimbra, 10°; Faro e Funchal, 5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SUL — Na atmosfera: 18°,7; na água do mar: 18°,2.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu geralmente limpo, com excepção do Algarve, onde poderão ocorrer períodos de céu muito nublado. Vento fraco de Leste.

Amanhã
Nascer ás 7 e 7
Ocaso ás 20 e 3

Dia 6 Dia 13 Dia 21 Dia 28

MARES:

PREIA-MAR: **Hoje** — 2 e 42 (4,1 m); 15 e 14 (4,1 m); **Dia 5** — 3 e 30 (4,3 m); 16 e 57 (4,2 m); **Dia 6** — 4 e 12 (4,4 m); 17 e 34 (4,3 m).

BAIXA-MAR: **Hoje** — 8 e 44 (0,8 m); 21 (0,8 m); **Dia 5** — 9 e 28 (0,6 m); 21 e 43 (0,6 m). **Dia 6** — 10 e 7 (0,6 m); 22 e 22 (0,6 m).

Vai ao Algarve o ministro do Interior

FARO, 4 — É aqui aguardado, dentro de dias, o ministro do Interior.

O sr. dr. Gonçalves Rapasote vem em viagem de trabalho.

Assembleia Magna da Academia de Coimbra

COIMBRA, 4. — A demissão da C. A. P. E. e da comissão instaladora e a resolução acerca da diligência a fazer junto do sr. Presidente da Republica foram os assuntos mais importantes que se discutiram na assembleia magna da Academia de Coimbra, que ontem se realizou.

A reunião, que decorreu sob a presidência do «dux veteranorum» João Urbano, esteve presente o reitor, sr. prof. Gouveia Monteiro, que esclareceu que a finalidade da sua presença era apenas prestar esclarecimentos.

A reunião decorreu com grande normalidade. A finalizar os trabalhos, foi nomeada uma nova comissão instaladora constituida por elementos representantes de todas as Faculdades.

BRANDT NOS E. U. A.

(Continuação da 1.ª página)

ra. Brandt projecta dar priordade á da competição do Euromercado.

Sondará a ideia de criar uma repartição especial de ligação para tratar de problemas afectando o fluxo livre de comércio transatlantico entre os Estados Unidos e o Mercado Comum de seis países.

Contudo, o chanceler trocará, também, opiniões com o presidente sobre a sua «ostpolitik» — a campanha alemã ocidental para conseguir melhores relações com a Europa Oriental Comunista, que está agora a ser feita em Moscovo, Varsóvia e outras capitais.

Fornecerá também um relatório em primeira mão sobre as suas conversações cimeiras pom o primeiro-ministro alemão oriental, Willi Stoph, que se iniciaram em Erfurt, na Alemanha Oriental, no mês passado e que devem prosseguir em 31 de Maio em Cassel, na Republica Federal Alemã.

Prémios literários do sindicato dos jornalistas franceses

PARIS, 4 — (F. P.) — O sindicato dos jornalistas e escritores atribuiu ontem os seus prémios literários para 1970. O prémio da reportagem coube a Jean Ferniot, fundista do «France Soir» e Rádio Luxemburgo pelo conjunto das suas crónicas. O prémio da poesia coroou «La prière Dansée» de Raul Parme, o prémio «Montcalm», destinado a um escritor cuja obra contribua para a aproximação franco-canadense, foi atribuido ao professor quebequense Marcel Rioux pelo seu livro «La Question du Québec». O «Prix de L'Europe», destinado a um autor que tenha favorecido, pela sua obra, a unificação da Europa, só será atribuido em 18 de Abril, data em que os prémios serão entregues aos laureados.

Foi nomeado um novo presidente do Grupo Internacional Atlas Copco e preenchidos outros altos cargos directivos

Segundo foi anunciado, o sr. Kurt-Allan, Belfrage, até agora desempenhando as funções de presidente da direcção do Grupo de Companhias Atlas Copco, foi nomeado para a vice-presidência do conselho de administração, passando o cargo de presidente da direcção a ser exercido pelo sr. Erik Johnsson.

O novo presidente, que ingressou na Companhia em 1930, tendo feito uma ascendente e brilhante carreira profissional, exercia anteriormente a vice-presidência da direcção do Grupo, a situação que acumulava com a de director de Marketing. Para o exercício destes cargos foi designado o sr. Peter Wallenberg, conhecida personalidade ligada aos meios da alta finança internacional.

O cargo de vice-presidente e director técnico do grupo, que era ocupado pelo sr. Sture Ekefalk, passa a ser exercido pelo sr. Jan Holdo, que preenchia anteriormente idênticas funções num dos complexos fabris da Atlas Copco. O sr. Sture Ekefalk continuará como membro do conselho de administração e consultor técnico do Grupo.

Esta remodelação dos altos cargos no Grupo Atlas Copco vem sublinhar a linha de continuidade seguida por esta grande Companhia, que mantém, assim, a sua política de fazer ascender a postos superiores os elementos que dentro dela fizeram uma comprovada brilhante carreira profissional, assegurando, assim, a manutenção de solidez directiva do importante grupo internacional.

RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES

BRAGANÇA, 4. — O subsecretário de Estado da Juventude e Desportos presidiu, hoje, aqui, á abertura da Residência de Estudantes «Colouste Gulbenkian» e da cantina do liceu, que funcionará naquele edifício.

A residência servirá 60 estudantes e a cantina distribuirá diáriamente, 100 almoços, 20 dos quais gratuitos.

ELEVADOR DO LAVRA

A fim de ser submetido a reparações pára, na próxima semana, o elevador do Lavra.

Como há necessidade de mudar o cabo de tracção porceder-se-á áquela operação na próxima quarta-feira, durante a manhã.

CLOROFORMIZADA E AMARRADA A DONA DA CASA A QUEM ROUBARAM AS ECONOMIAS

FARO, 4 — Desconfia-se de que tenham sido dois ciganos os autores do assalto á sr.ª D. Maria Margarida Ferraz Guerreiro, casada, de 23 anos, que, em sua casa, foi maneatada por dois desconhecidos, fazendo-se passar por fiscais dos Serviços Municipalizados de Aguas. Um deles cloroformizou a senhora que, depois, amarraram a uma cadeira, assim a encontrando o marido, ao regressar a casa.

Os larápios levaram 10 000$00, produto das economias do casal.

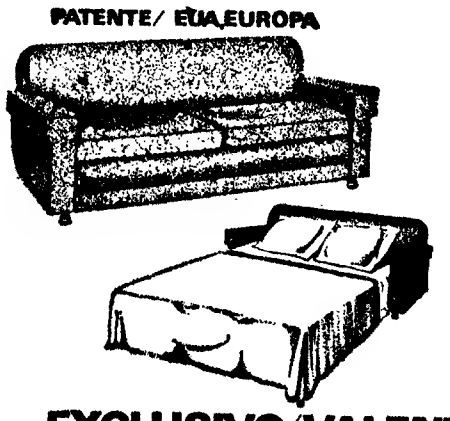
NOVO CASINO ESTORIL

AMANHÃ
«MATINÉE»
— AS 17 H. —
NO WONDER BAR
FILIPINESCAS
● MARIA DO ROSÁRIO BETTENCOURT

Música para dançar:
● «FORMA 5» COM VITOR E PAUL
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA
Maiores 17 anos
PREÇOS
Chá completo — 40$00 (taxas e impostos não incluídos)

No CINEMA
Hoje, às 17 h.
Matinée infantil
(Maiores 6 anos)
e às 21 e 30 h.
«A FLOR DO CACTO»
(M/ 17 anos)
Amanhã, às 17 e 21 e 30 h.
«A FLOR DO CACTO»
(M/ 17 anos)
—Ambiente climatizado—

PATENTE/ EUA,EUROPA

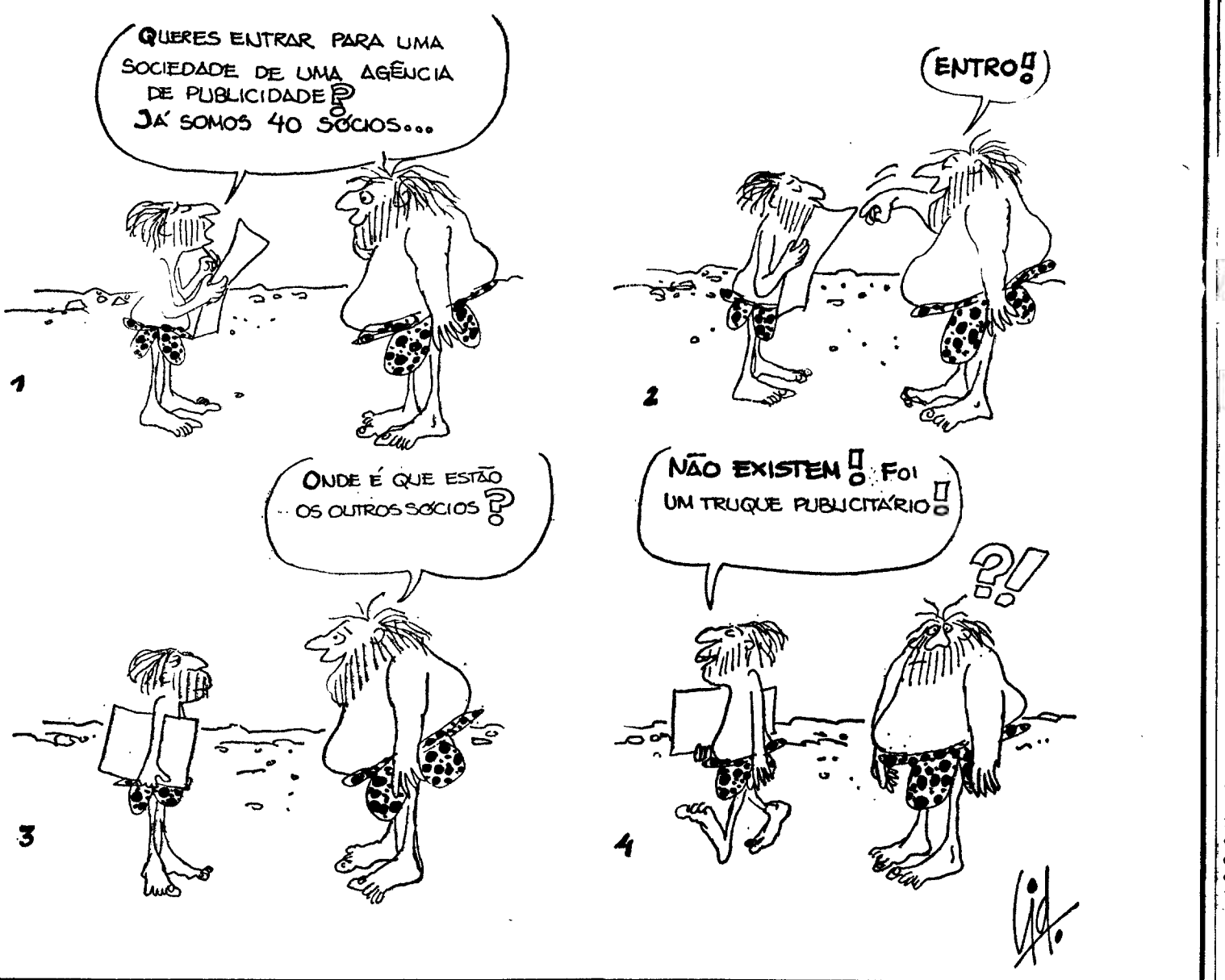


EXCLUSIVO/VALENTIM
AV. DEFENSORES CHAVES, 31 B/C
LISBOA

AGORA,
NO CAMPO OU NA PRAIA
mesmo SEM ELECTRICIDADE
PODE TER O SEU FRIGORÍFICO SIBIR A GÁS BUTANO A PREÇO ACESSÍVEL
CASA JUNIOR
Rua do Alecrim, 21-A (ao Cais de Sodré)
Rua de S. Paulo, 29-1.º—Tels. 328663-35430

Gostaria de viver em sossego?
Vá morar em Mercês—Sintra
ANDARES COM ACABAMENTOS MARAVILHOSOS
DE 200 A 245 C. 4/ASSOALHADAS
Rua João Barros – Lotes 8, 17 e 18

koko



A ELECTRICIDADE VAI CHEGAR COM A AJUDA DA POPULAÇÃO

ALENQUER, 4 — A convite do presidente da Câmara Municipal e com a presença dos vice-presidente, vereadores, vogais do Conselho Municipal, componentes da comissão concelhia da Acção Nacional Popular, presidentes e vogais das Juntas de Freguesia, reuniram-se, no edifício municipal, os representantes (três por cada lugar) de trinta povoações deste concelho, com mais de cento e cinquenta habitantes e ainda não electrificadas, para tomarem conhecimento do plano, já elaborado, para a electrificação, até final de 1971 dessas povoações.

Expôs o presidente da edilidade esse plano e disse que, nesta Primavera, será inaugurada a electrificação das três sedes de freguesia — Cabanas de Torres, Pereiro de Palhacana e Vila Verde dos Francos —, que ainda não gozam desse benefício. Pediu, no final, a colaboração e a contribuição das populações, ajudando, assim, o Município a concretizar uma obra que constitui, afinal, o legítimo anseio de todos. A Câmara Municipal — explicou — suportará a sua quota-parte na despesa, avultada, a fazer, mas precisa, mesmo assim, do auxílio dos habitantes dos lugares a electrificar, de modo que todos prontamente possam usufruir dessa regalia.

Alguns dos presentes pronunciaram-se sobre o assunto, pedindo e dando esclarecimentos de modo que se estabeleceu proveitoso diálogo.

BÊNÇÃO DOS BACALHOEIROS

Como já é tradicional, realizam-se amanhã, primeiro domingo de Abril, as solenes cerimónias da bênção dos navios bacalhoeiros, que vão para mais uma campanha nos mares da Terra Nova e d Gronelândia.

A cerimónia, da iniciativa do Grémio dos Armadores da Pesca do Bacalhau, será presidida pelo bispo de Tigilava, D. António Ribeiro, que será rodeado pelos capelães dos pescadores e da Marinha Mercante.

2.º caderno

CRIADO EM VOUZELA O MUSEU MUNICIPAL

VOUZELA, 4 — Por despacho do sr. ministro da Educação de 3 de Março findo, aprovando o respectivo parecer da Junta Nacional de Educação, foi criado o «Museu Municipal de Vouzela», que ficará instalado no edifício da antiga escola «Conde de Ferreira», sob a orientação técnica da direcção do Museu Grão-Vasco.

O Museu de Vouzela, que dá origem ao Museu Municipal, foi fundado pelos vouzelenses Luís de Moraes Carballho, pintor, coadjuvado por António Teixeira, que depois de obras de adaptação na sua «Casa dos Távoras», cedeu as dependências necessárias para o museu que se inaugurou no Verão de 1963, com carácter particular, e muita satisfação do público.

O número de visitantes, sempre crescente, principalmente turistas, animaram os fundadores a oferecerem o museu à Câmara Municipal desta vila, o que se efectivou em 1966, mas, por falta de edifício próprio, só agora se concretizou, oficialmente, o facto.

Vai pois, Vouzela ser dotada de um museu municipal, que dentro do seu âmbito de atracção cultural e turística, continuará a ter o seu maior interesse público, valorizando também o patrimóni o municipal.

NÃO ESCOLHA AS SUAS FÉRIAS...
..SEM CONSULTAR A «ATLÂNTICA»!

VIAGENS DE AVIÃO COM ESTADIAS DE 15 DIAS NAS ESTÂNCIAS DA BULGÁRIA, HUNGRIA, JUGOSLÁVIA, ROMÉNIA, ETC.

— VIAGENS À RÚSSIA —
DESDE ESCUDOS 6900$00
TUDO INCLUÍDO

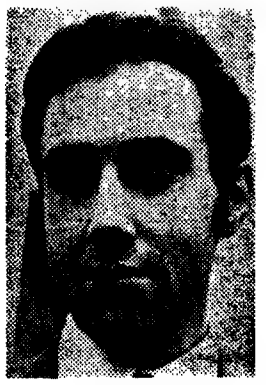
PEÇA-NOS O PROGRAMA COMPLETO COM MAIS DE 250 SUGESTÕES DIFERENTES

CASA ATLÂNTICA DE VIAGENS, LDA.
RUA CAPELO, 4-A LISBOA
Telefs.: 36 94 10 - 36 94 65 - 36 94 84 - 36 94 97
36 90 84 - 36 90 85 - 36 99 31 - 3 51 51

ora diga-nos...

— Qual o mês do ano de que mais gosta?

O ano tem 12 meses, e muitas podem ser as razões que nos levam a ter preferências entre estas 12 fatias do tempo. E a análise das razões de preferência poderiam dar um tratado de «filosofia da vida»...



● *Abordámos, em primeiro lugar, o sr. Albino Melo, de 20 anos, agente comercial. À nossa questão, «qual o mês do ano de que mais gosta», respondeu:*

— O mês de Maio, que é o mês das rosas!

● *Em seguida respondeu-nos o sr. António Saraiva, guarda da pesca do Porto de Lisboa, de 48 anos, que nos disse:*

— O mês de que mais gosto? Deixe ver! É o mês de Abril.

— Razões? Ora bem, é que foi nesse mês que eu nasci. E eu gosto da vida, gosto de viver e por isso gosto do mês em que nasci para a vida.

● *Por último, abordámos a sra. D. Ester Ferreira, dona de casa, que também trabalha de modista.*

— O mês de que mais gosto é o mês das férias, Agosto. Geralmente faço férias em Julho, mas este ano, por causa das férias da minha filha, terei férias em Agosto. ...Realmente é de Agosto que eu gosto. Agosto é que é o mês das férias.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O «Nacional» da I Divisão

A GRANDE BATALHA DOS ÚLTIMOS

Três jornadas mais — e o pano correrá sobre o grande espectáculo do futebol-campeonato. Motivos de interesse? Muitos. Variados. Começam pelos jogos em si mesmos; onze de cada lado para ver o que dá. Continua por essa incógnita chamada segundo lugar (e o 4.º, não?). Termina na batalha dos últimos, dramática, de sobrevivência entre os maiores.

Comecemos por estes. O Tomar vai a Guimarães, numa deslocação que se antevê difícil... para ambos. Em Coimbra, os bracarenses descerão ao relvado com um pensamento único: pontuar (e, com Meirim de permeio...). Dos três últimos, o Boavista é a única equipa a receber — e não se afigura provável que o Leixões consiga no Bessa mais que uma presença digna.

Nos restantes encontros, hipótese remota duma desforra portista na Póvoa; um bom encontro em perspectiva para o Estádio Nacional, entre o Barreirense e o Benfica; o Belenenses a tentar reafirmar-se perante os sadinos, no Restelo; e o Sporting com uma viagem cheia de obstáculos, até ao campo da Cuf.

De previsão, apenas uma susceptível de certeza: a afluência aos estádios será grande, pois nenhum entusiasta quer perder a emoção resultante da última arrancada.

URTAIN

Campeão da Europa

MADRID, 4 — (F. P.) — Com 27 anos, o espanhol José Manuel Ibar «Urtain» tornou-se campeão da Europa dos pesos pesados ao vencer, ontem á noite, o alemão Peter Welfand, por K.O. ao 7.º assalto.

Foi a 25.ª vitória antes do limite obtida pelo popular Urtain num total de 25 combates profissionais. Logo de entrada, o alemão foi atirado ao chão com um golpe da direita. A sua reacção violenta não logrou abalar o espanhol, que se foi mostrando cada vez mais eficaz. No terceiro assalto, Weiland esteve oito segundos por terra, mas pôde continuar a aguentar a furia do seu adversário. No sétimo assalto, porém, atirado ás cordas, não foi capaz de prosseguir.

Automobilismo

O «VI RALLYE ÀS ANTAS»

(QUE HOJE SE INICIA)

PODERÁ NÃO SER COMPETITIVO POR INTERVENÇÃO DO A. C. P....

Prossegue, hoje e amanhã, o Campeonato Nacional de «Rallyes», com a realização do 6.º «Rallye» às Antas, organizado pela Secção de Automobilismo do F. C. Porto.

Consta de uma prova de estrada, com cerca de 536,9 quilómetros, e uma prova complementar obrigatória para todos os concorrentes, mas tendo apenas funções de desempate. Pelo menos o que se supunha...

Com efeito, a Comissão Desportiva do A. C. P. decidiu rectificar as distâncias nos troços decisivos de Moimenta da Beira-Tabuaço, Armamar e Cabreira (isto é, acertou os «quilómetros roubados») pelo que o «rallye» poderá deixar de ser competitivo.

O que se passa é que os nossos «rallyes» são disputados sem «provas qualificativas» (os chamados «troços cronometrados»). Assim, para se decidirem as diferenças de andamento dos concorrentes e, consequentemente, a classificação, há que arranjar troços de estrada muito difíceis para que as médias (habitualmente, 50 km/h, de dia, e 60 km/h, de noite) não sejam cumpridas e das diferenças se possa apurar o escalonamento. Nas estradas más «partem» os carros... Assim, os organizadores escolhem vias secundárias, municipais, florestais, etc., para aí tentarem «definir» o «rallye». Acontece, porém, que para o nível dos nossos pilotos e das máquinas que possuem — por incrível que possa parecer, à vista dessas estradas — eles não penalizam, que o mesmo é dizer, que cumprem a média!

A solução é, então, «roubar quilómetros», isto é dar troços com quilometragens superiores aos que se poderiam fazer, à média estabelecida, nos intervalos de tempo correspondentes. É, em suma, elevar o valor das médias até níveis não atingíveis...

Ora, sem este «artifício», os nossos «rallyes» dificilmente são competitivos!

«As Antas» condenadas?

O motivo que levou o A. C. P. a tomar esta decisão foi um protesto apresentado, colectivamente, por cinco concorrentes do S. C. do Porto («Onimrif», «Xanato», Eduardo Cid, eng.º Adérito Moreira, Rui Souto e o individual David Fernandes), contra a dureza da prova.

Com os troços, atrás indicados, competitivamente «neutralizados», o «VI Rallye às Antas» arrisca-se a vir a ser discutido, muito simplesmente, na complementar do Estádio das Antas já que os restantes troços competitivos — Parada do Bispo, Cavalinho e Florestal de S. Gens — poderão não chegar para «definir coisas». Em princípio, só o mau tempo, poderá salvar a prova, «à priori» bem estruturada, do F. C. Porto...

Como e quem

Aquela prova complementar terá início às 16 horas, no Estádio das Antas, constando de cinco voltas ao anel de velocidade. Às 19 horas será dada a partida ao concorrente n.º 1.

O percurso de estrada, que inclui algumas das mais difíceis estradas de montanha do Norte do País, tem passagem pelas seguintes localidades: Porto, partida (19 horas), Santo Tirso (19 e 33), Vila Nova de Famalicão (19 e 45), Braga (20 e 10), Guimarães (20 e 35), Felgueiras (20 e 57) Lixa (21 e 06), Amarante (21 e 18), Baião (21 e 45), Régua (22 e 14), Tabuaço (22 e 50), Moimenta da Beira (23 e 09), Armamar (23 e 33), Régua (23 e 47), Amarante (0 e 37, do dia 5), Celorico de Basto (1 hora), Cabeceiras de Basto (1 e 25), Venda Nova (2 e 10), Vieira do Minho (2 e 57), Póvoa de Lanhoso (3 e 13), Caldas das Taipas (3 e 34), Vila Nova de Famalicão (3 e 51), Trofa (4 horas) e Porto, chegada (4 e 52).

Estão inscritos 29 concorrentes, cujos números são os seguintes:

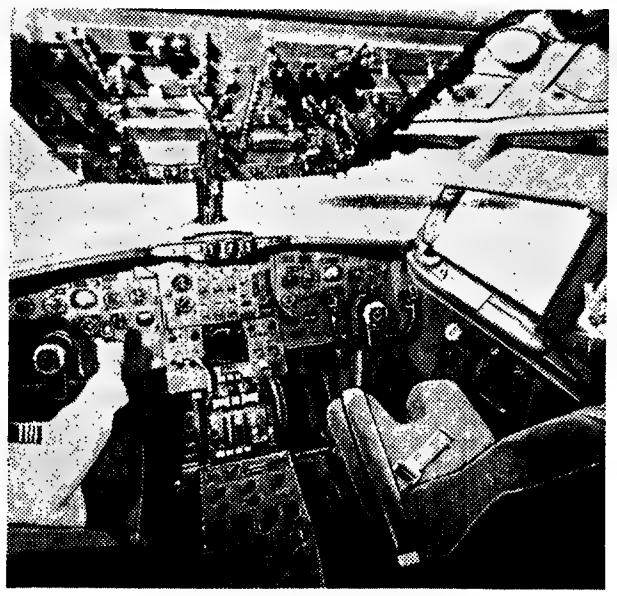
1 — Américo Nunes (Porsche 911-S); 2 — Heitor Morais (Morris Cooper S); 3 — Carpinteiro Albino (Saab); 4 — Luís Neto (Austin Cooper S); 5 — César Torres (Austin Cooper S); 6 — Francisco Santos (Escort TC); 7 — Miguel Correia (Lancia HF); 8 — Rui Souto (Austin Cooper S); 9 — David Cabral (Datsun 1600 SSS); 10 — Couto Fragoso (BMW 2002); 11 — Giovanni Salvi (NSU-TT); 12 — Moura Pinheiro (Fiat 125 S); 13 — Artur Santos (BMW 2002); 14 — Jorge Nascimento (BMW 2002); 15 — Fernando Baptista (Austin Cooper S); 16 — Rogério Beatriz (NSU-TT); 17 — Sarmento Rebelo (NSU-TT); 18 — Adérito Moreira (Morris Cooper S); 19 — «Onimrif» (BMW 2002); 20 — «Xanato» (Austin Cooper S); 21 — Eduardo Cid (Ford); 22 — Belmiro Correia (Toyota); 23 — Martins Teixeira (Austin); 24 — Osvaldo Oliveira (Vauxhall); 25 — Electropinto (Saab V4); 26 — António Teixeira (Renault); 27 — Alexandre Ferraz (Toyota); 28 — David Fernandes (Toyota); 29 — Silva Carvalho (Morris).

Ciclismo

AGOSTINHO EM BOM PLANO

PALMA DE MAIORCA, 4 — Ao classificar-se em 2.º lugar na segunda etapa da Volta á Maiorca em bicicleta, ganha pelo espanhol Masçaro, Joaquim Agostinho ascendeu á 6.ª posição na tabela classificativa, comandada por Ponton (Espanha), do qual se encontra a 1 minutos e 3 segundos.

Este lugar de piloto pode ser ocupado por si!



MARCA-Tpt-70

Quem lhe diz que não?
Leia e responda a este anúncio
para ter a sua certeza
e a certeza de encontrar
uma profissão moderna,
cheia de dinamismo,
responsável
e muitíssimo bem remunerada.

Oferecemos-lhe uma profissão estável
e prestigiada
e asseguramos-lhe uma formação
e um treino ao mais elevado nível.

Nós somos uma Companhia
em pleno crescimento e
permanentemente actualizada:
ampliamos e aperfeiçoamos
os nossos serviços,
aumentamos o número das nossas escalas
e a nossa frota,
PRECISAMOS DE MAIS PILOTOS!
Estes terão menos de 32 anos
(até 15 de Abril),
frequência de um curso superior
(ou equivalente)
e a situação militar regularizada.
UM DESTES PILOTOS PODE SER VOCÊ:
responda a este anúncio,
dirigindo-se com urgência
à Divisão do Pessoal Navegante da TAP,
Edifício n.º 25 - 2.º andar
Aeroporto de Lisboa

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

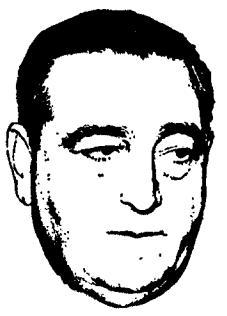
Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mundo

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO VENHA PARA PILOTO DA TAP

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ANDEBOL

RESCALDO DA TAÇA LATINA



Terminou em apoteose, para a equipa da Roménia, o Torneio Latino, desta feita organizado em Portugal.

Efectivamente, a equipa romena desbobinou, ao longo do torneio, um andebol de grande nível. Simplicidade de processos e objectividade foram o seu lema, servidos por uma óptima condição física aliada a uma excelente condição técnica, muito companheirismo e uma ausência total de egoísmo e vedetismo.

Bloco defensivo que varia com uma facilidade incrível do 5-1 para o 6-0 ou para a defesa mista. Os seus jogadores estão sempre na linha da bola, procurando cobrir os ângulos numa sincronização perfeita com o seu guarda-redes. Quando ao ataque, a equipa não tem necessidade de nos mostrar a excelência do contra-ataque de primeira linha, havendo como que uma preparação de contra-ataque para a segunda linha finalizar. Quando atacam em massa, as simulações estão na sua bagagem, tudo feito em velocidade diabólica, andando a bola de um para outro jogador com rapidez estonteante. Este género de andebol tem mais de seis anos e é perfilhado pelas grandes equipas mundiais, mas não se coaduna com a mentalidade retrógrada da grande maioria dos nossos treinadores... Talvez esta permanência dos romenos (que só foi possível devido à gentileza dos nossos amigos espanhóis) obrigue os «intelectuais do nosso andebol» a descer às realidades e a aceitar com humildade a lição dada pelo andebol romeno. Assim esperamos!

A segunda classificação foi para a França. Esta equipa desiludiu-nos francamente como, aliás, já havia acontecido no ano passado em Pontevedra. O seu bloco defensivo é demasiado vulnerável, muito especialmente na zona dos 6 metros, onde os pontas gozam de certa liberdade. Nos 9 metros defendem regularmente, ainda que à base de faltas nem sempre punidas. Os seus guarda-redes não têm um mínimo de valor. A equipa muito feliz no jogo contra a Espanha em que não merecia a vitória e que só uma arbitragem altamente «afrancesada» a possibilitou. Continuam, no entanto, os gauleses, possuídos de uma boa técnica individual.

Em terceiro lugar ficou a Espanha, com uma maior disciplina táctica, que tirou aos seus jogadores aquele sentido de improvisação característico nos espanhóis. O sistema defensivo actuou bastante bem. Foram, a seguir aos romenos, os melhores a defender. Contudo, achei esta equipa do país vizinho a mais frágil das que apresentou nas três edições da Taça Latina.

Em quarto lugar ficou a equipa portuguesa. Muito haveria a dizer da equipa nacional. Muitos pedidos recebemos de verdadeiros amigos da modalidade para desmascararmos pessoas e insuficiências Mas, para quê?... Na próxima vez, continua a nossa equipa a ser dirigida de fora para dentro; continuam os anões a querer ser gigantes; continuam os arrivistas a interferir na nossa selecção; continua-se a dizer que ninguém tem culpa e que só a mentira do

por MATOS MOURA

andebol nacional é culpada; continua a enaltecer-se feitos de duvidosa utilidade e a olvidar alguns bens meritórios.

Mas vamos à selecção nacional. Dissemos, em artigos anteriores, que acreditávamos nos nossos briosos rapazes. Continuamos a acreditar. Tivemos este ano uma quantidade e qualidade de jogadores «promessas» como nunca até aqui havia acontecido. Acreditávamos que eles nos dariam uma grande alegria, mas, se tal não aconteceu, eles foram os menos culpados.

Aceitaria sem a mínima relutância a derrota com os romenos, mas perder com a Espanha e a França em «esperanças» no nosso ambiente, isso não. Eram duas selecções que estavam ao nosso alcance. O nosso sistema defensivo abriu brechas por todo o lado, os nossos guarda-redes jogaram desprotegidos.

Sofremos mais de 20 golos por jogo, em média; vi jogadores dentro do campo a discutirem com os colegas; observei um «pivot» inteligente desmarcar-se para receber a bola e quase nunca lha passaram; uma ausência quase total de contra-ataque; e, sobretudo, falta de mentalização para a vitória. Foi uma equipa descrente, que não acreditava em si própria.

Em quinta posição colocou-se Marrocos. Quanto a nós, foi a equipa que acusou maiores progressos em força física e em técnica e disciplina.

O sexto lugar foi para o Brasil, que deu indicações promissoras e mereceu, sem dúvida, a viagem. Conjunto inexperiente, para já, quando estiver bem integrado com os processos europeus irá dar muito que falar.

Por fim, no último lugar quedou-se a Itália. Equipa sem [illegible] que a aconselhe, a não [illegible] o seu desportivismo.

Resta-nos a arbitragem. Vieram checos, alemães ocidentais e jugoslavos, nomeados pela Comissão Técnica Internacional.

Francamente não gostámos das arbitragens, a não ser no aspecto disciplinar. Os árbitros revelaram insuficiências e não tinham o menor respeito pela lei da vantagem; ora, essa lei é fundamental para a beleza e agrado do andebol moderno. Talvez o único que ainda tenha craveira internacional seja o jugoslavo Pupic.

Penso que a Taça Latina merece, já, que a C. T. I., de que faz parte o francês René Ricard, nomeie árbitros de boa craveira.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato Regional de Juvenis: Belenenses-Boa-Hora (19 e 15) e Passos Manuel-Benfica (18 e 15), na Ajuda.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão (Metropolitano): Académico-G. Figueirense (Académico, 21); B. P. M.-Académica (Académico, 22 e 30), Barreirense-C. U. F. (Ginásio do primeiro, 21 e 30), Marinhense-Porto (Embro, 21 e 30), BelenensesVasco da Gama (Ajuda, 21) e Sporting-Benfica (Ajuda, 22 e 30).

—Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Montijo-Atlético, Ateneu-Luso (no Técnico), Farense-C. I. F., Olhanense-Lisgás, Seixal-«Os Olhanenses» e Técnico-Casa dos Pescadores, nos campos dos primeiros, às 21 e 30.

—Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Galitos-Iliabum (Pov. Aveiro, 22 e 30). Esgueira-Sanjoanense (Pov. Aveiro, 21), Naval-Olivais (Naval, 21 e 30), C. D. U. P.-Fluvial (Pov. Galões Teles, 21 e 30), Conimbricense-Figueirsense (Pov. Sport, 21 e 30) e Guifões-Gaia (Guifões, 21 e 30).

—Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Combatentes-Oriental, Vilanovense-Círculo Católico e Maria Pia-Liberdade, nos campos dos primeiros, às 21 e 30.

AUTOMOBILISMO — «Rallye» às Antas, partida às 19 e 30, no Porto.

CICLISMO — Congresso da Federação, às 21 horas.

GINÁSTICA — Campeonatos Nacionais de Seniores «A», Juniores «A» e Juniores-Principiantes, no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 19 horas.

PATINAGEM — Festival para distribuição de prémios, na Associação de Patinagem do Sul, às 21 horas

A selecção romena que venceu a «Taça Latina»

O «RALLYE CHAMA VIVA»

Organizado pela Casa do Pessoal da Cidla, a contar para o Campeonato de Automobilismo da FNAT realiza-se hoje e amanhã o I Rallye «Chama Viva», que consta de uma prova de estrada com 167,9 km e uma prova Complementar de Aceleração e Travagem a realizar na Colónia de Férias «Um Lugar ao Sol» na Costa da Caparica.

O percurso inicia-se e termina na Colónia de Férias da FNAT e passa pelo Casal do Marco, Arrábida, Venda de Azeitão, Palmela, Olho de Água, Moita, Chão Duro, Sarilhos Grandes, Pinhal Novo, Setúbal, Casais da Serra, Santana, Zambujal, Alfarim, Fernão Ferro, Corroios e Costa da Caparica.

O concorrente n.º 1 partirá ás 21 horas, estando prevista a sua chegada para as 0.30 de domingo. Às 9 horas inicia-se a prova complementar.

Voleibol

O NACIONAL VENCEU (3-1) O C. D. U. L.

Prosseguiu ontem no Liceu de Oeiras, o campeonato regional de voleibol, tendo o Nacional derrotado o C. D. U L. por -1 (16/14; 15/10; 9/15; 15/9).

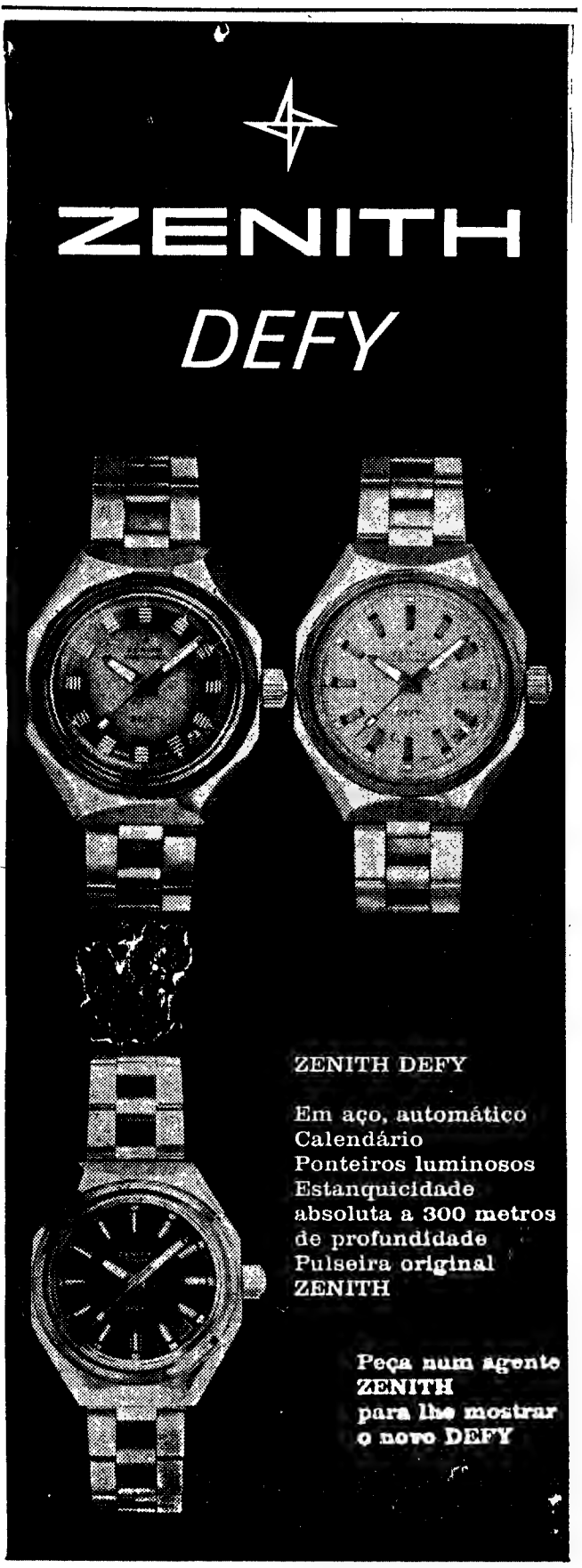
Sob a arbitragem de João Veiga e Carlos Almeida, as equipas formaram:

NACIONAL — Vilar Moreira, Artur Sequeira, Manuel Pires, José Pimpão, Manuel Andrade, António Resende, João Silveira, Aguiar Buisel, Alfredo Castanheira e José Esteves.

C. D. U. L. — Mena Reis, Moniz Pereira, Rui Andrade, Pedro Roiz, Valério Capaz, Nuno Pinto, Carlos Poeira e Hugo Cunha.

Triunfo certo e justo do Nacional perante excelente réplica dos universitários que não puderam com a maior força e poder de ataque dos vencedores.

O encontro teve algumas fases de equilíbrio e os universitários que voltaram a não contar com Barão Pinto, melhoraram consideràvelmente em relação á partida que defrontaram contra o Benfica.



DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

RÂGUEBI - TAÇA DAS NAÇÕES

HOLANDA-PORTUGAL AMANHÃ, EM HILVERSUN

A selecção nacional de râguebi defronta amanhã, em Hilversun, a da Holanda, em jogo a contar para o Torneio das Nações (seniores). O nosso grupo eliminatório é formado pela Holanda e por Marrocos, sendo os jogos disputados um «fora» e outro em «casa». Segundo o regulamento o empate fora vale, em caso de igualdade pontual, como meio de apuramento. Já há dois anos beneficiámos de tal disposição regulamentar quando empatámos 6-6 em Itália.

A comitiva nacional é constituída pelo dirigente federativo Luís Caldas, pelo seleccionador eng.º Pinto de Magalhães e pelos seguintes jogadores: Correia Pereira, Salgado, Mayer, Quim Pereira, Ponte, F. Lucena, Luís Penha e Costa, António Penha e Costa, Barros Costa e Mayer, todos do C.D.U.L.; Silvestre, Gaspar Ramos, Nobre e Mário Silva, do Benfica; Toni e Baeta, da Académica de Coimbra; Tavares e Branco, do Belenenses; Dídio de Aguiar, de Medicina; Pedro Lince, de Agronomia; e Andrade, do C.D.U.P. Causaram-nos surpresa as ausências de Raul, o poderoso terceira-linha do Técnico e de Luís Lince, mas certamente houve ponderosos motivos para que não fossem chamados. De lamentar que a tradicional penuria das representações desportivas nacionais não permita que uma selecção de um desporto, tão rude como é o râguebi, vá acompanhada de um enfermeiro-massagista. Uma lesão mal tratada, pode, no râguebi, ocasionar uma deformação permanente. Mas enfim quem manda sabe mais do que nós e determinou desde há muito que as representações nacionais não precisam de massagistas.

As possibilidades do nosso «quinze» não nos parecem grandes, mau grado a fraca categoria da oposição. A equipa que serviu de base á selecção é, na verdade, a que melhores jogadores possui mas a sua forma física e técnica tem sido deploràvel na presente época. Sabemos, todavia, que têm trabalhado com afinco com vista á representação nacional e a prova disso está na espectacular subida do C.D.U.L. na segunda volta do campeonato. Francisco Lucena é o nosso melhor «formação» mas esta época só fez três jogos. Porém os seus brio e técnica poderão compensar a sua falta de fundo e resistência. Aliás poderá ser substituído por António Penha e Costa, a quem vimos fazer um dos mais brilhantes jogos que temos visto a um médio de formação num célebre Portugal-Espanha, disputado nas Salésias.

As suas técnica, valentia e brio são garantia de uma boa presença tanto á «formação» como a três-quartos. Salgado, que normalmente tem jogado na reserva é, sem duvida, o melhor talonador do grupo de seleccionados. Mas tanto ele como Correia Pereira desempenharão o lugar a contento. De saudar o regresso do categorizado Tomás Mayer. É um jogador evoluido, coriáceo, persistente e lutador. Não será por aí que a selecção oscilterá. Aliás, ele, Ponte Gaspar Ramos, Silvestre, Toni e Andrade, constituem o bloco de força, inteligência e destemor que alicerça a selecção. Quanto a nós o «calcanhar de Aquiles» da nossa representação reside nas linhas atrasadas e nos médios. São capazes do melhor e do pior, primando pela irregularidade. Mário Silva é o unico que garante um trabalho uniforme dadas as suas condições de velocidade, poder e decisão. No lugar de defesa a incontestável classe de Pedro Lince é uma segura garantia e Baeta também não criará «dores de cabeça».

P. A.

DOMINGO DESPORTIVO

ANDEBOL — Benfica-equipa alemã, no Estádio da Luz, ás 11 e 30.

— Campeonato Regional de Juvenis: Amadora-C. D. U. L., no campo dos primeiros, ás 9 horas.

ATLETISMO — Campeonato Nacional de Fundo (maratona 42,195 km), com partida (8 horas) e chegada ao Estádio do Restelo.

— Torneio de Abertura (Juvenis e rs(8P rhao 16adit miores e Seniores), triatlo de iniciados e triatlo de juvenis-femininos no Restelo, ás 9 e 30.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão (metropolitano): B. P. M.-Ginásio Figueirnese (Par. Académico, 16), Académico-Académica (Par. Académico, 17 e 30), Belenenses-Porto (Ajuda, 17 e 30), Mariinhense-Vasco da Gama (Embro, 17 e 30), C. U. F.-Sporting (Setúbal, 18) e Barreirense - Benfica (Barreiro, 16).

— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Olhanense-C. I. F., Farense - Lisgás, Técnico - «Os Olhanense» (Ajuda) e Seixal-Casa dos Pescadores, nos campos dos primeiros, ás 16 horas. Zona Norte: Efacec-Figueirense, Ilhaibum - Esgueira, Olivais-Conimbricense e Vilanovense-Fisica do Norte, nos campos dos primeiros, ás 11 horas.

— Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Oliveira do Douro-Nuno Álvares, Física Norte-Coimbrões e Vale Formoso-Leixões, nos campos dos primeiros, ás 10 e 30.

— Grande Torneio de Juniores: Carnide - Liberdade, Pedrouços - Nacional, Ateneu-Sporting, Atlético-Casa Pia, C. I. F.-Nacional, C. D. U. L.-Sporting, Combatentes-Física, C. Quebradense-Benfica e Belenenses-Ateneu, nos campos dos primeiros, ás 9 e 30

— Grande Torneio de Juvenis: Atlético-Casa Pia (10 e 45), C. I F.-Nacional (9 e 30), C. D. U. L.-Sporting (10 e 45), Combatentes-Física (9 e 30), C. Quebradense-Benfica (10 e 45) e Belenenses-Ateneu (Tapadinha, 9 e 30), nos campos dos primeiros.

CICLISMO — Campeonato Nacional de Clubes. Partida do Campo Grande, ás 8 e 30 horas.

— Campeonato Regional, de Fundo (juniores).

GINÁSTICA — Campeonatos Nacionais de Seniores A, Juniores A e Juniores-Principiantes, no pavilhão de Campo de Ourique, ás 14 e 30 horas.

HIPISMO — Corta-mato, em Santo Estêvão.

KARTING — «Grande Prémio de Lisboa», em Camarate, ás 15 horas.

MOTONÁUTICA — «Grande Prémio da Páscoa» no rio Caia, ás 15 horas.

NÁUTICA — Festival da Associação Desportiva da Brigada Naval, ás 11 horas, em Belém.

RAGUEBI — Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Regentes Coimbra - Agronomia, em Coimbra ás 10 e 15.

— Torneio Nacional de Reservas: Académica-Agronomia, em Coimbra, ás 11 e 45.

— Campeonato Nacional de Juniores: Técnico - Académica, no Estádio Universitário, ás 16 horas.

— Torneio de Juvenis: Liceu Padre Vieira-C. D. U. L., no Estádio Nacional, ás 11 horas.

TÉNIS DE MESA — I Grande Torneio Aberto da Amadora, no Pavilhão da Reboleira, ás 10 e ás 14 horas.

TIRO A CHUMBO — Campeonato do C. P. T. P., em Monsanto, a partir das 11 horas.

A actividade de Produções Lança Moreira

Produções Lança Moreira programaram para amanhã a realização directa e integral dos seguintes encontros do Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão:

Belenenses-V. de Setubal — pelo emissor de Lisboa de Rádio Clube Português.

Boavista-Leixões — através do emissor do Porto de Rádio Clube Português.

Varzim-F. C. do Porto — no horário dos Emissores do Norte Reunidos.

Para Angola e por intermédio de uma rede de oito emissores — o que permite uma *cobertura* total da província, P. L. M transmitirão, também directa e integralmente, o relato do encontro *Benfica-Barreirense*.

Durante todos estes relatos, P. L. M. estarão em permanente contacto com a redacção do «Diário de Lisboa», de onde serão fornecidas frequentes e completas informações de toda a actividade desportiva do dia, tanto do País como do estrangeiro, incluindo resultados *em cima da hora* dos jogos que se efectuam nos outros campos e, ainda, a chave do Totobola.

No intervalo, e como todos os domingos, será transmitida mais uma edição da rubrica «O caso da semana».

ATLETISMO

Encontrado o caminho certo

Na sequencia do movimento expansionista em boa hora lançado pelos actuais dirigentes do atletismo português, está em curso um Torneio Nacional de Captação, que, pelos moldes e dimensão em que foi traçado, promete constituir um magnífico passo em frente no sentido de um tão desejado como necessário fomento.

Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu serão outros tantos distritos abrangidos por esta autêntica prova-gigante, cuja final nacional se encontra marcada para Lisboa, em 14 de Junho próximo.

Por tudo quanto ultimamente se tem feito e, também, pelo muito que se intenta fazer um promissor plano de actividade, parece não haver duvidas de que o atletismo português encontrou, finalmente, o caminho certo.

NOVA SEDE DO GINÁSIO CLUBE PORTUGUÊS

Na quarta-feira, ás 19 e 30, realiza-se no Ginásio Clube Português o acto de posse das comissões para a construção da nova sede.

Karting

O 1.º CIRCUITO DE LISBOA QUE SE REALIZA AMANHÃ

INICIA O CAMPEONATO NACIONAL

Na pista de Karting de Camarate realiza-se amanhã, a partir das 15 horas, o «1.º Circuito de Lisboa», em «karts», prova organizada pelo Kart Clube de Lisboa, a contar para o respectivo campeonato nacional.

Da parte da manhã realizam-se os treinos para todas as categorias.

Estão inscritos no Campeonato Nacional de Karting os seguintes concorrentes:

Kart Clube de Lisboa — Vítor José Azevedo Névoa, Eduardo Perez de Castro, Fernando Ribeiro Fernandes, Armando Januário Valentim, Mário Nascimento Jacquet, José Manuel le Goulon d'Ávila, Petrónio Barbosa Pinto, Herlânder dos Santos Garcia, Marina Castelo Branco, eng.º Santiago Torrens Ropet, José Alexandre Sanches Florindo, dr. Rui Nelson Castro Santos, José Manuel Catarino dos Santos, Abílio Bertrand Baldaque Romão, António Craveiro, eng.º Rui Pinheiro Farinas de Almeida, Vasco Manuel Carvalho Silva Gonçalves e Tonhio.

Kart Clube de Setúbal — Diogo Pinto Soromenho, J. Carlos Murteira, Mário Correia G. Pacheco, Adelino Alves Abranches, Rui Gomes Pinto Soromenho e Carlos Manuel Silva Santos.

Targa Clube — Di Lara, G. Hesse, Humberto Leite Tavares Pinho, José Augusto B. Moreira Pinho e Kym Gonçalves.

Individuais — José Eduardo Jesus Marques, Luís Carvalho Roque Pinho, Barry, António João Sousa Almeida e Heitor Borges de Sá.

No intuito de divulgar a modalidade os organizadores decidiram franquear ao público a entrada na pista de Camarate.

FRIGORÍFICOS
KING
FAGOR
com o mais moderno sistema técnico de frio

Compre ALTA capacidade por BAIXO preço!

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — CPE

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
BALANÇO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

PRIMEIRO EXERCÍCIO DE 1969

SENHORES ACCIONISTAS:

Ao apresentar-vos, como nos cumpre, o balanço e as contas do ultimo exercício, que é também o primeiro desta vossa Companhia, por certo terá cabimento dizer que é este um momento singular na vida da entidade que ora concentra as vastas actividades antes repartidas pelas cinco sociedades de produção e transporte de energia da rede eléctrica primária.

Na verdade, o decreto-lei n.º 49 211 de 27 de Agosto de 1969, ao autorizar a fusão das referidas sociedades, lançou as bases para que, no quadro do sector da electricidade, se estruturasse nova orientação no domínio da produção e do transporte. Vai assim empreender-se uma gestão de exploração com mais potencialidades e um planeamento de mais fácil optimização para o conjunto da rede primária.

É claro que planear á escala da nova empresa será planear á escala nacional, agora que a actividade da Companhia abrange Portugal continental e a concessão da empresa terá o carácter de exclusividade que lhe foi legalmente conferido. Daí que as responsabilidades inerentes sejam de excepcional envergadura nos domínios técnico, económico e financeiro e que neste ultimo, de características fortemente capital-intensiva, a gestão da empresa assuma aspectos relevantes; basta pensar que ao ritmo de crescimento do mercado da energia, a duplicar em cerca de sete anos, será necessário duplicar também no mesmo curto período a nossa capacidade produtora, lançando sucessivamente novas centrais em serviço. Na fase actual, está a Companhia a investir cerca de 1,4 milhões de contos por ano, o que representa cerca de 10 % do imobilizado actual.

Neste dealbar da vida da vossa Companhia, uma preocupação fundamental tem atraído as atenções do Conselho de Gerência: a organização de arranque da empresa. Com efeito, constituída a sociedade, logo se impunha organizar a sua estrutura e definir organigrama, funções e quadros. A solução a adoptar, nesta fase de arranque, convinha que não afectasse profundamente a organização anterior á fusão, de forma a não paralisar a actividade então em curso, quer no domínio da exploração, quer no domínio da construção. Por isso se optou por criar como que quatro Direcções industriais (da Produção Hidráulica do Norte, da Produção Hidráulica do Sul, da Produção Térmica e Nuclear e da Rede de Transporte) com larga autonomia administrativa e responsabilidades de gestão orçamental e que concentram em si, essencialmente, as actividades de projecto, construção e exploração das antigas empresas.

Criaram-se também, para coadjuvar o Conselho de Gerência na coordenação das referidas Direcções industriais e na preparação das grandes decisões, Direcções Centrais para os seguintes domínios: planeamento e coordenação económica; assuntos financeiros; pessoal, acção social e organização; investigação; e um Serviço Central para os assuntos jurídicos.

Procurou-se, em suma, encontrar um equilíbrio entre a concentração das grandes decisões e a descentralização na acção, de forma a evitar a burocracia e a anquilose que podem tender a ocorrer em entidades de grande dimensão. É evidente, porém, que, como todas as orgânicas empresariais, também a nossa deverá evoluir e modificar-se de forma a adaptar-se convenientemente à evolução e, portanto, à dinâmica da empresa. Pensamos, aliás, lançar em breve uma campanha de estudo e análise da organização e das funções e recorrer à informática e à automação na medida do necessário, para melhorar a gestão da empresa. Esperamos assim confiadamente atingir os melhores índices de rendabilidade e de estrutura, dentro de um desejável clima de interesse e de harmonioso equilíbrio social do binómio capital-trabalho.

Outra preocupação imediata da Companhia tem sido o estudo do caderno de encargos da concessão, o qual, nos termos do decreto-lei n.º 49 211, deverá ser elaborado no prazo de quatro meses após a constituição da sociedade. Trata-se, como é sabido, de uma concessão de serviço público de produção e de transporte de energia eléctrica, para Portugal Continental, em regime de exclusivo no que se refere a novos centros produtores, a incluir na rede primária, e à ampliação da respectiva rede de transporte, e sem limite no tempo, ressalvando o Estado, òbviamente, o direito de rescisão, nos termos da Lei. Englobará, portanto, as concessões das anteriores cinco empresas que se fundiram na Companhia e todas as futuras centrais hidráulicas e térmicas, clássicas ou nucleares, ou de qualquer outra forma de energia, e a rede de transporte e interligação.

Os estudos oficiais para a elaboração do caderno de encargos encontram-se actualmente em curso, estando a Companhia a prestar a sua mais dedicada e atenta colaboração.

Apresentamos seguidamente um relatório sucinto das actividades da rede primária e da Companhia, no exercício de 1969. Necessàriamente não é viável uma pormenorização semelhante à que era corrente nos relatórios das empresas fusionadas, em face da multiplicação dos dados, nem tal teria em rigor agora interesse, antes sendo de realçar as perspectivas do conjunto. *(Ver mapa)*

1 — EXPLORAÇÃO

1.1 — Empreendimentos em exploração

Considerando que é este o primeiro relatório das actividades da Companhia, parece-nos útil informar os Senhores Accionistas de que são os seguintes os actuais empreendimentos em exploração:

Sistema	Empreendimento	Ano de entrada em serviço	Potência MW	Custo (milhares de contos)
Douro	Picote	1958	180	705
	Miranda	1960	155	886
	Bemposta	1964	210	1096
	Távora	1965	64	965
Cávado-Rabagão	Venda Nova	1951	81	452
	Salamonde	1953	42	216
	Caniçada	1955	60	395
	Paradela	1956	54	663
	Alto-Rabagão	1964	72	1573
Zêzere	C. do Bode	1951	139	674
	Cabril	1954	97	512
	Bouçã	1956	50	202
Total hídrico			1204	8339
Termoeléctrico	T. do Outeiro			
	Grupo 1	1960	50	819
	Grupo 2	1964	50	
	Grupo 3	1967	50	
	Carregado	1968		
	Grupo 1	1969	125	1237
	Grupo 2		125	
Total térmico			400	2056
Rede de transporte	Linhas: a 220 kV: 1450 km (*)			1067
	a 150 kV: 1340 km (*)			
	a 60 kV: 372 km			
	Subestações: Ermesinde		250 MVA	744
	Vermoim		360	
	Estarreja		120	
	Pereiros		360	
	Vila Chã		120	
	Zêzere		120	
	Sacavém		305	
	Alto de Mira		360	
	Setúbal		180	
	Porto Alto		—	
	Ferreira do Alentejo		50	
Outras instalações: Laboratório e telecomunicações				107
TOTAIS				12 313

(*) Incluídas as linhas Carrapatelo-Pereiros e Ferreira do Alentejo-Tunes, respectivamente a 220 kV e 150 kV, entradas em serviço em 1969.

O referido sistema produtor hidroeléctrico da rede primária, actualmente em exploração, tem uma produtibilidade em «ano médio» de 5640 GWh, valor muito próximo da produção requerida para satisfação das necessidades no ano transacto (5351 GWh). Justifica-se, assim, que, nas circunstâncias actuais e em caso de regime médio ou húmido, a produção térmica seja modesta.

Em ano seco (com 95% de probabilidade de ser excedido), a capacidade de produção do conjunto dos mesmos aproveitamentos reduz-se, porém, para cerca de 4000 GWh — fenómeno acompanhado, ainda, por uma sensível redução da produção própria das empresas distribuidoras e, em consequência, de um aumento correspondente da energia pedida à rede primária — o que implica, para garantia dos consumos em tal hipótese, o recurso a elevada produção térmica (a produção anual que se considera possível obter do equipamento térmico actual, em tais circunstâncias, ascende a 2300 GWh).

É, aliás, à luz deste critério que se deve aferir a capacidade de garantir o abastecimento dos consumos e se lançam novos empreendimentos hidráulicos e térmicos programados de acordo com o crescimento do mercado.

1.2 — Reflexões sobre a produção

Em 1969, a produção total de energia eléctrica em Portugal Continental foi de 6839 GWh; se a este valor acrescentarmos o modesto saldo importador das trocas internacionais (23 GWh), obtemos o que podemos considerar como o consumo interno total, referido à produção: 6862 GWh.

A contribuição da rede primária em 1969 — no valor de 78,3 % da referida produção total do País e de 84,1 % da rede interligada — repartiu-se como segue:

Produção:	Sistema Douro	2 686 GWh
	Sistema Cávado-Rabagão	1 446 GWh
	Sistema Zêzere	1 071 GWh
	Total hidráulico	5 203 GWh
	Centrais térmicas	148 GWh
	Total	5 351 GWh
Trocas internacionais:	Saldo de importação	23 GWh
	Total	5 374 GWh

Verifica-se, portanto, que a produção da rede primária foi quase totalmente de origem hídrica — o que, para além da preponderância hidroeléctrica existente no nosso sistema produtor, reflecte sobretudo um regime hidrológico muito favorável no ano findo.

Foi, na realidade, muito húmido o ano de 1969: o correspondente coeficiente de produtibilidade hidroeléctrica foi de 1,22, valor que, referido ao ano hidrológico, sobe, ainda, para 1,34 — traduzindo um regime com a probabilidade de ser excedido de 11 % apenas.

Em termos breves, podemos descrever o regime hidrológico dizendo que a uma estação húmida extremamente favorável se seguiu, no período correspondente à estiagem normal, um regime de afluências também sensivelmente superior à média. Deste panorama apenas veio a destoar o último bimestre do ano civil.

Em correspondência com o regime que acabámos de descrever, o conjunto das albufeiras da rede primária, que já iniciara o reenchimento em fins de Outubro do ano anterior, veio a atingir uma situação de, pràticamente, pleno enchimento a partir de meados de Janeiro.

A situação de pleno enchimento generalizado manteve-se até à última semana de Junho, altura em que se iniciou o desarmazenamento estival.

As perspectivas então havidas quanto à condução da exploração na estiagem eram, como seria de esperar, excelentes.

O carácter também muito favorável do período correspondente à estiagem normal veio a permitir dispensar o recurso a quaisquer medidas de apoio térmico (por razões puramente energéticas), o qual, em sequência do carácter menos favorável dos dois meses finais do ano, só veio a revelar-se necessário a partir de meados de Dezembro, por motivo de ter sido atingida a curva-guia das albufeiras do sistema Zêzere.

Tal circunstância, aliada à forte redução dos caudais do Douro, impôs que o grupo da central do Carregado, que já se encontrava em serviço, por razões de sustentação da tensão na zona sul, passasse a regime de apoio em energia, e que entrassem em idêntico regime, sucessivamente, o outro grupo da mesma central e um grupo da Tapada do Outeiro, situação que se prolongou até aos primeiros dias de Janeiro do corrente ano. Na data em que se redige este relatório, mantém-se ainda em funcionamento um grupo da central do Carregado, com potência reduzida, não por razões de apoio em energia, mas sim pelas já referidas razões de sustentação dos níveis de tensão na zona sul da rede.

A produção térmica em 1969 foi, como vimos, de 148 GWh, dos quais 140 GWh foram produzidos na central do Carregado e 8 GWh na central da Tapada do Outeiro.

(Continua na pág. seguinte)

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — CPE

(Continuação da pág. anterior)

A modesta produção da central da Tapada do Outeiro não realça o serviço de apoio à rede por ela prestado, dado que, na realidade, se manteve quase permanentemente em paralelo com os seus grupos funcionando como compensadores síncronos (emissão para a rede de 431 milhões de kVArh durante 8308 horas).

Os consumos não permanentes foram abastecidos sem qualquer limitação quantitativa da parte da rede.

Relativamente à interligação internacional, há a referir que, em 1969, o paralelo com a rede europeia foi mantido durante todo o ano, o que sucede pela primeira vez, isto porque a favorável hidraulicidade de toda a estação húmida permitiu dispensar trânsitos de potência muito elevada a partir do sistema Douro, sendo, em consequência, possível dispensar, sem grande inconveniente, a linha que, nas condições actuais de esquema, fica aberta quando está estabelecida a interligação Pocinho-Saucelle. Tal paralelo permanente com a rede europeia é do maior interesse pela melhoria que introduz nas condições de segurança da exploração

Apesar dos modestos quantitativos de trocas de energia que até agora têm transitado pela interligação internacional, esta continua a revestir-se de elevado valor potencial, não só no caso de hidraulicidade desfavorável mas também no caso de dificuldades transitórias, em que o socorro mútuo já se tem revelado com oportunidade e eficácia, ao que não é estranho o excelente entendimento que se tem mantido nos contactos internacionais estabelecidos através da União Franco Ibérica para a Produção e Transporte de Electricidade (UFIPTE).

A terminar este capítulo, uma breve referência à bombagem.

Como se sabe, os grupos da central do Alto Rabagão estão munidos de bombas, que permitem elevar água da albufeira de Venda Nova para a do Alto Rabagão, reforçando, assim, o enchimento desta última. Na estação húmida de 1968/69, houve ocasião de recorrer a essa transferência, tendo o consumo em bombagem sido de 84 GWh. O correspondente acréscimo do armazenamento do Alto Rabagão foi da ordem de 235 GWh.

1.3 — Evolução dos consumos

Na rede das empresas interligadas (que abastece cerca de 93 % dos consumos do País) verificou-se em relação ao ano anterior um acréscimo de 9,8 % na produção total. Este valor não é, porém, significativo da evolução dos consumos. De facto, tendo em conta as trocas internacionais e decompondo o consumo, como habitualmente, nas suas parcelas «permanente» e «não permanente», verifica-se que a produção para consumos permanentes teve, em relação a 1968, um acréscimo de 10,1 %. Quanto aos consumos não permanentes, acrescidos das respectivas perdas, registou-se em 1969 uma redução de 4,4 %, a qual não é todavia inteiramente significativa, porque deixou de ser classificado nessa rubrica um «consumo especial» (da Soda Póvoa), que passou a ser classificado como «consumo permanente». Diga-se a propósito que vai sendo tempo de dar por findas estas classificações de «permanente» e «não permanente», correspondentes a fixações mais ou menos arbitrárias de preços de venda, para se passar ao regime de contratos de abastecimento em termos empresariais directos de acordo com as realidades económicas das duas partes, produtor e consumidor.

A taxa de 10,1 % relativa ao acréscimo da produção para consumos permanentes é a mesma que se verificou em 1968. Se efectuarmos a correcção correspondente à consideração em 1969, pela primeira vez, do consumo especial atrás referido, a taxa de acréscimo verificada em 1969 baixa para 8,9 %.

Estas taxas, que não reflectem sintomas de franca recuperação das anteriores tendências, quebradas há mais de quatro anos, justificam que se continue a prestar toda a atenção às perspectivas de evolução dos consumos, de modo a adaptar-lhes, da melhor maneira, os programas de expansão do sistema produtor, como o impõem as exigências da economia de gestão.

1.4 — Movimento de energia

Para além da produção das centrais da rede primária, e do saldo importador das trocas internacionais, foram recebidos na rede de transporte e interligação cerca de 73 GWh provenientes das redes de grande distribuição, o que, de uma maneira geral, corresponde ao que podemos considerar como energia em trânsito por razões especiais.

Nestes termos, podemos considerar que os fornecimentos contabilizados da rede primária (isto é, a energia vendida) foram, totalmente, realizados a partir da produção própria.

O correspondente balanço estabelece-se, então, como segue:

Produção total	5 351 GWh	
Energia vendida	4 783 GWh	
Consumos próprios	74 GWh	
Bombagem	70 GWh	
Perdas nas centrais e na rede	424 GWh	(7,9%)

As energias produzida e vendida discriminam-se como segue:

a) Energia produzida (GWh)

A. Rabagão	158,0	
Paradela	239,1	
V. Nova	460,3	
Salamonde	282,9	
Caniçada	306,0	
SISTEMA CÁVADO-RABAGÃO		1 446,3
Vilar-Tabuaço	155,7	
Miranda	771,1	
Picote	785,5	
Bemposta	973,5	
SISTEMA DOURO		2 685,8
Cabril	384,3	
Bouçã	193,6	
C. Bode	493,1	
SISTEMA ZÊZERE		1 071,0
Carregado	139,5	
Tapada do Outeiro	8,1	
PRODUÇÃO TÉRMICA		147,6
PRODUÇÃO TOTAL		5 350,7

b) Energia vendida (GWh)

b.1) A grandes distribuidoras			
Companhias Reunidas Gás e Electricidade		1 508,4	
União Eléctrica Portuguesa			
— Rede Norte	687,0		
— Rede Sul	491,0	1 178,0	
Companhia Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal		539,7	
Câmara Municipal do Porto		248,1	
Companhia Eléctrica das Beiras		183,6	
Hidro Eléctrica Alto Alentejo		127,9	
Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve		101,0	
Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela		31,3	
Total			3 918,0
b.2) A consumidores directos de energia permanente			
Tracção eléctrica		165,7	
Indústria química		128,6	
Indústria siderúrgica		76,9	
Total			371,2
b.3) A consumidores de energia de carácter não permanente			
Indústria electroquímica e electrosiderúrgica			493,8
TOTAL DA ENERGIA VENDIDA			4 783,0

1.5 — Contratos, tarifas e receitas de exploração

Em 1969 foram assinados dois contratos de fornecimento de energia: com as Companhias Reunidas Gás e Electricidade, em renovação e actualização do contrato anteriormente existente; com a Soda Póvoa, regulando o fornecimento a esta última empresa, feito por intermédio da rede das C. R. G. E.

Foi também prorrogado por mais dois anos, contados a partir de 22 de Janeiro de 1969, o acordo de intercâmbio de energia com a Hidroeléctrica Española, que diz respeito fundamentalmente à troca de energia excedentária de qualquer das redes.

As tarifas de venda de energia eléctrica durante o ano de 1969, antes e depois da fusão das empresas da rede primária, foram as mesmas que vinham sendo praticadas anteriormente, com base, para os consumos denominados «permanentes», na tarifa geral aprovada pelos despachos da Secretaria de Estado da Indústria de 19/1/66, 24/1/66 e 29/5/66.

As receitas da venda de energia provenientes da aplicação dessas tarifas, no caso dos consumos permanentes, e dos regimes especiais de contrato no caso dos consumos não permanentes, constituem as receitas da exploração da Companhia no ano de 1969, uma vez deduzida a quota-parte a atribuir, por despacho da Secretaria de Estado da Indústria, nos termos do Decreto-Lei n.º 46 031, ao Fundo de Apoio Térmico, o qual tem por função cobrir os encargos variáveis da produção térmica que for necessária para abastecimento da rede. Para 1969, a percentagem da receita atribuída ao Fundo de Apoio Térmico foi de 7,4%, ou seja, um valor percentual igual ao do exercício do ano anterior.

As receitas relativas aos 3 grupos de fornecimentos antes referidos, e correspondentes preços unitários de venda, foram, em 1969, os seguintes:

	Energia vendida GWh	*Receita 10³ contos*	*Preço médio ctvs./kWh*
Grandes distribuidores	3 918	1 337	34,1
Consumidores directos permanentes	371	100	27,0
Consumidores de carácter não permanente	494	60	12,3
TOTAL	4 783	1 497	31,5

1.6 — Conservação das instalações

Foram realizados, em todas as centrais e subestações, e em diversas linhas, os habituais trabalhos de conservação necessários.

Dentre eles, merecem referência, pela sua amplitude ou pelos reflexos na exploração, alguns dos que foram levados a efeito nos sistemas hidroeléctricos do Douro e do Zêzere, já que nas centrais térmicas, em que tal conservação é por natureza especialmente importante, nada houve de especial em face do seu reduzido funcionamento.

No que respeita ao sistema Douro, há a assinalar que, no prosseguimento do programa de substituição dos enrolamentos estatóricos dos alternadores das centrais do Douro Internacional, reentraram em exploração, em perfeitas condições de serviço, depois de rebobinados, os geradores das centrais de Bemposta e Picote e também, com outras melhorias, um dos grupos da central de Miranda.

A ocorrência de fugas no circuito hidráulico do aproveitamento de Vilar (Távora) obrigou, também, à realização dos correspondentes trabalhos de consolidação, que implicaram a indisponibilidade da central, de meados de Setembro até ao fim do ano.

No que se refere ao sistema Zêzere, há a assinalar a revisão geral de um dos grupos da central do Cabril, realizada de meados de Abril a princípios de Agosto, assim como a revisão e conservação da grelha da tomada de água dum grupo central de Castelo de Bode, o que introduziu condicionamentos na cota da albufeira.

1.7 — Abastecimento de combustíveis

1.7.1. — *Central da Tapada do Outeiro*

Para o ano de 1969 foi encomendado às minas abastecedoras um contingente de 160 000 toneladas; embora em regime de inexistência de contratos, por denúncia pelas empresas abastecedoras dos anteriormente vigentes, continuaram a ser aplicadas as suas cláusulas aos fornecimentos realizados. O valor efectivo da recepção de carvões cifrou-se, no fim do ano, em 161 092 toneladas, das quais 75 997 toneladas foram entregues pela Companhia das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova e as restantes 85 095 toneladas pela Empresa Carbonífera do Douro.

Dado que os consumos verificados foram apenas de 8 262 toneladas, a reserva do parque subiu de 363 344 toneladas, no início de 1969, para 516 174 toneladas, no fim do ano.

Para 1970, atendendo à situação de pleno enchimento do parque e à ausência de previsões seguras de funcionamento da central, não foi ainda possível fixar o quantitativo anual do abastecimento, o qual aliás se encontram suspenso na data da redacção deste relatório, por força da referida situação de pleno enchimento do parque. A recepção, na central da Tapada do Outeiro, de carvões de S. Pedro da Cova e do Pejão, será retomada logo que o parque o comporte.

1.7.2. — *Central do Carregado*

O abastecimento de fuel-óleo à central do Carregado cifrou-se em cerca de 20 072 toneladas, fornecidas conjuntamente pela SACOR e pela SONAP, ao abrigo do alvará especial de importação de fuel-óleo oportunamente atribuído à Empresa Termoeléctrica Portuguesa.

O consumo da central atingiu o montante de 32 274 toneladas, tendo a reserva passado de 33 189 toneladas, no início de 1969, para 20 986 toneladas, no fim do ano.

Em contacto com as Entidades Oficiais, e respeitando a orientação estabelecida, concluiu-se em 1969 uma minuta de contrato de abastecimento com as referidas empresas, que está nesta data pendente de apreciação oficial, nos termos das obrigações do caderno de encargos da produção térmica.

2 — ESTUDOS, PROJECTOS E CONSTRUÇÃO

2.1 — Empreendimentos em curso de realização

De acordo com o planeamento aprovado para a realização de novos centros produtores e para a expansão da rede de transporte, em conformidade com o III Plano de Fomento, estão actualmente em construção os seguintes empreendimentos:

a) Centrais hidroeléctricas:

Rio	Barragem	Potência MW	Energia produtível em ano médio GWh	Data prevista de entrada em serviço	Investimento previsto (*) (milhares de contos)
Tejo	Fratel	3 × 43	430	1973	940
Douro	Carrapatelo	3 × 60	1000	1971	1950
	Régua	3 × 52	700	1972	1620
	Valeira	3 × 50	790	1975	1800
Homem (bacia do Cávado	Vilarinho das Furnas	1 × 64	220	1971	800
Ampliação das bacias hidrográficas:					
— De Paradela (Cávado), desvio do rio Toco (já em serviço)				Conclusão em 1970	160
— De Venda Nova (Rabagão): desvio do rio Cabreira					

(*) Últimos valores previstos anteriormente, isto é, ainda não revistos no âmbito da CPE.

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — CPE

(Continuação da pág. anterior)

b) Centrais térmicas

Carregado — 2.ª fase	Potência MW	Energia produtível em ano seco GWh	Data prevista de entrada em serviço	Investimento previsto (*) (milhares de contos)
Grupo 3	125	700 (**)	1971	560
Grupo 4	125	700 (**)	1973	490

(*) Últimos valores previstos anteriormente, isto é, ainda não revistos no âmbito da CPE.

(**) Factor de disponibilidade e de colocabilidade adoptado: 0,70.

c) Rede de transporte

Linhas:	*Data prevista da entrada em serviço:*
— Carregado - Alto de Mira:	Agosto de 1970
— Carregado - Porto Alto:	Dezembro de 1970
Subestações (Ampliações de potência):	
— Vermoim: (120 MVA, 220/60 kV)	Agosto de 1970
— Alto de Mira: (120 MVA, 220/60 kV)	Agosto de 1970
— Ferreira do Alentejo: (50 MVA, 150/60 kV)	Agosto de 1970
— Porto Alto: (instalação de 120 MVA, 220/150 kV)	Dezembro de 1970

A estes empreendimentos da rede de transporte corresponde um investimento global da ordem de 140 000 contos.

2.2 — Aproveitamentos do Douro

2.2.1 — *Estudos e projectos*

A actividade de estudos foi bastante intensa durante o ano de 1969. Com efeito, foi elaborado o projecto do aproveitamento da Valeira e também se concluiu o de Crestuma, além da normal tarefa de preparação dos desenhos de execução para os aproveitamentos de Carrapatelo e de Régua

O projecto relativo à Valeira, bem como o da estrada de acesso ao local, foram já apresentados aos Serviços Oficiais competentes. Após a conclusão do projecto da Valeira, deu-se imediatamente início à preparação dos elementos necessários ao processo de concurso para a realização das obras principais de construção civil deste aproveitamento, cujo arranque se considera conveniente não retardar em face da natureza da obra

Tendo em vista a preparação de futuros projectos, manteve-se a recolha de elementos relativos à bacia hidrográfica do Douro e prosseguiu-se na obtenção de novos elementos topográficos.

Continuou-se também a dar a devida atenção à observação do comportamento dos aproveitamentos já em exploração, com a colaboração do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

2.2.2 — *Construção*

Carrapatelo

Desenvolveram-se com bom ritmo, neste exercício, os trabalhos de construção deste aproveitamento, apesar das condições desfavoráveis dos caudais que, por três vezes, durante o primeiro trimestre, inundaram os locais das obras principais, provocando alguns estragos e a formação de depósitos de areias e lamas, obrigando a trabalhos de reparação e remoção antes do prosseguimento das betonagens. Estas operações, que só vieram a ficar concluídas em fins de Abril, foram causa de graves perturbações que contribuíram para dilatar o prazo de execução do aproveitamento.

A partir de então, e devido também ao facto de estarem já completamente vencidas as dificuldades impostas pelos acidentes geológicos defrontados na central, foi possível incrementar os trabalhos de betonagem, tendo-se colocado, durante o ano, cerca de 235 000 m³ de betão, apesar das paralisações provocadas pelas cheias.

Até ao fim de Dezembro, os volumes de escavações realizados e dos betões colocados nos elementos de obras principais atingiram, respectivamente, 1 120 000 e 650 000 m³

Estão em vias de acabamento todas as obras decorrentes da criação da futura albufeira e que é urgente concluir antes do seu enchimento, tais como os trabalhos de consolidação dos taludes e obras de arte do caminho de ferro, o restabelecimento de comunicações e a construção do novo aldeamento da Pala.

Em matéria de equipamentos hidromecânicos e electromecânicos, deu-se seguimento aos planos da respectiva montagem.

Régua

Prosseguiram em bom andamento os trabalhos de construção deste aproveitamento, que se desenvolveram de acordo com os programas, apesar dos contratempos criados pelos elevados caudais verificados no primeiro trimestre de 1969. Assim, concluiu-se, no decorrer do ano, a montagem das instalações de fabrico e colocação de betões e restantes equipamentos destinados à construção do aproveitamento.

Apesar das permanentes dificuldades de recrutamento de mão-de-obra, foi possível concluir, até ao fim da estiagem, as fases de construção previstas na metade da barragem da margem direita e bacia de dissipação, necessárias para garantir a operação de desvio do rio no próximo ano. Depois de desviado o caminho de ferro, concluíram-se as escavações na zona da central e iniciaram-se as betonagens da descarga auxiliar e dos grupos da central. Na zona da eclusa iniciaram-se as escavações e concluiu-se a primeira fase de consolidação da encosta.

Em fins de 1969, as escavações realizadas e os betões colocados nos elementos de obra principais do aproveitamento totalizavam, respectivamente, 585 000 e 110 000 m³.

Em matéria de equipamentos hidromecânicos e electromecânicos, fizeram-se encomendas e iniciaram-se montagens, de acordo com os respectivos programas de trabalhos.

Valeira

Com a adjudicação da empreitada de construção do acesso ao local do aproveitamento, na margem esquerda, iniciaram-se os trabalhos de construção, tendo-se já realizado cerca de 50 000 m³ de escavações

Elaborou-se o projecto da linha a 30 kV que, a partir da central de Tabuaço, alimentará o estaleiro deste aproveitamento, tendo-se ainda executado a piquetagem do traçado.

2.3 — Aproveitamentos hidroeléctricos das bacias do Cávado e do Tâmega

2.3.1 — *Estudos e projectos*

Completaram-se os projectos de execução necessários ao andamento dos trabalhos das captações e derivações para ampliação das bacias hidrográficas de Paradela e Venda Nova.

No acompanhamento da construção do escalão de Vilarinho das Furnas, elaboraram-se estudos de pormenorização necessários à execução das obras. Relativamente a este mesmo aproveitamento, elaborou-se o projecto de uma variante de descarregador de cheias, já superiormente aprovado e presentemente em ensaios sobre modelo reduzido no Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Como colaboração no desenvolvimento do programa de construção de novos centros produtores, procedeu-se à realização do projecto do escalão do Torrão, no rio Tâmega, que se submeteu à apreciação oficial em Setembro de 1969.

Com relação ao plano geral do aproveitamento hidroeléctrico da bacia hidrográfica do rio Tâmega, prosseguiram com maior intensidade os estudos de actualização dos elementos hidrológicos e energéticos, efectuaram-se reconhecimentos geológicos em quase todos os locais das barragens dos escalões previstos e procedeu-se à primeira definição e cálculo das barragens respectivas.

Como trabalho de rotina, dedicou-se a necessária atenção à observação do comportamento das obras dos escalões já em exploração nos rios Cávado e Rabagão, como convém à sua conservação em boas condições de segurança.

2.3.2 — *Construção*

Vilarinho das Furnas (rio Homem)

Foram adjudicadas, em fins de 1967, as empreitadas de construção da barragem e respectivas obras de derivação; os trabalhos, iniciados em 1968, desenvolveram-se a pleno rendimento durante o ano de 1969.

Neste mesmo ano procedeu-se também ao lançamento dos concursos e concretização da adjudicação das obras do edifício da central, da plataforma da conduta forçada (construção civil) e ainda do fornecimento e montagem das blindagens do túnel em carga e da conduta forçada

Concluíram-se as escavações para a fundação da barragem, com os tratamentos localizados que se tornaram indispensáveis onde a sua natureza geológica o aconselhava. As betonagens prosseguiam, no início do ano, a um ritmo ainda condicionado pelo tratamento das escavações da fundação, mas que puderam, a partir da conclusão desse tratamento, desenvolver-se a cadência sempre crescente de tal forma que, neste momento, nos faz prever a recuperação total dos atrasos iniciais de modo a poder cumprir-se a data de conclusão dos trabalhos prevista para o começo do 4.º trimestre de 1970. O volume de betão colocado até fins de 1969 atingiu o valor de 149 000 m³, sensivelmente metade do total previsto para a construção da barragem.

Iniciaram-se, já no decorrer de 1970, os trabalhos para execução do descarregador de cheias. Os trabalhos nas obras de derivação prosseguiram também em bom ritmo, o qual se compatibiliza com o desenvolvimento da obra principal na barragem.

Quanto à central e à subestação, concluiu-se o acesso à central e executaram-se as escavações a céu aberto e o aterro no local da subestação. Adjudicados os trabalhos de construção civil da central e anexos, prossegue a sua execução.

Foi adjudicado o equipamento electromecânico da central, continuando-se, com base nos programas da sua entrega e montagem, a prever a entrada em serviço do novo aproveitamento no primeiro semestre de 1971. É de fazer notar que esta será a primeira central nacional inteiramente automatizada e telecomandada (a partir da central da Caniçada, localizada a 10 km de distância).

Ampliação das bacias hidrográficas de Paradela (Cávado) e Venda Nova (Rabagão).

Concluído o desvio do rio Toco, como se encontrava previsto, ficaram terminadas as obras de ampliação da bacia hidrográfica de Paradela, o que já permitiu o aproveitamento dos caudais afluentes no ano hidrológico corrente.

O desenvolvimento das obras do desvio do rio Cabreira para a albufeira de Venda Nova, já em fase de acabamentos, conduzirá à sua entrada em serviço nos primeiros meses de 1970.

2.4 — Aproveitamento hidroeléctrico de Fratel

2.4.1 — *Estudos e projectos*

Prosseguiram os estudos e projectos relativos ao aproveitamento em curso de realização no Fratel, designadamente em ligação com a execução da derivação provisória do rio e início da betonagem das obras definitivas no início do ano, e com as adjudicações dos equipamentos hidromecânicos e electromecânicos no fim do ano.

Continuou-se com a observação topográfica e com os registos de infiltrações e subpressões nas três barragens do sistema Zêzere, com vista a alertar sobre qualquer comportamento anormal. As observações têm sido feitas com maior frequência na barragem do Cabril, a qual pela sua altura e natureza das fundações necessita de ser acompanhada mais atentamente.

2.4.2 — *Construção*

Construídas as infra-estruturas do estaleiro — estrada de acesso, alojamento para pessoal, etc. —, adquiridos os equipamentos fixos para a construção e feita parte das escavações no leito do rio em regime de empreitada prévia, ficou em 1968 a obra preparada para o desenvolvimento dos trabalhos por parte do empreiteiro geral da construção civil.

As metas principais a atingir em 1969, como previsto no programa de trabalhos, diziam respeito à montagem do estaleiro e dos equipamentos, e à realização do conjunto de obras que permitissem fazer, durante a estiagem, a derivação provisória do rio. Para isso, procurou-se e conseguiu-se coordenar os trabalhos em Fratel com os trabalhos em curso na grande barragem de Alcântara, no país vizinho, e, desse modo, a operação que se antevia difícil do desvio do rio do seu curso normal fez-se com toda a facilidade, em menos de uma semana, logo após o represamento das águas naquela barragem espanhola.

As dificuldades de recrutamento de mão-de-obra têm-se feito sentir fortemente neste estaleiro, agravadas pela concorrência movida por outras obras em curso na região.

De modo geral, no entanto, pode afirmar-se que a obra de Fratel, durante 1969, prosseguiu bem, situando-se os trabalhos sem atraso em relação ao programa estabelecido.

2.5 — Aproveitamento do Mondego

Está em curso o projecto definitivo do aproveitamento da Aguieira, no Baixo Mondego, em ligação com a Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e no seguimento da orientação do Decreto-Lei n.º 47 240 de 6 de Outubro de 1966, já concretizada, neste caso, por decisão tomada em Conselho de Ministros em Outubro de 1969.

Prosseguiram também os estudos para inventariar os recursos da bacia do rio Mondego, procurando definir-se um esquema para o aproveitamento do Alto Mondego que contemple as suas finalidades múltiplas, de acordo com as directrizes da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos.

2.6 — Aproveitamento do Guadiana

Completou-se o projecto do aproveitamento de fins múltiplos de Alqueva, no rio Guadiana, que foi entregue à Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, no desempenho de funções de seus consultores.

2.7 — Centrais térmicas e nucleares

2.7.1 — *Central do Carregado*

Estudos e projectos

O desenvolvimento do projecto do 3.º grupo do Carregado entrou em fase activa, tendo-se passado as encomendas para todo o equipamento electromecânico, com excepção de alguns fornecimentos subsidiários.

No que respeita à engenharia civil, foi executado em 95% do total o projecto relativo ao 3.º grupo gerador. Em relação ao quarto grupo, o avanço do projecto de engenharia civil pode estimar-se em 75%.

Foi colocada a primeira encomenda para a 4.ª unidade, com adjudicação do grupo turbo-alternador.

Foi adjudicada a empreitada da fundação de dois reservatórios de fuel-óleo de 20 000 t correspondentes aos 3.º e 4.º grupos da central.

Foi adjudicado também o fornecimento e montagem da estrutura metálica e revestimento da sala de máquinas relativas à 2.ª fase da central.

Comprovada a viabilidade da ampliação da potência da central do Carregado para 6 × 125 MW = 750 MW, designadamente no que respeita à capacidade do canal

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — CPE

(Continuação da pág. anterior)

de adução para transportar o suplemento de caudal necessário à refrigeração dos grupos, iniciaram-se e estão em curso os estudos gerais e de pormenor relativos a esta ampliação.

No ano de 1970 deverão iniciar-se os trabalhos de construção civil relacionados com a execução da 3.ª fase da central, dizendo respeito nomeadamente à preparação dos locais a ocupar pela ampliação.

Construção

Concluíram-se os trabalhos de acabamento referentes a obras e instalações complementares do 2.º grupo e também a instalação do oleoduto entre o cais do Tejo e os reservatórios de fuel-óleo para abastecimento de combustível por via fluvial.

Decorreram em andamento normal as obras gerais de construção civil iniciadas no Verão de 1968.

Executaram-se também as fundações dos reservatórios de fuel-óleo correspondentes aos 3.º e 4.º grupos, os quais vão ser submetidos a ensaios; e iniciaram-se as montagens das estruturas do gerador de vapor do 3.º grupo.

2.7.2 — *Central da Tapada do Outeiro*

Está actualmente em curso, num dos grupos, a montagem de um despoeirador electrostático de alto rendimento em substituição do antigo sistema hidráulico de menor rendimento. Fica assim completa, nos três grupos, a instalação de despoeiramento electrostático que reduzirá apreciàvelmente a poluição atmosférica devida aos fumos emitidos pelas chaminés da central.

2.7.3 — *Central de Rio Maior*

Os condicionamentos ainda pendentes de resolução, no tocante à concessão mineira, recomendaram um abrandamento de ritmo dos estudos nos aspectos mais ligados ao equipamento. Durante o ano de 1969 apenas se procedeu à colheita de elementos de rotina com vista ao melhor conhecimento da hidrogeologia local.

2.7.4 — *Primeira central nuclear*

Apesar duma evolução dos mercados menos favorável à instalação das baixas potências unitárias, os indicadores recolhidos nos estudos em curso continuaram a mostrar o interesse que poderá ter a integração na rede nacional duma central nuclear.

No ano de 1969 desenvolveu-se uma campanha sistemática de prospecção de sítios para centrais térmicas, tendo em vista especialmente a localização da primeira central nuclear.

Considerando que essa primeira central se destinará essencialmente a satisfazer consumos da região de Lisboa, foram seleccionadas algumas localizações possíveis, das quais uma se considera mais favorável para a primeira realização.

Foram efectuadas campanhas de sondagens para reconhecimento do terreno de fundação e está definido um programa de prosseguimento dos estudos de caracterização do sítio escolhido.

Dos estudos de planeamento que irão desenvolver-se na Companhia resultará uma orientação sobre a data de integração possível da primeira central nuclear que permitirá desenvolver adequadamente os estudos preliminares já encetados.

Também em 1969 se intensificou a nossa colaboração com a Junta de Energia Nuclear, no âmbito de um vasto programa de estudos relativos à instalação e funcionamento de centrais nucleares.

Esse programa foi aprovado em Conselho de Ministros e consiste numa numerosa série de estudos parciais a cargo de grupos de trabalho em que participam fundamentalmente, além de diversos departamentos da Junta de Energia Nuclear, os organismos oficiais interessados e a nossa Empresa.

Merece ainda referência a realização de uma missão de estudos de técnicos da nossa Companhia e da Junta de Energia Nuclear a alguns dos principais países europeus fabricantes de reactores nucleares e possuindo centrais nucleares em construção ou exploração.

A finalidade desta missão foi essencialmente a de avaliar os problemas e assuntos relacionados com a engenharia civil no que se refere ao projecto e à construção, e também à organização das empresas.

2.8 — Rede de transporte

Não foram iniciadas obras de vulto durante o ano de 1969, pois não foram lançados novos centros produtores que conduzissem à necessidade do reforço do equipamento de transporte existente.

A acção limitou-se à continuação dos trabalhos já antes programados, essencialmente resultantes do aumento dos consumos.

2.8.1 — *Linhas*

Linha Carrapatelo-Pereiros

Entrou em serviço no mês de Setembro, com a nova subestação do Carrapatelo, cuja construção foi antecipada em relação à central. Como consequência disso ligou-se à sua tensão nominal de 220 kV o troço Carrapatelo-Vermoim da antiga linha da central do Tabuaço, que provisòriamente amarrava na subestação de Ermesinde (150 kV).

Ficou assim completo um novo circuito a 220 kV (Douro Internacional-Vermoim-Pereiros), reforçando-se a capacidade de transporte para o sul do País, como a experiência vinha aconselhando.

Linha do Algarve

Ficou concluída nos primeiros dias de Agosto, mas só entrou em serviço em Dezembro, data de conclusão da montagem do respectivo painel de saída na subestação de Ferreira do Alentejo. Foi construída para a tensão de 150 kV e está a funcionar a 60 kV. Quando o desenvolvimento do consumo do Algarve o justificar, será construída uma subestação de transformação de 150/60 kV em Tunes, para a qual já foi adquirido o terreno, e a linha passará então a funcionar à sua tensão nominal.

Linha Alto de Mira-Carregado-Porto Alto

Procede-se neste momento à construção da linha a 220 kV Carregado-Alto de Mira, estando implantados 75% dos maciços de fundação dos postes e iniciada a montagem destes. Espera-se tê-la concluída durante a próxima estiagem, seguindo-se a montagem do troço Carregado-Porto Alto, a acabar nos últimos meses do corrente ano.

2.8.2 — *Subestações*

Ampliações das subestações existentes

Estão em curso trabalhos de ampliação da potência instalada nas subestações de Vermoim, Alto de Mira e Ferreira do Alentejo, que se espera concluir até meados de 1970. Tem também continuado a montagem de novos painéis de 60 kV, para responder ao aumento da potência pedida.

Para a subestação de Porto Alto foi adquirido um autotransformador de 120 MVA 220/150 kV, e o material necessário à sua montagem. Estabelecemos assim uma nova ligação entre as redes de 220 e 150 kV, ligando Porto Alto à central do Carregado por meio da linha a 220 kV a que já se fez referência. Contamos que estas novas instalações estejam em serviço cerca do fim de 1970.

Subestação do Pocinho: Reforço do abastecimento de Trás-os-Montes; interligação com a Espanha

Está prevista, desde há tempo, a instalação duma subestação no Pocinho que, além da recepção da energia a produzir na prevista central do mesmo nome, teria a finalidade de efectuar o abastecimento mais directo da rede de distribuição de Trás-os-Montes e realizar, em solução tècnicamente apropriada, a interligação com a Espanha.

O problema foi agora retomado, já no quadro da CPE, para estudo completo dos seus diversos aspectos com vista à escolha da melhor solução que poderá revelar-se mesmo ser uma solução alternativa, utilizando as maiores facilidades derivadas de a rede de transporte e as centrais do Douro Internacional estarem agora concessionadas a uma única entidade. Espera-se que, em breve, seja possível anunciar os resultados dos estudos, com vista à adopção de soluções em primeira fase.

2.8.3 — *Oficinas*

As oficinas de Sacavém, criadas oportunamente pela extinta Companhia Nacional de Electricidade para a fabricação de postes — corte e zincagem — trabalhavam directamente para as realizações da rede de transporte. Anote-se no entanto que, como o ritmo variável de construção das linhas da rede de transporte não permite assegurar carga constante às oficinas, se tem procurado trabalhar para o mercado exterior, procurando regularizar a carteira de encomendas de forma a melhorar a rendabilidade.

Assim, no exercício de 1969, a repartição da produção das oficinas de Sacavém entre a rede de transporte e outros clientes é significativamente comparável, como se deduz dos seguintes valores:

fabrico:	rede de transporte	889 t
	outros clientes	576 t
zincagem:	rede de transporte	763 t
	outros clientes	764 t
montagens de estruturas:	rede de transporte	98 t
	outros clientes	135 t

Impõe-se òbviamente, no quadro da CPE, a análise da viabilidade económica desta actividade, com vista ao estudo das melhores soluções a adoptar, até porque agora se dispõe de acrescidas possibilidades de utilização, e mesmo de reconversão, se tal for conveniente.

2.9 — Outros estudos e projectos

No âmbito da cooperação estabelecida com entidades que a solicitaram, prosseguiu a elaboração dos elementos relativos ao seguimento das obras em curso no empreendimento de Chicamba, no rio Revué, em Moçambique; e na ribeira de Odivelas, integrada no Plano de Rega do Alentejo, da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos.

3 — INVESTIGAÇÃO — LABORATÓRIO CENTRAL E CENTROS DE CÁLCULO

De acordo com a nova orgânica da Companhia, a Direcção Central de Investigação inclui o Laboratório Central e os Centros de Cálculo de Lisboa e Porto.

Vai sofrer novo impulso a acção destes departamentos, pois no domínio do cálculo automático, no tratamento da informação, em aplicações quer técnicas quer administrativas, na informática, nos estudos de organização, de planeamento económico, na análise do funcionamento dinâmico da rede, ou como apoio aos estudos e projectos de novos empreendimentos, muito se espera da sua actividade.

O âmbito do Laboratório será alargado no domínio das teleinformações, protecções e instrumentação, abrangendo centrais e rede de transporte, e deverá estender-se a novos domínios na química e na física, na electrónica e na cibernética, tendo em vista as aplicações às centrais termoeléctricas clássicas e nucleares.

No exercício de 1969 as actividades dos serviços correspondentes ao do Laboratório Central deram satisfação, em primeiro lugar, às necessidades resultantes da ampliação da rede de transporte, destacando-se a ligação à central do Carrapatelo, com a instalação dos respectivos sistemas de teleinformações e protecções.

No sistema de regulação frequência-potência de interligação, foram introduzidas modificações no regulador instalado no Despacho, de modo a adaptá-lo melhor às características da rede e da interligação com a Espanha, obtendo-se uma mais conveniente actuação das máquinas encarregadas dessa regulação.

No domínio de medidas e aferições, continuou a prestar-se a melhor colaboração, tanto aos departamentos da empresa, como a outras entidades, destacando-se os ensaios relativos à entrada em funcionamento das baterias de condensadores.

No campo dos estudos e investigações de problemas relativos a redes eléctricas, prosseguiram os trabalhos para melhor aproveitamento do material e optimização da exploração. Destas actividades salientam-se, como mais representativas, para além dos trabalhos correntes de conservação e reparação, e de ensaios de recepção de equipamentos:

— Projecto de montagem e coordenação das protecções em centrais e saídas de subestações;
— Projecto e montagem de novos sistemas de correntes portadoras;
— Substituição do sistema analógico de telemedidas e telesinalizações, instalado no Despacho, por um outro do tipo digital, e estudos relativos às modificações a introduzir nos reguladores frequência-potência, de forma a torná-los mais adaptados às condições da rede;
— Projecto e montagem de equipamento electrónico para a medida de temperatura, por imagem térmica, em transformadores;
— Estudos para coordenação geral das protecções, incluindo as condições de estabilidade da rede;
— Estudos de sistemas automáticos de deslastre de cargas;
— Estudos técnico-económicos sobre meios de produção de energia reactiva, em geral, e em particular, quanto aos problemas de tensão no Sul.

No Centro de Cálculo até agora integrado no Laboratório de Sacavém, desenvolveu-se, além do apoio directo a muitos dos estudos mencionados, uma apreciável actividade de processamentos de índole administrativa e estatística.

No Centro de Cálculo do Porto continuou a intensificar-se a sua utilização pelos diferentes Serviços, tanto em aplicações técnicas como de gestão, tendo-se cuidado em especial de desenvolver a biblioteca de programas, no sentido de utilizar processos de estudo mais aperfeiçoados e analisar soluções de maior complexidade ou generalidade. Podem citar-se, entre outros preparados no ano que findou, o programa de cálculo de estruturas pelo método dos elementos finitos planos, o estudo e dimensionamento de uma barragem de contrafortes em cabeça de diamante pelo método das diferenças finitas, o estudo da evolução dos encargos económico-financeiros de um aproveitamento ao longo da sua vida e a análise das possibilidades de produção conjunta de sistemas hidroeléctricos, tendo em conta os efeitos da bombagem.

Para concluir, é de salientar que se atingiram interessantes índices de utilização do equipamento instalado nos Centros de Cálculo. Deve, aliás, referir-se que, nos dois Centros de Cálculo, como nas instalações do Laboratório de Sacavém, se continuou a prestar colaboração a diversas entidades estranhas à Companhia.

4 — REPRESENTAÇÃO NOUTRAS EMPRESAS

4.1 — Hidro Eléctrica Portuguesa

Foi possível celebrar, em 18 de Outubro do ano findo, o contrato definitivo de cessão do aproveitamento do Távora, após laboriosas negociações a partir do respectivo contrato-promessa.

Em cumprimento do estatuído naquele contrato, foram convidados os accionistas da Hidro Eléctrica Portuguesa, que ainda o não houvessem feito, através de anúncios publicados na Imprensa diária, a formular os pedidos de troca das suas acções por acções da Hidro Eléctrica do Douro, o que já veio a efectivar-se depois da constituição da CPE.

Regularizada deste modo a concretização da transferência da concessão do aproveitamento do Távora, já antes autorizada oficialmente, e efectuada a troca de acções, a HEP é actualmente uma empresa afiliada da nossa Companhia, que nela passa a deter o comando da gestão. Vai agora proceder-se ao estudo da actividade económica da empresa, tendo em vista procurar as soluções mais adequadas à economia da sua exploração, actualmente reduzida ao pequeno aproveitamento hidroeléctrico do Cabrum e à respectiva rede de distribuição, para além da participação, relativamente importante, na Eléctrica Duriense.

4.2 — Empresa Carbonífera do Douro

Em representação do Estado, foi designada a extinta Empresa Termoeléctrica Portuguesa para o Conselho de Administração da Empresa Carbonífera do Douro, cargo em que a nossa Companhia assegura agora a continuidade daquela representação, no prosseguimento da realização duma política energética global superiormente orientada pelo Governo, com vista à definição das melhores condições de articulação dos sectores da electricidade e dos carvões nacionais.

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — CPE

(Continuação da pág anterior)

5 — COLABORAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES

5.1 — Participação nos trabalhos oficiais de Planeamento

Representantes da Companhia continuaram a participar nos trabalhos de programação das actividades do sector da energia, quer directamente no âmbito do extinto Grupo de Trabalho n.º 5 da Comissão Interministerial de Planeamento e Integração Económica, quer através da Subcomissão da Produção e do Transporte que tem funcionado no Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade.

A assinalar, entre outros trabalhos, no ano que findou, a preparação do programa de execução do III Plano de Fomento relativo a 1970.

5.2 — Orgãos colectivos da Indústria

5.2.1 — *Repartidor Nacional de Cargas*

A actuação do Repartidor Nacional de Cargas continuou, no ano findo, a ser exercida com o equilíbrio e segurança a que, desde sempre, nos habituou.

A reestruturação da rede primária, de que derivou a constituição da Companhia Portuguesa de Electricidade, vem, naturalmente, dada a concentração numa só empresa das funções até agora atribuídas a cinco entidades distintas, e a crescente preponderância da sua produção no conjunto da rede interligada, justificar a revisão da orgânica interempresarial no âmbito da coordenação da exploração, o que acarretará naturalmente a adopção de novas fórmulas para a atribuição das funções de repartição de cargas.

5.2.2 — *Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade*

Prosseguiu, no ano findo, a acção que o Grémio vem desenvolvendo, com relevo, em diversos domínios de interesse para o conjunto do sector, nomeadamente nos campos da formação profissional e da sistematização tarifária.

A nossa Companhia, que ocupa a vice-presidência da Direcção do G N I. E., continua a acompanhar com interesse a actividade deste organismo, dada a sua importância em matérias que, directa ou indirectamente, muito interessam à sua própria acção.

5.3 — Organizações internacionais

Directamente, através das empresas fusionadas, ou indirectamente, através dos organismos colectivos da indústria, continuámos a acompanhar os trabalhos de diversas organizações internacionais e a participar nas suas reuniões.

Merecem referência, sob este aspecto, as actividades desenvolvidas no seio da U. C. P. T. E. — Union pour la Coordination de la Production et du Transport de l'Electricité —, organização europeia destinada ao estudo dos problemas postos pelo desenvolvimento da interligação internacional, e em cujos trabalhos participamos, tanto ao nível do seu Conselho Geral, como dos respectivos grupos de trabalho permanentes; os estudos realizados, em alguns casos com significativa participação portuguesa, no âmbito da UNIPEDE — Union Internationale des Producteurs et Distributeurs d'Electricité —; os trabalhos da Comissão Internacional das Grandes Barragens e da Conferência Mundial da Energia, em cujas Comissões Nacionais temos representação.

Para além destas, há ainda a destacar — por nos tocar mais directamente — o apoio dado à Comissão luso-espanhola para regular o aproveitamento hidroeléctrico do rio Douro, nos trabalhos de regulamentação dos convénios relativos à utilização dos rios de interesse comum aos dois países; e a actuação no quadro da U. F. I. P. T. E. — União Franco-Ibérica para a Coordenação da Produção e do Transporte de Electricidade — que constitui uma das 3 organizações «regionais» enquadradas na U. C. P. T. E., englobando esta a França, a Espanha e o nosso País.

A nossa Companhia detém a presidência da Comissão de Interligação Internacional, que funciona no G. N. I. E., e através da qual se têm feito os contactos nacionais sobre interligação, quer bilateralmente com a Espanha, quer em participação na referida União triangular. Destas relações tem resultado um excelente ambiente que muito tem facilitado o recurso ao apoio da interligação, como já tem sido comprovado.

6 — CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO

O contrato colectivo de trabalho para a indústria da electricidade, assinado pelo Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade e pelos Sindicatos interessados e homologado pelo Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social, em Dezembro de 1968, constituiu acontecimento de alto significado que já fora devidamente posto em relevo nos relatórios de 1968 das cinco empresas fusionadas. Publicado no «Diário do Governo» n.º 38 II Série, de 14 de Fevereiro de 1969, entrou em vigor, nos termos do n.º 1 da sua cláusula 2.ª, em 1 de Março seguinte.

Imeditamente, em cada uma das empresas, como no âmbito gremial do sector, começaram a tomar-se as medidas nele previstas e conducentes à sua plena aplicação.

Entre estas destacam-se, pelo considerável volume de trabalho que implicam, as operações de análise e qualificação de funções, necessárias ao estabelecimento do novo sistema de remunerações instituído pelo contrato. Iniciadas separadamente em cada uma das cinco empresas, foi oportunamente constituída uma comissão encarregada da uniformização dos resultados. Os seus trabalhos deverão ficar concluídos de modo que o novo sistema possa ser aplicado ao pessoal da Companhia abrangido pelo contrato, em obediência ao nele estipulado.

Foram também constituídas as diversas comissões corporativas e a comissão permanente, previstas no contrato, para as quais as empresas fusionadas designaram os representantes que lhes competiam. No interior das empresas, deu-se cumprimento às cláusulas referentes às comissões de segurança, aos encarregados de segurança e à medicina do trabalho.

Estão também sendo satisfeitas as diversas regalias previstas para os trabalhadores, e em curso de regulamentação a concessão dos complementos de reforma e de pensão de sobrevivência, prevendo-se a sua extensão a todo o pessoal, mesmo o não abrangido pelo Contrato.

7 — ACÇÃO SOCIAL

Para além das regalias agora incluídas no contrato colectivo e que, na sua maior parte, já eram concedidas pelas cinco empresas fusionadas (embora com regimes diferentes), constituiu sempre preocupação facultar ao pessoal diversos benefícios e serviços, com objectivos sociais e assistenciais, na medida das necessidades mais prementes e com carácter supletivo em relação às instituições públicas existentes.

Tornar-se-ia demasiado longo enumerar aqui todas estas regalias de natureza social, cuja importância, diversidade e progressivo desenvolvimento podem verificar-se, consultando os anteriores relatórios anuais das empresas fusionadas.

Realizada a fusão, torna-se agora necessário unificar os regimes, como aliás já havia sido decidido pelas Administrações das cinco empresas. Como orientação para este trabalho de unificação, entende-se manter a já indicada, ou seja, dar satisfação às necessidades e carências mais prementes dos que trabalham na Empresa e suas famílias, em regime de complementaridade em relação à acção oficial, procurando uma solução que, não sendo a envolvente dos máximos de todas as regalias existentes, de forma permanente, seja o resultado da ponderação das mesmas, de tal maneira que efectivamente signifique uma melhoria geral das situações actuais.

Para dar uma ideia de conjunto da actividade desenvolvida no concernente aos Serviços Médicos — parte significativa desta acção social — refere-se que foram assistidas cerca de 22 000 pessoas e que o número total de consultas atingiu cerca de 77 000.

8 — INVESTIMENTOS E MEIOS FINANCEIROS

8.1 — Durante o exercício de 1969 o investimento feito em novas imobilizações foi de 1 376 948 contos, repartido pelas instalações e equipamentos referidos no quadro seguinte:

Novas instalações:	Contos
Produção hidráulica	1 011 851
Produção térmica	199 028
Transporte	115 424
Instalações em exploração	21 038
Equipamentos de estaleiro e diversos	29 607
	1 376 948

O aumento das imobilizações que a contabilidade regista em relação a 1968 é superior a esta verba total em 173 312 contos. Esta importância foi imputada ao aproveitamento hidroeléctrico de Vilar-Tabuaço por motivo da integração, na Hidro Eléctrica do Douro, dos movimentos contabilizados pela Hidro Eléctrica Portuguesa, conforme escritura de cessão do Távora celebrada em 18 de Outubro de 1969, com trespasse autorizado pelo Decreto n.º 44 306 de 27 de Abril de 1962.

A cobertura do investimento feito em novas instalações e equipamentos, no exercício findo, foi obtida das fontes de financiamento seguintes:

		Contos
Acções:		
Emissões de 1968 (parte liberada em 1969)		150 328
Empréstimos:		
Mercado interno:		
Banco de Fomento Nacional	280 232	
Caixa Geral Depósitos C. Previdência	445 000	725 232
Mercado externo:		
Banco Mundial	237 370	
Lazard Brothers & Co. Ltd.	14 715	252 085
Recursos próprios:		
Subvenções para investimentos	80 000	
Diversos (utilização transitória)	169 303	249 303
		1 376 948

A única emissão de acções em 1969, no valor de 150 000 contos, foi feita pela Hidro Eléctrica do Douro e destinou-se à troca das acções da Hidro Eléctrica Portuguesa, em cumprimento do disposto no contrato definitivo da cessão do aproveitamento hidroeléctrico do rio Távora. Assim, aquela emissão não foi considerada nas fontes de financiamento das obras realizadas no exercício findo.

Não se efectuou, em 1969, qualquer emissão de obrigações. No entanto, em resultado da celebração do contrato definitivo da cessão do aproveitamento do rio Távora, foi transferida para a Hidro Eléctrica do Douro a responsabilidade representada pelo conjunto das obrigações vivas à data da escritura emitidas pela Hidro Eléctrica Portuguesa, no total de 57 615 contos.

Merecem referência especial o contributo dado pelas instituições de crédito para o financiamento das obras realizadas em 1969, nomeadamente a Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência e o Banco de Fomento Nacional, que financiaram 32% e 20%, respectivamente, do total investido.

8.2 — O investimento em curso em novas instalações de produção e transporte de energia, conforme se refere no capítulo «Estudos, Projectos e Construção», é da ordem de 8,5 milhões de contos.

No conjunto das instalações citadas na parte respectiva deste relatório já tinham sido investidos, até ao final de 1969, 2 958 710 contos, conforme consta no balanço sob a rubrica «Imobilizações em Curso».

Está em estudo o financiamento das obras a executar durante o ano de 1970, que se considera estar perfeitamente assegurado — e sem dificuldades imediatas de tesouraria por utilização de meios contratados pelas empresas fusionadas — pelo recurso aos mercados normais de capitais, nas proporções que vierem a ser consideradas mais convenientes para a boa gestão da Companhia, com a devida sanção das Entidades Oficiais competentes. As circunstâncias em que teve de aprontar-se este relatório — em sobreposição às pesadas tarefas da organização de arranque da empresa e a outros trabalhos inadiáveis — não permitiram que, conforme era tradição e continua a ser nossa intenção, se apresente, já neste primeiro relatório anual, uma indicação sobre as fontes de financiamento previstas, para a devida elucidação e orientação dos senhores accionistas.

9 — BALANÇO E RESULTADOS

Por motivo da fusão houve que proceder em curtíssimo prazo à integração das contabilidades das empresas fusionadas e promover a consolidação dos respectivos balanços.

Esta complexa tarefa foi, todavia, facilitada até certo ponto pela adopção, no início de 1969, do «plano uniforme de contas da rede eléctrica primária», a que se referiram os relatórios de 1968 das diversas empresas então existentes, uma vez que, por essa forma, ficaram definidos critérios de contabilização com vista a permitir a relevação dos respectivos patrimónios e o apuramento de custos e de resultados segundo critérios comuns.

Com referência à data de 20 de Outubro de 1969, e no seguimento da decisão tomada em cada uma das Assembleias Gerais Extraordinárias que votaram a fusão, foram dados balanços em cada empresa para se definirem os valores e os resultados a transferir para a empresa resultante da fusão, estabelecendo-se a partir desses valores o balanço inicial da nova Empresa — valores recebidos em realização integral do capital nominal e das reservas e resultados transferidos. Tais resultados não eram, porém, definitivos, uma vez que, naquela data, não estavam fixadas as importâncias da receita a atribuir ao Fundo de Apoio Térmico e às subvenções legais para investimento e para complemento das amortizações financeiras.

Outorgada por escritura pública de 3 de Dezembro de 1969 a constituição da Companhia, procedeu cada uma das anteriores empresas, nessa data, ao encerramento definitivo das suas contas, sendo integrados na nova Empresa, em conformidade com a citada escritura, os movimentos operados no período decorrente de 20 de Outubro à data da escritura.

O balanço e as contas que a seguir se submetem à consideração e aprovação dos Senhores Accionistas, referem-se, portanto, a todo o exercício de 1969, uma vez que englobam a integralidade dos movimentos contabilísticos ao mesmo exercício respeitantes.

Com o intuito de tornar mais clara a apresentação das contas, referir-nos-emos às principais rubricas das mesmas.

Assim, no 1.º termo do balanço, anota-se que, no fecho de contas, o activo bruto atingia a cifra de 17 136 milhares de contos, nele avultando as imobilizações que atingiam 15 815 milhares de contos. Estas estão reintegradas, em conformidade com as prescrições legais, em 1 452 milhares de contos.

No referido activo figura a conta «Acções Próprias» com o valor de 211 908 798$85, correspondente às inter-posições accionistas que as anteriores empresas da rede eléctrica primária possuíam nas suas carteiras.

O passivo refere as exigências agrupadas em função dos prazos de vencimento, com as designações de curto, médio e longo prazo, respectivamente a um ano, a cinco anos e a mais de cinco anos.

Anotaremos que os financiamentos, incluindo efeitos a pagar a médio e a longo prazo, montavam a 6601 milhares de contos e que os capitais próprios — reintegrações compreendidas — com a ressalva das regularizações a que há que proceder em conformidade com o decreto-lei n.º 49 211, atingem 9337 milhares de contos, pelo que a cobertura dos capitais permanentes (15 455 milhares de contos) está representada por 60,4% de capitais próprios e 39,6% de capitais alheios.

Ainda referiremos que estão constituídas as provisões para riscos e também para encargos não liquidados, por forma a dar-lhes inteira cobertura, entre estes se citando a provisão para encargos fiscais.

As contas «Reconstituição do Investimento» e «Subvenções Recebidas» figuram no balanço pelos valores contabilizados em harmonia com a legislação que vigorava à data da cessação das anteriores empresas. Haverá que aguardar o apuramento das determinações do já citado decreto-lei n.º 49 211, para se proceder à regularização das referidas contas, razão por que não aparece desde já explicitado o Fundo de Financiamento Legal a que se refere o seu art. 11.º.

A conta de «Exploração» evidencia as vendas de energia que, considerados os consumos próprios, ultrapassaram o milhão e meio de contos.

Os encargos afectos à exploração atingiram 592 113 contos, neles se incluindo 110 770 contos da participação na receita da venda de energia atribuída ao Fundo de Apoio Térmico, em conformidade com o regime legal do mesmo. Por sua vez o referido Fundo concorreu com 23 229 contos para cobertura dos encargos variáveis da produção térmica.

Também a débito da conta de «Exploração» se registaram as subvenções legais atribuídas ao investimento e ao complemento necessário à amortização financeira.

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — CPE

(Continuação da pág. anterior)

O saldo da exploração atinge 941 659 contos.

Na conta de «Lucros e Perdas» aparece o referido saldo adicionado dos resultados contabilizados por actividades fora da exploração eléctrica e rendimentos de bens de fruição.

Nos custos levados a esta conta referiremos especialmente os encargos financeiros, a excederem 300 000 contos; e os impostos liquidados, no montante de 136 003 contos.

Também se anotará o movimento operado na conta «Provisões — Para Encargos Fiscais», figurando a débito a importância de 35 000 contos com que, no exercício, se reforçou aquela Provisão, a fim de dar integral cobertura a encargos fiscais; no crédito aparece a verba retirada da Provisão anteriormente constituída para cobertura parcial dos encargos fiscais pagos.

O saldo final do exercício traduz-se pela expressiva verba de 487,6 milhares de contos. O valor absoluto do número — que poderá impressionar pelo nível inusitado no nosso País — tem de ser apreciado à luz dos capitais investidos, e nessa perspectiva referir-se-á que corresponde a 8,55% do capital social, nível que, atentas as reservas livres existentes e a segurança que a progressão dos consumos de electricidade oferece, nos permite considerar satisfatórios os resultados alcançados.

Em conclusão, a conta de «Lucros e Perdas» fecha com o saldo de 487 576 979$46, que, adicionado ao saldo do exercício anterior — 3 310 714$79 —, perfaz 490 887 694$25.

O dividendo que se propõe é de 8% do capital em circulação, havendo casos em que, segundo as cláusulas das respectivas emissões, algumas acções não terão direito a dividendo por inteiro no exercício do ano de 1969.

Antes de submeter à vossa apreciação a proposta de distribuição do saldo do exercício, deseja ainda o Conselho de Administração afirmar a satisfação com que dá cumprimento à disposição estatutária que associa o pessoal aos resultados obtidos.

Nestas condições temos a honra de propor a seguinte aplicação dos resultados:

1 — Reserva Legal		24 400 000$00
2 — Participação do pessoal nos lucros (n.º 1 do art.º 52.º dos Estatutos)		30 000 000$00
3 — Dividendo de 8% (não tendo algumas acções dividendo por inteiro, de acordo com as condições da emissão)		430 472 880$00
4 — Saldo para «Conta Nova»		6 014 814$25
		490 887 694$25

10 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

É, neste ano, particularmente delicado o cumprimento do dever, que é tradicional em relatórios desta índole, de exprimir o reconhecimento do Conselho de Administração da Companhia a todas as Entidades que o ajudaram na sua acção. E é essa uma tarefa delicada este ano, em primeiro lugar porque terá de se agradecer não só em nome próprio mas também em nome dos órgãos correspondentes das empresas fusionadas, e em segundo lugar porque acrescem às razões habituais outras derivadas da própria operação da fusão que não teria sido possível, no curto prazo em que foi executada, sem a dedicação dos colaboradores, sem o apoio das Entidades Oficiais, sem a compreensão de muitas pessoas entre as quais naturalmente os Senhores Accionistas, porque foi o bom ambiente em geral criado que tornou possível a operação processar-se sem perturbações.

Ao Governo da Nação, em especial aos Senhores Ministro das Finanças e Economia, Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Ministro das Corporações e Secretários de Estado da Indústria, do Tesouro, do Orçamento e do Trabalho e Previdência, deixamos consignada uma palavra de reconhecimento por todo o apoio dispensado, não esquecendo também os anteriores titulares das pastas referidas. Não podemos deixar de fazer uma referência especial, por força do mais directo contacto resultante das funções exercidas, ao Senhor Secretário de Estado da Indústria, Engenheiro Rogério Martins, que tanto se tem interessado pelo sector da electricidade e foi o directo impulsionador da operação de fusão das empresas da rede primária.

Às Direcções-Gerais e outras Entidades Oficiais, designadamente da Presidência do Conselho e dos ministérios da Economia e das Finanças, das Obras Públicas e das Corporações e Previdência Social, sem individualizações que, mesmo necessàriamente numerosas, poderiam fazer ocorrer injustas omissões, desejamos agradecer o apoio que, de forma mais directa, nos dispensaram.

Às entidades bancárias com que trabalhámos manifestamos também o nosso reconhecimento, destacando o apoio do Banco de Portugal e das principais entidades financiadoras, a Caixa Geral de Depósitos e o Banco de Fomento Nacional.

Quanto aos aspectos internos da Companhia há, neste relatório, motivo, para antes de outras justas e usuais referências deixar exaradas outras palavras menos habituais mas que são próprias do momento singular que vivemos, após a fusão das cinco empresas da rede primária. São essas palavras as do apreço que justamente é devido aos membros dos corpos gerentes das empresas fusionadas que cessaram as suas funções e por isso não nos acompanham nesta árdua tarefa, mas cuja acção é lembrada na medida em que ajudaram a criar o prestígio de que desfrutavam aquelas empresas e que a Companhia herdou com a natural obrigação de o acrescentar com o tempo.

Ao Conselho Fiscal asseguramos toda a nossa colaboração e expressamos votos de uma frutuosa tarefa em conjunto, cumprindo assinalar, desde já, o interesse que esse órgão estatutário está pondo em acompanhar a administração da Sociedade.

Ao pessoal da Companhia — esse conjunto de 5000 funcionários dispersos quase por todo o Continente, entre os quais se contam alguns dos mais qualificados técnicos nacionais — pouco há agora a dizer, porque já se lhe expressou internamente quanto se espera da sua dedicação e competência, mas vale a pena realçar pùblicamente que a Empresa lhe ficará a dever a medida do êxito que muitos auguram a esta grande tarefa a bem da economia nacional, em prova de confiança de que tudo faremos para não desmerecer.

Porto, 9 de Março de 1970.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

José Afonso Machado Vaz — Presidente
Fernando Ivo Gonçalves — Vice-Presidente; Presidente do Conselho de Gerência
Manuel Rafael Amaro da Costa — Vogal do Conselho de Gerência
Pedro Manuel de Oliveira Reis — Vogal do Conselho de Gerência
José de Oliveira Campos — Vogal do Conselho de Gerência
Valentim de Almeida e Sousa — Vogal do Conselho de Gerência
Elysio de Oliveira Alves Pimenta
Fernando Moreira Ribeiro
Henrique Veiga de Macedo
Hermes Augusto dos Santos
Paulo de Barros

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1969

ACTIVO

DISPONÍVEL			
Caixa		5 531 100$60	
Bancos		253 866 099$00	259 397 199$60
REALIZÁVEL			
Efeitos a Receber		1 261 920$00	
Clientes		322 408 533$20	
Devedores e Credores Gerais — Saldos Devedores		211 355 026$04	
Fornecedores e Empreiteiros — Saldos Devedores		17 220 134$30	
Fundo de Apoio Térmico		4 659 680$30	
Acções Próprias		211 908 798$85	
Carteira de Títulos		29 152 689$85	797 966 782$54
EXISTÊNCIAS			
Materiais em Armazém		130 016 549$77	
Combustíveis		96 618 238$82	
Obras em Curso		36 971 116$07	263 605 904$66
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras			90 298 475$00
Encargos a Amortizar			3 799 641$88
Estudos e Projectos Gerais			95 550 910$26
Imobilizações em Curso			2 958 710 140$58
Imobilizações Afectas às Concessões:			
Aproveitamentos Hidroeléctricos	8 338 872 095$09		
Reintegrações	−583 730 798$20	7 755 141 296$89	
Centrais Térmicas	2 055 930 702$57		
Reintegrações	−185 934 798$60	1 869 995 903$97	
Linhas	1 066 930 861$99		
Subestações	743 830 137$01		
Outras Imobilizações	107 272 980$48		
	1 918 033 979$48		
Reintegrações	−600 993 659$67	1 317 040 319$81	10 942 177 520$67
Imobilizações não Afectas às Concessões		353 518 238$93	
Reintegrações		−81 538 940$45	271 979 298$48 14 362 515 986$87
			15 683 485 873$67
Contas de Ordem			1 755 569 101$28

PASSIVO

CURTO PRAZO			
Dividendos a Pagar		3 636 214$52	
Juros a Pagar		76 457 807$21	
Obrigações Sorteadas		37 158 000$00	
Efeitos a Pagar		75 323 944$70	
Financiamentos:			
Obrigações	110 933 250$00		
Empréstimos	371 678 282$06	482 611 532$06	
Empréstimo Consignado ao Fundo de Apoio Térmico		10 819 909$40	
Devedores e Credores Gerais — Saldos Credores		136 069 398$63	
Fornecedores e Empreiteiros — Saldos Credores		238 881 804$80	
Provisões — Para Encargos Fiscais		158 803 249$20	1 219 761 860$52
MÉDIO PRAZO			
Efeitos a Pagar		55 157 709$94	
Financiamentos:			
Obrigações	561 510 000$00		
Empréstimos	1 424 352 051$95	1 985 862 051$95	2 041 019 761$89
LONGO PRAZO			
Efeitos a Pagar		15 024 947$00	
Financiamentos:			
Obrigações	1 804 201 750$00		
Empréstimos	2 258 087 455$11	4 062 289 205$11	4 077 314 152$11 7 338 095 774$52

SITUAÇÃO LÍQUIDA

INICIAL			
Capital			5 700 000 000$00
ACUMULADA			
Reservas			
Obrigatórias			
Legal		30 000 000$00	
Facultativas:			
Estabilização de Dividendos	218 187 747$53		
Acção Social	10 170 000$00	228 357 747$53	258 357 747$53
CONDICIONADA			
Subvenções Recebidas:			
Para Investimento	447 302 564$92		
Para Amortização Financeira	271 350 365$10	718 652 930$02	
Comparticipações		88 123 437$17	
Reconstituição do Investimento		1 015 079 104$94	
Provisões		74 289 185$24	1 896 144 657$37
ADQUIRIDA			
Lucros e Perdas:			
De Exercícios Anteriores		3 310 714$79	
Do Exercício		487 576 979$46	490 887 694$25 8 345 390 099$15
			15 683 485 873$67
Contas de Ordem			1 755 569 101$28

Porto, 9 de Março de 1970

O DIRECTOR CENTRAL PARA OS ASSUNTOS FINANCEIROS
Mário A. Gomes

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

(Continua na pág. seguinte)

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — CPE

EXPLORAÇÃO ELÉCTRICA — 1969

(Continuação da pág. anterior)

DÉBITO

Combustíveis		20 900 143$20
Encargos Gerais de Exploração		98 869 754$16
Encargos Gerais de Conservação e Reparação		59 670 493$35
Encargos de Coordenação Energética da Rede Primária		1 966 446$92
Reintegração de Valores Afectos à Concessão		132 080 559$24
Reconstituição do Investimento		17 855 148$36
Subvenções Recebidas:		
Para Investimento	80 000 000$00	
Para Amortização Financeira	70 000 000$00	150 000 000$00
Fundo de Apoio Térmico — s/ Participação na Receita		110 770 738$10
Resultados da Exploração		941 659 624$92
		1 533 772 908$25

CRÉDITO

Venda de Energia	1 496 901 866$80
Consumos Próprios	13 641 516$45
Fundo de Apoio Térmico — Cobertura de Encargos Variáveis da Produção Térmica	23 229 525$00
	1 533 772 908$25

Porto, 9 de Março de 1970

O DIRECTOR CENTRAL PARA OS ASSUNTOS FINANCEIROS

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

LUCROS E PERDAS

DÉBITO

Despesas Gerais		43 438 560$89
Despesas de Estudo		6 130 052$72
Taxas, Contribuições e Impostos		136 003 354$80
Encargos Financeiros		300 643 694$77
Reintegração de Valores não Afectos à Concessão		7 459 015$48
Encargos a Amortizar		3 082 149$89
		496 756 828$55
Provisões para Encargos Fiscais — Constituição		35 000 000$00
		531 756 828$55
SALDO		
De Exercícios Anteriores	3 310 714$79	
Resultado Líquido do Exercício	487 576 979$46	490 887 694$25
		1 022 644 522$80

CRÉDITO

Resultados da Exploração Eléctrica	941 659 624$92
Resultados Diversos	18 597 884$49
	960 257 509$41
Provisões para Encargos Fiscais — Utilização	59 076 298$60
	1 019 333 808$01
De Exercícios Anteriores	3 310 714$79
	1 022 644 522$80

Porto, 9 de Março de 1970

O DIRECTOR CENTRAL PARA OS ASSUNTOS FINANCEIROS

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Examinando o Relatório, Balanço e Contas ora submetidos à apreciação de V. Ex.as, nomeadamente no referente ao breve período do exercício de 1969 a que se reporta a actividade deste Conselho, cumpre-nos salientar a competência e o zelo com que os dignos Conselhos de Administração e de Gerência orientaram a nossa Companhia, nesta melindrosa fase de estruturação.

A leitura destes documentos coloca-nos, de pronto, no conhecimento de toda a sua actividade, traduzida com elucidativa clareza, quer quanto à forma como a mesma se desenvolveu, quer no respeitante ao modo como foram enfrentados e resolvidos os diversos problemas a ela inerentes.

Gratos às referências que nos foram feitas, aqui deixamos expresso o nosso aplauso a todos quantos tão devotadamente se desempenharam das funções de administração e gerência em que foram investidos.

Também nos associamos às justas referências feitas pelo Conselho de Administração, no seu Relatório, aos órgãos Governamentais, Direcções Gerais e Entidades Oficiais e Bancárias, que inteiramente perfilhamos.

Finalmente, cumpre-nos afirmar que tivemos ocasião de acompanhar a contabilização da actividade da nossa Companhia, desde que sobre ela incidiu o nosso exame, tendo encontrado tudo em devida ordem.

Assim, temos a honra de propor que aprovels:

1.º — O Relatório, Balanço e Contas sujeitos à apreciação desta Assembleia;

2.º — A aplicação do saldo da conta de Lucros e Perdas proposta pelo digno Conselho de Administração;

3.º — Um voto de muito louvor aos dignos Conselhos de Administração e de Gerência pela forma por que dirigiram e orientaram a actividade da Companhia;

4.º — Um voto de louvor a todo o pessoal da Companhia pela acção desenvolvida no desempenho das tarefas que lhe foram confiadas.

Porto, 9 de Março de 1970.

O CONSELHO FISCAL

António Amaral — Presidente Interino
Félix Bernardino de Freitas Veloso
José dos Santos Ferreira da Costa
Adelino da Palma Carlos por Comp.as Reunidas Gás e Electricidade, S. A. R. L.

Formação e reciclagem em métodos quantitativos

Sob a orientação do sr. prof. dr. Fernando de Jesus, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, com a participação de 22 dirigentes e quadros superiores de empresas e de organismos públicos nacionais, está a decorrer no Hotel Flórida de Lisboa, mais um curso de *Reciclagem de Algebra Linear e sua Aplicação nas Técnicas de Programação Matemática*, de cujo programa destacamos os seguintes temas: Lógica matemática; teoria dos conjuntos. Matrizes, determinantes. Espaços vectoriais de dimensão finita; espaços euclidianos e conjuntos convexos. A programação linear como caso especial da programação matemática. Resolução de um programa linear. Problemas especiais e aplicações.

No Plano de Formação do Instituto Nacional de Investigação Industrial para 1970, na rubrica «Métodos Quantitativos», integrada nos Programas de Desenvolvimento em Direcção, estão previstos sete outros cursos dos quais dois a efectuar este mês: *Algebra de Boole e suas Aplicações na Indústria* (Elementos de lógica matemática e da teoria dos conjuntos. Elementos de álgebra lógica. Simplificação e materialização de funções lógicas. Circuitos de combinação e sequências. Aplicações: Redes de contacto, circuitos lógicos, circuitos sequênciais); e *Métodos de Análise Contabilística e Financeira* (Curso de iniciação, para engenheiros e outros quadros técnicos desejosos de melhorar e sistematizar os seus conhecimentos sobre matérias financeiras e de contabilidade).

Os interessados nestas actividades de formação do Instituto Nacional de Investigação Industrial poderão dirigir-se, para mais informações ao «Grupo de Formação e Aperfeiçoamento do INII» — Rua de Buenos Aires, 28-1.º, Lisboa-2 — Telefs. 67 70 07/8/9.

CASA DO CONCELHO DE GOUVEIA

Foram eleitos os corpos gerentes da Casa do Concelho de Gouveia. Presidem à assembleia geral, à direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. dr. Armando dos Santos Carvalho, António Ferreira de Almeida e Manuel dos Santos Guerra.

O I ENCONTRO DA JUVENTUDE DA ESPANHA E PORTUGAL PRÓXIMO DA FIGUEIRA DA FOZ

FIGUEIRA DA FOZ, 4 — No Centro Ecuménico Reconciliação, com sede nos Vais (da freguesia de Buarcos), decorreram as reuniões do I Encontro da Juventude de Espanha e Portugal, nas quais tomaram parte cerca de 50 jovens estudantes, procedentes de diversas partes de Espanha e Portugal. Este Encontro teve como finalidade a confraternização da juventude dos dois países e por tema: «A Fé Cristã e a Juventude de hoje» e serviu de largo convívio em meio de calorosa fé cristã.

Além dos serões de convívio, houve duas noites dedicadas a Portugal e Espanha, em que os jovens estudantes apresentaram trabalhos referentes aos respectivos países.

Foram organizadas visitas de estudo á Fábrica de Celulose Billerud, á cidade universitária de Coimbra e ás ruínas de Conimbriga.

Estas reuniões, organizadas pelo Centro Ecuménico, tiveram como objectivo contribuir para uma colaboração mais intensa entre os jovens dos dois países e programar as futuras actividades da juventude de Espanha e Portugal.

CARROS USADOS
NSU LUSOLANDA NSU
Aproveite a excepcional oportunidade
PREÇOS E CONDIÇÕES ESPECIAIS - FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA
Av. da República, 84-C — Telef.: 778073 — Av. Ant. Aug. Aguiar, 25-C — Telef.: 537074 — LISBOA

LISBOA DIA E NOITE

Orpheu's (com Wilma Palmer) em digressão pela Europa

Depois de terem actuado em «boites» de Luanda, no Casino de Espinho e no Hotel de Faro, o conjunto brasileiro Orpheu's, agora com Wilma Palmer, parte dentro de dias para uma larga digressão pela Europa. Wilma Palmer foi atracção da revista «Fogo no panleiro», representada há anos por uma companhia brasileira. Depois, decidiu radicar-se em Portugal dividindo a actividade pelos palcos do teatro de revista e os espectáculos de variedades. Um dia, eles chegaram: Sérgio (o organista), Orfeu (contrabaixo, que deu o nome ao conjunto) e Faísca (o bateria). Decidiram constituir um agrupamento onde Wilma pudesse integrar-se e eles aí vão por essa Europa fora, com actuações já asseguradas em França, Grécia e Suiça. Já gravaram para a «R. R.» («O urso» fez êxito) e, mais recentemente, um «L. P.», para a «Marfer».

DEOLINDA RODRIGUES: FADO NA TV

Depois de largas temporadas nos palcos de revista, após o êxito no cinema, onde foi uma das figuras mais populares, Deolinda Rodrigues decidiu retirar-se dos elencos das casas típicas lisboetas e afastou-se da capital. Vive agora em Tomar, limitando á gravação de discos e de programas para a TV a sua actividade artística. Pelo menos por enquanto. Esta semana gravou mais uma rubrica de fados para a R.T.P., a transmitir muito brevemente.

Jaime Santos deixou o «Lisboa à Noite»

Jaime Santos, «virtuose» autêntico da guitarra de Lisboa e compositor de recorte melódico tradicionalista, deixou de fazer parte do elenco artístico do «Lisboa á Noite» onde formava, com o professor de viola Martinho da Assunção, uma das duplas de maior relevo que o Fado registou.

Desconhecem-se os propósitos de Jaime Santos. De momento, o cartaz do «Lisboa á Noite» perde um dos seus elementos de maior relevo.

RECINTOS DE DIVERSÕES

* *Tina Santos já regressou ao elenco artístico de «A Kaverna».*

* *O guitarrista Liberto Conde e o viola Castro Mota encontram-se sem compromissos profissionais.*

* *Glória Maria deixou de fazer parte do elenco da «Lisboa à Noite».*

* *Tina Ferreira e José Teixeira (intérpretes portuenses do fado) estão a actuar no «Solar do Minho».*

O FADO EM LISBOA

FOLCLORE Rua Nova da Trindade, 22-A Telefs 35007 - 323406
cantam, Arminda Vidal, Lídia Ribeiro, Américo Lima, Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro; Os ... de Portugal. António Chainho e José Maria Nóbrega, Marina Rosa e corpo de baile dirigido por António Gonçalves, das 21 ás 23 horas — consumo mínimo 120$00 — taxas incluídas. Encerra o domingo.

CARREIRINHA DE ALFAMA Beco do Espírito Santo 1 — Telef 868209
cantam: Natércia da Conceição, Lina Maria Alves e Natalino Duarte. Tocam: Manuel Mendes e Miguel Ramos. Consumo mínimo: 0$00.

LISBOA A NOITE Rua das Gáveas, 69 Telefs 368557-362603
cantam: Fernanda Maria, Alice Maria, Tina Santos e Manuel de Almeida; tocam: José Maria de Carvalho e Martinho da Assunção. Consumo mínimo: 90$00. Encerra o domingo.

A TIPÓIA Rua do Norte, 102 — Telefone 33465
cantam: Adelina Ramos, Quinita Gomes, Natalina Bizarro, Flora Pereira e Renato Mota. Tocam: Casimiro Ramos e José António Carvalhinho. Consumo mínimo: 0$00.

VIELA Rua das Taipas, 19 — Telefone 327256
cantam: Sérgio, Natália dos Anjos, Fernando Manuel, Alfredo Duarte Jr. e Maria José Ramos. Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale. Consumo mínimo 50$00.

BAR PORTUGUES Rua do Barroca, 133 Telef. 369760
cantam José Borges, Augusta Ermida, Celia de Jesus e o conjunto típico «Cantares de Portugal». Tocam António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo. 50$00

TIMPANAS Rua Gilberto Rola 24 — Telfs: 676655 67431
cantam Alcindo de Carvalho Luís Braga, Benvinda Cruz e Odete Mendes Tocam Armando Ferreira e Torquato Lopes. Consumo mínimo: 61$50. (Taxas incluídas)

MAIL E UM Travessa da Espera, 38 — Tel 35464
cantam. Moisés Campelos. Joaquim Cordeiro, Julieta Santos, Adriana Franco, Rosa de Jesus e Nazaré Maria. Tocam: António Valentim e Joaquim Pinto Consumo mínimo: 40$00.

A KAVERNA Travessa dos Fiéis de Deus, 37 Telef 35593
cantam Beatriz da Conceição. Tristão da Silva e «Os 3 de Portugal», Tocam: Armando Maia e José Maria Carvalho. Consumo mínimo: 90$00.

O ARABITA DE ALFAMA Rua da Adiça, 19 — Telef. 863451
cantam: Berta Cardoso, Julieta Reis, Filipe Duarte e Júlio Vieitas. Tocam Acácio Rocha e Amadeu Rami. Consumo mínimo: 0$00.

ANSEN Rua 1. de Maio 2 — Telefone 640613
cantam: Manuela Silva e José Batalha (convidados) e o conjunto «Cantares de Portugal» Tocam: Ildefonso Frade e Nicolau Neves Consumo mínimo: 30$00.

FRAGATA REAL Trav de S. Miguel, 22 Alfama—Telef 868552
cantam Celeste Rodrigues. Mariana Silva Fernando Mauricio e Francisco Martinho Tocam João Alberto e Manuel Martins Consumo mínimo: 50$00. Encerra ao domingo.

O FORCADO Rua da Rosa, 219 — Telef 368579
cantam António Rocha, Isabel de Oliveira, Vivência Lima e Miguel Silva. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva. Consumo mínimo 40$00

A SEVERA Rua das Gáveas 57 — Telefs. 34006
cantam Maria do Espírito Santo, Florinda Maria, Cândida Ramos, Maria Amorim, Manuel Fernandes e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal». Consumo mínimo: 50$00. Encerra à quinta-feira.

ADEGA MACHADO Rua do Norte, 91 Tel 30095 - 328713
cantam Ivete Pessoa, Fernanda Pinto, Maria Portugal, Suzana, João Queirós, José Vilela e o «Trio Melodia» (José Luís, Jorge Martins e Mário Pinto) Danças pelo Grupo típico de Vila Franca de Xira Tocam António Proença e Américo Silva. Consumo mínimo: 60$00. Encerra à segunda-feira.

TAVERNA DO EMBUÇADO Beco dos Cortumes, 10 — Telef. 860816
cantam: Teresa Silva Carvalho e Ana Rosmaninho, Vicente da Camara, João Ferreira Rosa e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, Carlos Gonçalves e Pedro Leal. Consumo mínimo: 90$00.

O FAIA Rua da Barroca, 48 Telefs. 369387 - 321923
cantam: Lucília do Carmo, Maria Albertina, Maria do Rosário, Carlos do Carmo e Nuno de Aguiar. Tocam Ilídio dos Santos. Fernando Freitas e Orlando Silva Consumo mínimo: 60$00. Encerra ao domingo.

MARCIA CONDESSA P. da Alegria, 38 Telef. 367093
cantam. Teresa Nunes, Dina Trindade, Raul Dias, António Reis e Norberto Martinho (convidado). Tocam: António Pessoa e Albertino Vilar. Consumo mínimo: 40$00. Encerra à segunda-feira.

SOLAR DO MINHO Rua do Vigário 60 — Alfama Telef. 866811
cantam Eduarda Maria, Artur dos Santos, Ana Madalena, Tina Ferreira, José Teixeira e Rossana Lima. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses. Consumo mínimo: 50$.

SOLAR DA HERMINIA Largo Trindade Coelho, 10 — Telef. 320164
cantam: Hermínia Silva, Conceição Tavares, Zélia Maria, Judite Maria, Tristão da Silva Júnior e Fernando Rios. Tocam António Pacheco e Carlos Duarte. Consumo mínimo: 50$00. Encerra ao domingo.

SOLAR DA MADRAGOA Rua das Trinas, 67 — Telef. 669857
cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Laurinda Gonçalves. Tocam: Salés Correia e Agostinho Dias. Consumo mínimo: 30$00 (taxas incluídas). Encerra ao domingo.

ENCERRAM AS 3,30 DA MADRUGADA

RESTAURANTES — BARES

VARANDA DO CHANCELER Largo do Chanceler 7-A Telefs.: 866286/871559
Encerra às 2 horas.

REX Rua Nova da Trindade 18 — Telefone 30114

TAVERNA IMPERIAL P dos Restauradores, 16 — Telef. 368491

NICE Rua da Conceição da Glória, 9-A Telef 3 00 68

BAR Z Rua S. Pedro d'Alcântara, 57 — Telef. 3 07 60

CARIOCA Rua da Trindade, 32 — Telefone 32 65 65

VIENA Rua da Conceição da Glória, 5 — Telef. 321474

LORD Rua Victor Cordon 14 - A — Telefone 323098

BELCANTO Largo de S. Carlos, 10—Telef. 320607/8

SNOB Rua de «O Século» 178 — Telefone 3 37 23

AMERICANO Rua Bernardino Costa, 35 — Telef. 37 07 04

BRISTOL Rua Jardim do Regedor, 7 — Telef 3 57 30

«BOITES» E «DANCINGS»

TOSCO Rua Conde Redondo 53 A — Telef 531562
Conj. Thó Bandeira e os Steemaers

ADAGGIO Rua Carlos Reis 5 - A Telefone 775695
Discos recebidos directamente de Inglaterra

RITZ CLUBE Rua da Glória, 57 — Telef 325140

AD LIB Rua Barata Salgueiro, 28-7. — Telef 561717
Discos recebidos directamente de Inglaterra

EL CID Rua Bernardo Lima 18 - A — Telef 560538

TAMILA Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117
Morão e s/ Conjunto

BICO DOURADO R da Misericórdia, 12 Telef 362649
Conj. Fernando Sequeira c/ Alex

FONTÓRIA Praça da Alegria, 66-r/c. Telef. 35431

GALO Travessa do Salitre, 27 — Telefone 366017
Conj. Eugénio Pepe

D. QUIXOTE Rua da Trindade, 9 — Telef 327109
Conj. Alírio de Sousa.

TEXAS Rua de S Paulo, 21 — Telefone 33683

CACO Rua Camilo Castelo Branco, 25 - A Telef. 530892

ARIZONA Rua Nova do Carvalho, 36 — Telef 325140

GALERIA 48 Avenida da Liberdade, 248-B Telef. 48433
Conjunto Helder Reis

107 Rua da Madalena, 107 — Telef. 387049
conj. Sequência 4, «ballet» de Mário Valejo, parelha espanhola Gloria Reys e Alfonso Liñares e Mari Barroso. Consumo mínimo: 50$00.

ESTRIBO CLUBE Casa St.ª Isabel — Estrada de Birre—Cascais — Telef 289273

GINGÃO Travessa da Boa Hora, 11 — Telef. 3 40 62

NINA Rua Paiva de Andrada, 7-13 — Telef. 34059
Conj Rocha Oliveira

COMODORO Praça D. João da Câmara, 28 Telef 34996
Tobé e s/ conjunto

TERRAÇO DAS ESTRELAS — HOTEL EMBAIXADOR Avenida Duque de Loulé, 73 Telef 530171
Conj. Manuel Viegas

PORÃO DA NAU R. Pinheiro Chagas, 1-B Telef. 510501
Conj. «The Beatnicks»
Encerra ao domingo.

TAGIDE Largo da Biblioteca, 18-2 — Telef. 35328 - 362123
Conjuntos José Pedro e «Os Duques». Consumo mínimo: 100$00. Está aberto ao domingo.

MAXIME Praça da Alegria, 58 — Telefone 55366
Conjunto 6.º Reacção e Maximiliano — «Show» turístico e variedades internacionais.

A CAVE Av. António Augusto Aguiar, 85 ... Telef. 534433
Conj. Costa Pinto

POP CLUBE Av. Estados Unidos da America 129 - A — Telef 760908
Discos

ESTONES Rua do Olival, 1 — Telefone 665651
Discos

A LAREIRA Praça das Águas Livres, 8 - 1 Telef 589627
Discos

LUA NOVA Travessa da Queimada, 4 — Tel. 35792

CLUBE DOS ARTISTAS Parque Mayer Telef 367469
Tero-Trio — Antero, Sérgio e Olímpio. Consumo mínimo: 20$00.

POP-FADO Rua Ferreira Lapa, 38-D Telef. 561949
conj. Hélder Martins.

ENCERRAM AS 5 DA MADRUGADA

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIMITIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 115 anos)

RESTAURANTE
António
AMANHÃ
CABRITO NO FORNO
SEGUNDA-FEIRA
CHISPE À PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 63

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Maiores de 16 anos
PREMIADO PELO SNI

RESTAURANTE
CUNHA
SALA PARA BANQUETES
GERÊNCIA DE CUNHA
PROPRIETÁRIO DO RESTAURANTE CENTRAL DE PARIS
AV PARIS, 4-A - Tel. 726968

RESTAURANTE
MONDEGO
COZINHA À PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

RESTAURANTE ● SALÃO DE CHÁ ● CAFÉ BAR
O POSTO SHELL - AZEITÃO
Telef. 228243/4 — na estrada LISBOA-SETÚBAL e MONTIJO-ALGARVE
ABERTO DESDE AS 7 HORAS ÀS 2 DA MADRUGADA
AOS DOMINGOS ACTUARÁ UM CONJUNTO MUSICAL
PREÇOS ESPECIAIS NO CAFÉ-BAR PARA CAMIONISTAS DURANTE A SEMANA
RESERVAM-SE SALAS PARA CASAMENTOS BAPTIZADOS E FESTAS DE CONFRATERNIZAÇÃO

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

SHIRLEY BASSEY

TV Mundo: SHIRLEY BASSEY

A grande cantora Shirley Bassey está esta noite na apreciada rubrica «TV Mundo». Ela, num «show» de grande valor, com a sua voz, a sua presença e as suas canções. Consagrada e aplaudida, Shirley Bassey conta ainda com a colaboração, como artistas convidados, do cantor Noel Harrisson e de Laurindo Almeida, extraordinário violista brasileiro. No programa há ainda uma bem humorada intervenção do veterano actor Jimmy Durante.

Movimento e Saúde

As MÁS ATITUDES NAS CRIANÇAS é o tema a desenvolver pelo dr. Marques Pereira no seu programa «Movimento e Saúde» a transmitir pelas 17 e 30.

O HOMEM NO ESPAÇO

Foca-se hoje no programa «O Homem do Espaço» a parte mais importante de todo e qualquer programa espacial: o homem, na sua preparação, o seu comportamento e a sua tolerância perante as missões para que pode ser chamado a cumprir em pleno espaço.

REPORTAGEM DO EXTERIOR

A transmissão directa do exterior que a R. T. P. efectua a partir das 22 e 35, tem momentos de entusiasmo e emoção.

TV INFANTIL

Este programa, coordenado por Maria do Sameiro Souto, a transmitir cerca das 17 e 5, inclui uma rubrica apresentada por Maria de Fátima Leal.

«O quarto das provas», da autoria de Luísa Helena, é o título da história narrada por Rui de Carvalho e ilustrada por Romeu Costa.

SKYPPY «MORTO OU VIVO»

Pelas 19 e 45, verifica-se a apresentação do episódio filmado «Morto ou vivo» da série juvenil «Skyppy», com Ed Devereaux, Tonny Bonner e Ken James. Realização de Elric Price.

★

«No Parque de Reserva, grassa uma epidemia que devasta os animais. A dr.ª Steiner procura descobrir quem é o portador do micróbio...»

VARIEDADES: WILSON SIMONAL

Quem não viu no I Programa pode assistir hoje, no II Programa, pelas 22 e 30, á transmissão da rubrica de variedades com Wilson Simonal e a sua orquestra.

Este programa foi transmitido na Rede Nacional em 7 de Março deste ano.

«A CAMINHO DO OESTE»

Ben Pride passa por uma terra miserável e reconhece o ajudante de xerife Divy Peters, Johnson Dave, um bandido que pertencera a uma quadrilha que aterrorizou o Kansas.

É este o tema do episódio que a R T. P. exibe pelas 23 e 35, com Barry Sulivan, Glenn Corbett e Brenda Scott nos principais papéis.

David Lowell Rich é o realizador.

Imagem colhida numa transmissão de Antree

EUROVISÃO: CORRIDA DE CAVALOS

A partir das 16 e 25, a famosa corrida de cavalos R. T. P., através da Rede «Steeple-Chase» que se reada Eurovisão, transmitirá a liza em Antree.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 16 e 30: Eurovisão — «Grand National»; 17: TV Infantil; 17 e 30: Movimento e Saude; 17 e 40: Conquisto do Espaço; 18 e 30: Teledesporto, 19: Nos bastidores da aventura; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «Skyppy»; 20 e 15: «...É o vido continuo...»; 20 e 30: TV Mundo; 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Reportagem do Exterior; 23 e 30: Séne do Oeste; 23 e 35: Marcho do Mundo; 28 e 45: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Variedades; 28 e 30: Fecho.

ESTORIL SIEMENS ESTORIL

AMANHÃ — I Programa — Às 12 e 30: Abertura e Missa de domingo; 18 e 10: Dia do Senhor; 18 e 30: Musica e Artistas; 18 e 50: Daktari — A Intrusa; 15: Telejornal; 15 e 10: Desenhos animados, 15 e 35: Tarde de Cinema — «A Barreira» (La Barriera); 17: Ginástica Infantil; 17 e 30: Domingo Desportivo; 17 e 45: TV Infantil; 18 e 30: Folclore; 19: TV Rural; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Expedição, 20 e 15: Notícia do Espectáculo; 20 e 45: Se bem me lembro; 21: Angola 70; 21 e 30: Telejornal; 22: «Os Cavaleiros do Céu» (Les Chevaliers du Ciel); 22 e 30: Variedades, com Samantha Jones, Octopus, Golden Gate Quartet, Dany Rack's, Tuca, Ballet de Fernando Lima e Maria Valejo Realização de Ru Ferrão; 22 e 30: Domingo desportivo; 23 e 50: Marcho do Mundo; 23 e 55: Fecho

II Programa — 21 e 30: Telejornal. Inclui o Boletim Meteorológico (simultaneamente com o I Programa); 22: Fados, com Fernando Maria; 22 e 30: Missão Impossível, «O Abrigo» («The Bunker»), 23 e 15. Concerto 28 e 35: Fecho.

canal da crítica

«A POESIA É CONTAGIOSA» (ÉLUARD) TUDO O QUE ESTÁ VIVO É CONTAGIOSO

A Televisão portuguesa teve ontem uma excelente ideia: ofereceu-nos uma dose de António Vitorino de Almeida. Não foi uma dose reforçada. Esperamos mais, muito mais de Vitorino de Almeida. Esperamos uma obra de maior fôlego através da Televisão, obra de sementeira do amor da música, mais do que de sabedoria da música. Esperemos que ela venha, um dia. Esperemos que se cumpra aquela promessa de comunicação com o público a que pudemos assistir através do «Zip-Zip».

Certo é que Vitorino de Almeida não esteve ontem nos seus melhores momen os talvez por duas razões: por ter escrito a sua apresentação, pelo menos em parte, e por usar como que a medo o seu poder de improvização. Cada qual terá o seu método.

Poderá acontecer que a falha dele seja o método de António Vitorino de Almeida. Então terá de usá-lo levando-o ás ultimas consequências. Há que abrir a este conversador de raça um largo crédito. Corre-lhe a vocação televisiva nas veias. Porque, ainda mesmo que nada nos diga da musica (como aconteceu ontem) é sempre de musica que estará a falar (como ontem aconteceu). Sua presença é contagiosa. Repare-se: fala connosco, não disserta. Ao ouvi-lo, não apetece comentar *«vide «enciclopédia», página tal...»*

Aliás, tudo ontem foi de boa qualidade. A sonata de Beethoven é das que, pela sua genial simplicidade, atingem, vão ao encontro do maior numero de pessoas; a interpretação de Karl Engel foi das coisas mais sérias que a televisão nos tem proporcionado. Karl Engel recusou todo o efeito, todo o recurso aos rodriguinhos, foi de uma ascética, quase religiosa, sobriedade. Não lutou com o piano, ali. A luta foi antes. Ali eram as pazes, o perfeito entendimento. Cavaleiro e cavalo um corpo só. só.

As comemorações do bicentenário de Beethoven tiveram ontem um recital condigno, com a particularidade de se lhe ter dado a honra do melhor local no horário. Muito bem. A consideração que publicamente se manifesta por alguém ou alguma coisa influi na sua aceitação, na sua integração. E porque é que o sacrifício do sono ou do repouso há-de atingir as mais das vezes quem joga na qualidade — e não nos doutores Welby e Kiley?

DR. WELBY: FLUÍDO NÃO CURA MENISCO

Foi mais uma aldrabice. Calma: não estou a defender

(Continua na pág. seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário — Fim-de-semana; 18 e 05: Musica de filmes; 18 e 15: Emissão Infantil, por Maria Madalena Patacho; 18 e 45: Vedetas «Pop»; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Actualidades musicais; 20 e 40: 10.º Episódio do Folhetim «Flor de Nazaré; 21: Revista do Semana; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: 2.ª parte de um Serão para Trabalhadores, realizado no Liceu Camões; 22 e 30: Tempo literário: Poesia, Musica e Sonho, por Miguel Trigueiros; 22 e 50: Musica ligeira; 28 e 5: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 5: O maestro Lorin Maazel á frente da Orquestra Filarmónica de Viena: Morte e Transfiguração, poema sinfónico, op. 24 (Strauss) e Sinfonia n.º 1, em sol menor op 18 (Tchaikowsky); 17 e 12: Selecção da Opera «Mefistófeles» (Boito). Coro e Orquestra da Ópera de Roma, sob a direcção de Silvio Varviso; 18: Espelho de Mil Faces, por António Manuel Couto Viana; 18 e 20: O pianista Vlado Perlemuter, na execução de obras de Ravel; 18 e 30: Transmissão do Tivoli do 12.º Concerto promovido pela Emissora Nacional, com a participação da Academia de Instrumentistas da Emissora, dirigida pela maestrina e flautista, Elaine Shaffer; 20 e 30: Musica de arco — Obras de Wieniawsky: Lenda op 17, pelo violinista David Oistrakh, ao piano Vladimir Yampolski; 21: Audição integral das sonatas para piano e violino de Beethoven, por Nina Marques Pereira e Jacques Hartog, organizado pela Camara Municipal de Lisboa e realizado no Palácio Galveias, em Lisboa; 21 e 45: O Gosto pela Musica, pelo dr João de Freitas Branco; 22 e 15: Musica Coral Sinfónica; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: Matias, o pintor — Excertos da ópera mística de Hindemith; 0 e 10: Sonata em sol menor op. 65, para violoncelo e piano (Chopin), Paul Tortellier, violoncelo; Aldo Ciccolini, piano; 0 e 36: Quinteto n.º 3, em mi menor, op. 50 (Boccherinni) Intérpretes: Fritz Worsching, viola dedilhada; Rodolfo Felicani e Wolfgang Neininger, violinos; Marianne Majer, viola; August Wenzinger, violoncelo; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Programa especial do XX aniversário de R. N.; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s — Às 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Canções alegres; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Robbialac; 19 e 30: Teatro Trágico; 19 e 45: Rádio-Jornal; 20 e 15: Orquestras famosas; 20 e 24: Rubrica TAP; 20 e 30: Vozes que são êxito; 21 e 3: Rádio Placard; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosa; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Grande Roda; 0 e 2: «P. B.X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa, 6 e 2: Diário rural; 7 e 5: Talismã

Modelação de frequência—97,4 mc/s — 16: Do Philips para si; 16 e 15: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita — dois; 1 e 3: Banda sonora; 2.ª Perspectiva; 3 e 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Às 16 e 4: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Conjuntos; 19 e 3: Miscelania; 19 e 20: Rabbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 2: O Ritmo e a Melodia; 21 e 15: Minuto 15; 21 e 45: Hora Luterana; 22 e 2: Uma vedeta na noite; 22 e 15: O Mundo de amanhã; 22 e 30: Carrocel-3; 28 e 4: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 283,2 m — 10286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 5: Programa Sumol; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Diálogo com os que sofrem; 19 e 30: Página [illegible], 20 e 55: Meditando; 21: Musica e canções para o seu fim-de-semana; 21 e 45: Grande Plano; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Noite e Ritmo; 22 e 45: Musica variada; 23: A 28ª Hora; 0: Tempo Zip; 3: Estamos consigo na madrugada e fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 14 e 30 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 12 ás 14 e 30

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ [illegible]
PRORROGADA ATÉ 15 DE ABRIL

canal da crítica

(Continuação da pág anterior)

a «doutora» Mezolaki, a tal que tudo curava fazendo agir os «fluídos vitais», pela «restauração do poder magnético», pela «percepção extra-sensorial» e outros palavrões quejandos. Foi uma aldrabice, quer dizer: não houve jogo limpo.

Não houve jogo limpo, porque.

— A tal Mezolaki acaba por ser desmascarada como um turbilhão de complexos. Julgava que tivera meningite quando jovem, mas o que ela tivera fora medo, pura e simplesmente: medo. Um suíço, depois seu marido, «curou-a» por obra mental, e ela passou a utilizar o processo a torto e a direito.

2.º — A torto e a direito. Aqui se encontra não apenas uma negação da ciência, como uma negação do bom-senso. Pretender curar, por mentalização, o que não depende do «sistema eléctrico» é obra de louco, não de alguém, como a Mezolaki, que fora uma brilhante aluna de medicina. Demorasse a fita um pouco mais, ou alargasse um pouco mais a actividade da Mezolaki — e vê-la-íamos, decerto, a curar manetas e pernetas pelo processo dos «fluídos mentais», cura que até hoje nenhuns prodígios humanos ou extra-humanos conseguiram, a não ser pela via ortopédica. Não me consta, até hoje, que a perna de pau seja um fluído magnético...

Trata-se de um assunto demasiado sério para ser tratado com tanta leviandade. De qualquer modo, os nossos atletas ficaram a saber que, para tratamento do menisco, não devem consultar a doutora Mesolaki. De qualquer modo, ficamos a saber que «o basquetebol é o melhor de todos os jogos». Será exagero? Talvez. Mas se o exagero é o sal da vida, porque não devia sê-lo do «Dr. Welffy», ensosso que eu sei lá!

MÁRIO CASTRIM

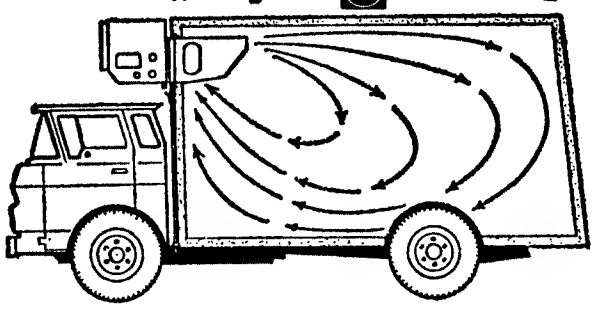
Revista «Infância e Juventude»

Foi agora distribuído e posto á venda o n.º 60 da revista «Infância e Juventude», órgão da Federação Nacional das Instituições de Protecção á Infância, dirigida e administrada pela Direcção-Geral dos Serviços Tutelares de Menores.

Artico Lda
Refrigeração

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

Westinghouse Thermo King



Para melhor conservação dos alimentos transportados

ESCRITÓRIO-EXPOSIÇÃO E VENDAS
LARGO DE SANTOS, 4-A
LISBOA-2

GABINETE TÉCNICO E OFICINAS
18, JARDIM 9 DE ABRIL, 20
LISBOA-3

TELEF: P.P.C. 661044 - 665117 - 662334

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

FORÇA AÉREA

CENTRO DE RECRUTAMENTO E MOBILIZAÇÃO N.º 1

ANÚNCIO

RECRUTAMENTO DE ALUNOS DAS FACULDADES DE MEDICINA COM DESTINO AO QUADRO PERMANENTE DE OFICIAIS MÉDICOS DA FORÇA AÉREA

Faz-se público que, nos termos da Portaria n.º 19 354, de 18 de Agosto de 1962, está aberto concurso, pelo prazo de 60 dias, contados a partir da publicação do presente anúncio, para a admissão de alunos das Faculdades de Medicina com destino ao preenchimento de vagas no Quadro Permanente de Oficiais Médicos da Força Aérea.

I

São condições de admissão

1. Ter concluído, pelo menos, o terceiro ano das Faculdades de Medicina;
2. Terminar o curso académico antes dos 28 anos de idade, podendo este limite ser ampliado até aos 30 anos de idade, por Despacho do Secretário de Estado da Aeronáutica, no caso de alunos excepcionalmente dotados;
3. Possuir a necessária aptidão física e requisitos gerais para ingresso no Quadro Permanente de Médicos da Força Aérea.

II

Promoções e ingresso no Quadro Permanente

1. Os alunos admitidos frequentam logo que possível, como soldados cadetes um curso de preparação militar, sem prejuízo dos trabalhos escolares, e se, nele aprovados, são promovidos a aspirante a oficiais.
2. Se dezoito meses depois tiverem terminado com aproveitamento o curso e estágio são promovidos a tenente, ingressando no Quadro Permanente de Médicos da Força Aérea.
3. Se dezoito meses depois não tiverem terminado o curso e estágio citados são graduados em alferes e, logo que os terminarem com aproveitamento, promovidos a tenente, ingressando no Quadro Permanente de Médicos da Força Aérea.

a) Constitui encargo da Força Aérea o pagamento das propinas, do diploma, dos livros didácticos e das publicações das lições das cadeiras a frequentar, bem como de outras necessárias ao ensino.

III

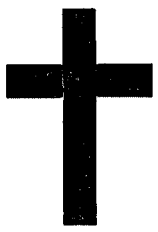
Documentação a apresentar

a) Requerimento, dirigido ao Chefe do Estado-Maior, pedindo para ser admitido ao concurso e do qual deve constar o nome, idade, naturalidade, filiação, estado e morada;
b) Certidão de nascimento (de teor);
c) Certificado do Registo Criminal e Policial;
d) Certificado do ano em que se encontra matriculado, bem como da classificação obtida nos anos anteriores.

Os interessados devem apresentar os seus requerimentos no Centro de Recrutamento e Mobilização n.º 1 da Força Aérea, Rua Newton, 6, rés-do-chão, em Lisboa, onde serão prestados esclarecimentos.

Lisboa, 25 de Março de 1970

O CHEFE DO CENTRO
Giordano C. Bailey
Major



MARIE VICTORINE VAN GOOL BENOIT

Francine Benoit participa o falecimento de sua mãe, também conhecida por Madame Paul Benoit, no dia 28 do mês de Março p. p. e agradece por este meio a todos os que a quiseram confortar com a sua presença e a sua dedicação.

Em BENAVENTE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Casa Leitão, Rua da Índia Portuguesa, 13.

O CÃO «PILOTO»

A menina Maria Dolores, de Vila Nova de Gaia, mandou 50 escudos para o «Piloto». Diz-nos que tem um cão chamado «Preto» e que espera que o «Piloto» «*continue a brincar com os rapazes e a ferrar nos homens maus*».

Igualmente um «amigo dos animais», de Mafra, nos enviou 20 escudos para o «*cão da malta do Socorro*».

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL

Eu, Fernando Augusto Santos e Castro, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa:

Faço público que, tendo em vista o disposto no n.º 4 do artigo 50.º do Código Administrativo e no uso da competência que me confere o artigo 102.º do mesmo Código, resolvi que o arruamento situado no prolongamento da Rua António de Abreu até à Rua D. Cristóvão da Gama e parte da Travessa do Seabra, fiquem integrados na Rua António de Abreu, tomando, consequentemente, esta denominação.

E, para geral conhecimento, se publica o presente Edital.

Paços do Concelho, de Lisboa, em 31 de Março de 1970.

O PRESIDENTE

Fernando Augusto Santos e Castro

SENSACIONAL CONCURSO

Vapedrone

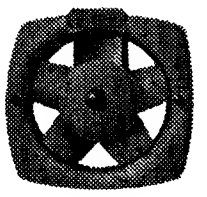
Para assinalar a recente inauguração da melhor e mais moderna loja de electrodomésticos de Lisboa — A "Vapedrone 3"

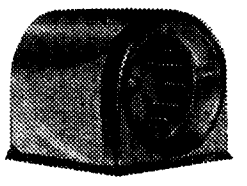
Peça um boletim numa das 3 Lojas Vapedrone, na Rua da Vitória, 54; ou Rua dos Fanqueiros, 17, ou ainda na Av. Almirante Reis, 82-A. Escreva uma quadra utilizando as 2 palavras que estão expostas na montra da Av. Almirante Reis, 82-A, e envie-a para umas das 3 Lojas Vapedrone, até sábado 4 de Abril.
As três melhores quadras serão premiadas respectivamente com:

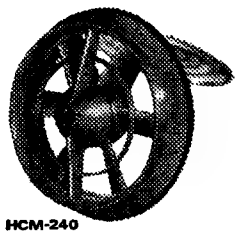
1 — GRAVADOR
1 — RÁDIO
1 — MISTURADOR

PRÉMIOS NATIONAL

VENTILAÇÃO DOMÉSTICA
S&P


HPM-160


CDB-98


HCM-240

Consulte
ELMA, LDA
Porto
Rua Entreparedes, 60 - Telef. 27647
Lisboa
Rua Martens Ferrão, 30 - Telef. 43248

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
Anouk Aimée, Dirk Bogarde e Robert Forster
Na famosa versão do romance de Durrele
JUSTINE

SÃO JORGE
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)
O melhor filme do ano
O COWBOY DA MEIA-NOITE
com **Dustin Hoffman** e **Jou Voight**

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15 e ás 21 h.
3.ª SEMANA
O FILME MAIS PREMIADO DO MUNDO
BEN-HUR
Sensacional reposição
com **Charlton Heston** e **Jack Hawkins**

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15 18.30 e 21.45
Tom Tryon, Carolyn Jones e **Rick Jason** em
A COR DA MORTE
Frank Bigelow é um homem morto, mas não descansa enquanto não encontrar o seu assassino!

CONDES
(M. 17 anos) T. 522523 - 326710
Às 14.15 16.30 18.45 e 21.45
12.ª SEMANA
O filme-choque da temporada
A LIÇÃO PARTICULAR
com **Nathalie Delon** e **Renaud Verley**
COLORIDO

LIZ
(Adultos Tel. 48560
Às 21 horas
O extraordinário filme
O SEGREDO DA SANTA VITÓRIA

LIDO
(M. 12 anos) Tel. 937593
Às 21.30
no «écran»-gigante — 70 mm um fabuloso filme de acção e aventura!
O OURO DE MACKENNA
com **Gregory Peck** e **Omar Sharif**

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15, 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
— 70 mm —
BEN (Lee Marvin)
e **PARDNER (Clint Eastwood)**
OS MARIDOS DE ELIZABETH

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Finalmente em Lisboa a obra-prima de **Michelangelo Antonioni**
A AVENTURA
com **Monica Vitti, Gabriela Ferzetti** e **Lea Massari**

ROMA
Adultos Tel. 727778
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Uma história divertida
COMO CASAR A NOSSA FILHA?
Alberto Sordi, Anita Ekberg, Bibi Anderson, Silvana Mangano e **Giulieta Massina**
TECHNISCOPE-COLOR

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Dois grandes artistas num filme de acção, realizado por JEAN HERMAN
Alain Delon e **Mireille Darc** em
JEFF

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Paul Newman, Joanne Woodward e **Robert Wagner** num dos mais românticos e empolgantes filmes da temporada!
A GRANDE COMPETIÇÃO
(Panavision — Technicolor)
O grande cartaz da Páscoa de 1970!

METRO: **Estação Picoas**

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
Uma maliciosa comédia
SERAFINO
com **Adriano Celentano** e **Ottavia Picolo**

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 21 horas
A PRIMEIRA NOITE
O PERFUME DO DINHEIRO

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
A vida e as experiências de uma mulher livre...
com **Michele Mercier** e **John Mill**
AS NOITES QUENTES DE LADY HAMILTON

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763889
Às 15.45 e 21.45
A vida e as experiências de uma mulher livre...
com **Michele Mercier** e **John Mill**
AS NOITES QUENTES DE LADY HAMILTON

POLITEAMA
Maiores 12 anos Tel. 326305
Às 15.15 18.15 e 21.30
EM 2. SEMANA
Em vibrante êxito a nova e grandiosa versão do famoso romance de ALEXANDRE DUMAS
MONTE CRISTO 70
com PAUL BARGE, PIERRE BRASSEUS, MICHEL AUCLAIR e ANNY DUPERIN
EASTMANCOLOR

ESTÚDIO 444
(M. 17 anos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Um estranho encontro entre um homem frustrado e uma rapariga sem ilusões!
COM A CORDA NA GARGANTA
com **Jean Louis Trintingnant**

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.15, 18.30 e 21.45
3. SEMANA
Uma mulher selvàticamente ultrajada!
ENCRUZILHADA PARA UMA FREIRA
PANAVISION-COLOR
c/ Rosanna Schiaffino John Richardson

CASINO ESTORIL
Às 21.30 (M. 17 anos)
A FLOR DO CACTO
com **Walter Mathau** e **Ingrid Bergman**

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES
CARABINAS INIMIGAS

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA de um dos mais sugestivos filmes da temporada com **Rod Steiger, Claire Bloom** e **Judy Geeson**
A RAPARIGA DO AUTO-STOP
—★—
Junto á. Av de Roma

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
HOJE: 15.15, 18.15 e 21.30
2.º MÊS DE SENSAÇAO
8.ª SEMANA DE ENCHENTES COM O FILME PORTUGUÊS
O DESTINO MARCA A HORA
com Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva e Nicolau Breyner

A B C

T. 366745
JOSÉ MIGUEL
apresenta a revista
PEGA DE CARAS
com IVONE, TONI, NICOLAU, F. BAPTISTA, Óscar Acurcio, Linda Silva, Clarisse Belo e Maria Eva, á frente de um grande elenco.
DOMINGO «MATINÉE»

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «O prato do dia» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Forja» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Pobre milionária» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A Celestina» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Pega de caras» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
VARIEDADES—Às 21 e 45: «Quando ela se despiu» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21: «A furia de Jonny Vidal» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «A rapariga da pistola» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Os loucos do amor» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Capitão Singrid» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Maciste na corte do Gran-Kan» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Acaba com ele e volta só» (12 anos).
PARIS — Às 21: «O segredo de St.ª Vitória» (17 anos).
LUMIAR — Às 21: «Tempo de massacre» (17 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «O vingador mascarado» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Os longos dias da vingança» (17 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «Forte barreira» (12 anos).
ORIENTE — Às 21: «A Roleta da morte» (12 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Duelo no Pacífico» (12 anos).
JARDIM—Às 21: «O ás do pedal» (12 anos)
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «O regresso dos 7 magníficos» (17 anos).
S. L. BENFICA — Às 21 e 15: «Cinco anos passados» (17 anos)

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Muito para viver, pouco para morrer (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Comissário Santo António» e «Nova Iorque chama Superdragão» (17 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21.: «Barbarella» e «Dingaka» (12 anos)
CINE-BARREIRENSE — «F. B. I. contra a Maffia» (12 anos).
COVA DA PIEDADE—UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Duplos do Crime» e «Ladrão de Casaca» (17 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Onde está o Jack?» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «O Visconde não perdoa» e «Louca Juventude» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «7 mulheres para os MacGregor» (12 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Sheriff precisa-se» e «Ritmo atómico» (12 anos).
CACÉM — CINEMA S. JOÃO — Às 21: «Comissário X-3 pantenas azuis» e «Uma Pistola para Ringo» (12 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHAIBY — Às 21 e 30: «A Máscara do demónio» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Sinfonia para um inimigo» (17 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Um muro em Jerusalém» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Milly, uma rapariga moderna» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30 — «A Flor do Cacto» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O Jogo sujo» (17 anos).

poptado
BOITE (3 estrelas) M/ 17
RESTAURANTE
Preços normais até às 22 h.
BAR — 17 às 21 h.
Rua Ferreira Lapa, 38-D
Encerrados aos domingos

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno G

AJUDA — **Moura**, Trav do Memória, 55 (630944) ✲ **Biotifar**, Rua D. João de Castro, 27-B (638824).
ALCÂNTARA — **Bairrão**, R Prior do Crato, 25 (661321).
ALMIRANTE REIS — **Confiança**, Av Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — **Zil**, Av do Igreja, 9-D (711780) ✲ **Roma**, Av de Roma, 85-B (772466) ✲ **S. João de Deus**, R Pedro Ivo, 1-A-B (725140)
AMOREIRAS—**Britânica**, Trav Légua da Póvoa, 5-B (689250)
AREEIRO — **Garantia**, Av Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) ✲ **Imperial**, Av Guerra Junqueiro, 30-B (726860)
AVENIDAS NOVAS — **Alcântara**, Av do Repub, 14-A (771379) ✲ **Vale**, Av Marquês de Tomar, 45-49 (773043) ✲ **Dalva**, Av Duque de Ávila, 25 (45225) ✲ **S. Sebastião**, Largo de S Sebastião da Pedreira, 7-9 (48642)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso**, R 27 n.º 4! (311216)
BAIXA—**Fernandes**, R de S José, 87 (326476) ✲ **Azevedo, Filho**, Pr de D Pedro IV 3! (327478)
BENFICA — **União**, Est de Benfica, 592-594 (700092) ✲ **Alegria**, Est de Benfica, 80-A-B (780511)
CAMPO DE OURIQUE — **Lobet**, R de Infantaria 6, 98-B (688807) ✲ **União**, R. Saraiva de Carvalho, 9 (663643)
CAMPOLIDE — **Salutar**, Rua B, 75-A-B Bairro da Liberdade (683694) ✲ **Pinto**, R de Campolide, 1 (682610)
CONDE REDONDO — **Sousa Martins**, Rua Sousa Martins, 25 (553468)
ESTRELA — **Andrade Ribeiro**, Av Infante Santo, 66-B (666971)
ESTEFÂNIA — **Mundial**, L D Estefânia, 9 (45578)
GRAÇA — **Ziller**, R de S Tomé, 54-56 (862835)
LUMIAR — **Central do Lumiar**, R do Lumiar, 77 (790480) ✲ **Douro**, Alam das Linhas de Torres 93-A-B (791131)
MADRAGOA — **Eduardo A. César**, R das Trinas, 102 (662631)
OLIVAIS — **Olivais**, R Alves Gouveia, 9 (311237)
PENHA DE FRANÇA—**Central da Penha**, Rua Penha de França, 58-60 (849245) ✲ **Vitális**, Rua Morais Soares, 66-A (843011).
PICHELEIRA — **Luzmar**, Rua João do Nascimento Costa, 16-A (728395-970703)
PRÍNCIPE REAL — **Albano**, R. do Escola Politécnica 59 (326750)
REGO — **Baptista**, Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C (771873)
ST.º AMARO — **Correia de Azevedo**, R Luís de Camões 42-B (638625)
S. BENTO — **Maz Teixeira**, Rua Poço dos Negros, 15 (679961)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Freitas**, Rua Zófimo Pedroso, 11-18 (381136) ✲ **Banha**, Est de Chelas, 173-175 (382241) ✲ **Frazão**, R da Cruz de St.ª Apolónia, 90-92 (847019)
PALHAVÃ — **Canto**, Est dos Laranjeiras 202-B (780841)

Linha de Cascais

ALGÉS — **Branco** — Av Comb G Guerra, 29 (Tel 2 2081)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva** — Av Patrão Lopes 4 (Tel 2432039)
OEIRAS — **Central** — R. João Teixeira Simões, 8 (T 2430058)
PAREDE — **Alsir** — Av Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (Te 2472948)
ESTORIL — **Parque**, Arcadas do Parque, 3 (Tel 260 91)
CASCAIS — **Misericórdia** — Rua do Regimento 19, 41 (Telefone 280141), **Cascais** — Rua Conde de Monte Real—Bairro Caixas (Tel 282407)

Linha de Sintra

AMADORA — **Cavaco** — R. Elias Garcia, 209 (Tel 930019). **Flama** — R Elias Garcia, 78-B (T 932485) **Confiança** — Av D Nuno Alvares Pereira, 15-A (T 938149)
DAMAIA — **Lemos**, R de Goa, 8-A (Tel 971121)
QUELUZ — **Gil**, Av Miguel Bombarda, 28 (Tel 950117) ✲ **Simões Lopes**, Av Elias Garcia 5 (Tel 950123)
CACÉM—**Central**—R Elias Garcia 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — **Quimia** — Est Mem Martins, 285 (T 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel 980456)
SINTRA — **Simões** — R Heliodoro Salgado, 26 (Tel 980832).
VENDA NOVA — **Nova** — R. Elias Garcia, 10 (Tel 933920).
COLARES — **Colares** — **Abreic** (Tel 299088)

Outra Banda

ALCOCHETE — **Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telefone 234137)
ALHOS VEDROS — **Portugal**, Av da Bela Rosa, 8 (Tel 2242501)
ALMADA — **Central** — R de Olivença, 11 (Tel 270504)
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima** — Est Nacional, 221-B (Tel 224 41)
BARREIRO — **Santa Marta** — R do Lavradio, 17-C (Tel 2272141)
COVA DA PIEDADE — **Cerqueira Afonso** — P 5 de Outubro, 18 (Tel 270254)
MOITA — **União Moitense**, Av Dr Teófilo Braga (Tel 239025)
MONTIJO — **Diogo** — R Almirante Reis, 42 (Tel 230032)
SESIMBRA — **Leão**, Av Salazar (Tel 229471)
SETUBAL — **Bocageana** — R do Romeu (Tel 23425); **Bairros** — B.º Santos Nicolau (Tel 23330)
SEIXAL — **Soromenho** — R Paiva Coelho 38 (Te 221560)

SERVIÇOS URGENTES

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Águas, 36135 ✲ Companhias Reunidas 53701 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidal idem e feriados, 382069.**
SAÚDE — **Cruz Vermelha, 86534 ✲ Enfermagem permanente 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria 77517) ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 77116 e 771169 ✲ Transfusões, soro e oxigénio, 538524 ✲ Centro de intoxicações (informativo, 767777, 761176 e 763450.**
POLÍCIA e G. N. R. — **Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Pública, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural), 36865.**
TRANSPORTES — **Aeroporto, 72011 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Pqço), 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima de Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.**
BOMBEIROS — **Sapadores, 32222, Voluntários, 538524.**

VÁ HOJE AO TEATRO!

MONUMENTAL ● **LAURA ALVES**

I 555133 (ADULTOS) T. 864756 (ADULTOS)
VASCO MORGADO apresenta

LAURA ALVES
na comedia francesa

com **PAULO RENATO** e **RUI DE CARVALHO**
HOJE, à noite, às 21.45 h.
Domingos, à tarde, às 16 h.

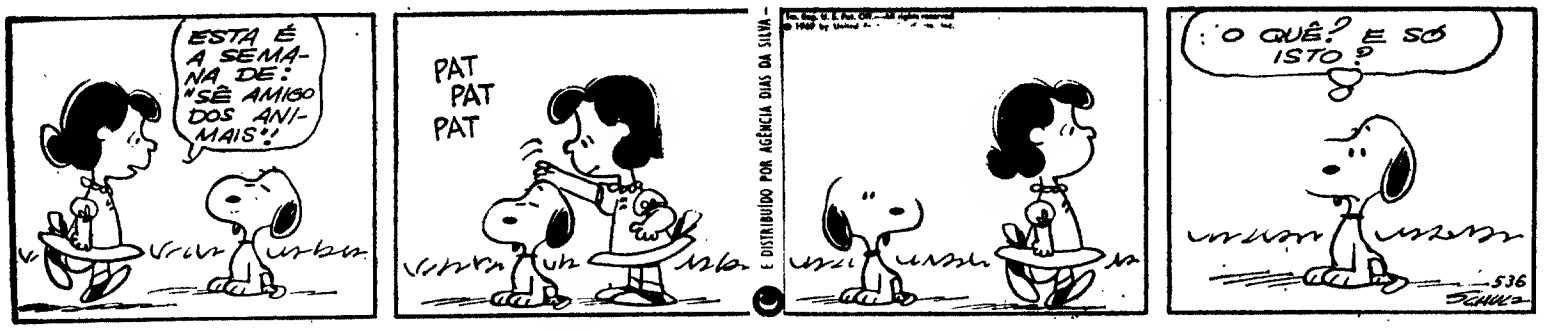
EM 5.º MÊS
FORJA de **ALVES REDOL**
CARMEN DOLORES
JACINTO RAMOS
nos protagonistas
HOJE, A NOITE, às 21.45 h.
Sábados, à tarde, às 16 h.
Domingos, 2 «matinées»:
Às 16 e às 18 h.
À NOITE, às 22 h.

Aos sábados, às 16 h., e Domingos, às 18 e 30: PARAISO INFANTIL para maiores de 4 anos, no TEATRO MONUMENTAL

TEATRO VARIEDADES
HOJE
As 21.45 h. (Adultos)
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
apresentam

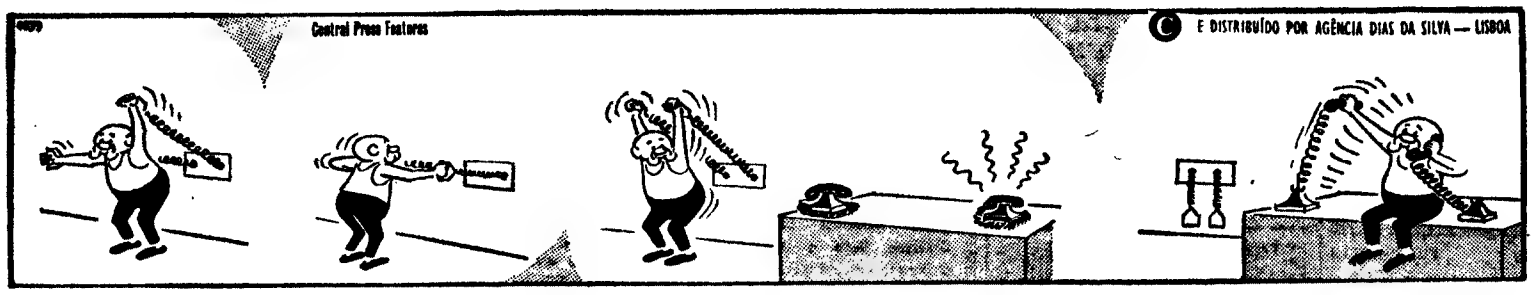
Encenação de **Santos Carvalho** com **CAMILO** e **FLORBELA, Maria Adelina, José Amaro, Carmen Mendes, Helena Cárdinalli, Maria Alvim** e **Nela Duarte.**
Farsa de **Claude Magnier**
Tradução de Marina Morais
✲ DUAS HORAS A RIR! ✲
Domingos, á tarde, ás 16 h.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

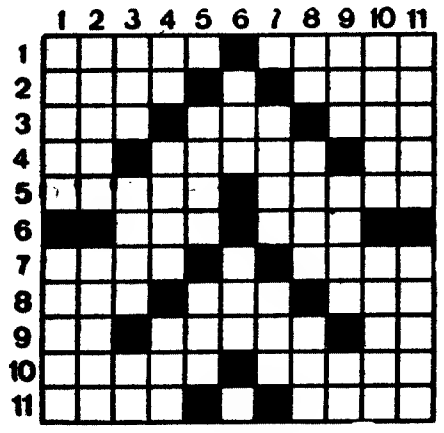
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5495

HORIZONTAIS: 1 — Consanguinidade. Pegas 2 — Recua. Notícia. 3 — Transpira. Possui. Oásis. 4 — Deus dos pastores Significava Prata (s. q.). 5 — Plantio de ameixeiros Retesa. 6 — Vazio. Isolados 7 — Carbonato de sódio Tareia 8 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Rio da Suíça Ente. 9 — Preposição. Tiras de fígado temperadas e fritas. Vê 10 — Encolerizado. Imagina 11 — Ilha situada no Pequeno Belt. Ligar

VERTICAIS: 1 — Carepa Higiénica. 2 — Esmorecem Realiza. 3 — Artéria Cobre de iodo. Atmosfera. 4 — Em a. Fêmea do boi. Passado. 5 — Caule. Pega. 6 — Doçura Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses 7 — Dás mios. Freguesia do concelho de Penafiel 8 — Prefixo de negação. Patrões. Nome dum astro. 9 — Distrito da Índia Portuguesa. Costumes. Níquel (s. q.). 10 — Aprontar. Mulher de idade avançada 11 — Variedade de uva. Assonear

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5494

HORIZONTAIS: 1 — Clamai. Elos. 2 — O. CIUME. Iró. 3 — Ri. Ara. Anda. 4 — TEM. Arcas. 5 — Anos. Amue. 6 — Atordoa. Re. 7 — Aliar. Oe. 8 — LV. Ama. Lapa 9 — Has. Salas 10 — Oriá. Demora. 11 — Socode. Aras

VERTICAIS: 1 — Carpa OLHOS. 2 — Iena. Vara. 3 — AiC. Mota. Sic 4 — Mia. Sola. Ao. 5 — Aura. Ritmo 6 — Imã Adão DE. 7 — Amar Se. 8 — Aruá. Lama 9 — LINCE. Cafar. 10 — Arida. Repara 11 — Soasse Asas.

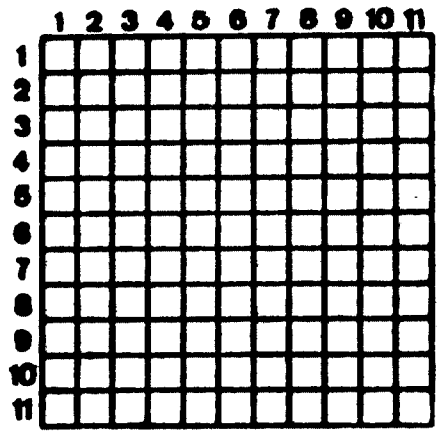
Provérbio: O CIUME TEM OLHOS DE LINCE.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9338

HORIZONTAIS: 1 — Vila e sede de concelho (Santarém). Apelido 2 — Encadeava. 3 — Olá. Estreito. 4 — Seguras 5 — Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Corda de reboque Viração 6 — Reles. Contra. 7 — Troça. Filtra. Quarto 8 — Alouras 9 — Pega. Conjunção 10 — Humilharam. 11 — Lavrais. Acanintho.

VERTICAIS: 1 — Ruim. Freguesia do concelho de Amares. Oferece. 2 — Ferro temperado Tamba. Prefixo que designa ar. 3 — Pega Tosta. 4 — Lavrem Ladrei 5 — Sufixo que designa estado. Acometo Reis 6 — Engano Metal precioso de cor amarela 7 — Rado (s. q.) Nivelar. Em a. 8 — Tenebrosa. Gostam muito de. 9 — Em mais alto grau. Xaile das mulheres índias e parses. 10 — Ovário dos peixes. Apelido Figura que simboliza o povo americano. 11 — Apelido. Planta que serve para forragem. Pedra de moinho.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9337

HORIZONTAIS: 1 — Ronde. Afilna. 2 — Omar. Oder. 3 — Nós. Tia. Age. 4 — Cr. Aroma. Al. 5 — Aneta. Ataca. 6 — Aram Rota. 7 — Apa. Ela. 8 — Ir. Asilo. Oó. 9 — Dos. Sia. Aru. 10 — Raspe. Datar. 11 — Assam. Orara.

VERTICAIS: 1 — Ronca Sidra. 2 — Amorna. Roas. 3 — Nas. Era. 556. 4 — Dr. Alapa. Pá. 5 — Tramassem. 6 — Fio. II. 7 — Amarelado. 8 — Fo. Atolo. Ar. 9 — Ida. Ala. Atia. 10 — Negaça. Orar. 11 — Areia. Mouro.

PASSAPORTES?
paneuropa
Rua Braamcamp, 11 - C-D
T. 561871-2-3-4 — LISBOA

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

Sociedade «ESTORIL»
SERVIÇO ESPECIAL PARA O ESTÁDIO NACIONAL
BENFICA-BARREIRENSE em Futebol
5 de ABRIL de 1970
Partidas de Cais do Sodré, das 14-27 ás 15-53 h., e da estação do Estádio desde o fim do encontro
Os comboios n.os 2226, 2228 e 2230, que partem de Cascais, respectivamente, às 14-26, 14-56 e 15-26 têm paragem em Cruz Quebrada para desembarque de passageiros.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 4 de Abril de 1940 publicava:

«BERLIM, 4 — Foram castigadas 17 pessoas por não terem entregado nos locais próprios as quantidades de sucata que tinham em seu poder. Em toda a capital alemã procede-se com a maior rapidez á recolha de todos os metais velhos. Nas últimas 48 horas foram recolhidas enormes quantidades de sucata, tendo o marechal Goering manifestado a sua satisfação por este facto.»

SINDICATO NACIONAL DOS PINTORES DA CONSTRUÇÃO NAVAL E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCAÇÃO
Assembleia Geral

Convoco a Assembleia Geral a reunir em sessão ordinária, no próximo dia 5 de Abril, pelas 9.30 horas, na Travessa da Ribeira Nova, n.º 26-1.º, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1.º Apreciação e aprovação do relatório e contas do exercício do ano de 1969.
2.º Apreciação das condições em que se encontra a última fase das negociações do novo Contrato Colectivo de Trabalho.

Se à hora marcada não houver número legal de associados (um terço) decorrida uma hora a Assembleia funcionará com qualquer número.

O Presidente da Mesa
a) JOSÉ LUÍS TAVARES PINTO

PIANOS
E DE CAUDA
VERTICAIS
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS | DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«AMBOIM» a sair em 9 de Abril — Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LOBITO, LUANDA e CABINDA. Carrega até 7 de Abril.

«LUGELA» a sair em 9 de Abril — Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega até 7 de Abril.

«LOBITO» a sair em 14 de Abril — Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário) Carrega de 8 a 12 de Abril.

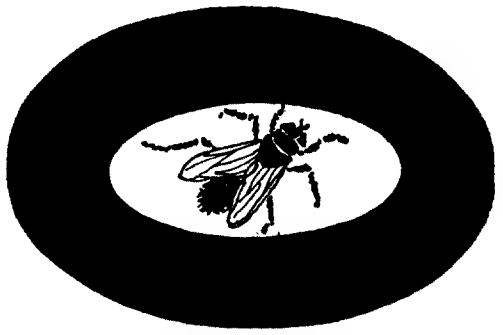
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 20 de Abril às 18 horas — Com escala por VIGO e FUNCHAL, para TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PORTO RICO), LA GUAIRA e CURAÇAU.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42

a MOSCA



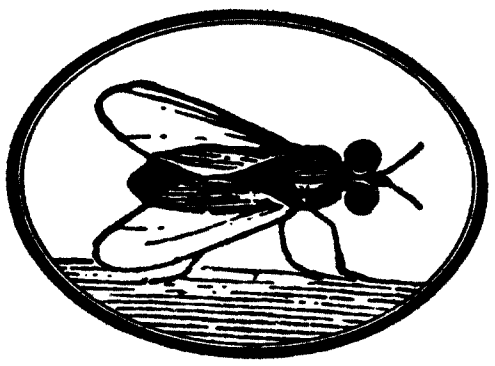
52

NOTA DE ABERTURA

«A MOSCA» celebra, com este número, o seu primeiro aniversário. Não pode dizer-se que um ano conte muito na vida duma pessoa, mas na vida dum Suplemento, é já qualquer coisa. O facto de termos dedicado este número de «aniversário» às diversas frustrações e complexos que impedem o homem de se ajustar plenamente à vida, porém, revela que este ano de existência não afectou o espírito dos colaboradores deste Suplemento do «Diário de Lisboa»: «A MOSCA» continua jovem.
É que, falando com toda a franqueza, sentimo-nos frustrados: «A MOSCA» não nos satisfaz — não tem o sentido crítico nem a graça que lhe desejaríamos imprimir. Números há que gostaríamos de esquecer e se olhamos com satisfação para alguns em que nos aproximámos do que pretendemos, essa satisfação é incompleta porque não conseguimos esquecer os outros. A culpa não é inteiramente nossa, mas não queremos alegar este facto em nossa defesa — não queremos, por outras palavras, confundir-nos com os que dizem que nada fazem porque nada lhes é permitido fazer. A um toureiro medíocre que um dia justificava os seus fracassos permanentes dizendo: «Vocês sabem como os touros são».
Respondeu Manolete: «Pois é, mas apesar disso há quem toureie bem»...
Sabemos melhorar consideràvelmente «A MOSCA» e fazemos tenção de o fazer.
Como e quando? Se os mosqueteiros lerem com atenção o resultado da primeira «Mesa-quadrada» que levamos a cabo sobre a renovação interna de «A MOSCA», ficarão a fazer uma ideia dos problemas que temos de enfrentar e das nossas intenções. Gostaríamos de saber o que os leitores pensam sobre as diversas secções permanentes de «A MOSCA», até para começarmos a substituir as que se revele terem menos interesse por outras de maior interesse. Leremos com a maior atenção todas as cartas que nos chegarem às mãos propondo modificações.
O número de hoje é, como já se disse, dedicado às frustrações e aos diversos complexos que perseguem o homem de hoje. A Guidinha lá porquê não sabemos e se calhar ela também não sim porque ela tem a mania de que sabe tudo mas não sabe não conseguiu arranjar um complexo para este número mas promete-nos um para o próximo o que é animador para quem gosta de complexos e para quem acha graça às infernais redacções desta infernal Guidinha que nunca vem a esta redacção que não deixe bolas de pastilha elástica coladas às cadeiras.
«A Melga» continua a melgar no prato e no mundo, como é seu costume, para maior glória da boa cozinha e para o desespero dos donos dos restaurantes.
Promete-nos o responsável pela «MELGA NO PRATO» uma surpresa para o próximo número e nós cá a esperamos.
De qualquer forma esta secção vem renovada, pelo menos gràficamente, na medida em que começa a incluir ilustrações.
«A VAREJEIRA», depois duma longa ausência, volta

ANO II / ABRIL / 1970

SUMÁRIO



Bicaram (escrever com «Bic») Luís de STTAU MONTEIRO (que fez anos), Pedro ALVIM, Conceição GOMES da SILVA, Mário ZAMBUJAL, Amadeu LOPES SABINO, R. NÓBRE de MELO, João PAULO GUERRA, Carlos FERREIRO & outros & outros & outros...

Leiam, leitores, leiam tudo quanto estes jovens escreveram. E porquê? Porque escreveram com alegria, com amor, com gritos, com descoberta (um tanto encoberta) e com sal do bom. E ainda, leitores, porque a vida são dois dias, embora a semana tenha sete!

Sujaram as mãos nos chumbos: SERENO, AMADEU, ARNALDO, VICENTE, GONÇALVES e RICARDO.

A Revisão esteve a pau.

Ti FILIPE esperou.

CRUZ não falhou uma.

Ti SOARES contou (que paciência!) os exemplares.

E pronto.

EMPRESA EDITORA

de Lisboa, procura colaboradora que reuna os seguintes requisitos: conhecimentos de línguas, prática de dactilografia, facilidade de redacção e gosto por assuntos literários. Indicar na resposta idade, habilitações e vencimento pretendido.

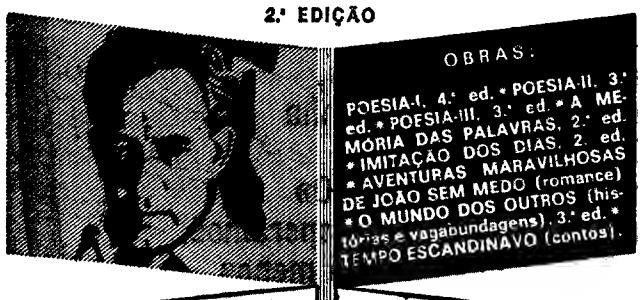
Resposta a este Jornal ao n.º 471.

obras de
JOSÉ GOMES FERREIRA

ACABA DE SAIR

IMITAÇÃO DOS DIAS

2.ª EDIÇÃO



IMITAÇÃO DOS DIAS

«Pela forma excepcional como maneja um estilo que é dos mais rigorosamente pessoais de toda a nossa história literária (...) é Imitação dos Dias *uma obra única. Porque motivo há-de esta obra ter menos fama que os* Cahiers de Camus*?»*

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

TEMPO ESCANDINAVO

«... uma longa narrativa de solidão e amor efémero estilhaçada em novè episódios passados na Noruega e totalmente inventados para serem mais reais e verdadeiros...»

PORTUGÁLIA EDITORA
Av. da Liberdade, 13-3.º LISBOA

NOTA DE ABERTURA

às páginas de «A MOSCA» na firme intenção de continuar mas, como é geralmente sabido, «de boas intenções anda o inferno cheio...» Se apesar desta informação escrita no princípio da semana, «A VAREJEIRA» não figurar neste número, os mosqueteiros ficam a saber, desde já, que foi para o inferno...

Pedro Alvim, um «fixe» de «A MOSCA» desde a primeira hora, dá a este número uma nota que não se pode classificar de surrealista, mas que também se não pode classificar de realista. Mário Zambujal ri-se dos complexos e das frustrações alheias, isto é, ri-se do leitor, mas com jeitinho e com ternura. O «POPularucho», que fez gazeta a semana passada por motivos alheios á vontade do autor, faz POP! Pop! Pop! nas cabeças dos nossos «entertainers» musicais. Amadeu Lopes Sabino cincopontifica, como é seu hábito, para os mosqueteiros mais inteligentes (os outros querem lá saber...).

Aparecem, ainda, neste número, algumas reportagens de interesse e o 5.º episódio do folhetim «AS FILHAS DA VISCONDESSA». Para terminar, uma notícia importante: o número 54 de «A MOSCA» vai ser inteiramente dedicado à cidade do Porto para onde segue, em breve, a equipa incumbida desta aventura nortenha. Damos esta notícia com uma certa tristeza porque simpatizamos muito com essa cidade.

«A MOSCA»

TELEVISORES

APROVEITE A CAMPANHA DE TROCAS

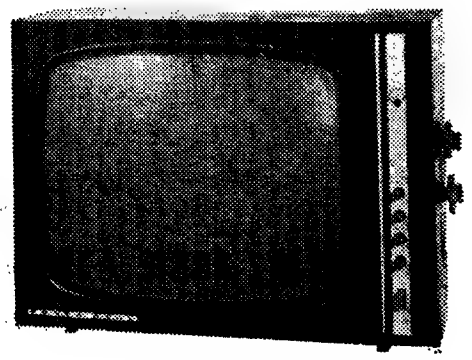
O SEU TELEVISOR USADO VALE DE

1.500$00 A 5.000$00 (MESMO AVARIADO)

SE O TROCAR NA **JOVICA** TEM 2 ANOS DE GARANTIA

OFERTA DA ANTENA PARA OS 2 PROGRAMAS DESDE 99$00 MENSAIS —

SEM | ENTRADA
FIADOR



JOVICA

Sede: Av. 5 de Outubro, 53-C.—LISBOA—Tels. 47769-535010
Filiais: CACÉM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA

Aventura no Asfalto

DÓCIL: e eu, ali, no preto e no branco. Maravilhado no dorso de um animal esmagado no asfalto. Maravilhado e parvo.

Tiro a gravata (que não uso) e lanço-a ao pescoço do animal quieto.

Vem um polícia e diz:
«Que faz o senhor aqui?»
«Quero este animal no meu jardim.»

Sou preso. Sou preso e vou a julgamento. Vou a julgamento com olhos inocentes, mãos pousadas nos joelhos, sobrancelhas nas tábuas do soalho.

«É verdade que o senhor queria levar o animal para casa?» — pergunta-me o juiz.

«É verdade» — respondo.

«Mas isso prejudica a comunidade...»

«Talvez. Mas não posso negar que desejava o animal lá em casa...»

Sou condenado. Ouço a sentença de pé, os meus olhos nos olhos do juiz: durante um ano ficarei reduzido a uma superfície de poucos metros. Vergo a cabeça.

Quando saio da prisão, corro logo ao local do **crime**: o animal ainda lá está. Ainda ninguém o levou para casa. A comunidade, em suma, foi respeitada ao longo de quatro estações.

Novamente, com a gravata (que não uso), tento laçar o belíssimo animal. Ele, quieto como sempre, admite as manobras do meu pulso. Vou-me escapando deste e daquele carro, agora duma bicicleta, também duma camioneta. E o dorso preto e branco fica cada vez mais estampado no asfalto. Todos os meus esforços resultam vãos e a gravata (que não uso) está prestes a romper-se. Rompeu-se agora mesmo — e eu, no preto e branco, de rastos, à espera do atropelamento, tenho o supremo grito de um amor impossível:

«Ó zebra! Ó zebra! Ó zebra!»

O MUNDO OFF

por PEDRO ALVIM

O Cavalo Branco

ERA um esplêndido cavalo branco. Árabe. Tão árabe e orgulhoso que exigiu uma tenda para viver. Admiti o capricho e fechei os ouvidos aos murmúrios dos vizinhos.

Só em torrões de açúcar gastava eu quinhentos escudos por mês. Bastante dinheiro, confesso, mas que alegria não afogava o meu coração ao ver o cavalo satisfeito, doce e aprumado!

Aconteceu, porém, que um tio velho que eu tinha caiu de cama com uma pneumonia. Homem abandonado numa rua estreita de Lisboa, aí se vê o sobrinho no amor-obrigação de socorrê-lo: injecções, antibióticos, xaropes. Muito mais, ao mês, do que quinhentos escudos...

Entre o cavalo e o tio — vendi o cavalo. E nessa noite, em que fiquei sem cavalo para sempre, afoguei a mágoa numa garrafa de «whisky».

«Que tens, meu rapaz?
«**White Horse**, tiozinho!

Morte no Piano

DE tecla em tecla, no preto e no branco, a pulga exultava na música alegre.

Breve a mataram — e a unha fez RÉ.

Plic! sem dó.

Modess
MARCA DE FÁBRICA

AGORA MAIOR

Proteccão Azul**

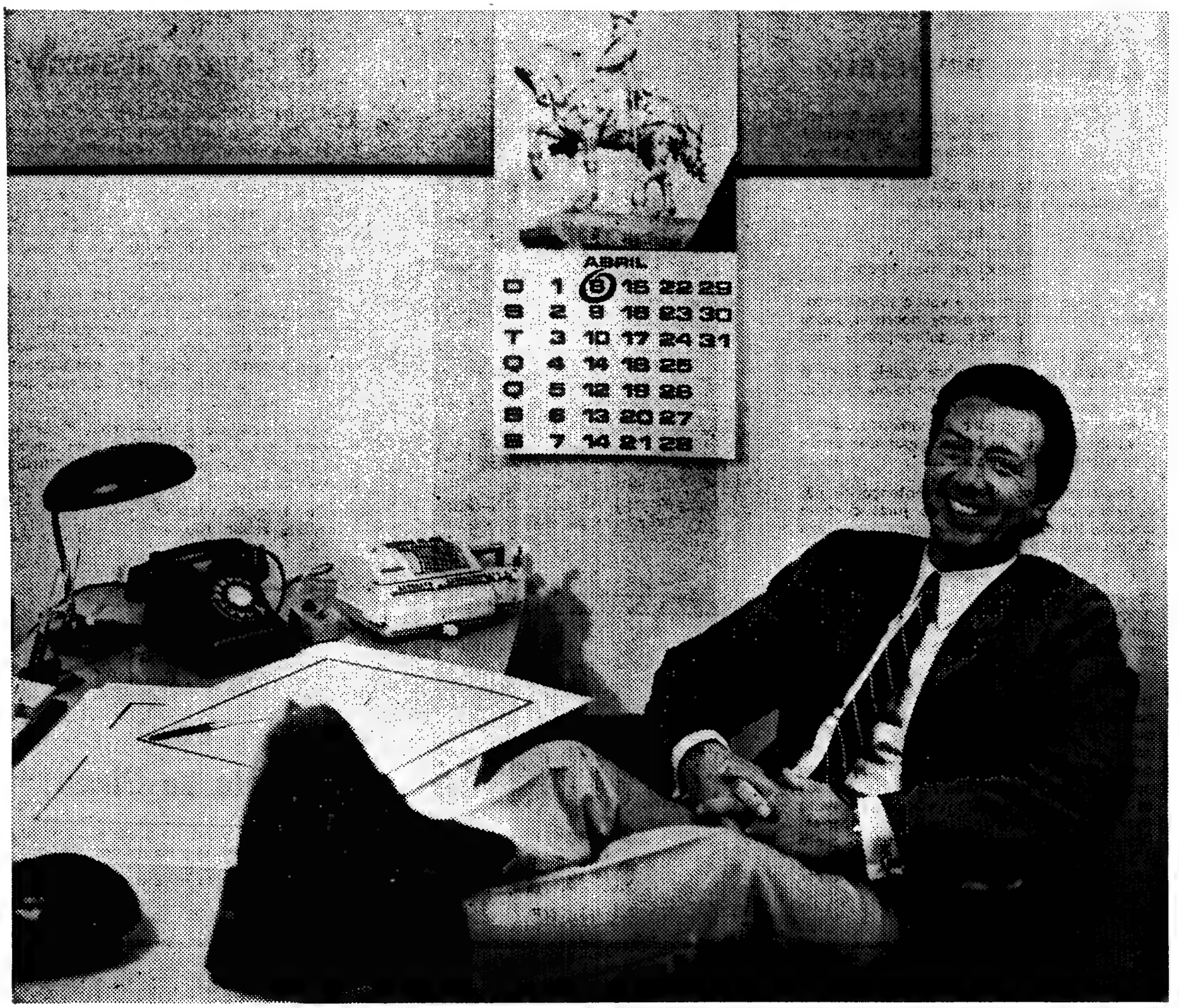
ANTERIOR

NOVO

** Uma fina camada plástica que o torna completamente impermeável

© Johnson & Johnson
QUELUZ DE BAIXO (1970)

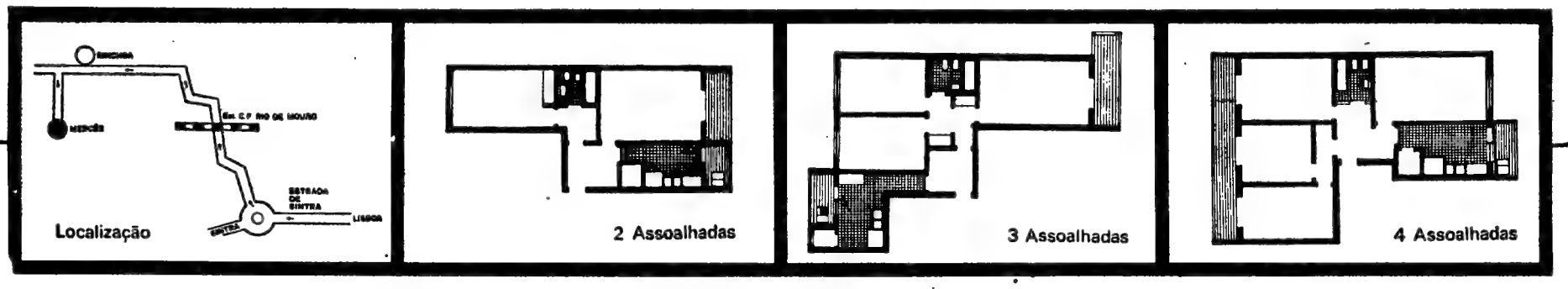
ÁTILA · AP-MN-2



ria-se do dia 8 !

Seja o seu próprio senhorio. Julga que é difícil?
É porque ainda não consultou a Siturco.
Por 170 000$00 já pode tornar-se proprietário dum magnífico apartamento situado numa zona privilegiada a dois passos de Lisboa.
Mais: pode pagá-lo em prestações suaves — tão suaves como as do seu automóvel.
Há, porém, uma pequena diferença: um automóvel desvaloriza-se e os apartamentos das Mercês, estão destinados a valorizar-se.
A ocasião é única — aproveite-a.
Veja os apartamentos tipo, mobilados por OLAIO e decida-se.

sip ST2/70



SITURCO*

R. DO SOL AO RATO, 104, 2.º D. — LISBOA Telefones: 68 12 28 - 68 09 59 - 68 22 54

* Incluída no grupo de EMPRESAS SEPULCHRE

ANTOLOGIA DE «A MOSCA»—2

De quantas, e quaes cousas devemos fugir, para que não caiamos no vicio deshonesto.

PARA *que nosso coração se prenda no visco da paixão do amor deshonesto,* devemos fugir de muitas cousas. A primeira, e principal he, *fugir daquellas pessoas, que nos ameação evidente perigo.* A segunda he, *fugir tambem das outras, o mais que puder ser.* A terceira he, *fugir das visitas, dos recados, dos presentes, e das amizades, (ainda que sejão das que chamamos de cumprimento, e urbanidade)* porque estas mais facilmente se podem tornar em amizades estreitas, e illicitas, do que as illicitas tornarem-se honestas.

A quarta he: *fugir de fallar, e conversar nesta paixão, das musicas, dos romances, e poesias que trarão della, de livros profanos, e que não trarão de bons costumes.*

A quinta (de poucos conhecida e menos praticada) he *fugir universalmente de todo o deleite, e gosto que se tem, e põe nas creaturas:* como *nos vestidos de grande preço, e não necessarios;* em varias, e muitas cousas de *galanteria, e curiosidade, que nos gabinetes, e salas se tem só por vangloria, e inutil apparato; das comidas, e bebidas, que se podem escusar, e se tomão só por regalo, e appetite;* e finalmente de todas aquellas cousas, pequenas, ou grandes, que precisamente se não necessaitão; porque ainda que o deleite em todas estas cousas de ordinario seja licito (por não se conter nelle offensas de Deos) todavia com elle se *costuma o coração do homem a querer o seu gosto,* e a ter em todo o tempo desejo do que o deleita: *donde lhe succede, que offerecendo-se depois o deleite deshonesto (que de sua natureza he efficaz, e por consequencia facil a ferir, e a penetrar o mais interior do coração) difficultosamente acha o caminho de largallo,* e mortificar-se nelle, por não ter praticado a mortificação dos deleites nas demais materias. O que pelo contrario succede aos corações costumados a fugir de todos os deleites, ainda que licitos; porque a estes quando se lhes offerecerem os illicitos, e deshonestos, do nome só delles fogem com grande facilidade.

CAPITULO XXXII

Que se deve fazer, quando se cahio no vicio da deshonestidade

SE succeder que por desgraça, ou talvez por malicia, caias neste vicio da sensualidade, não tens mais remedio, para que não ajuntes peccados a peccados, *que correres com toda a pressa possivel á confissão, sem fazeres outros exames de consciencia. E* ahi pondo de parte toda a prudencia, e respeitos humanos, á boca chea, e sem rodeios, manifestarás ao Confessor toda tua chaga, e enfermidade, acceitando qualquer remedio, e conselho que te der, ainda que te pareça amargo, puro, e aspero, porque este he o unico meio de sarar, e de convalescer.

Nem dilates, nem defiras esta diligencia, ainda que para ella se se offerecessem mil motivos, e razões; porque se a defirires para mais tarde, tornarás a cahir, e desta nava recahida se seguirá outra maior dilação, na qual tem o demonio grande interesse para poder enredar-te, e enlodar-te mais; porque procedendo da dilação repetidas, e novas quédas, e destas outras novas dilações, de dias passarás a mezes, e de mezes passarás a annos, antes que confesses o teu peccado, e que saias delle. Assim que, muito te encommendo que não deixes apodrecer, e encancerar as chagas, porque terão depois mui difficultoso o remedio.

Sobre os pensamentos que te vierem nesta materia, te advirto, que ainda que sejão pequenos, e leves, fujas delles nada menos que dos grandes; e que em quanto ao perigo, os avalies, e julgues como taes. E posto que claramente te constasse que por te haveres detido muito pouco nelles e por havellos depois fugido, não passarão de peccado venial, todavia não faltes em confessallos affim, manifestando a teu Confessor as qualidades de teu inimigo.

Mas havendo cahido, ou consentido, de modo que a tua culpa chegue a ser mortal, te recommendo muito que corras logo, logo á confissão, não se deixando nunca vencer de vergonha, ou pejo algum.

COMBATE
ESPIRITUAL,
I. E II. PARTE,
ESCRITAS NO IDIOMA ITALIANO
PELO VENERAVEL PADRE
D. LOURENÇO SCUPOLI,
CLERIGO REGULAR,
TRADUZIDAS EM PORTUGUEZ
PELO PADRE
D. THOMAZ BEQUEMAN,
Prepozito da Caſa de N. S. da Divina Providencia,
E novamente accreſcentado com varias devoções mui uteis ao bem das Almas.

LISBOA,
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXX.
Com Licença da Real Meza Cenſoria.

A OPORTUNIDADE QUE SONHAVA!

A REALIMO oferece-lhe a possibilidade de possuir um andar de 2, 3, 4 ou 5 divisões em **MIRATEJO – A Cidade Panorama**

ATRAVÉS DO SEU SISTEMA DE CRÉDITO

Poderá habitar desde já o seu andar SEM QUALQUER PAGAMENTO INICIAL

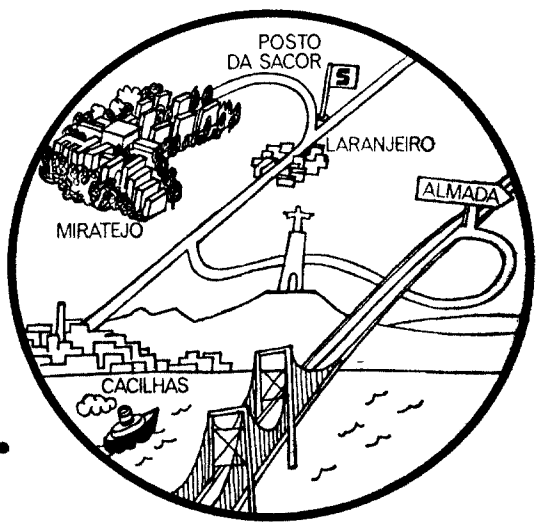
A renda mensal que pagará corresponderá à liquidação do seu investimento, que, ao fim de um periodo máximo de 25 anos estará integralmente realizado.

QUALQUER DESTES ANDARES PODE SER SEU

N.º de Divisões	Area (m²)	Entrada Inicial	Prestações Mensais a partir de
2	71,20	—	1.660$00
3	100,20	—	2.150$00
4	106,20	—	2.440$00
5	141,20	—	3.460$00

VISITE MIRATEJO

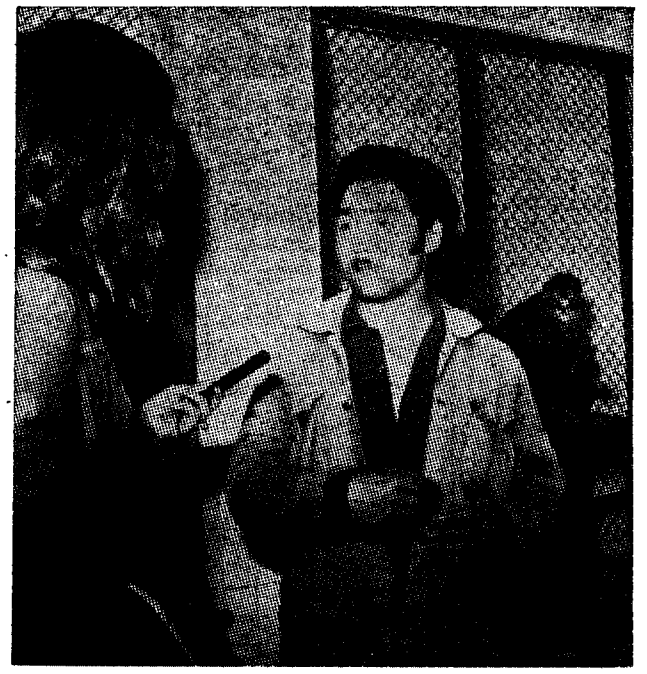
INFORMAÇÕES:
DE 2.º A 6.º FEIRA:
NOS ESCRITÓRIOS DA **REALIMO, S.A.R.L.**
AV. ENG. DUARTE PACHECO, 21 - 3.º B
EDIFÍCIO ANGOLA / TEL. 683246 / LISBOA 1
SÁBADOS E DOMINGOS:
NO PRÓPRIO LOCAL DO EMPREENDIMENTO



A REALIMO REALIZA O SEU SONHO

O MI

O medo tem olhos grandes, dizia Cervantes, numa época em que o homem ainda se não mirava para dentro cientificamente. E têm-nos — enormes. Cada um tem por companheiro um medo qualquer. Uns têm medo da escuridão, outros da solidão, da velhice, de fazer má figura, de atravessar a rua, de perderem o cabelo, de serem despedidos, de perderem a virilidade, dos mais novos, da multidão, da altura, dos pais, dos filhos, do mar... Não é possível enumerar todos os receios profundos que habitam em cada homem. Digamos que um dos mais frequentes é o medo da morte, mas o pior, o mais grave, o que liquida, é o medo da vida.



Medo escondido com o rabo de fora assusta duas vezes...

qu

"te

olh

grand

visto pelo
de toda a gen
por R. Nobr

— Por favor, não se importa de ser entrevistado para o «Diário de Lisboa»?

— Ah, hoje não...

Pensei que tinha na minha frente, de repente um «Vip» sem mais nem quê, ao virar duma esquina e insisti:

— Desculpa, é só uma pergunta pequenina...

— Com muito prazer, faça.

— Antes de mais pode dizer-me o seu nome e profissão?

— Mário Monteiro Pereira, médico.

— Sr. doutor, já alguma vez teve medo?

— Já, imensas, graças a Deus.

— Pode objectivamente dizer-me de que teve medo?

— Tenho o medo inconsciente das crianças. Mas tenho medo hoje em dia de uma coisa.

— De?

— Do cancro.

Hélder de Jesus Almeida Palanque, estudante de Económicas.

— Sim, tive medo quando pequeno, mas agora não, não tenho medo.

— Tem a certeza? Repare que temos quase todos medo de qualquer coisa.

— Olhe, tenho medo, talvez... (medo como sinónimo de receio, está bem de ver) de não conseguir na vida o que idealizo.

— De mais nada?

— Não.

— Medo físico, terá?

— Depende da situação. Não me considero nenhum super-homem.

Aproximei-me duma varina.

— Não se importa...

— Não, não faço. Sabe sou muito nervosa, não sei dizer coisa com coisa e...

— Já está a dizer tudo; não tem importancia nenhuma. Sabe o que eu queria perguntar? Se a senhora tem medo de alguma coisa.

— Tenho nervos, sou muito nervosa.

— Pois, a senhora é nervosa, mas além disso, tem medo de alguma coisa?

— Eu tenho medo. Olhe: tenho medo de tudo! Ainda há bocado estávamos a falar do tremor de terra que houve lá fora. Começo a pensar, sou muito pensativa, e olhe, pronto. Tenho medo dos trovões... tenho muito medo e respeito.

— De mais nada? São as únicas coisas de que tem medo?

— Tenho medo da morte e da velhice.

— Porque é que tem medo da velhice e da morte?

— Olhe, porque tenho. Não é bem medo, tenho que morrer. Sou muito nervosa, começo a pensar e depois, tenho medo.

— Uma coisa: não tem medo da polícia?

— Não. Isso não tenho.

— Como anda a vender peixe pelas ruas...

— Não, não tenho. Ainda assim graças a Deus nunca fui incomodada.

— Por favor pode dizer-me o seu nome?

— Custódio da Silva Henriques Santos.

— Muito obrigada.

A seguir surpreendi uma dona de casa que tinha acabado de besuntar a cara com o creme de beleza e que se apressou a tirar o avental e a desculpar-se de estar assim.

Entrei e perguntei:

— Não se importa de ser entrevistada para a «Mosca». Conhece o suplemento «A Mosca» do «Diário de Lisboa»?

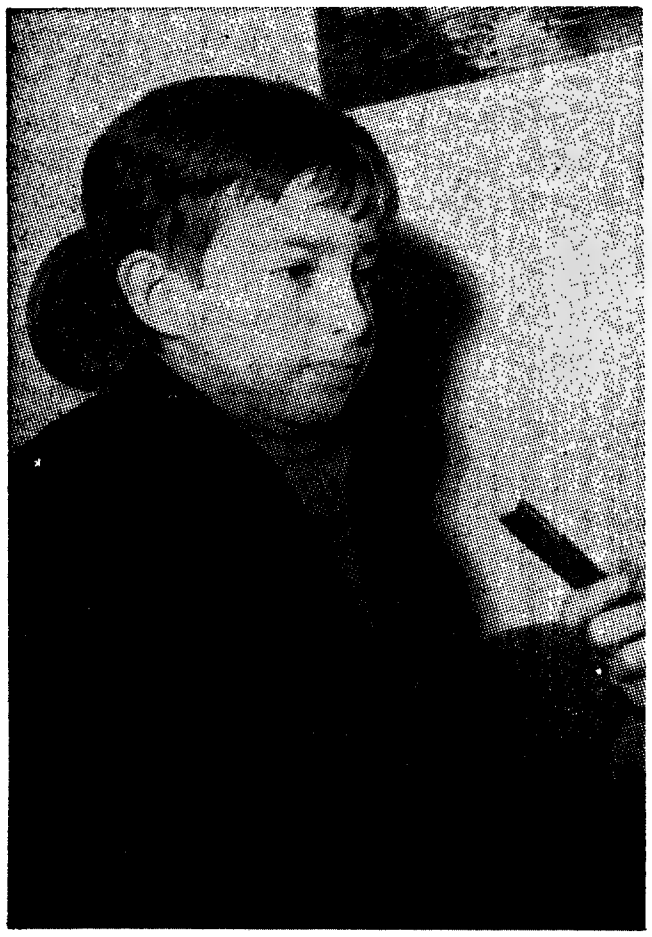
— Conheço perfeitamente.

— E de vir a sua fotografia no jornal, não se importa?

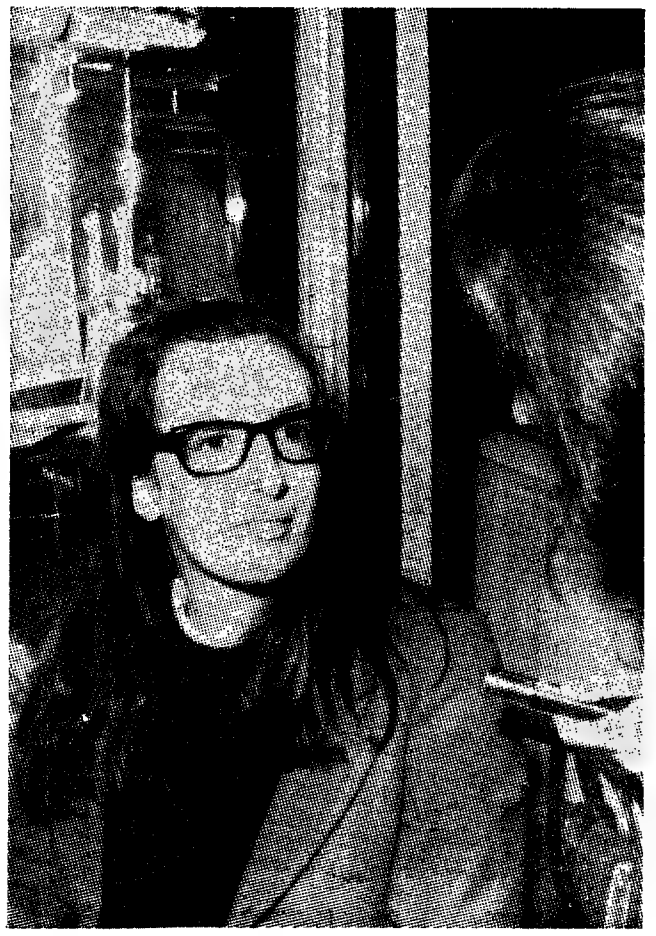
— Não sei, julgo que não sou muito fotogénica.

— Descanse, minha senhora, não a vou propor para nenhum concurso de beleza.

— Sem dúvida, mas mesmo assim acho que não fico muito bem.



Diz-me do que tens medo e dir-te-ei quem és... Eu sou... o que sou!



MEDO? MEDO? MEDO? De quê

Quem tem medo é medroso. Eu não sou medroso, mas tenho medo...

Medo que tenho dos homens"

pelos olhos gente e captado obre de Melo

Se não fosse a gente ter medo, de que teríamos nós medo?

— Pode dizer-me como se chama?

— Nair.

— Nair, só? Mais nada? Não se importa de dizer o resto?

— Nair Ferreira.

— Ah sim, concerteza? Já tive medo muitas vezes...

— Pode-me dizer o seu medo ou os seus medos? Toda a gente tem medo de qualquer coisa.

— Neste momento em que se fala tanto em tremores de terra, estou outra vez afiitissima que possa suceder connosco também.

— É só disso que tem medo?

— Não, tenho medo de inúmeras coisas mas para quê falar agora nisso.

— Diga, sempre...

— Bem, em princípio e por educação não acredito no sobrenatural mas sucede que há uns tempos para cá acordo com medo não sei de quê. Com uma sensação desagradável de que não estou sózinha no quarto.

— E na realidade está só?

— Estou.

— Ah sim, isso é deveras desagradável. Sentir-se acompanhada por alguém que não está lá, não dá muito jeito...

— Ando com medo de estar sózinha. De resto, da morte, de outras coisas não tenho medo. Olhe, só tenho medo das agruras da vida, das dificuldades do dia a dia, do impossível que nós fazemos para vencer sem o conseguir.

— Não consegue?

— Quem é que vence totalmente? Todos nós fazemos alguma coisa, mas pouco. Muito pouco para aquilo que pensávamos fazer.

Verdadeiramente é disso que tenho medo.

Muito abrigado.

//

É tratador há 6 anos dos animais do Jardim Zoológico, o sr. Acácio Neves Cruz.

Disse o seguinte:

— Se tenho medo? Não. Olhe, dos animais não tenho medo nenhum, estou familiarizado com eles...

— Pois, mas sem ser dos animais, tem medo de alguma coisa?

— Não, não tenho mais medos nenhuns. Sem ser dos bichos, olhe posso é ter medo dos homens.

Automáticamente os homens matam à traição e um animal só faz mal se nós lhes fizermos mal. O homem já não é assim.

//

Um construtor civil — sr. Arnaldo Sousa. Disse e fez finca-pé.

— Não tenho medo de nada graças a Deus. Amanhã não sei, mas até hoje nunca tive medo.

— Nem sequer quando era pequenino?

— Que eu me lembre nunca. Fiquei sózinho sempre a qualquer hora da noite e não houve novidade.

— Muito obrigada.

//

O senhor é arrumador de automóveis e á nossa pergunta se não se importava de dizer umas palavrinhas para o «Diário de Lisboa», ensinou-me direitinho a Rua Luz Soriano. Percebi que o homem era surdo e expliquei o que queria. Atemorizou-se um bocadinho mas eu disse-lhe que eram umas perguntinhas sem importancia e ele colaborou francamente arrastado por mim para debaixo dum alpendre pois começava uma chuvinha impertinente a cair.

Nunca teve medo de nada.

— Nem sabe o que isso é?

— Bem, a gente diz que não tem medo, mas há certas coisas que nos metem um bocado de respeito, não é?

— Importa-se de me dizer o que poderia importar-lhe esse respeito.

— Não minha senhora. Não.

— Nem sequer tem medo que lhe roubem um dos automóveis que o senhor guarda?

— Não senhor, a responsabilidade não é minha

//

Dr. Bandeira Duarte. Médico.

— Senhor Doutor, por favor, tem medo?

— Basta a minha condição humana para ter medo. O medo é uma questão muito subjectiva. Mas desde que o homem tenha uma comunhão com Deus concerteza que esse medo humano desaparece.

//

Eduardo Rau.

— Pode dizer-me a sua profissão?

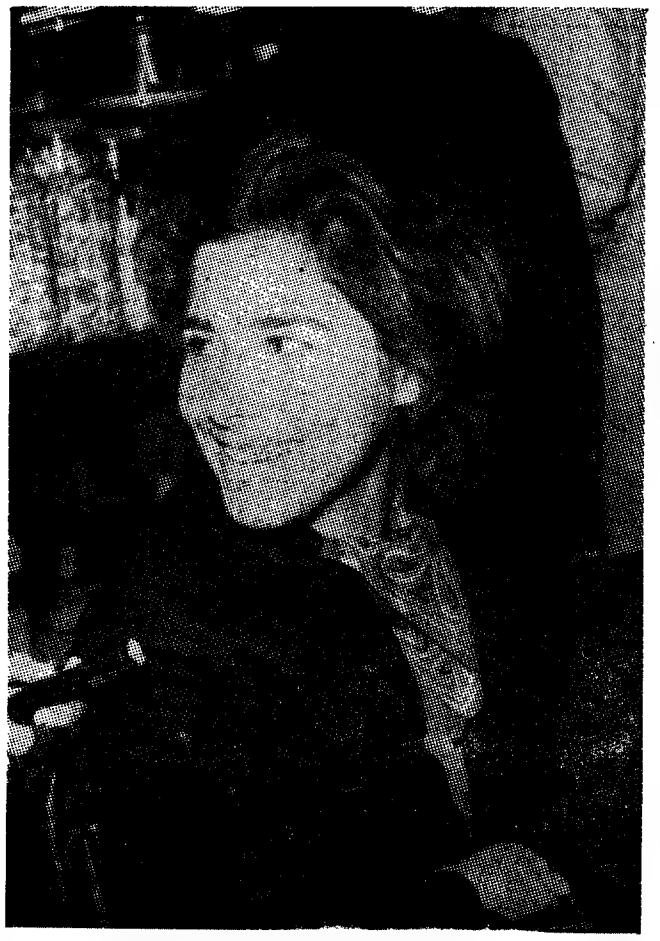
— Sou comerciante mas isso cai mal. As pessoas estão mais habituadas a serem engenheiros, doutores... Mas olhe, já está a gravar? Porque senão, já pensei,mude essa resposta e diga antes: Toda a gente me trata por engenheiro ou Dr, sem que eu seja uma coisa ou outra.

— Tem medo de alguma coisa?

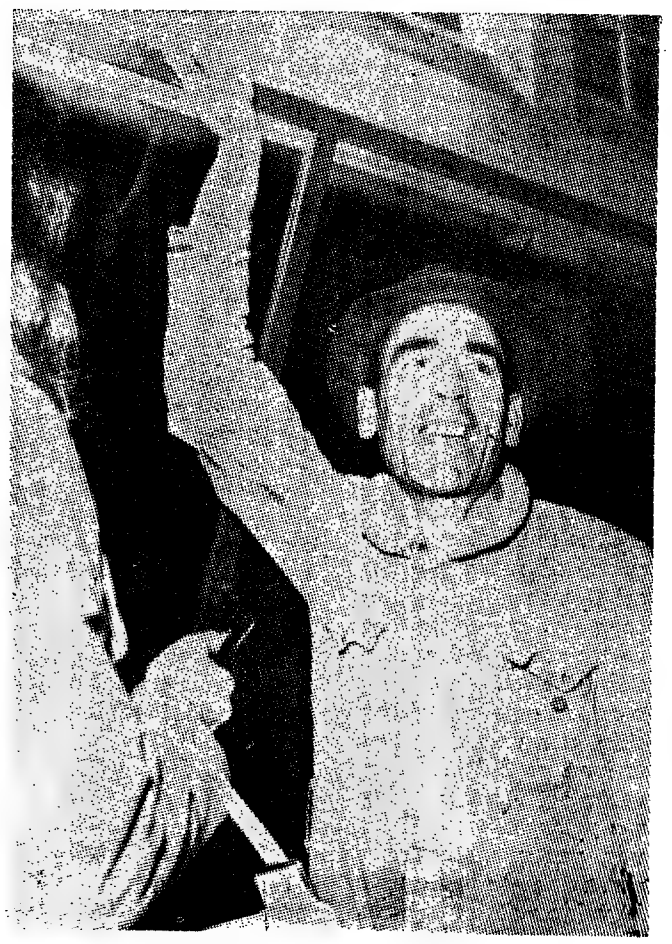
— Não. Um homem nunca tem medo.

—De nada Rau, tem a certeza?

— Tenho medo da velhice, por que sabe, vivo só. É um complexo. Mas também, vejo por aí tantos acompanhados que não são mais felizes...



Mais vale um medo na mão que dois a voar...
O pior é que eu tenho dois na mão...



MEDO? Sei lá o que é isso. O que eu tenho é só medo...

Quem tem medo dos lobos da Nair?

DIÁLOGO À TARDE

(FRUSTRADA) REPORTAGEM (FRUSTRADA) de: Conceição Gomes da Silva

FOTOS DE: J. Tavares

18 HORAS

UMA NEBLINA TÉNUE salpica, irreverente, os passeios da cidade.

Longe, o castelo vetusto de glórias e grandezas contempla majestoso as 7 colinas de Ulisses.

E á mesa do café, depois de contactarmos com treze entrevistados, quedamo-nos cheios de mágoa e movidos pelo espanto.

Treze seres humanos dos 23 aos 70 anos revelaram-nos o mundo anónimo das qualidades potenciais que a Divindade legou aos Homens e que a Vida acabou por amarfanhar.

E à mesa do café, dizíamos nós, defronte àquilo que para nós representa a Alegria e a Frescura, os olhos profundos do rosto que amamos perguntam-nos na sua muda linguagem:

— Afinal é isto a Humanidade?

— Não, respondemos nós. A humanidade é um lago de água pura e cristalina, a que as doces pedradas desses olhos emprestam ondulação, entusiasmo e a crescente felicidade dos círculos concêntricos animados da tragédia eterna e imutável que à vida conferem o Destino e o Acaso do Nascer e do Morrer sem a ambivalência das coisas por estruturar.

A Humanidade é a escada de Jacob com Anjos e videntes e demónios e sonhadores! Da Humanidade fazemos nós parte, nós repórter dum vespertino, às 8 da tarde matraqueando a velha máquina de escrever, fiel à cruzada iniciada pelo grande Gutemberg.

Nós, de quem nunca permitem que falemos, intérprete constante e tenaz do dia-a-dia, sem possibilidade de escrever sobre a nossa realidade interior que nos persegue.

Nós, a quem as grandes rotativas não realizam, possuindo como somos pelo génio literário e obrigado profissionalmente a escrever a metro!

Nós, que se não fosse uma hecatombe de factores adversos ficaríamos na perenidade da História! E temos muita pena.

(Arre, que já enchi duas colunas! Diabos me levem se conseguir meter tudo na página!)

GENTE QUE PASSA NA RUA

José António Barnabé tem uns olhos líquidos e azuis. Sorri-se contentíssimo quando lhe dizemos que somos do jornal. Replicou-nos:

— Sou bagageiro há 5 anos, e antes disso era caixeiro comercial. Em pequeno queria ser mecânico, mas os meus pais não puderam pôr-me a aprender. Hoje já tenho 36 anos e já não posso seguir outra carreira senão esta. Se tivesse um ofício sempre era melhor que isto, mas mesmo assim estou contente. Tenho ideias de me estabelecer.

★

Interrogamos Maria Filomena Varela Luc, empregada de «boutique», uns enormes olhos e, querendo ser modelo, refutou-nos:

— Para onde é a pergunta?

— É para «A Mosca».

— Uma revista, é?

— Não, um suplemento. Costuma ler o «Diário de Lisboa»?

— Às vezes. Mas o que eu leio são as palavras cruzadas do «Diário Popular». Faço tenções de me realizar como modelo. Sou corajosa e quando meto uma coisa na cabeça tenho que fazê-la. Tenho o 5.º ano e adoro a profissão que tenho (riso bem disposto). *O Leonard Bernstein — adoro.*

— Então não se esqueça de se ler na «Mosca»!

— 'Tão 'tá bem. No sábado vou comprar esse livro (riso bem disposto).

★

Edward A. Krowtz, muito idoso, profissional de seguros, americano, saboreia uma chávena de chá e responde-nos:

— Sou completamente feliz com a profissão que escolhi. Em pequeno queria ser médico, mas não fui por uma questão de dinheiro. «By the way», importam-se de me mostrar as vossas carteiras profissionais?

★

Salvador Machado, empregado de mesa no Hotel Florida há 8 anos, objecta-nos solícito:

— Escolhi esta profissão porque não tinha outros meios para procurar melhor. Sou doente das pernas, sabe, e se tivesse possibilidades de deixar esta profissão (onde me canso muito) deixava. Mas tenho 41 anos e na nossa terra costuma-se dizer que um homem aos 35 é velho...

★

Mrs. Koziol, canadiana, não quis retrato. Retorquiu-nos:

AS FILHAS DA VISCONDESSA

4

ERA REALMENTE POSSÍVEL que a viscondessa não soubesse tudo a respeito da vida da filha. Ninguém sabe nada acerca dos outros e o ser humano é uma incógnita, como dizem os poetas e os que, não tendo estudado, consideram — com razão, no que se refere ao seu caso pessoal — que tudo é uma incógnita apenas compreensível pelos que têm «sensibilidade». Diga-se de passagem, que não faltava «sensibilidade» à viscondessa — esse dom não lhe fora recusado pela vida que a levava até ao terceiro ano do liceu e que por lá a deixara armada da inevitável «sensibilidade» e da inevitável «intuição» com que os culturalmente menos dotados tentam superar a educação que lhes faltou. Foi, até, a «sensibilidade» que lhe valeu naquele instante.

Com que então, o visconde afirmara que um tal Oliveira Martins ousara difamar a Carlota Joaquina? É certo que não compreendera bem a conversa e que o marido, por vezes, ao referir-se à Lotinha, parecia estar a falar duma outra pessoa — uma vez, por exemplo, afirmara que ela tinha uma bigodaça digna de um embarcadiço — mas lá que ele dissera aquilo do Oliveira Martins era incontestável. Pois bem desse por onde desse, vingar-se-ia do dito Oliveira Martins. Para isso, porém, tinha de o descobrir. Seria o padeiro? Seria o lambido do balcão dos queijos e enchidos do supermercado? Seria aquele moço de cabelo comprido que defendia sempre — e sempre com o mesmo ardor — os últimos «ismos» importados e que, por isso mesmo, era conhecido pela alcunha de «o cataventa»? Se fosse esse, era fácil dar com ele, já que passava o dia na «Mimosa de Algés» a ler as páginas literárias dos diários da cidade.

Oliveira Martins...

Oliveira Martins...

O nome não lhe despertava a sensibilidade nem lhe acordava a intuição. Era capaz de ser alguém de outro bairro — do Areeiro, por exemplo, onde viviam, ao que ouvira, muitos Martins, Sousas, Fonsecas, Monteiros, Melos (não os da C. U. F., evidentemente...) Costas e outros da mesma laia.

De qualquer forma tornava-se necessário encontrar esse Oliveira Martins.

Reconstituindo, na cara e na alma, a expressão néo-realista que reservava para as ocasiões em que se impunha pegar na realidade de caras (para a pegar de cernelha, tinha uma expressão mais doce) a viscondessa levantou-se dum salto.

O visconde, que não esperava este gesto abrupto, recuou um passo, francamente assustado. Não gostava daqueles rompantes da mulher. Uma vez, há já alguns anos, dera-lhe um ímpeto daqueles e aparecera-lhe no quarto, a meio da noite, a falar dos direitos da mulher.

— Onde vais?

A viscondessa respondeu-lhe, já a meio caminho da porta:

— À cozinha!

Não houve tempo para mais conversas porque a viscondessa bateu com a porta da sala e seguiu, corredor fora, direita à porta da cozinha onde a Maria — uma pequena de 16 anos nascida e criada ali no bairro — acabava de deitar sal no feijão guisado. (A viscondessa, dizia, por vezes, encolhendo os ombros para mostrar o seu desdem pelo mundo em decadência: «Nos bons tempos só a criadagem comia feijão guisado, mas agora, com o mundo nas mãos dos jacobinos e dos ateus, pa-

— Sou feliz e realizada. Não tenho profissão, sou só casada

★

Alvaro Louro Avelino, delegado de propaganda médica, 40 anos, contrapôs-nos:

— Desde os 25 anos que quis seguir esta profissão. Gosto de lidar com medicamentos, porque acho que contribuo para o bem-estar público. Sinto-me plenamente realizado.

★

Dr. Giuseppe Guaraldi, director do Turismo italiano em Portugal, recebe-nos cheio de amabilidade e, no seu português de sotaque italiano, diz-nos:

— Sempre trabalhei em Turismo, desde que me formei em Jurisprudência. Hoje estou perfeitamente integrado na profissão. No entanto, estudei música e gostaria de ter sido maestro, mas estava-mos em guerra e a mentalidade dos pais não via futuro na actividade artística. Hoje a música é o meu «hobby». Não sei se estaria hoje mais feliz se fosse músico. Mas no fundo do meu coração tenho pena de não ter seguido por aí.

José Gamboa, actor de teatro, a quem encontrámos à porta do Café Monumental, redarguiu-nos:

— Nasceram-se os dentes no teatro e sabia suficientemente qual era o meio teatral para o detestar — nessa altura em que o ambiente era um paraíso comparado com o que é hoje! — Estudava então Direito, mas desde que, por um acaso, me estreei como actor, as condições profissionais obrigaram-me a desistir do curso

— Considera-se realizado?

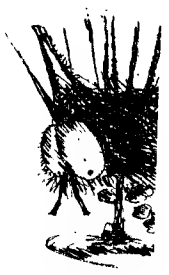
— Posso considerar-me realizado e com muita felicidade, atendendo a que não usei processos sub-repticios para atingir um lugar de primeiro plano. E, verdadeiramente, aquilo que eu gostaria de ser era esquimó para viver na Gronelândia.

★

(Ora, abóbora, os outros 5 já não cabem, que se lixe, já não entram. Estafa-se um talento e as oportunidades vão sempre para os mesmos! Mas 'inda hão-de ouvir falar de mim! Se um espaço miserável como este se dá a alguém!)

★

E a cidade, alheia e fria arrebata a contemplação dos noctívagos.



A VAREJEIRA

PRECISAMOS URGENTEMENTE DE TÉCNICOS. O País, ao ensaiar os primeiros passos do longo caminho que tem de percorrer para ficar equiparado aos restantes países da Europa —com um atraso que ninguém poderá contestar — carece de quem saiba pôr as máquinas em movimento e conservá-las em movimento.

O problema tem carácter de urgência, mas não se resolve facilitando o acesso a diplomas e canudos, como não se resolve facilitando cursos. É que não precisamos de diplomados e de encanudados — do que precisamos é de técnicos.

O diploma e o canudo ou são certificados de conhecimento num ramo preciso do saber humano, ou são meros papéis sem qualquer valor. É nas fábricas, nos laboratórios e nas oficinas que precisamos de técnicos e não nas tabelas das estatísticas. Repetimos: o País precisa de técnicos. Se faltarem cadeiras a alunos por qualquer dos motivos acima indicados ou por quaisquer outros, não há diplomas legais que promovam esses alunos a técnicos, porque nem se aprende por decreto nem, por decreto, se adquire a qualidade de técnico. Por decreto só se adquire o que a ninguém interessa: o título legal de técnico. O resto, o que a todos interessa, só se adquire quando o maquinismo do ensino público está suficientemente bem estruturado para que os alunos tirem proveito dos cursos que frequentam.

Para subsistirmos na Europa do futuro, temos de travar uma rija batalha, que tem por único campo a escola de hoje.

Que ninguém se iluda julgando que basta facilitar o acesso a diplomas, para que essa batalha seja vencida.

Que ninguém se iluda julgando que essa batalha se ganha, suprindo disciplinas ou cadeiras por decreto.

Que ninguém se iluda.

---

ra não falar dos comunistas...»).

Ao ouvir os passos da viscondessa, a Maria fez um esforço tremendo para regressar à cozinha porque, em sonhos, picara a cebola e cortara o chouriço nos braços do namorado, debaixo duma árvore frondosa da Mata de Benfica, para onde o atrevido a levara com falinhas mansas, artes e artimanhas de empregado de mercearia batido em criaditas e árvores frondosas.

Que diabo quereria a patroa àquela hora? Teria ela dado com o pó dos ultimos dois meses cuidadosamente acumulado e escondido debaixo do tapete da sala? Pois que lhe comprasse outra pá de plástico, que aquela já tinha um ano de uso e o rebordo tão dentado que nem com rezas recebia pó.

A viscondessa não perdeu tempo.

— Conhece alguém chamado Oliveira Martins?

Temos o caldo entornado, pensou a Maria que em dois namorados antes deste, tivera um chamado Martins a quem dera duas camisas do patrão que todos julgavam terem sido levadas pelo gato duma das vizinhas.

— Oli... vei... ra... Mar... tins... Assim de repente...

— Vá, puxe pelo bestunto.

— Não estou muito certa... só se for... eu conheço um Martins, mas não sei se ele também é Oliveira...

— Oue faz ele?

— Trabalha.

— Onde?

— Na barbearia «Estrela Azul», mesmo defronte daquela senhora que apanha malhas.

— Com que então trabalha numa barbearia...

A viscondessa adquiriu rápidamente a certeza que lhe faltava. Os barbeiros — quem o não sabe? — são célebres pelo falatório de forma que o tal Oliveira Martins que se metera com a Carlota Joaquina não podia deixar de ser aquele. A Lotinha, a sua Lotinha, na boca dum barbeiro!

— Largue tudo e vá imediatamente dizer a esse homem que preciso de falar com ele. Diga-lhe da minha parte que venha cá imediatamente. Se não vier mando a Polícia buscá-lo.

— Largo tudo?

— Tudo!

— E se o feijão se pega?

— Que se pegue! Acha que o feijão é mais importante do que a reputação da menina Lotinha?

— Então a menina está com isso outra vez? A senhora quer que eu lhe coza um rabinho de pescada para o almoço?

—Um rabinho de pescada para o almoço?

A viscondessa deteve-se, já a sair da porta, a pensar naquela frase da Maria. Que diabo queria ela dizer com aquela do rabinho de pescada para o almoço? Súbitamente fez-se luz no seu espírito perturbado. Há coisa duns meses a Lotinha sofrera do estômago — a juventude, agora, tem a mania das dietas — e a Maria tivera, uma noite, de ir a correr chamar o farmacêutico. Agora, ao ouvir falar da urgência, certamente pensara que a Lotinha fora novamente atacada de indigestão. Esta gente do povo, pensou a viscondessa, está muito atrasada, muito atrasada. Quase que é preciso ter uma linguagem especial para falar com eles. Enfim, «noblesse oblige»...

— Estou a falar da reputação e não da indigestão da menina, Maria.

Rua fora, a caminho da «Estrela Azul», a Maria foi a cocar naquilo. Como é que eles teriam dado pelo desaparecimento das camisas? E como é que teriam adivinhado que ela as dera ao Martins barbeiro (na altura da prenda, ainda ele era aprendiz)? De qualquer forma não a podiam acusar de mais nada e já lá estava há quase três anos. Duas camisas de popeline em três anos não era coisa de por aí além. Mas que não pensassem em acusá-la de mais nada, que ela nisso não ia. Aquilo da tal reputação da menina Lotinha cheirava-lhe a esturro. Se ela a perdera fora com certeza na rua, porque nunca a vira lá em casa, de maneira que não pensassem em acusá-la de lha ter roubado. O que a preocupava acima de tudo, porém, era o facto de ter de voltar a falar ao Martins. Se o namorado soubesse... Já tivera cinco namorados e começava a tornar-se difícil caçar outro porque mulher que tem dois homens já não serve a nenhum, como dizem as comadres e ela já tivera cinco namorados. Este, para se acautelar, não queria ser visto na rua com ela «para os amigos não se rirem», de forma que tinha de tomar cuidado. Se a menina Lotinha perdera a reputação que juntasse dinheiro para comprar outra, tal como ela andava a juntar dinheiro para comprar uma colcha. O que interessa é o bom nome de cada um e não a sua reputação — o resto são tretas.

FÉRIAS NÃO SÃO REMÉDIO

CADÁVER ESQUISITO

DE T. OF THE LIGHT & PETER SNAKE – 3

O comboio é um animal ronronante, comprido e chato. Ronronante porque, dançando sobre carris mal nivelados, é como uma cadeira de balanço, cujas articulações mal aparafusadas provocam ruídos que poderiam, muito bem, substituir o inferno para as almas condenadas; comprido, porque tem nada menos que catorze carruagens; chato, porque chateia viajar nele.

Num comboio destes é que vai Marléne. Sentada a um canto da segunda classe, maldizendo o destino, enrola-se no casaco de malha, puxa a saia até ao meio da canela e tirita, porque o aquecimento está avariado.

A história da viagem é fácil. Farta da máquina de escrever e cansada das noitadas no «Buda Bar» *(«Que já deu o que tinha a dar»)* pediu quinze dias de férias, que lhe foram prontamente dadas (o patrão é dos bons) e ei-la a caminho. Férias na Primavera? Olarila! Viva o luxo!

Para onde vai aquele comboio? *(Eis o que o segundo autor deste cadáver esquisito vai dizer a partir do subtítulo seguinte).*

A CALMA DAS AREIAS DOIRADAS

Marlène chegou ao Algarve como quem desagua num oásis. Hospedou-se na *Pensão La Romântica*, uma pensão que ficava no topo de uma colina, com o mar a umas dezenas de metros.

Ainda combalida do desamor do Pontes, deu em passear pelos campos e em sentar-se sob as figueiras retorcidas.

Em breve se apercebeu de que, naquela terra os porcos eram pretos. Lembrou-se do Minho, onde já tinha passado umas férias, e comoveu-se com a ideia de que os porcos, aí, eram brancos... Com um sentimento de desagrado, dormiu, com a ajuda de sedativos, durante três dias. Comia, bebia água mineral — e cama.

Terminada a cura de sono, resolveu ir banhar-se no mar e ficar estendida na areia sob aquele sol de cartaz. Que bom!

Passavam os dias, estrelavam-se as noites— e ela ia-se dando conta de que o coração voltava ao ritmo suave das pessoas sem paixões devastadoras. Estava a libertar-se, a libertar-se lentamente, da odiosa imagem do «Pontes da brilhantina». Lia muito «A Mosca», embora não entendesse lá muito bem as ironias subtis das suas páginas... Mas lia — e tal coisa chamou a atenção de um cavalheiro respeitável que também andava por ali a passear tristezas desconhecidas. E, assim, aconteceu que... *(Entra!)*

Aconteceu que, ao passear, uma tarde, á beirinha do rio, em Olhão, enquanto fazia tempo para o jantar (e, depois deste, iria forçosamente ao «La Romântica» ouvir uns faduchos, dançar um pouco e ver, com os próprios olhos, *strip-tease* á algarvia, feito por gente do Norte—a coisa mais anti-erótica que ainda se inventou para a contemplação dos humanos), aconteceu, dizíamos, que lhe adveio, de subito, uma vontade enorme de se meter num barco...

Meter num barco para quê? Não, decerto, para uma noite de pesca. Não, decerto, para partir rumo á Terra Nova com destino á pesca do bacalhau. Nada disso. Apenas por uma questão sentimental. Habituada á leitura da «Crónica Feminina», do «Capricho», da «Ilusão» e coisas quejandas, adquirira uma predisposição lírica para entretenimentos bucólicos—escape, como já ouvira dizer a um artista seu amigo (um «caso» dos muitos que já lhe proporcionara o «Buda Bar»), para a «angustia existencial» que a caracterizava.

Como satisfazer, porém, esse apetite ancestral de viajar que, caracterizando a sua raça (portuguesa de gema, embora com nome de guerra estrangeirado), tinha sobre si especial incidência, agora que atravessava uma crise de «bucolite» aguda? Nada mais fácil! Fretaria um bote!

UM TELEFONEMA À NOITINHA

Quando regressou á *Pensão La Romântica* vinha feliz da vidinha. Ia deitar-se e eis que a chamam ao telefone.

«Estou...»—disse ela.

«Eu também estou...» —disseram do outro lado do fio.

Era a voz do cavalheiro respeitável — voz que continuou asim:

«Se você está e eu também estou, então é porque estamos os dois...»

«Estamos os dois...?»

«Estamos os dois apaixonados».

«Nem o seu nome sei...» — hesitou Marlène.

«Aqui o tem: João Viaduto...»

Marlène estremeceu: a palavra *viaduto* lembrou-lhe a palavra *ponte*. E *ponte* — *Pontes!*

Desatou num choro desalmado com soluços e ranho, e viu que, afinal, não estava curada da paixão etelvínica. Com voz molhada, disse ao telefone:

«Nada pode ser, Duarte Pacheco!»

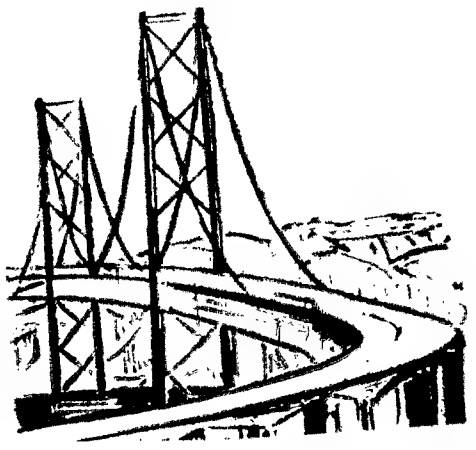
«Como?! Como?! — gaguejava, do outro lado do fio, João Viaduto.

Para que daqui por 5 anos não diga

Ai se eu soubesse!...

Compre já com todas as facilidades de pagamento o lote de terreno para a sua sonhada casa.

Na URBANIZAÇÃO VILALEGRE (LOTES APROVADOS PARA VIVENDAS)



A 15 MINUTOS DE LISBOA
» 10 KM DE SESIMBRA A
» 15 » DO CABO ESPICHEL
» 5 » DA LAGOA DE ALBUFEIRA
» 10 » DA COSTA DE CAPARICA
» 5 » DA AUTO-ESTRADA SUL

VOCE ENCONTRA O QUE NECESSITA PARA AS SUAS FÉRIAS OU PARA A SUA RESIDENCIA PERMANENTE, POIS TEM: ESTRADAS ASFALTADAS — ELECTRICIDADE — TELEFONES — ÁGUA CANALIZADA

Informações: António Xavier de Lima

BASTA TELEFONAR PARA OS TELEFONES 27 49 66, 27 43 05, 27 19 53 NOS DIAS ÚTEIS OU PARA O 221 08 56 NOS DOMINGOS E FERIADOS E TERÁ À SUA DISPOSIÇÃO SEM QUALQUER COMPROMISSO UMA CONFORTÁVEL VIATURA QUE O TRANSPORTARÁ NUMA VISITA AGRADÁVEL A ESTE MAGNÍFICO EMPREENDIMENTO; OU ENTÃO DIRIJA-SE AOS NOSSOS ESCRITÓRIOS:

NA ESTRADA NACIONAL 10, N.º 6-1.º COVA DA PIEDADE

COLÓQUIO

DE COMO SE MATA A FOME

Deixem-se estar sentados. Ora bem. Vamos falar de fome e para já devo adiantar que todos os tratadistas da fome desde Malthus a Josué de Castro foram sempre pessoas bem comidas, diria mesmo anafadas, o que se compreende, pois um tipo não consegue pensar, escrever ou fazer comunicações á Academia das Ciências com a dita cuja vazia. Nem na Semana Santa que eu saiba. Por isso não admira que eu vos esteja dirigindo a palavra no meu pós-prandial vulgo arrota pelintra faz-te lorde, o que se compreende, pois se homens de génio como os supraditos foram ou são pessoas de bem comer eu um gajo comum não poderia fazer este colóquio com a barriga a dar horas. Mas adiante. Há várias fomes «lato sensu». Há por exemplo fome de conversa que é o que têm os tipos como vocês que não sofrem de fome da outra, há também fome de sangue e muitos, muitos tantos outros tipos de fome. Mas agora o que nos interessa é, mesmo a fome de comer, aquela que na clandestinidade dá pelos pseudónimos de larica e traça e que em suma para usar uma linguagem neokantiana joga com as estruturas do ser «em» e «para» a bucha. É de fome de comer que vamos falar portanto,

A fome é uma instituição social que apareceu como necessidade inevitável ao progresso da humanidade. Senão vejamos: no princípio não era nada o verbo, era á balda mas uma balda arrotativa e sem fome. O arroto era livre. Um tipo caçava comia não caçava lenpava. A fome aparece com o ócio. Um tipo juntou umas cabeças de gado fez uma cérca de arame farpado e deixou de caçar. Passou a descansar apenas. Com fome? É o eras! Com a respectiva bem atestada. Mas em face deste socio-condicionalismo fazia-se mister arranjar pessoal, em suma, criar uma instituição — a fome. E por razões várias mas principalmente para ter a quem dar. É assim. A fome que era filha do ócio por parte de pai é também filha da filantropia por parte de mãe. Voltando á vaca magra e digo magra porque falo de fome. O tipo que já não caçava por via daquela fartura era o ocioso, a mulher nos intervalos do descanso matava a fome á pobreza, quer dizer, era a filantropa. Parece a letra dum fado meus senhores, mas penso que estou a ser claro. Continuando. Os pobres são pois filhos desses dois senhores, numa palavra, do senhor ócio e da senhora filantropia, ou para sermos mais comestíveis diremos que os pobres entroncam na mesma árvore genealógica daqueles dois senhores — a riqueza e dado que a fome é a comida dos pobres pois estes práticamente só comem nas horas vagas concluímos que, não obstante ao tempo não haver registo civil, os pobres são herdeiros legítimos da riqueza, reconhecidos ou não é um problema que não nos cumpre a nós dilucidar. Filhos de pais incógnitos é que eles não são! Mas não se ficou por aqui. Já na nossa era o numero de pessoas com fome aumentou, porquanto passou a ser mais fácil um camelo das arábias passar pelo buraco de uma agulha do que um tipo com pastas entrar no reino dos céus. Quer dizer, maralha que tinha acções no nariz e nos pés do mundo começou a dar tudo ficando sem nada e passando a pobre e os pobres aumentaram. Hoje há quem não entenda atitudes do género havendo também quem conteste aquela verdade supra, aliás estupidamente.

Claro que se trata de um raciocínio simplista e sem interesse de maior para o nosso estudo. Mas afinal quase que nos perdíamos em especulações de carácter histórico e metafísico quando o que nos aqui trouxe foram as diversas formas de matar a fome.

Neste capítulo diremos que também há mil e uma maneiras mas prendamo-nos ás mais vulgarizadas.

a) Um tipo tem 10 paus o que de modo algum dá para almoçar, comprar cigarros e jornal (sim porque um gajo falido lê sempre o jornal na esperança daquele anuncio). Ora bem. Um tipo entra num «snack» alinha-se ao balcão e diz: «tire-me um fino». O empregado tira o fino. «Olhe por favor uns tremoçitos». O empregado serve o tremoçal. Um tipo repete mama três pires de tremoços dá ainda cincostões de gorja e da próxima o empregado arruma de certeza com quatro pires em vez de três. É a chamada tremoçoterapia. Dos 10 ainda sobra pra tabaco de filtro e se for sábado ainda tem pra ler a Mosca onde de certeza encontra outras variantes no comportamento a tomar no futuro a saber.

b) Um tipo sabe que tem um amigo de quem foi colega na primária que chegou a deputado. Mora na rua X, Vai-se lá precisamente ás horas de repasto. Um tipo limpa os pés toca a campainha entra e diz: «Ia a passar aqui por acaso e pensei, ó tempo que não o vejo desde o tempo em que me deu a lista para o voto... e resolvi fazer esta visita de médico só para «te» ver tanto mais que pensava que almoçavas mais tarde». «Ora, ora, com todo o prazer vamos almoças connosco». A esposa do amigo insiste «coma connosco». «Bem já que tanto insiste e para não ir prá lavagem.» É a chamada latoterapia.

c) Outra — um tipo quer ir á bola mas se for aperta o cinto e desfalca o almoço e jantar de domingo. Que fazer? Um tipo vai mesmo á bola! No intervalo arruma dois cartuchos de castanhas quentinhas e mete uma gasosa. Como o Benfica perde á saída do estádio as castanhas maila gasosa pesam no estômago vinte vezes mais e um tipo arrota que se farta. Tá comido; É a castanhoterapia.

d) Um tipo deu o nome num serviço de emprego. Passam meses e nada. Ao fim de um ano recebe um postal «compareça nos nossos serviços para assunto de SEU interesse á hora tal». Um tipo dá um salto com o postal na mão, a mulher vira-lhe o colarinho e os punhos limpa-lhe o fioco da semana e domingo, ele afia a lamina num copo que «tem» como recordação duma festa da fnat e no dia lá está rigorosamente asséptico, «mandaram-me cá e eu vim». «Pois sim, ainda está desempregado?» «É verdade». «Pois nós desejávamos saber isso apenas para efeitos estatísticos». «Estaquê?» «Estatísticos, outro senhor!». É a estatisticoterápia.

e) Um tipo anda mesmo árrasquinha cheio de fome vertigens vontade de palmar e tudo, arma-se em papalvo dá dois gritos, vem um agente e reboca um tipo — refeições asseguradas com um ensalivar aliciante dada a incógnita das ementas. É a dentroterapia.

Meus senhores podíamos falar de fome até ficarmos com ela mas o tempo não nos permite tanto mais que temos ainda a 2.ª parte com perguntas e intervenções vossas. Cumpre-nos dizer entretanto que todas estas formas são apenas paleativos que não matam mesmo o bicho, adormecendo-o se quiserem. É que a dita como disse é uma instituição necessária. Daí eu contestar os ilusórios ideários que pretendem acabar com ela. A fome é um mal necessário e como tal abolirá todas as fronteiras. Esta a unica certeza.

Meus senhores! Antes de passarmos próprimente ao colóquio eu sugeria dado o adiantado da hora um intervalo no bufete onde atacaremos umas xandes e varreremos uns finos extra-programa. Até já.

MANUEL RUI

EXCURSÃO DA C. P.
URGEIRIÇA — VISEU
SERRA DA ESTRELA
11 e 12 de Abril

Comunica-nos a C. P. que realiza nos dias 11 e 12 de Abril, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Urgeiriça, Nelas, Viseu, Penhas Douradas, Manteigas, Nave de Santo António e Seia, incluindo viagens de 1.ª classe entre Lisboa e Coimbra-B, jantar no comboio, á volta, excursão em autocarro, alojamento e refeições no Hotel Urgeiriça.

Preço da excursão completa, 620$00.

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho-de-Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

VEJA O SEU CORPO TRANSFORMAR-SE EM 17 DIAS

9 MINUTOS POR DIA É QUANTO BASTA PARA SER UM HOMEM ATLÉTICO

DEIXE DE ADMIRAR O FISICO DOS OUTROS

O dobro do volume dos seus músculos em 4 semanas apenas.

Ao fim de 17 dias já a sua silhueta estará completamente mudada com o «ERKOSTRONG».

O aparelho que a REPRESENTAL, LDA se orgulha de «presentar em Portugal, sob exclusivo.

Seja também um homem másculo e atlético.

Para isso, necessita apenas de dispor de 9 minutos diários em sua casa, e dum aparelho «ERKOSTRONG».

Uma descoberta que revolucionou a cultura física em todo o mundo.

Extraordinário na diminuição de volume do ventre dilatado.

Para todos os individuos dos 15 aos 60 anos, MAGROS OU GORDOS.

Recorte ou copie este cupão remetendo-o num postal ou carta e receberá literatura gratuita sobre este sensacional aparelho.

A ENVIAR À:

REPRESENTAL
PRAÇA DO CHILE 15-1º
LISBOA-1

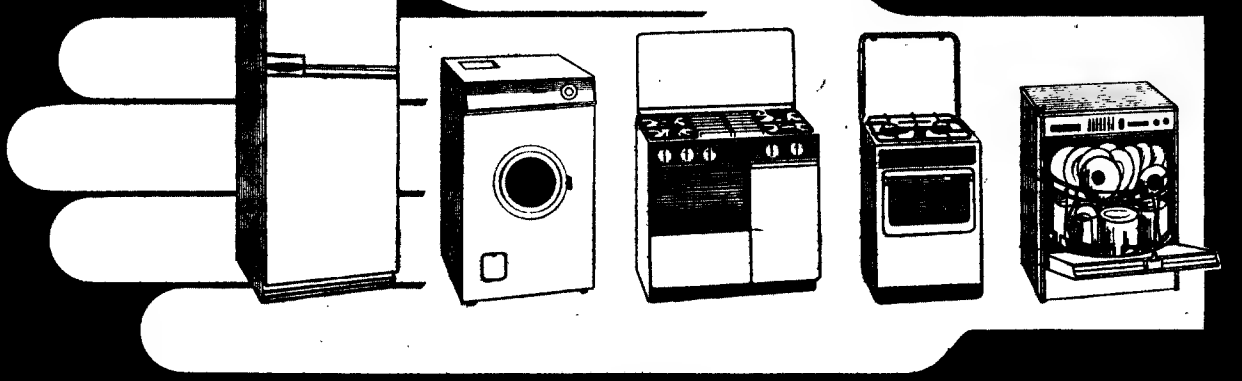
NOME .....
MORADA .....
LOCALIDADE .....

NA SUA MÃO A FAMOSA LINHA ITALIANA

Beech

- Frigoríficos
- Máquinas de lavar roupa
- Fogões
- Máquinas de lavar louça

ALTA QUALIDADE AOS MELHORES PREÇOS



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

RAFAEL BURGUETE, LDA. R. ANTÓNIO ENES, 20 1º · LISBOA * AV. Dr. ALFREDO MAGALHÃES, 99 · PORTO

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

O MEU AZAR

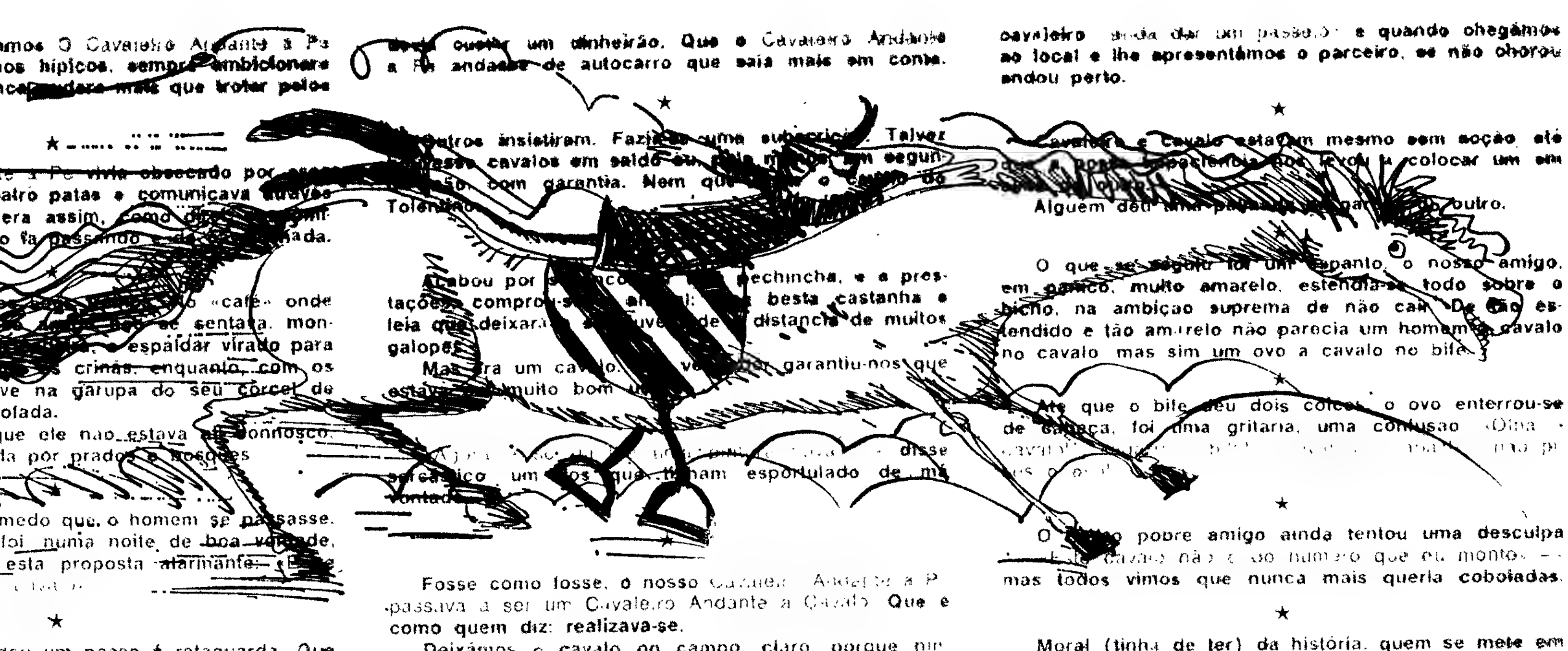
EU TENHO UM AZAR BESTIAL desde que nasci sim porque já não vou nessa de ter vindo de Paris que se eu tivesse vindo de Paris tinha boas notas a francês e a verdade é que tive outro medíocre também não sei porquê sim porque eu copiei o ponto inteirinho do da Crista e ela teve um suficiente menos também o que faltava era que lhe tivessem dado um suficiente mais com aquele borrão que ela levou meia hora a pintar em cima daquela palavra que ela não sabia escrever e a verdade é que o meu borrão não ficou tão bom mas para fazer borrões propositados não há como as canetas de aparo o que me lixou foi ter ido de esferográfica para o ponto mas para escrever nas paredes não há como as esferográficas eu e a Crista tínhamos combinado escrever «A DONA LAURA DA HISTÓRIA PÁTRIA É PARVA» nas paredes do corredor depois do ponto porque essa D. Laura é uma que tem uma borbulhona na ponta do queixo e que nos deu medíocres a história por a gente ter perguntado quanto é que o D. Afonso Henriques pagou para atravessar o Tejo com as tropas todas quando foi conquistar o Algarve sim porque ninguém se safa ainda no Domingo fomos à Outra Banda no Opel do meu primo e foram logo quarenta pilins ora para as tropas passarem deve ter custado muito mais o que vale é que nesse tempo não havia máquinas de fazer contas como as que há agora que se dá à manivela fazem pilim pilim e mandam cá para fora com o papel que tem as contas todas já feitas eu se me sair a sorte grande compro uma máquina dessas para levar para as aulas o pior é que não me pode sair a sorte grande porque para a comprar é preciso pilim e eu só tenho pilim se me sair a sorte grande a isto é que se chama um beco sem saída ora foi por causa das tropas do Afonso Henriques que eu me tramei mais a Crista porque a gente resolveu escrever a verdade nas paredes mas quando lá chegámos já lá estava uma da segunda turma a escrever a verdade sobre a D. Isabel das Ciências na parede que era «A D. ISABEL DAS CIÊNCIAS É PARVA» porque essa D. Isabel tinha-lhe dado um medíocre por ela não saber a lei dum chamado Lavoisier o que é uma grandessíssima injustiça porque esse tal Lavoisier nem sequer é professor da turma dela eu já uma vez me tramei por causa dum chamado Pitágoras que nem sequer é nome de homem é mas é nome de gato de vizinha das províncias mas isso agora não interessa o que interessa é que a gente dividiu a parede em três partes uma para cada uma escrever a sua verdade e quando estavamos a ver a obra sim porque não há nada como ver a verdade à nossa frente apareceram duas professoras e logo aquelas aquelas aquelas eu nem digo o que elas são para não me cortarem a palavra mas está-se mesmo a ver que foram a D. Isabel e a D. Laura é preciso ter azar e ficaram danadas o que é uma grandessíssima injustiça porque porque se as pessoas gostam de ver os seus nomes no jornal ainda deviam gostar mais de os ver nas paredes não é verdade mas elas não gostaram isso posso eu jurar porque levaram-nos logo à reitora ora toda a gente sabe como são as reitoras sim porque se elas não fossem como são não chegavam à reitoras o pior é que uma das coisas de que as reitoras gostam menos é de paredes com verdades lá porquê não sei eu por mim até gosto e tenho aprendido mais nas paredes do que nos livros isso é que é verdade o resto é treta é claro que aquilo deu um sarilho danado estava-se mesmo a ver a reitora disse-nos coisas muito tristes mesmo muito tristes coisas que não se dizem a quem se preza saimos da reitoria muito ofendidas e aplicaram-nos faltas de castigo o que é outra grandessíssima indecência porque se a gente foi para a escola para aprender a escrever não dviam castigar-nos quando a gnte escreve vá-lá alguém entendê-los mas a indecência maior veio depois quando a gente dois dias depois soube que elas tinham escrito para nossas casas a dizer aos pais para irem lá falar com elas isto é de mais então os pais entregam os filhos aos professores para não terem chatices e vai eles continuam a chateá-los o meu pai é funcionário não é visitador de reitoras e se tiver de passar o dia nas reitorias trabalha mal se calhar é por essas e por outras que a gente houve certas coisas que por aí se dizem pelo menos lá na Graça que é onde eu moro enfim o meu pai foi lá e está-se mesmo a ver o que aconteceu foi bumba no toutiço bumba no toutiço bumba no toutiço que nem sou capaz de me sentar como deve ser nas duas nalgas tenho de me chegar toda para a esquerda e a Crista está na mesma quem se safou foi a tal da segunda turma parece que os pais dela não lhe tocam porque ela tem uma coisa chamada frustração lá o que isso é não sei mas quando ela faz qualquer coisa até lhe dão chocolates a Crista e eu temos andado a pensar nisso e também vamos arranjar uma coisa dessas na segunda-feira.

GUIDINHA

CONTO a gotas

O CAVALEIRO ANDANTE A PÉ

por MÁRIO ZAMBUJAL



Todos lhe chamávamos O Cavaleiro Andante a Pé porque ele tinha sonhos hípicos, sempre ambicionara ter um cavalo mas nunca pudera mais que trotar pelos seus próprios meios.

★

O Cavaleiro Andante a Pé vivia obcecado por essa ideia só, que tinha quatro patas e comunicava através do relincho. Mas ele era assim, como dizem, [illegible]camente débil, o tempo ia passando e [illegible]ada.

★

No entanto, fazia [illegible] «café» onde nos reuníamos, o [illegible] se sentava, montava. Escarranchado [illegible], espaldar virado para a frente, [illegible] crinas, enquanto, com os pés, tocava ao de leve na garupa do seu corcel de madeira com sela estofada.

E nós sentíamos que ele não estava [illegible] connosco, que já lá ia à desfilada por prados e bosques.

★

Começámos a ter medo que o homem se passasse.

Já não sei quem foi, numa noite de boa vontade, lançou para a mesa esta proposta alarmante: «E se [illegible] um cavalo?»

★

Metade do grupo deu um passo à retaguarda. Que o seu dinheiro não era para cavalos. Que um cavalo deve custar um dinheirão. Que o Cavaleiro Andante a Pé andasse de autocarro que saía mais em conta.

★

Outros insistiram. Fazia-se uma subscrição. Talvez [illegible] cavalos em saldo ou, pelo menos, em segunda mão, com garantia. Nem que [illegible] o Campo do Tolentino.

★

Acabou por [illegible] pechincha, e a prestações, comprou-se [illegible]: besta castanha e [illegible] de distância de muitos galopes.

Mas era um cavalo. [illegible] garantiu-nos que estava muito bom [illegible].

[illegible] disse [illegible] sarcástico um dos que tinham esportulado de má vontade.

★

Fosse como fosse, o nosso Cavaleiro Andante a Pé passava a ser um Cavaleiro Andante a Cavalo. Que é como quem diz: realizava-se.

Deixámos o cavalo no campo, claro, porque ninguém quer mais cavalos na cidade. Só dissemos ao cavaleiro [illegible] e quando chegámos ao local e lhe apresentámos o parceiro, se não chorou andou perto.

★

Cavaleiro e cavalo estavam mesmo sem noção até que a [illegible] o levou a colocar um em cima do outro.

Alguém deu uma [illegible] do outro.

★

O que se seguiu foi um espanto, o nosso amigo, em pânico, muito amarelo, estendia-se todo sobre o bicho, na ambição suprema de não cair. De tão estendido e tão amarelo não parecia um homem a cavalo no cavalo, mas sim um ovo a cavalo no bife.

★

Até que o bife deu dois coices, o ovo enterrou-se de cabeça, foi uma gritaria, uma confusão. [illegible]

★

O nosso pobre amigo ainda tentou uma desculpa [illegible] — mas todos vimos que nunca mais queria cobóiadas.

★

Moral (tinha de ter) da história, quem se mete em cavalarias altas, às vezes estende-se ao nível do cavalo.

MUDARAM TUDO OUTRA VEZ

A MELGA

ENCONTRADO NO PORTUGAL DESCONHECIDO
O PADRÃO DO

«COBRA»

COM TODOS OS SEGREDOS CULINÁRIOS
E AS NECESSÁRIAS APROVAÇÕES GASTRONÓMICAS

Em Vila de Rei todos os caminhos vão dar ao Cobra **e no Portugal Desconhecido este é um novo roteiro**

MESMO NO CENTRO DO PAÍS, em Vila de Rei, há um Portugal Desconhecido que se chama O Cobra. **Não vem no mapa turístico, não tem rancho típico (felizmente) mas por obra e graça do acaso demos com ele e consideramo-lo uma das grandes descobertas pós-henriquinas. Ali, meridiano da quase esquecida gastronomia beiroa, come-se com verdade e sem truques de baixo folclore. Paga-se pouco (o que é sensacionalmente desconhecido neste nosso Portugal) e bebe-se razoàvelmente. O pior são os versos. Como adiante se verá...**

A inflacção comemorativa num roteiro a descobrir

O Cobra, restaurante limpo e sem pretensões será, com a igreja da Misericórdia um dos raros atractivos de Vila de Rei, terra também limpa e acolhedora mas, pelos vistos, com pretensões de mau gosto, a começar pelo cognome turístico de *A Bela Serrana*. Como título de opereta ou de folhetim da Dona Sarah Beirão não se poderia ter arranjado melhor.

Mas a natureza resiste a muitos atentados literários, e a verdade é que quando se percorrem os quarenta quilómetros que separam Abrantes de Vila de Rei, a ampla e repousante paisagem da Beira abre-se sem rodriguinhos de folhetim, pura e essencial, como a hospitaleira cozinha do mestre António Cobra.

Já lá vamos, à culinária. Primeiro fazemos alto na Vila do Sardoal que Gil Vicente pôs um dia em verso e que ficou ilustre por causa das maravilhosas pinturas da Igreja da Misericórdia. Prestemos homenagem aos mestres quinhentistas e passemos à Pedra Furada, esse vale entre pinheiros com as suas piscinas naturais, seu miradouro bem cuidado e o saudável perfume da resina.

Estamos nisto, em paz com a natureza e a dignidade do homem, quando tropeçamos num azulejo com versos de baixa elegia regionalista. São os primeiros — e quase que valia a pena transcrevê-los se fossem merecedores da «Flor do Mau» de qualquer concurso poético de novos ricos acompanhados à guitarra coimbrã. Mas nem isso. E adiante.

Adiante está Vila de Rei e ali abunda a literatura comemorativa com placas e mais placas — no mercado municipal (que é dedicado «à Grei»), no parque, no jardim infantil — enfim, toda uma praga de ornatos a medalhar a tranquilidade de uma vila cuidada e acolhedora.

Donde teria vindo esta fúria literária? *A Melga* pôs-se a tecer hipóteses, rebuscou monografias e apurou que naquelas paragens nasceram Joaquim Manso e Cardoso Pires. Mas o estilo destes escritores conterrâneos não se ajusta lá muito à prosa gongórica das placas; perante isso, tudo leva a crer que Vila de Rei é apenas uma região de prosadores clandestinos que escolheram o mármore camarário como *mass medium* de eleição. daqui para a frente já não há placa, mosaico ou versinho de seminário que possa sobressaltar o forasteiro...

Não há bela (serrana) sem senão

António Cobra, estalajadeiro cem por cento beirão, trata do seu restaurante com a magnanimidade de um peninsular: acolhedor sem subserviências, simples e directo no convívio e muito, mas mesmo muito orgulhoso da sua terra e dos seus segredos gastronómicos.

Segredos bem simples, por sinal — mas que seguem religiosamente uma tradição de influências árabes onde a hortelã figura como sublinhado fundamental e onde não cabem os disfarces habituais das ementas dos *snacks-bars* nem as deturpações aventureiras dos cosmopolitas restaurantes que tantas vezes dão pelo nome de «típicos».

Não. Ali, nada na manga, nada no bolso. Os *maranhos* (buxo de cabra com recheio de arroz — um prato que já foi descoberto e premiado em Lisboa) ou os miolos com rim ou o borrego no forno são especialidades incorruptas, servidas com a abundância e o prazer dos anfitriões lavradores de saudosa memória. Depois há o vinho (um tudo-nada opaco mas de perigosas insinuações...) e, para terminar, a frase sacramental com que António Cobra recebe os visitantes e que, por si só, põe à prova o saber e a verdade da sua cozinha:

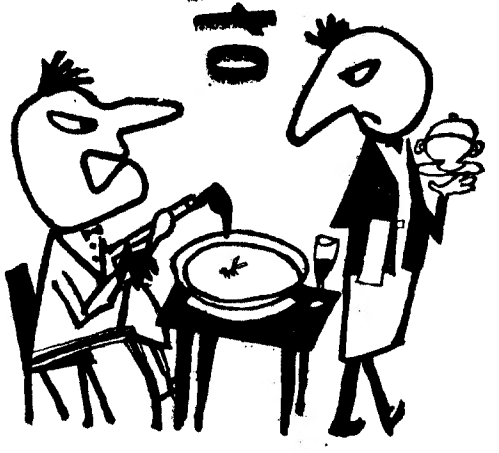
— Se conhece algum prato da Beira, diga que eu preparo-lho amanhã.

Agora é o cliente que está em causa. Se é realmente *gourmet* e sabe quanto vale uma morcela assada à maneira beiroa ou uma feijoada de carne de porco; se alguma vez saboreou um autêntico cozido com os «todos» do arroz branco, os ossos do espinhaço e as rodelas de pão se conhece as «tijeladas» ou os torresmos frescos. — então tem em António Cobra um conversador à altura. Pode sentar-se e ganhar fôlego para resistir às doses com que ele o vai sobrecarregar.

Um conselho apenas: não repare nos maus versos que estão no enorme prato por cima da lareira. Parece que é vício da terra, a má literatura e se não há bela sem senão, este mesmo, como fica no fundo do prato, esquece-se fàcilmente com a perfumada saudável e honesta comida de *O Cobra*.

Realmente, um estalajadeiro destes mereceria que alguém lhe prestasse as homenagens com que um dia um poeta como Lopes Vieira imortalizou uma certa Senhora Maria Laranjo, cozinheira da praia da Nazaré.

a MELGA no prato



A MELGA NO NIMAS

Ó ISABEL, OLHA O RELÓGIO!...

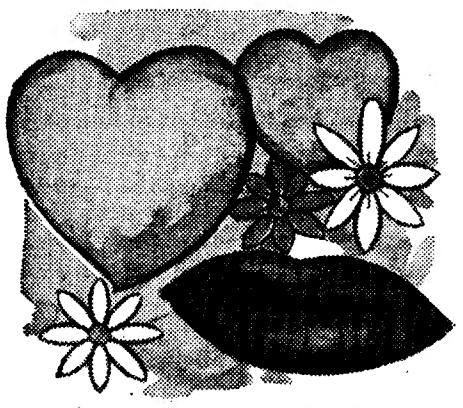
...Não faz mal. É um *Destino Marca a Hora* à prova de água.

1.

É e não é. Porque desta vez o mecanismo volta a mostrar que só é à prova de água porque nasceu enferrujado. Isto é: só não enferruja o que enferrujado está.

2.

O Destino Marca a Hora ou o culto do relógio. Logo no genérico um autêntico



mostruário dos relógios de Lisboa. Na rua, na loja, na estação de caminhos-de-ferro, no hospital.

3.

Houve quem dissesse que o filme havia sido patrocinado por uma fábrica suíça. Más línguas! Invejas é o que é. Qual era a fábrica de relógios que se arriscava a tanto?

4.

VERSOS:

O Destino marca a hora
pela vida fora
— que havemos de fazer! —
O que rege a sorte agora
foi escrito outrora
logo ao nascer.
O relógio marca o tempo de viver
— Todos nós somos iguais.
Se o Destino nos condena
não vale a pena
lutarmos mais.
O passado nunca volta, podes crer
o futuro não tem dono.
Toda a flor, por mais bonita, há-de morrer
quando chega o seu Outono!

Temos hoje p'ra viver toda uma vida
Amanhã — que longe vem! —
A saudade está escondida
num Destino por medida
p'ra nós dois e mais ninguém!

5.

A história é melodrama intenso. Daquelas que mal começa, a gente sabe logo como acaba. O que não sabe é *quando acaba*. Lá nisso este *Destino* era (é) mesmo fatídico. Meia hora antes de acabar, já há gente que pensa que está na altura de terminar (gente pouco exigente, entenda-se!) Todos pensamos, porém, que o Tony de Matos, depois de ter sido Paulo Falcão, e sendo já Miguel de Freitas, vai encontrar a Isabel de Castro (não a Isabel do *olha o relógio*, que não tem nada a ver com esta — isto por causa das confusões, que nós até gostamos da de Castro, só temos é pena de a ver sempre envergonhada e triste, durante todo o filme), ali chamada Helena. Mas não. Os miúdos fazem das suas. Puxa daqui, puxa dacolá e não há meio de fazerem encontrar a mãe mais o pai, que todos estão mesmo a ver que são feitos um para o outro, só eles é que não.

6.

Dois planos de história — uma canção — três planos sem história — uma canção — meio plano cheio de história e vinte e quatro planos sem história — uma canção — dois planos — uma canção — uma história sem planos — uma canção — uma canção com história — um plano sem canção — um cantor — um filme (?) — um destino marca a hora — que havemos de fazer?

7.

MAIS VERSOS:

Todos:

Aos domingos o céu é mais azul

Rapazes:

Não há livros p'ra estudar
nem professores p'ra ralhar!

Todos:

Aos domingos o céu é mais azul

Rapazes:

Mesmo o sol parece querer brincar!
Aos domingos o céu é mais azul.

I

Tony:

Vamos tentar
entontecer o carrossel
e cavalgar
como «cow-boys» um bom corcel!

Há um «rallye»
dos automóveis de brincar.
Vamos correr os três aqui —
Quem será que vai ganhar?!

ESTRIBILHO

Aos domingos... etc.

II

Tony:

Podemos ver
um cisne branco a passear
'té pode ser
que vá connosco até ao mar!

E descobrir
um novo mundo tentador
talvez até nos vá surgir
outro novo Adamastor!

ESTRIBILHO

Aos domingos... etc.

8.

O que é o cinema para Henrique Campos, o realizador de *O Destino Marca a Hora?* Já o disse várias vezes: uma história simples, com um enredo que não preocupe ninguém e seja acessível a todo o povo. Em suma: cinema comercial. Além disso, que fazer se o público do que gosta é do que ele lhe dá?

9.

Glauber Rocha, cineasta brasileiro que não tem nada a ver com este *Destino:*

Dar ao público o que o público quer representará uma forma de conquista ou bem uma forma de exploração comercial do condicionalismo acultural do próprio público?

O cinema é uma indústria que gera cultura. (...) O cinema, inserto no processo cultural, deverá ser, em última análise, a linguagem de uma civilização.

(...) Em minha opinião, trata-se de uma

falta de respeito pelo público, por subdesenvolvido que seja, criar coisas simples para um povo simples. *O povo não é simples.*

10.

Todos:

Aos domingos... etc.

11.

MAIS VERSINHOS: (à segunda vez)

Não finjas que me agradeces
vê se me esqueces
— Tudo tem fim! —
Agora que me conheces
Foge de mim!

12.

(à parte): Atitude acertada!

LAURO ANTÓNIO

DECLARAÇÕES DE HENRIQUE CAMPOS

1. **Penso que o realizador tem responsabilidades grandes para com o produtor, em relação ao dinheiro por ele investido na produção. Produzir trabalho que faça render esse dinheiro é função primordial, e cada vez mais, até para apagar a onda de descrédito que paira sobre o cinema nacional, tanto entre o publico, como entre os produtores (...)**

2. **Ninguém abre um comércio ou uma industria para benefício do povo. O povo não se educa gratuitamente. O filme é um negócio e quem esquecer a sua importância comercial está a rebentar com a industria e com a profissão. É evidente que ninguém arrisca 1000 ou 1500 contos para educar o povo e ter meia duzia de espectadores sentados na platéia (...)**

(in «Século Ilustrado» de 5 de Outubro de 1968)

HENRIQUE CAMPOS

«O Destino Marca a Hora» não é o primeiro filme de Henrique Campos. Quem assim pensava estava enganado. Ora veja-se a sua filmografia:

Nasceu, como qualquer mortal, em 1909. Como realizador de filmes de fundo fez:

1946 — UM HOMEM DO RIBATEJO
1949 — RIBATEJO
— CANTIGA DA RUA
1952 — DUAS CAUSAS
1953 — ROSA DE ALFAMA
1954 — QUANDO O MAR GALGOU A TERRA
1956 — PERDEU-SE UM MARIDO
1958 — O HOMEM DO DIA
1959 — A LUZ VEM DO ALTO
1963 — PÃO, AMOR E... TOTOBOLA
1964 — A CANÇÃO DA SAUDADE
1968 — A ESTRADA DA VIDA
1969 — O LADRÃO DE QUEM SE FALA
1970 — O DESTINO MARCA A HORA

Inéditos:

— A MALUQUINHA DE ARROIOS
— OS TOIROS DE MARY FOSTER
Uma co-produção, em 70 mm, com a ÁFRICA DO SUL

FICHA TÉCNICA

TONY DE MATOS	PAULO FALCÃO e MIGUEL DE FREITAS
ISABEL DE CASTRO	HELENA
ANABELA	CRISTINA
HENRIQUE VIANA	JORGE
VÍTOR MENDES	BRITO
ALICE CARLA	EDUARDA
ALBERTO PIMENTA	JOSÉ PAULO
JORGE MANUEL TORRES	VÍTOR

Participação especial de:

EUGÉNIO SALVADOR	RUI
IVONE SILVA	RITA
NICOLAU BREYNER	HENRIQUE

FICHA ARTÍSTICA

DIRECTOR DE PRODUÇÃO	**JORGE GONÇALVES**
CHEFE DE PRODUÇÃO	**MANUEL MARQUES**
OPERADOR	**AURÉLIO RODRIGUES**
1.º OPERADOR	**JOSÉ PEREIRA**
FOCOS	**FERNANDO NELSON**
ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO	**CONSTANTE MARQUES**
ANOTADORA	**CELESTE FERRARI**
ANOTADOR ESTAGIÁRIO	**JOSÉ MANUEL PAIS**
CARACTERIZADORA	**ADELAIDE CARVALHO (MONIQUE)**
FOTÓGRAFO DE CENA	**JOÃO MARTINS**
SOM DE REFERÊNCIA	**JOSÉ DE CASTRO**
MONTAGEM	**FERNANDO SANTOS**
CENÁRIOS E DECORAÇÃO	**BARATA DE CARVALHO**
SOM	**HELIODORO PIRES e LUÍS BARÃO**
ESTÚDIOS e LABORATÓRIOS	**NACIONAL FILMES**
	TÓBIS PORTUGUESA

O MUNDO MELGA

Exactamente como nós pensávamos...

As entrevistas:

1) O beatle John Lennon, entrevistado pelo «L'Express», declarou que devolvera uma condecoração que lhe fora conferida pela rainha Isabel em 1965, como protesto contra as guerras do Vietnam e da Nigéria e... e... e... para atrair a atenção do público porque o seu disco «Cold Turkey» estava a perder terreno nas listas de popularidade...

«A MOSCA» não comenta porque nunca teve ilusões acerca dos

Obrigam-nos a pensar nele à força...

motivos que levam o beatle John Lennon a actuar desta ou daquela forma.

2) Entrevistado na sua suite do «George V», o mais que célebre e celebrado médico sul-africano dr. Barnard, saiu-se com algumas respostas que merecem ser registadas.

— Acha que precisa desta publicidade toda, professor?

— NÃO FUI EU QUE LHES PEDI PARA ME VIREM ENTREVISTAR, POIS NÃO?

— Acha razoável que um homem da sua envergadura seja associado à Gina Lollobrigida?

— ENTENDE QUE POR EU SER OBJECTO DE TANTA PUBLICIDADE, DEVO PERMANECER MATRIMONIALMENTE INFELIZ TODA A VIDA?

E. U. — «A MOSCA» publicou recentemente um artigo intitulado cujo autor teceu alguns comentários sobre a onda de irracionalismo que alastra nos E. U. e muito especialmente na Califórnia. Segundo o autor deste artigo, a tecnocracia ocidental está criando indivíduos que não estrutura culturalmente e que lança para a vida sem dela lhes facultar uma concepção racional e, portanto, cultural. Estes indivíduos beneficiam, por outro lado, de disponibilidades económicas relativamente elevadas e dispõe de tempo livre, factores a que nem sempre os interessados por estes assuntos têm dado a necessária importância. Peguemos num pequeno-burguês sem a menor estruturação cultural, sujeitemo-lo durante anos à influência dos produtos da indústria cinematográfica de Hollywood, enterremo-lo em montões de literatice pseudo-intelectual, convençamo-lo de que os homens se medem pela sua «personalidade» e de que ser mencionado no jornal, seja a que título for, é um título de glória e esse indivíduo acabará por ter características perfeitamente previsíveis, como acabará por se dedicar a um esteticismo vazio ou ao culto do oculto ou, mais simplesmente, ao culto da excentricidade e do vestuário. (A propósito de vestuário: quem é que mete ombros à tarefa de comparar os factores económicos, sociais e psicológicos que provocaram o aparecimento dos **muscadins,** dos **inconcevables,** e dos **incroyables** e das **merveilleuses** da Revolução Francesa aos que provocaram o aparecimento dos actuais «preciosos» com que a pequeno-burguesa Carnaby Street celebrou o Welfare State socialista? O tema é francamente interessante, de forma que «A MOSCA» não resiste a sugeri-lo). Para que os seus leitores possam avaliar a gravidade do problema nos E. U., o «MUNDO-MELGA» informa que um dos livros actualmente mais populares na Califórnia intitula-se «OS ÚLTIMOS DIAS DO ANTIGO E GRANDE ESTADO DA CALIFÓRNIA» e titila milhares de mamãs californianas convencendo-as de que o solo em que vivem está a escorregar lentamente para o Pacífico. Isto não é nada, há mais: o grupo que mais dá que falar em S. Francisco tem a pomposa designação de CLUBE MOTOCICLISTA CRUZ DE FERRO e os seus membros percorrem as ruas agredindo, por vezes quase mortalmente, todos os jovens de cabelo comprido que encontram no seu caminho. Há mais: estão à venda em diversos estabelecimentos de S. Francisco embalagens plásticas, em forma de cruz, cheias de tinta encarnada — pretensamente da cor do sangue — que protegem os que as compram contra os vampiros que pululam, presume-se, em Beverley Hills. Há mais ainda: terminada a dança «Homenagem a Satanás», uma bailarina que se intitula «Princesa Leda Amun Rah» e que é artista principal dum cabaret «especializado» de S. Francisco, retira-se para o seu palacete de Beverley Hills (de Jaguar dourado...) onde preside, na presença dos seus acólitos, a rituais místicos de natureza «diabólica». O mundo desta deusa, note-se, é dum ridículo atroz: o ambiente é francamente comercial, os objectos do culto místico cheiram a papier-maché que tresandam, mas... a bailarina Leda Amon Rah encontrou milhares de adeptos na Califórnia. Inútil será dizer que Leda Amon Rah prega uma doutrina pseudo-intelectual baseada no culto do amor (com pontos de exclamação, como não pode deixar de ser...) no erotismo e na reincarnação. (Os leitores já tinham, certamente, percebido o jogo...).

Podíamos continuar mas não vale a pena porque a lista dos bons exemplos da Califórnia não caberia na «MOSCA». Vale a pena, porém, transcrever uma carta citada por Craig Karpel num artigo recente. Trata-se duma carta que não deixa dúvidas acerca do que acontece quando o homem se deixa seduzir pelo irracional e que transcrevemos com erros de ortografia mais ou menos correspondentes aos do original: **Gosto de matar homens porque é melhor do que matar animais selvagens na floresta porque o homem é o animal mais prigoso que há de matar e é sempre uma experiência muito excitante... e o melhor é que quando eu morrer renasso no paraíso e todos os que eu tiver morto vão ser meus escravos e eu não acino porque vocês faziam tudo para eu não continuar a coleccionar escravos para a outra vida. O Sinal do Sodíaco».**

Alguns leitores dirão que esta carta foi escrita por um doido e «A MOSCA» pergunta: por um doido mais doido do que os inocentes acólitos da deusa Leda Amon Rah? Por um doido mais doido do que os compradores das tais cruzes de tinta encarnada? Onde é que começa a loucura?

Velha vaga

Nova vaga (importada...)

Um juri constituído pelo músico Manuel Jorge Veloso, o crítico José Duarte, o jornalista Neves de Sousa, e secretariado pelo jornalista Adelino Cardoso, atribuiu no passado dia 21 os Prémios da Imprensa de Música Ligeira a José Afonso, José Carlos Ary dos Santos, Manuel Freire e Fernando Tordo.

POP LARUCHO

Se nos lembrarmos que no ano passado os mesmos prémios foram atribuídos a Lenita Gentil, Tony de Matos e C.ª, concluiremos que se andou depressa neste ano.

Posto o que vamos à prosa e ao estilo de cada semana.

1. PACO A PACO

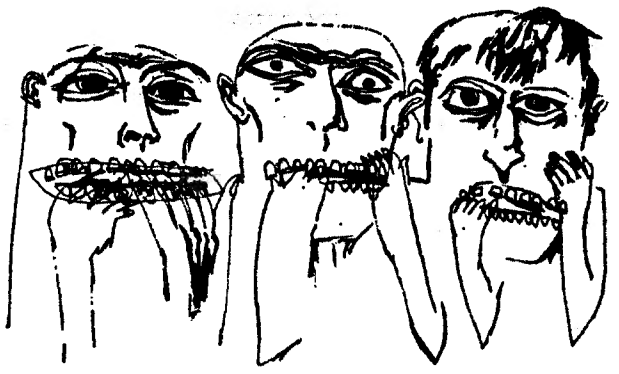
A juventude é, mais que um estado ou uma fase, uma qualidade. Pode ser-se jovem com qualquer idade cronológica; velhos são os que têm cabelos brancos dentro da cabeça.

Nisto da música há, aqui e agora, novos e novos, isto é, novos mesmo e tipos que nasceram há relativamente pouco tempo. Novos como o José Jorge Letria ou o Deniz Cintra, e novos como Paco Bandeira, o «espajol».

Paco Bandeira foi a primeira descoberta do Curto Circuito (os outros, o Letria e o Cintra, foram descobertos pelo «Zip-Zip»). Descoberta talvez não seja o termo correcto: Paco Bandeira gravara já, nos estúdios do Movimento Nacional Feminino, uma bobina com algumas das suas escolhidas canções. Paco Bandeira foi, isso sim, o primeiro «lançamento» da «rampa» de Cape Agostinho.

Possuidor de uma voz aveludada, Paco Bandeira divide-se, pelo estilo e pelo repertório, entre Portugal e Espanha. Se quando, «saleroso», canta em castelhano lhe vislumbramos influências do monumental Raphael quando canta em português ele está, se não próximo, pelo menos a caminho de vir a ser um novo António Calvário.

Em Paco Bandeira o mais significativo é porém o repertório. Autor dos temas que interpreta, ele deu-nos em espanhol uma sofredora canção de amor, estilo «Vai-te embora, vem cá logo», em português uma particularmente realista visão do Alentejo. Mais que uma canção, o seu Alentejo é um postal ilustrado, um cartaz turístico.



5 PONTOS

Há uma tribo asiática que etnólogos e antrópologos quase desconhecem mas que, nestes anos tumultuosos e conturbados merece uma atenção e até um estudo cuidadoso. Trata-se da tribo dos «sinks», que vive algures nos contrafortes do Himalaia, em território indiano, talvez, ou talvez em território do Nepal ou até do Paquistão. Melhor ainda: a tribo é nómada, anda sempre da casa de Anás para a casa de Caifás, radica-se, segundo as estações do ano e de acordo com as necessidades, em cada destes países e para ela não existem fronteiras políticas rígidas. A sua pátria é a da transumância.

Ora esta tribo é dotada de uma estrutura sociopolítica que nada tem de especial: os mais velhos governam a mini-sociedade e o mais velho de todos é o responsável pela execução dos actos políticos decididos pelo conselho dos gerontes. Simplesmente, simplesmente, e aqui reside a peculiaridade dos «sinks», não há na tribo ninguém mais novo. **Evidentemente que nasce gente e morre gente, evidentemente que há os que têm 2 anos, os que têm 20 e os que têm 200: mas são todos velhos, nascem todos física e mentalmente, envelhecidos, debilitados. No momento em que a mãe (velha) os lança ao mundo, os «sinks» têm um metro e cinquenta de altura e cerca de 50 quilos de peso e assim se conservam até que a morte os vem buscar. Durante os primeiros meses de vida, são transportados nuns pequenos carrinhos que recordam macabramente os dos nossos ocidentais bebés e até usam uma espécie de cueiros. Mas depressa estão aptos a andar, a viver e a procurar comida por sua conta e risco. E até a reproduzir-se.**

Psicològicamente, o «sink» de 2 de 20 ou de 200 anos é um velho: o seu comportamento, a sua ideologia, as suas idiossincrasias entram no domínio científico da gerontologia. Talvez por isso mesmo, a tribo estabelece por vezes acordos colectivos de trabalho com governos e empresas paquistanesas, indianas ou nepalesas. Em zonas subdesenvolvidas e onde imperam modos de produção arcaicos, os «sinks» são considerados especialmente aptos à vigilância e ao enquadramento do trabalho das gentes normais e saudáveis.

É então vê-los, velhos, reihos e trôpegos, correndo atrás de trabalhadores agrícolas e de pastores tal como, durante séculos e séculos, correram atrás das cabeças de gado ao longo das cordilheiras do Himalaia. São profundamente conservadores e, portanto, fiéis aos que os empregam; não são exigentes, nem têm o hábito de reivindicação; não se sentem solidários dos outros assalariados, nunca aderiram a paralisações de trabalho, antes pelo contrário as reprimiram severamente in nomine domine. **São parcos, não têm as necessidades materiais que caracterizam qualquer mortal e estão sempre aptos — de corpo e de espírito — ao dever, ao serviço, ao sacrifício.**

Frequentemente odiados pelas populações — e até perseguidos — os «sinks» têm sido obrigados através dos séculos da sua História sem história, à transumância eterna. É por isso que, prudentemente, conservam sempre os seus rebanhos e as suas habilitações desmontáveis, prontos para a partida e para a luga. Acontece, aliás, que durante anos e décadas, deixam de ser vistos e permanecem nas montanhas vivendo apenas da pastorícia. Mas mesmo aí se conservam fiéis aos que os empregam; os deuses, os costumes, os interesses dos «sinks» são os dos patrões, ou melhor, os dos últimos patrões para quem trabalharam e é em função de ocasionais senhores que vivem e servem. Os observadores mais argutos afirmam que a procura de «sinks» para funções de enquadramento e vigilância de trabalhadores tem vindo a decrescer nestes últimos anos: a modernização do poder do capital exige formas mais sofisticadas de repressão.